

JÚLIO VERNE

A ESFINGE DOS GELOS

PRIMEIRA PARTE

VIAGEM AOS MARES AUSTRALS

NA ETERNA BRANCURA AUSTRAL

O espírito aventureiro dos homens desvenda o segredo da insólita natureza dos gelos antárticos

CAPÍTULO I

AS ILHAS KERGUELEN

Asseguro-lhes que não é fácil dar crédito a esta narrativa, intitulada A Esfinge dos Gelos. Mas não importa, pois, a meu ver, convém torná-la do domínio público, que tem a faculdade de acreditar ou de não acreditar nela.

Seria difícil, para começo de tão maravilhosas e terríveis aventuras, imaginar um lugar mais apropriado que as ilhas da Desolação — nome que lhes foi dado, em 1779, pelo capitão Cook. Eu, porém, depois do que vi durante algumas semanas que lá me demorei, posso afirmar que merecem a triste denominação que lhes vem do célebre navegador inglês. Ilhas da Desolação diz tudo.

Sei que se dá preferência, nas nomenclaturas geográficas, ao nome de Kerguelen, geralmente adotado para o grupo situado a 49 graus e 54 de latitude sul e 69 graus e 6 de longitude este. Isto justifica-se em razão de ter sido o barão Kerguelen quem primeiro as assinalou pelo ano de 1772, na parte meridional do oceano Índico. Com efeito, por ocasião dessa viagem, o comandante da esquadra julgou ter descoberto um novo continente no limite dos mares antárticos; mas, no decurso duma segunda expedição, reconheceu estar em erro. O que ali havia era apenas um arquipélago. Podem acreditar no que lhes digo: ilhas da Desolação é o melhor modo de denominar aquele grupo de trezentas ilhas ou ilhotas, no meio de imensas solidões oceânicas, que as grandes tempestades austrais perturbam quase sem cessar.

É, contudo, habitado o referido grupo, e até, a 2 de Agosto de 1839, havia dois meses, devido à minha presença em Christmas-Harbour, o número dos poucos europeus e americanos que formavam o núcleo da população Kergueleniana tinha aumentado uma unidade. A verdade é que eu só esperava a ocasião de sair de lá para fora, o que efetuaria terminados os estudos geológicos e mineralógicos que ali me levaram durante esta viagem.

O porto de Christmas pertence à ilha mais importante daquele arquipélago, cuja superfície mede quatro mil e quinhentos quilômetros quadrados, isto é, metade da superfície da Córsega. Muito seguro, de fácil e livre acesso, as embarcações podem ali fundear com quatro braças de água. Quem atravessar, pelo norte, o cabo François, ao qual o Table-Mount está sobranceiro uns duzentos pés, e olhar pela arcada de basalto que se abre amplamente na extremidade, verá uma estreita baía, que os ilhotes abrigam dos furiosos ventos de este e de oeste. Christmas-Harbour recorta-se ao fundo. O navio que seguir por estibordo vai lá dar direitinho; e, chegado que seja ao seu ancoradouro, poder-se-á aguentar com um só ferro, virando com facilidade, enquanto a baía não for presa dos gelos.

Demais, as Kerguelen possuem outros golfos, e às centenas. As costas são roídas e desfiadas como a barra da saia duma pobre pedinte, mormente a parte compreendida entre o norte e o sudoeste. Abundam ali os ilhotes e os ilhéus. O solo, de origem vulcânica, é

composto de quartzo, com uma pedra azulada à mistura. Chegada a Primavera, cobre-se de musgos verdes e cinzentos, de diversas plantas fonerogâmicas, de ásperas e rijas saxifráguas. Um só arbusto ali vegeta, espécie de couve, muito acre ao paladar, que debalde se procuraria noutras regiões.

São precisamente as superfícies penhascosas que convêm ao viver indígena dos pinguins reais, cujos bandos numerosos povoam estas paragens. Emplumados de amarelo e branco, a cabeça deitada para trás, as asas parecidas com as mangas de um vestido, aqueles estúpidos voláteis parecem ao longe uma fila de monges percorrendo a praia processionalmente.

Além disso, as Kerguelen oferecem múltiplos refúgios às focas felpudas, às focas de tromba, aos elefantes-marinhos. A caça ou a pesca destes anfíbios, que são muito lucrativas, podem alimentar um comércio seguro, que naquele tempo atraía numerosos navios.

Nesse dia, passeava eu no porto, eis senão quando se aproxima de mim o estalajadeiro e me diz:

— Se me não engano, Sr. Jeorling, o tempo começa a parecer-lhe longo?

Era um americano alto e forte, que se estabelecera em Christmas-Harbour havia uma vintena de anos, e que possuía a única estalagem do porto.

— Se quer que lhe diga, mestre Atkins, assim me parece; na certeza, porém, de que se não há-de magoar com as minhas palavras.

— Já se vê que não — respondeu o bom do homem. — O senhor decerto supõe que estou habituado a ouvi-las como os rochedos do cabo François às vagas do mar.

— E também lhes resiste como eles...

— Está claro! No dia em que desembarcou em Christmas-Harbour, no mesmo dia em que entrou para a casa de Fenimore Atkins, conhecida por Corvo verde, logo eu disse comigo: «Daqui a quinze dias, se não for a alto, já o meu hóspede há-de estar farto e arrependido de ter desembarcado nas Kerguelen.»

— Não, Mestre Atkins, eu nunca me arrependo do que faço!

— Isso é bom!

— Além de que, percorrendo este grupo, tive a vantagem de observar coisas curiosas. Atravessei vastas planícies onduladas, divididas por turfeiras, atapetadas de rijo musgo, donde trouxe interessantes exemplares mineralógicos e geológicos. Tomei parte nas pescas da foca. Visitei os rochedos em que os pinguins e os albatrozes vivem na melhor camaradagem, o que aliás me pareceu digno de reparo. Comi, uma vez por outra, pato balthazard, preparado por sua mão, e que é muito saboroso quando se está com apetite. Enfim, fui otimamente recebido no Corvo verde, pelo que lhe estou muito reconhecido... Mas, se é que sei contar, faz agora dois meses que a galera chilena "Penas" me desembarcou em Christmas-Harbour, na força do Inverno...

— E tem desejos — exclamou o estalajadeiro — de regressar à sua terra, que é também a minha, Sr. Jeorling, de voltar a Connecticut, de tornar a ver Hartford, nossa capital...

— Decerto, mestre Atkins, pois ando a correr mundo há quase cerca de três anos... Convém portanto parar... criar raízes...

— Isso sim! Quando se criam raízes — retorquiu o americano, piscando o olho —, acaba-se por deitar vergôntes!

— Diz bem, mestre Atkins. Mas, como eu já não tenho família, é muito provável que termine em mim a descendência de meus antepassados! Não é aos quarenta anos que hei-de ter

a fantasia de deitar vergôntes, como o meu caro hospedeiro tem feito, porque é uma árvore, sim, e uma bela árvore...

— Um carvalho, ou até um sobreiro, se assim o quer, Sr. Jeorling.

— E procedeu com juízo obedecendo às leis da Natureza! Mas, se a Natureza nos deu pernas para andar...

— Deu-nos também aquilo com que nos assentamos! — respondeu, rindo às gargalhadas, Fenimore Atkins. — E é por isso que eu estou repoltreado em Christmas-Harbour. Minha mulher, Betsey, presenteou-me com uma dezena de filhos, que por seu turno me presentearão com alguns netos, os quais hão-de marinhar pelas minhas pernas como gatinhos...

— Não faz tenção de voltar mais à sua terra natal?

— Que encontraria eu lá, Sr. Jeorling, que poderia eu ter lá encontrado? A miséria! Ao passo que aqui, nas ilhas da Desolação, onde não tive nunca ensejo de viver desconsolado, alcancei o suficiente para mim e para os meus.

— Acredito, mestre Atkins, e dou-Lhe os meus parabéns pela sua felicidade. No entanto, é possível que um dia seja presa do desejo...

— De me transplantar, Sr. Jeorling! Vamos a isso! Um carvalho, disse-lhe eu que era. Veja pois se consegue transplantar um carvalho, quando ele já está enraizado no sílex das Kerguelen até meio do tronco!

Fazia gosto ouvir o honrado americano, de todo aclimado neste arquipélago, e tão afeito à intempérie do seu clima inóspito. Ali vivia, com sua família, como os pinguins nos rochedos — a mulher, que era uma matronaça, os filhos, muito robustos, ressumando saúde, sem saberem o que são anginas nem dilatações de estômago. Os negócios caminhavam. O Corvo Verde tinha muito boa clientela, era frequentado pelos tripulantes das baleeiras e embarcações de outros navios que arribavam às Kerguelen. Fornecia-lhes sebo, gorduras, alcatrão, breu, especiarias, açúcar, chá, conservas, uísque, genebra, aguardente. Em vão se procuraria uma outra estalagem em Christmas-Harbour. Quanto aos filhos de Atkins, eram carpinteiros, veleiros, pescadores, e entregavam-se à caça de anfíbios nas entradas dos canais durante a estação calmosa. Numa palavra, todos eles bela rapaziada, que se conformava com a sua sorte...

— Finalmente, mestre Atkins — disse-lhe eu em conclusão —, estou contente por ter vindo às Kerguelen, donde levarei saudades... Contudo, não se me dava de seguir viagem..

— Sossegue, Sr. Jeorling, tenha paciência! — disse-me o filósofo. — Nunca se deve desejar nem antecipar a hora de uma despedida. Ademais, lembre-se que os dias bonitos não tardarão a chegar. Daqui a cinco ou seis semanas...

— Até lá — disse eu —, os montes e as planícies, as rochas e os areais estarão cobertos duma espessa camada de neve, e o sol nem força tem para dissipar a cerração do horizonte.

— Ora olhe, Sr. Jeorling! Já se está vendo o mato irrompendo debaixo do branco lençol! Repare bem...

— Não tenho microscópio! Aqui para nós, Atkins, atreve-se porventura a sustentar que as neves já não atravancam essas baías no corrente mês de agosto, que é o fevereiro no nosso hemisfério norte!

— De acordo, Sr. Jeorling. Tenha, porém, paciência, repito-lhe! Este ano o Inverno tem corrido ameno. Não tardará que se vejam embarcações ao largo, a este ou a oeste, pois aproxima-se o tempo da pesca.

— Deus o ouça, mestre Atkins, e que ele conduza a porto de salvamento o navio que está para chegar... a escuna "Halbrane"!

— Capitão Len Guy — acrescentou o hospedeiro.

— É um marinheiro valente, não obstante ser inglês — por toda a parte há gente afoita—, e fornece-se no Corvo Verde.

— Calcula-se que a "Halbrane"...

— Está à vista antes de oito dias pelas alturas do cabo François, Sr. Jeorling, salvo se já não tem por capitão Len Guy; mas, se este já não é o capitão, é porque a "Halbrane" foi a pique entre as Kerguelen e o cabo da Boa Esperança!

Neste ponto, e depois dum largo gesto que denotava ser inteiramente inverossímil uma tal eventualidade, Mestre Fenimore Atkins separou-se de mim.

Eu esperava, todavia, que não tardariam a realizar-se as previsões do meu hospedeiro — o que já não era sem tempo. A acreditá-lo, começava a manifestar-se os sintomas da formosa estação — formosa para estes sítios, bem entendido. Convenho em que o relevo da ilha principal esteja pouco mais ou menos na mesma altitude de Paris, na Europa, ou de Quebeque, no Canadá. Trata-se, porém, do hemisfério meridional, e, como toda a gente sabe, em consequência da órbita elíptica que a Terra descreve e em que o Sol ocupa um dos focos, aquele hemisfério é mais frio de Inverno que o hemisfério setentrional, e também mais quente do que ele na Primavera. No entanto, pode-se afirmar que o período invernal nas Kerguelen é terrível por causa das tempestades, e que o mar gela por muitos meses, posto que a temperatura não seja dum rigor extraordinário — a média, de Inverno, é de dois graus centígrados e, de Verão, sete, exactamente como nas Falklands e no cabo Horn.

Compreende-se que, durante este período, Christmas-Harbour e os outros portos não abriguem uma única embarcação. Na época a que me refiro, havia ainda poucos navios. Quanto aos barcos de vela, receosos de serem bloqueados pelos gelos, seguiam em demanda dos portos da América do Sul, na costa ocidental do Chile, ou dos portos de África — ordinariamente Cape-Town, do cabo da Boa Esperança. Vários botes, uns aprisionados pelas águas solidificadas, outros varados na areia e cobertos de geada até o topo do mastro, eis quanto deparava a meus olhos a superfície de Christmas-Harbour. As diferenças de temperatura nas Kerguelen não são notáveis, mas o clima é frio e úmido. Mormente do lado ocidental, o grupo é com frequência açoitado pelas borrascas do norte ou de oeste, acompanhadas de granizo e chuva. Do lado este, o céu é mais claro, posto seja iluminado por uma luz meio velada e, desta mesma banda, o limite das neves nos cabeços dos montes mantém-se a cinquenta toesas acima do nível do mar.

Eu, portanto, após dois meses de permanência no arquipélago das Kerguelen, aguardava apenas o momento de embarcar na escuna "Halbrane", pela qual o meu hospedeiro era fanático e cujas qualidades não cessava de enaltecer no duplo ponto de vista social e marítimo.

— Não podia achar melhor! — repetia-me ele dia e noite. — De todos os capitães de longo curso da marinha inglesa, não há nenhum que se compare com o meu amigo Len Guy, nem na audácia, nem no desempenho das obrigações! É pena que não seja mais falador, mais comunicativo!

Tinha eu, por isso, resolvido valer-me da estima de Mestre Atkins, e mandar reservar passagem logo que a escuna fundeasse em Christmas-Harbour. Depois de seis ou sete dias de demora, far-se-ia de novo ao mar, com proa de Tristão da Cunha, para onde conduzia um

carregamento de minério de estanho e de cobre.

O meu plano era passar algumas semanas de bom tempo nesta última ilha e seguir dali para Connecticut. Eu, contudo, não esquecia a parte que o acaso se compraz em tomar nos desígnios humanos, pois é sempre prudente, como já disse Edgar Poe, «contar com o imprevisto, com o inesperado, com a inconcebível, porquanto os fatos colaterais, contingentes, acidentais, fortuitos, não devem ser desprezados, nem também se deve deixar de considerar o acaso como base principal dum cálculo rigoroso.» Embora eu seja homem muito prático, de caráter muito sério, mas pouco imaginoso, nem por isso é menor a admiração que tenho pelo genial poeta das extravagâncias humanas. Eis, pois, a razão por que o cito. Voltando, porém, à "Halbrane", ou, para melhor dizer, às ocasiões que se me ofereciam de embarcar em Christmas-Harbour, não tinha a recear nenhuma contrariedade. Todos os anos, por este tempo, visitavam as Kerguelen numerosos navios — quinhentos pelo menos. A pesca dos cetáceos era lucrativa, como se pode ajuizar, sabendo-se que um elefante-marinho produz uma tonelada de óleo, isto é, um rendimento igual ao de mil pinguins. Verdade é que, nestes últimos anos, não passam de uma dúzia as embarcações que se reúnem naquele arquipélago, tamanha tem sido a destruição abusiva dos cetáceos.

Eu não me inquietava, portanto, a respeito das facilidades que se me proporcionariam de deixar Christmas-Harbour, ainda mesmo que, em consequência de a "Halbrane" não chegar, o capitão Len Guy deixasse de vir cumprimentar o seu amigalhaço Atkins.

Todos os dias eu dava o meu passeio pela beira do porto. O sol começava a readquirir força. As penhas, terreiros ou colunatas vulcânicas despiam lentamente as brancas vestes de Inverno. No areal, aprumando-se nas rochas de basalto, nascia um musgo arroxeadado, e largo, serpenteavam fitas de algas de cinquenta a sessenta jardas de comprimento. No campo, lá ao fundo da baía, erguiam várias gramíneas a tímida espiga — no número das quais a fanerogâmica *Iyella*, originária dos Andes, mais as que produz a flora da Terra de Fogo, e também o único arbusto do solo, do qual já falei, a couve gigantesca, tão apreciável pelas suas virtudes antiescorbúticas.

No tocante aos mamíferos terrestres — pois os do mar pululam nestas plagas—, não topei um único, nem tão-pouco batráquios ou répteis. Apenas alguns insetos — borboletas e quejandos —, que nem ainda sequer tinham asas, pela simples razão de que, antes que pudessem fazer uso delas, as correntes atmosféricas arrastá-los-iam para cima das roleiras ondas daqueles mares.

Uma vez ou duas, meti-me num dos tais botes em que os pescadores afrontam as rajadas de vento que fustigam como catapultas os rochedos de Kerguelen. Com um barco assim, podia-se tentar a travessia de Cape-Tawn, e chegar a este porto, gastando-se para isso o tempo que fosse necessário. Estejam, porém, descansados; a minha ideia não era abandonar Christmas-Harbour em tais condições... Não! "Eu esperava" a escuna "Halbrane", e a escuna "Halbrane" não podia tardar.

No decurso dos meus passeios, duma até outra baía, tive a curiosidade de surpreender os diversos aspectos desta tormentosa costa, desta ossatura singular, prodigiosa, toda ela de formação ígnea, que furava a branca mortalha do Inverno, deixando ver os esverdeados membros do seu esqueleto...

Dominava-me frequentemente a impaciência, não obstante os sábios conselhos do meu hoteleiro, cuja vivenda de Christmas-Harbour constituía a sua felicidade! São raros, porém,

neste mundo, os indivíduos a quem a prática da vida fez filósofos. Demais, o sistema muscular de Fenimore Atkins sobrepujava o sistema nervoso. E, daí, talvez que o instinto fosse superior à sua inteligência. As pessoas assim defendem-se melhor dos repelões da vida, e é possível, até, que tenham maiores probabilidades de alcançar na terra a felicidade...

— E a Halbrane? — repetia-lhe eu todas as manhãs.

— A Halbrane, Sr. Jeorling? — respondia-me ele em tom afirmativo. — Há-de chegar hoje infalivelmente, e, se não chegar hoje, chega amanhã! Um dia virá, não lhe parece, que há-de ser a véspera daquele em que o capitão Len Guy içará bandeira quando estiver à vista de Christmas-Harbour?

O melhor, pois, que eu tinha a fazer, a fim de ampliar o campo visual, era subir ao Table-Mount. A altitude de mil e duzentos pés, obtém-se um raio de trinta e quatro a trinta e cinco milhas, e talvez que, até por entre a cerração, se pudesse avistar a escuna com vinte e quatro horas de antecedência. Contudo, trepar por aquela montanha acima, cujas encostas estavam ainda intumescidas de neve até ao cume, era empresa em que só um doido poderia pensar.

Acontecia-me, ao percorrer o areal, fazer fugir numerosos anfíbios, que mergulhavam nas frescas águas. Os pinguins, impassíveis e merencórios, esses não dispersavam ao aproximar-me deles. Se não fosse o ar estúpido que os caracteriza, sentir-se-iam tentações de lhes dirigir a palavra, contanto que se falasse na sua aguada e ensurdecadora linguagem. Quanto aos marrecos pretos, calimbos, e marrecos brancos, fugiam a vôo rápido.

Um dia, tive ensejo de assistir à partida de um albatroz, que os pinguins saudaram com lamentosos grasnidos — como a um amigo que, decerto, os abandonava para sempre. Aquele passante volátil pode galgar distâncias de duzentas léguas, sem descansar um momento, e com uma rapidez tal que vence grandes espaços em poucas horas.

O aludido albatroz, imóvel, sobre uma alta rocha, na extremidade da baía de Christmas-Harbour, fitava as encrespadas ondas, que se desfaziam com fragor de encontro aos cachopos.

Elevou-se de súbito a ave em ampla envergadura, com as patas dobradas, a cabeça muito estendida, como o beque dum navio, soltando agudos pios, e, momentos depois, reduzida a um ponto negro no meio das altas zonas, desaparecia por detrás da nevoenta cortina do sul.

CAPÍTULO II

A ESCUNA "HALBRANE"

Trezentas toneladas de arqueação, mastreação inclinada, que lhe permite chegar-se ao vento, muito veleiro ainda ao largo, uma superfície vélica que compreende — no mastro de traquete, velache e joanete —, no mastro grande, gávea e joanete grande—, à proa, vela estai, bujarrona e giba—, tal era a goleta que se esperava em Christmas-Harbour, tal é a escuna "Halbrane".

Havia a bordo o capitão, o imediato ou piloto, o bossman ou mestre da tripulação, o cuca ou cozinheiro, e mais oito marinheiros, ao todo doze homens, o que era suficiente para a manobra. Solidamente construído, cintacio e forro pregado de cobre, com muito pano, a popa muito bem lançada, aquele navio, bom para o mar, de governo fácil, apropriado para a navegação entre o quadragésimo e o sexagésimo paralelos sul, fazia honra aos estaleiros de Birkenhead.

Foi mestre Atkins quem me deu estas informações, porém com que elogios!

Comandava a Halbrane o capitão Len Guy, de Liverpool, havia cerca de seis anos, e era seu co-proprietário em três quintas partes. Navegava nos mares meridionais da África e da América, andando dumas ilhas para outras e dum para outro continente. Se a escuna tinha apenas uma dúzia de homens, era porque se entregava exclusivamente ao comércio. Para a caça dos anfíbios, focas e elefantes-marinhos, tornava-se indispensável uma tripulação mais numerosa, com aparelhos, arpões, físgas, linhas, que se exigem para estes rudes trabalhos. Devo acrescentar que no meio destas paragens pouco seguras, frequentadas naquela época por piratas, e nas vizinhanças de ilhas que convém considerar como suspeitas, a Halbrane estava apercebida para qualquer agressão: quatro pedreiros, uma quantidade bastante grande de balas e de cartuchos, um paiol de pólvora convenientemente abastecido, espingardas, pistolas, carabinas penduradas nos armeiros, e até paveses, tudo isto lhe abonava a segurança. Demais, os homens de quarto nunca dormiam com os dois olhos fechados. Navegar em tais mares sem tomar estas precauções, seria grande imprudência.

Esta manhã, 7 de agosto, estando ainda deitado, meio a dormir, ergui-me da cama ao sentir a rija voz do hospedeiro e os murros com que ele parecia meter-me porta dentro.

— Está acordado, Sr. Jeorling?

— Já se vê que sim, mestre Atkins; quem é que poderia dormir com este barulho! Que temos nós?

— Navio a seis milhas da terra, a nordeste, com proa a Christmas-Harbour!

— Será a Halbrane? — perguntei eu, tirando dum repelão a roupa que me cobria.

— Saberemos daqui a algumas horas, Sr. Jeorling. Em todo o caso, é o primeiro barco deste ano, e portanto é de justiça recebê-lo condignamente.

Vesti-me num ápice, e fui ter com Fenimore ao cais, na direção em que o horizonte se mostrava a nossos olhos como um ângulo muito aberto, entre as duas extremidades da baía de Christmas-Harbour.

Estava o tempo muito claro, tudo desanuviado ao largo, o mar tranquilo e a brisa calma. Além de que, o céu, em consequência dos ventos predominantes, é mais resplandecente deste lado das Kerguelen que do lado oposto.

Cerca de vinte habitantes — a maioria pescadores — rodeavam mestre Atkins, o qual era, incontestavelmente, a personagem de maior consideração e a mais considerada do arquipélago — por consequência, aquela a quem todos prestavam ouvidos., O vento nessa ocasião favorecia a entrada da baía. Como, porém, a maré estava baixa, o navio que se avistara — uma escuna — bordejou, aguardando a preia-mar.

Discutia-se no círculo, e eu, bastante impacientado, seguia a discussão sem me intrometer nela. Os pareceres dividiam-se e eram apreciados com igual obstinação. Devo, porém, confessá-lo — e esse fato contristava-me —, a maioria era contrária à opinião de que a tal escuna fosse a Halbrane... Apenas dois ou três se manifestavam afirmativamente, entre os quais o dono do Corvo Verde.

— É a Halbrane! — insistia ele. — Pois que o capitão Len Guy, não havia de ser o primeiro a chegar às Kerguelen? Ora essa! É ele, e tenho tanta certeza nisso como sa já estivéssemos, de mãos dadas, a ajustar cem medidas de batata para renovação dos seus mantimentos!

— O Sr. Atkins tem teias de aranha nos olhos! — observou um dos pescadores.

— Mas não tantas como tu tens na cabeça! — objetou acretamente o hospedeiro.

— Aquela embarcação não tem talhe inglês — ponderava um outro. — De proa esguia e convés arqueado, inclino-me para que é de construção americana.

— Não... é navio inglês — sustentava Atkins —, e até sou capaz de dizer em que estaleiros foi feito... sim... nos estaleiros de Birkenhead, de Liverpool, onde a Halbrane foi lançada ao mar!

— Nada! — afirmava um velho marinheiro. — Aquela escuna foi levantada sobre os estaleiros da casa Nipper & Stronge, em Baltimore, e nas águas de Chesapeake é que ele mergulhou a quilha.

— Dize, pois, nas águas de Jersey, meu lorpa! — retorquiu-lhe mestre Atkins. — Olha, limpa os óculos, e repara na bandeira que vai subindo pela carangueja da mezena.

— Inglesa! — bradaram todos.

E, de fato, a bandeira do Reino Unido acabava de desfraldar-se, ostentando a sua cor vermelha sobre o iate britânico.

Não havia que duvidar, era precisamente um navio inglês que se dirigia para a barra de Christmas-Harbour. Mas, embora este ponto estivesse assente, não se inferia daí que fosse a escuna do capitão Len Guy.

Duas horas depois, já isto não oferecia assunto para debates. Antes do meio-dia, a Halbrane fundeava com quatro braços no meio de Christmas-Harbour.

Grande manifestação — gestos e palavras — de mestre Atkins ao capitão da «Halbrane», o qual me pareceu ser menos expansivo.

Homem de quarenta anos, temperamento sanguíneo, constituição robusta como a da sua escuna, cabeça grande, cabeleira já grisalha, olhos pretos, cujas pupilas brilhavam como brasas sob as cerradas sobancelhas, tez queimada, lábios unidos, ocultando uma dentadura vigorosamente implantada em possantes maxilas, queixo prolongado por uma barbinha de grossos pêlos ruivos, braços e pernas muito fortes, eis como se apresentou a meus olhos o capitão Len Guy. Fisionomia mais impassível que dura, de indivíduo muito concentrado, que não conta facilmente os seus segredos — como nesse mesmo dia me referiu alguém mais bem informado que mestre Atkins, não obstante o meu hospedeiro pretender ser amigalhaço do capitão. A verdade é que ninguém podia vanglorizar-se de ter profundado este caráter austero. Diga-se também sem demora que o indivíduo a quem aludi era o mestre da «Halbrane», por apelido Hurliguerly, natural da ilha de Wight, quarenta e quatro anos, atarracado, vigoroso, com os braços afastados do corpo, pernas arqueadas, cabeça redonda sobre um pescoço de touro, peito largo, que podia conter bem quatro pulmões — e até perguntei a mim mesmo se os não teria, tamanha era a quantidade de ar que ele consumia no ato da respiração—, sempre a bufar, sempre a falar, o olho vivo, carinha de riso, com a pele muito encarquilhada sobre os olhos, por efeito da incessante contração do grande zigomático. Notemos ainda uma argolinha — uma só — que lhe pendia do lóbulo da orelha esquerda. Que contraste com o comandante da escuna, e como dois seres tão diferentes conseguiam entender-se! E contudo entendiam-se: havia uns quinze anos que navegavam juntos — primeiramente no brigue «Power», que foi depois substituído pela escuna «Halbrane», seis anos antes do começo desta história.

Hurliguerly, logo que chegou, soube por Fenimore Atkins que, se o capitão Len Guy consentisse, eu tomaria passagem a bordo do seu navio. Foi, pois, sem apresentação nem preparação que o bossman me falou essa tarde. Sabia já o meu nome, e dirigiu-se a mim nestes

termos: — Bons dias, Sr. Jeorling.

— Bons dias, amigo. Queria-me alguma coisa?

— Oferecer-lhe os meus serviços...

— Os seus serviços? A propósito de quê?

— A propósito da intenção que tem de embarcar na Halbrane...

— Quem é o senhor?

— Sou o bossman Hurliguerly, apelido com que figuro na matrícula da tripulação, e, além disso, fiel companheiro do capitão Len Guy, o qual o atenderá de bom grado, embora tenha a reputação de não atender a ninguém.

Ocorreu-me então que seria conveniente utilizar um homem tão solícito em obsequiar, e que não parecia ter a menor dúvida deste mundo acerca da sua influência sobre o capitão Len Guy.

Portanto, respondi: — Muito bem, meu amigo, conversemos, se é que as suas obrigações o permitem neste momento...

— Tenho duas horas diante de mim, Sr. Jeorling. E, além disso, o trabalho hoje não é muito. Amanhã, há várias mercadorias para desembarcar e fornecimento de vários mantimentos... Isto, porém, é tudo tempo de descanso para a tripulação. Se está livre, como eu...

E, ao proferir estas palavras, apontava para a extremidade do porto, numa direção que lhe era familiar.

— Não estamos aqui bem para conversar? — observei-lhe eu, detendo-o.

— Conversar, Sr. Jeorling, conversar de pé... com a goela seca... quando é tão fácil a gente assentar-se a um canto do Corvo Verde, tendo diante de nós duas xcaras de chá e uísque...

— Eu não bebo nada, bossman.

— Pois bem... beberei eu por nós ambos. Mas não vá agora imaginar que está tratando com algum beberrão! Não! Apenas o bastante, nunca o excessivo.

Acompanhei o marinheiro, evidentemente habituado a navegar nas águas dos botequins. E, enquanto mestre Atkins se entretinha, no convés da escuna, a discutir os preços de compra e de venda, tomamos lugar na sala da sua hospedaria. Logo que nos sentamos, disse-lhe eu:

— É precisamente Atkins a pessoa com quem eu contava para estabelecer relações com o capitão Len Guy, por isso que o conhece muito de perto... salvo se estou em erro...

— Hum! — discordou Hurliguerly: — Fenimore Atkins é um excelente homem e goza da estima do capitão. Mas, em suma, para mim não vale nada! Deixe-me cá manobrar, Sr. Jeorling...

— É, pois, um negócio tão difícil de resolver, bossman, e nem ao menos há um camarote vago a bordo da Halbrane? Contento-me com o mais pequeno, e pago o que for...

— Muito bem, Sr. Jeorling! Há um camarote a avante do tombadilho, que nunca serviu a ninguém, e, visto que se não importa de esvaziar as algibeiras, se tanto for necessário... Mas — isto aqui para nós — convém ter mais manha do que imagina e do que aquela que tem o velho Atkins, para decidir o capitão Len Guy a receber um passageiro! É assim mesmo! Não é de mais toda a manha cá do rapaz, que vai beber à sua saúde, lamentando que não faça outro tanto!

E com que cintilação do olho direito, enquanto fechava o esquerdo, Hurliguerly acompanhava esta declaração! Parecia que toda a vivacidade dos seus dois olhos havia

passado para a pupila de um só! É mister acrescentar que a cauda desta bela frase mergulhou num copo de uísque, cuja excelência o bossman não tratou de apreciar, porquanto o Corvo Verde fornecia unicamente dos paióis da Halbrane.

Em seguida, o endiabrado homem tirou do bolso do casaco um cachimbo negro e curto, carregou-o de tabaco até formar barrete, acendeu-o, depois de o fixar no interstício de dois malares ao canto da boca, e semelhante a um vapor com as fornalhas atestadas, era tal a fumarada que de si bolava, que a cabeça desaparecia por detrás duma nuvem acinzentada.

— Sr. Hurliguerly?

— Sr. Jeorling...

— Por que será que o capitão não deseja me receber?

— Porque isso de tomar passageiros é contrário ao seu modo de ver, e até hoje tem recusado sempre as propostas desse gênero.

— Mas por que razão, pergunto eu...

— Porque há-de ser! Porque não quer que o estorvem, porque quer ir aonde tiver vontade, andar para trás ainda que isso lhe não convenha muito, para o norte ou para o sul, para o poente ou para o nascente, sem que ninguém tenha motivo para queixa! Ele não abandona nunca estes mares do Sul, Sr. Jeorling, e há já bastantes anos que nós ambos o percorremos, entre a Austrália a este e a América a oeste, indo de Hobart-Town às Kerguelen, a Tristão da Cunha, às Falklands, demorando-nos apenas o tempo indispensável para vender o nosso carregamento e às vezes até mareando para o oceano Antártico. Compreende que, nestas condições, um passageiro podia ser incômodo, e, além disso, quem é que quereria embarcar na Halbrane, que não gosta de rolar a brisa,, e quase se deixa ir para onde o vento a leva!

Eu perguntava a mim mesmo se o bossman não procurava fazer da sua escuna uma embarcação misteriosa, que navegava ao acaso, sem demora nas escalas, uma espécie de navio errante das altas latitudes, sob o comando dum capitão fantasma. Fosse, porém, como fosse, sempre lhe disse:

— Em todo o caso, a Halbrane “vai largar das Kerguelen dentro de quatro ou cinco dias?”.

— Isso mesmo...

— E, desta vez, seguirá por Oeste do cabo com rumo de Tristão da Cunha?

— É provável.

— Pois bem, bossman, essa probabilidade é quanto me basta, e, já que me oferece os seus bons officios, veja se resolve o capitão Len Guy a receber-me como passageiro.

— É como se já estivesse feito!

— Otimamente, Hurliguerly, e por certo que se não há-de arrepender.

— Oh! Sr. Jeorling — replicou este singular mestre de tripulação, sacudindo a cabeça como se tivesse saído dum banho —, eu nunca tenho nada de que me arrepender, e bem sei que, se lhe prestar um serviço, de nada me arrependerei também. Agora, se me dá licença, retiro-me, vou até bordo, e nem sequer espero pelo amigo Atkins.

Depois de ter virado duma assentada o último copo de uísque — eu supus que ia desaparecer tudo pela goela abaixo, líquido e vidro — Hurliguerly dirigiu-me um sorriso protetor. Em seguida, saracoteando o basto tronco sobre o duplo arco das pernas, emplumado pela picante fumarada que se evolava do forninho do cachimbo, saiu e deixou-se ir para nordeste do Corvo Verde.

Eu fiquei, em frente da mesa, sob o domínio de reflexões muito contraditórias. Em verdade, quem era este capitão Len Guy? Mestre Atkins tinha-mo afiançado como um bom marinheiro sob a capa dum valente. Que fosse ambas as coisas, nada me autorizava a duvidá-lo; era todavia original, segundo acabava de dizer o bossman. Nunca, confesso-o, me passou pela ideia que a proposta para embarcar na "Halbrane" pudesse levantar qualquer dificuldade, desde que eu desse a entender que não olhava a preço e me conformava com a vida de bordo. Que motivo teria o capitão Len Guy para me contrapor uma recusa? Era admissível que ele não quisesse ligar-se por contato, nem ser obrigado a ir a um determinado ponto, se, no decurso da viagem, lhe desse na tineta para ir a um ponto diferente Ou tinha porventura, atento o seu gênero de navegação, razões particulares para desconfiar dum estrangeiro? Dava-se, pois, ao contrabando ou à escravatura — comércio ainda muito em voga nesta época nos mares do sul? Explicação plausível todavia, posto que o meu digno hoteleiro respondesse, pela Halbrane e pelo seu capitão.

Navio honrado, comandante honrado, Fenimore Atkins, oferecia-se como garante dum e doutro! E já era alguma coisa, se é que se não iludia no apreço em que os tinha! Numa palavra, ele só conhecia o capitão Len Guy de o ver, uma vez por ano, fundeado nas Kerguelen, onde se entregava exclusivamente a negócios lícitos, que não podiam dar margem a nenhuma suspeição.

Por outro lado, perguntava eu a mim mesmo se, com o fim de aumentar a importância dos seus oferecimentos, não procuraria o bossman fazer-se valer... Quem sabe até se o capitão Len Guy não ficaria contente e satisfeito por ter a bordo um passageiro tão condescendente como eu tinha a pretensão de ser, e que não olhava ao preço da passagem?

Uma hora depois, encontrei o hospedeiro à beira do porto e pu-lo ao corrente de tudo.

— Ah! sempre o mesmo, esse demoníaco do Hurliguerly! A dar-lhe crédito, o capitão Len Guy não pode aparelhar sem licença dele!. Tome cuidado, Sr. Jeorling, o bossman é um espertalhão... Bom homem, lá isso é, mas ainda não vi outro para sacar dólares e guinéus! Se lhe cai nas unhas, diga adeus à bolsa! Abotoe as algibeiras e não se deixe engodar!

— Obrigado pelo conselho, Atkins. Mas, diga-me, conversou com o capitão Len Guy? Falou-lhe?

— Ainda não, Sr. Jeorling. Temos tempo... a Halbrane acaba de chegar e nem sequer até virou sobre o ferro da vazante.

— De acordo, mas... bem vê... desejo assegurar-me o mais cedo possível.

— Um bocadinho de paciência mais! — Estou ansioso por saber com que é que posso contar...

— Descanse! Não há que recear, Sr. Jeorling! As coisas caminharão por seu pé! Além disso, se falhasse a Halbrane, não era caso para ficar inquieto. Estamos perto do tempo da pesca, e Christmas-Harbour depressa contará mais navios do que há de casas em redor do Corvo Verde! Confie em mim... Eu encarrego-me de lhe arranjar barco!

Em tudo isto, porém, só havia palavras, o bossman dum lado, mestre Atkins do outro. por isso, apesar das suas animadoras promessas, resolvi dirigir-me em pessoa ao capitão Len Guy, por pouco acessível que ele fosse, e expor-lhe o meu projeto, logo que o encontrasse só.

Essa oportunidade deparou-se-me no dia seguinte. Até então, dei os meus passeios pelo cais adiante, examinando a escuna, navio de construção notável e de grande solidez. É uma qualidade indispensável nestes mares, onde os gelos descaem às vezes para além do

quingagésimo paralelo.

Passava do meio-dia. Quando me aproximei do capitão Len Guy, percebi que ele procurava esquivar-se ao meu encontro.

A diminuta população de pescadores de Christmas-Harbour, como é natural, quase que se não renovava. Nas embarcações, muito numerosas nesta época, é possível que, repito-o, alguns

Kerguelenianos se assoldadassem para substituir ausentes ou desaparecidos. Mas, em absoluto, aquela população não se modifica, e o capitão Len Guy devia conhecê-la habitante por

habitante.

Daí a algumas semanas, poder-se-ia enganar, quando toda a flotilha tivesse despejado o seu pessoal para o cais, onde devia reinar uma admiração fora do comum, que terminaria com a estação. Neste tempo, porém, no mês de Agosto, a Halbrane, aproveitando um Inverno cuja amenidade havia sido verdadeiramente excepcional, achava-se solitária no meio do porto.

Era, portanto, impossível que o capitão Len Guy não tivesse descoberto em mim um estrangeiro, até mesmo que o hospedeiro e o bossman não houvessem ainda dado um passo por minha causa.

Logo, a sua atitude só podia ter esta significação: ou a minha proposta lhe havia sido comunicada e não queria dar-lhe andamento — ou nem Hurliguerly nem Atkins lhe tinham falado desde a véspera. Neste último caso, se ele se afastava de mim, é porque obedecia ao seu caráter pouco comunicativo, é que lhe não convinha relacionar-se com um desconhecido.

No entanto, a impaciência empolgava-me. Se este urso recusa, embora! Preparar-me-ei para isso. Obrigá-lo a receber-me a bordo contra vontade, não era o que eu pretendia. Eu nem ao menos era seu compatriota. Demais, nas Kerguelen não residia nenhum cônsul nem agente consular americano, junto do qual eu pudesse queixar-me. O que importava, primeiro que tudo, era assentar em alguma coisa, e, se eu apanhasse um não do capitão Len Guy, ficaria livre para aguardar a chegada dum outro navio mais complacente — o que demorava apenas duas ou três semanas.

Na ocasião em que eu ia lhe falar, o imediato veio ter com o capitão. Este aproveitou o ensejo para se afastar, e, fazendo um sinal ao oficial para que o seguisse, deu volta pela extremidade do porto e desapareceu no ângulo duma rocha, ao subir a baía pela margem norte.

«Com a breca!», pensava eu. «Tudo me leva a crer que me há-de ser difícil conseguir os meus fins! Mas Isto é só um lance adiado. Amanhã, pela manhã, vou a bordo da Halbrane. E, embora ele queira ou não queira, é forçoso que o tal Len Guy me ouça, e me responda sim ou não!»

Demais, podia ser que, à hora do jantar, o capitão Len Guy fosse ao Corvo Verde, onde habitualmente almoçavam e jantavam os marítimos durante o tempo de demora. Após alguns meses de mar, gostasse de variar as refeições, que em geral se reduzem a bolacha e a carne salgada.

A própria saúde o exige, e, enquanto as tripulações tiram proveito dos mantimentos frescos, os oficiais preferem, contudo, comer na hospedaria. Eu não punha em dúvida que o meu amigo Atkins estivesse preparado para receber convenientemente o capitão, o imediato e também o bossman da escuna.

Por conseguinte, esperei; só muito tarde é que me sentei à mesa. A decepção, porém, foi

completa.

Não estavam! Nem o capitão Len Guy nem ninguém de bordo veio honrar com a sua presença o Corvo verde. Tive de jantar sozinho, conforme era meu costume havia já dois meses, porquanto, como é fácil de supor, a freguesia de mestre Atkins quase se não renovava durante a estação invernos.

Terminada a refeição, por volta das sete e meia, noite fechada, fui passear para o porto, do lado das casas.

O cais estava deserto. As janelas da hospedaria davam alguma claridade. Da tripulação da Halbrane, nem um só homem em terra. Os botes estavam juntos um do outro, e, na extremidade da sua amarração, balouçavam-se com o fluxo das águas.

Era verdadeiramente um quartel, aquela escuna, da qual os marinheiros não podiam sair depois do sol-posto. Esta ordem devia contrariar muito o tagarela do beberrote Hurliguerly, muito propenso, supunha eu, a andar de botequim em botequim, sempre que estava em algum porto. Contudo, não o enxerguei a ele nem ao capitão nas vizinhanças do Corvo Verde.

Demorei-me até às nove horas, passeando em frente da escuna. O vulto do navio assombrara-se gradualmente. As águas da baía refletiam apenas um saca-rolhas de luz, a do farol de vante, suspenso do estai do traquete.

Voltei para a hospedaria, onde encontrei Fenimore Atkins, perto da porta, fumando o seu cachimbo.

— Atkins — observei-lhe eu —, parece que o capitão Len Guy não gosta de frequentar a sua casa...

— Ele vem aqui algumas vezes no domingo, e hoje é sábado, Sr. Jeorling...

— Não lhe falou?

— Sim, falei — respondeu-me ele, num tom que denotava manifesto embaraço.

— E disse-lhe que uma pessoa do seu conhecimento desejava embarcar na Halbrane?

— Disse, sim.

— E que resposta deu ele?

— Diferente da que eu queria e o Sr. Jeorling desejava...

— Recusa?

— Recusa, por isso, se é que se pode chamar assim a estas palavras: «Atkins, a minha escuna não foi feita para passageiros... Nunca os recebi, e faço ideia de nunca os receber.»

CAPÍTULO III

O CAPITÃO LEN GUY

Dormi mal. Por várias vezes, "sonhei que sonhava".

Ora — observa Edgar Poe —, quando se supõe que se sonha, acorda-se nesse mesmo instante.

Acordei, pois, e sempre mal-humorado contra o tal capitão Len Guy. A ideia de embarcar na Halbrane, quando ela saísse das Kerguelen, havia criado raízes no meu espírito. Mestre Atkins elogiava sem cessar este navio, invariavelmente o primeiro a aportar a Christmas-Harbour. Tendo os dias e as horas contados, quantas vezes me encontrei a bordo daquela escuna, ao largo do arquipélago, no rumo de oeste, em direção à costa americana! O

hospedeiro não punha em dúvida a condescendência do capitão Len Guy, a qual se harmonizava com o seu interesse. Nunca se viu um navio mercante recusar um passageiro quando isso o não constanja a modificar a derrota e se pode obter um bom preço pela passagem. Quem acreditaria em tal?

Daí, a grande cólera que fervia em mim contra essa personagem tão pouco condescendente. A bilis transvazava-se, os nervos agitavam-se-me. No meu caminho, acabava de levantar-se um obstáculo, perante o qual eu esbarrava.

Foi uma enfadonha noite de indignação febril, e só sosseguei ao romper do dia.

Quanto ao mais, eu tinha resolvido explicar-me com o capitão Len Guy, acerca do seu lamentável procedimento. Talvez que não conseguisse nada, mas, em todo o caso, desabafava.

Mestre Atkins havia falado, mas recebera a resposta que se sabe. Quanto ao obsequiador Hurligillerly, tão solícito em oferecer-me a sua influência e os seus serviços, aventurar-se-ia a sustentar o prometido? Não o sabia, pois não tornei a encontrá-lo. É de presumir, contudo, que não tivesse sido mais feliz que o proprietário do Corvo Verde.

Saí por volta das oito horas da manhã. Fazia um tempo do diabo, como vulgarmente se diz, ou, para empregar uma expressão mais rigorosa, um diabo de tempo. Chuva, com a neve à mistura, uma borrasca que vinha de Oeste por cima das montanhas mais afastadas, nuvens que desciam às baixas zonas, uma avalanche de água e vento. Não era pois de supor que o capitão Len Guy tivesse vindo a terra para se encharcar até aos ossos.

Realmente, não havia ninguém no cais. Alguns barcos de pesca tinham largado do porto antes da tormenta, e decerto que se abrigaram nas enseadas, que nem o mar nem o vento podiam açoitar. Quanto à minha ida a bordo da Halbrane, não o poderia ter feito sem chamar um dos seus botes, e o bossman não tinha ficado de mo mandar.

«Demais, pensava eu, «sobre o convés da escuna o capitão está em sua casa, e, para o que tenciono responder-lhe se ele insistir na sua inqualificável recusa, é preferível um terreno neutro. Vou espreitá-lo da janela, e, se o bote o trouxer para terra, desta vez não conseguirá esquivar-me.»

De retorno ao Corvo Verde, postei-me detrás da vidraça embaciada e limpei-a da umidade, sem me importar para nada com a borrasca, que se engolfava pela chaminé e fazia voar a cinza do fogão.

Esperei, nervoso, frenético, mascando o freio, num estado de irritação crescente.

Haviam decorrido duas horas. E, como tantas vezes sucede por efeito da instabilidade dos ventos das Kerguelen, o tempo é que acalmou primeiro do que eu.

Pelas onze horas as grossas nuvens elevaram-se e a tormenta foi dissipar-se para além das montanhas.

Abri a janela.

Nesse momento, uma das embarcações da Halbrane preparava-se para largar a amarração. Desceu para ela um marinheiro, armou dois remos a par, enquanto um homem se assentava, à ré, sem pegar nos cordões do leme. Entre a escuna e o cais havia, quanto muito, umas cinquenta toesas. A embarcação atracou. O homem saltou em terra.

Era o capitão Len Guy.

Galguei, em alguns segundos, o átrio da hospedaria e estaquei diante do capitão, atrapalhadíssimo, ou o que quer que fosse, por causa de evitar esta abordagem.

— Senhor — disse-lhe eu, dum modo brusco e frio, frio como o tempo desde que os

ventos sopravam de este.

O capitão Len Guy olhou-me com fixidez, ferindo-me a tristeza de seus olhos, negros como tinta de escrever. Em seguida, a voz melíflua, e apenas murmurando as palavras, perguntou-me:

— É estrangeiro?

— Estrangeiro nas Kerguelen... sim — respondi eu.

— De nacionalidade inglesa?

— Não... americana.

Cumprimentou-me com um gesto rápido e eu retribuí-lhe igualmente o cumprimento.

— Senhor — continuei —, tenho motivos para supor que mestre Atkins, do Corvo Verde, o fez ciente duma proposta que me diz respeito. Essa proposta, a meu ver, merece ser recebida com favor por parte de um...

— A proposta para embarcar na minha escuna? — observou o capitão Len Guy.

— Exatamente.

— Lamento não poder deferir um tal pedido...

— E não poderá dizer-me por quê?

— Porque não tenho por costume receber passageiros a bordo — primeira razão.

— E a segunda?

— Porque o itinerário da Halbrane não é nunca fixado de antemão. Ela sai para um porto e vai a um outro, conforme a vantagem que encontro nisso. convém saber-se que não estou ao serviço de nenhum armador. A escuna pertence-me em grande parte, e não tenho de receber ordens de ninguém a respeito das suas travessias.

— Por conseguinte, só depende do capitão o conceder-me passagem...

— De acordo, mas eu é que não posso deixar de recusar-lhe, com profundo pesar meu.

— Talvez que o capitão mude de parecer sabendo que pouco me importa o destino com que a escuna segue. Não é desarrazoado o supor-se que ela há-de ir parar em algum lugar...

E, neste momento, pareceu-me que o capitão dirigia um profundo olhar para o horizonte do sul.

— Pois bem — prossegui —, quase me é indiferente ir aqui ou acolá. O que eu desejava antes de mais nada era sair das Kerguelen na primeira ocasião que se me oferecesse...

O capitão Len Guy não respondeu e ficou pensativo, sem procurar furtar-se à minha companhia.

— Concede-me a honra de me ouvir? — perguntei-lhe dum modo expedito.

— Pois não!

— Nesse caso, acrescentarei que, se me não engano, e se a derrota da escuna não foi modificada, o capitão tenciona seguir de Christmas-Harbour para Tristão da Cunha...(1)

— Talvez para Tristão da Cunha... talvez para o Cabo... talvez para as Falklands... talvez além...

— Muito bem, capitão Guy, é precisamente para "além" que desejo ir! — repliquei-lhe ironicamente, esforçando-me por dominar a minha irritação.

Operou-se então uma mudança singular na atitude do capitão Len Guy. A voz alterou-se-lhe, tornou-se mais dura, mais imperiosa. Fez-me compreender, em termos claros e precisos, que era inútil insistir, que a nossa conferência tinha já durado demasiadamente, que o tempo escasseava, que os seus negócios o chamavam à capitania do porto... numa palavra, que

havíamos dito um ao outro, e dum modo satisfatório, tudo quanto poderíamos ter a dizer...

Tinha eu estendido a mão para o deter — para o agarrar seria o termo próprio — e a palestra, que começara mal, levava jeitos de acabar pior, eis que a extravagante personagem se volta para mim e, com maneiras polidas, se exprime deste modo: — Creia o senhor que me custa o não estar eu em condições de poder satisfazê-lo e ter de mostrar-me tão pouco obsequioso para com um americano. Mas não encontro meio de modificar o meu procedimento. No decurso da viagem da Halbrane, pode sobrevir qualquer incidente imprevisto, o qual tornaria enfadonha a presença dum passageiro... embora ele fosse tão condescendente como o Sr. Jeorling... Ora, eu não devo expor-me à contingência de perder ensejos, que tanto procuro...

— Já lhe disse, capitão, e repito-lhe, que embora seja minha intenção regressar à América, a Connecticut, não me importa contudo gastar três meses ou seis, dar preferência a este ou àquele caminho — ou que a escuna se veja constrangida a engolfar-se pelos mares antárticos dentro...

— Pelos mares antárticos! — exclamou o capitão Len Guy com voz inquiridora, enquanto o seu olhar me penetrava o âmago como se estivesse munido dum estilete.

— Por que fala dos mares antárticos? — insistiu ele, agarrando-me na mão.

— Pela mesma razão pela qual poderia ter falado dos mares boreais... do Polo Norte e até do Polo Sul.

O capitão Len Guy não respondeu, e pareceu-me ver uma lágrima deslizar de seus olhos. Em seguida, abandonando-se a uma outra ordem de ideias, e desejando afastar de si qualquer recordação pungente, evocada pelas minhas palavras, continuou: — E quem ousaria aventurar-se ao Polo Sul...

— Atingi-lo é difícil... além de que, não tinha utilidade — observei eu. — Há, contudo, indivíduos sobejamente aventureiros para mergulharem em tais empresas.

— Diz bem... aventureiros! — murmurou o capitão Len Guy.

— E não vá sem resposta — prossegui eu —, pois os Estados Unidos estão fazendo uma tentativa com a divisão de Charles Wilkes, o "Vincennes", o "Peacock", o "Porpoise", o "Flying-Fish" e várias conservas...

— Os Estados Unidos, Sr. Jeorling? Tem a certeza de que o Governo federal enviou uma expedição aos mares austrais?

— É um fato verdadeiro, e o ano passado, antes de eu partir da América, tive conhecimento de que a mesma divisão acabava de fazer-se ao mar. Já lá vai um ano depois disso, e é muito possível que o audacioso Wilkes fosse mais longe nas suas averiguações do que nenhum dos outros descobridores que o precederam.

O capitão Len Guy tornara-se silencioso, e não saiu desta inexplicável preocupação senão para dizer: — Em todo o caso, se Wilkes conseguir dobrar o círculo polar e em seguida vencer os bancos de gelo, ainda assim é duvidoso que ele ultrapasse maiores latitudes que...

— Que os seus antecessores Bellingshausen, Forster, Kenda, Biscoe, Morell, Kemp, Belleny — respondi eu.

— E que... — acrescentou o capitão Len Guy.

— De quem é que quer falar? — perguntei eu.

— O senhor é oriundo de Connecticut? — inquiriu bruscamente o capitão Len Guy.

— De Connecticut.

— E mais especialmente?

— De Hartford.

— Conhece a ilha Nantucket?

— Estive lá diversas vezes.

— Sabe, pois, segundo penso — disse o capitão Len Guy, cravando os seus olhos nos meus —, que foi ali que o romancista Edgar Poe deu origem ao seu herói Arthur Gordon Pym...

— Certo — respondi —, recordo-me disso: o tal romance começa na ilha Nantucket.

— Como diz... o tal romance? É precisamente o termo de que se serviu?

— É, sim, capitão.

— Compreendo... fala como todos! Mas, queira desculpar-me, não posso demorar-me mais. Lamento... com a maior sinceridade, não poder prestar-lhe esse serviço. Não pense que a reflexão me modificará as ideias relativamente à sua proposta. Demais, não tem de esperar muitos dias... A estação está à porta. Os navios mercantes, as baleeiras arribarão a Christmas-Harbour, e ser-lhe-á permitido embarcar num deles... com a certeza de poder ir aonde quer que as suas conveniências o chamem. Lamento, pois, lamento profundamente, e apresento-lhe os meus respeitos!

Ao pronunciar estas últimas palavras, o capitão Len Guy retirou-se, e a conferência terminou dum modo muito diferente daquele que eu supunha, quero dizer, duma maneira cortês, embora formal.

Como de nada serve malhar em ferro frio, perdi a esperança de embarcar na Halbrane, nutrindo, porém, grande aversão pelo seu abominável comandante.

E por que não hei-de confessá-lo? Tinha-se-me aguçado a curiosidade. Eu via um mistério no fundo daquela alma de marinheiro, e aprazia-me penetrá-lo. A digressão imprevista da nossa palestra, o nome de Arthur Pym pronunciado duma forma tão inopinada, as perguntas acerca da ilha Nantucket, o efeito produzido pela notícia de que se estava tentando uma campanha pelos mares polares sob o comando de Wilkes, a afirmação que o navegador americano não avançaria mais para o sul que... Mas de quem queria falar o capitão Len Guy? Tudo isto era assunto que demandava reflexão para um espírito positivo como o meu...

Nesse dia, mestre Atkins quis saber se o capitão Len Guy se tinha mostrado mais fácil de acomodar... Alcançara eu autorização para ocupar um dos camarotes da escuna? Tive de confessar ao meu hospedeiro que não havia sido mais feliz do que ele nas minhas negociações. Isto, porém, não deixou de surpreendê-lo. Ele não podia compreender a recusa do capitão, a sua obstinação. Não lhe parecia o mesmo homem. Donde provinha semelhante mudança? E o pior — pois lhe tocava pela porta — é que, ao contrário da habitual durante a demora no porto, o Corvo Verde não havia sido visitado nem pela gente nem pelo oficial da Halbrane. Parecia que a tripulação obedecia a uma ordem. Apenas duas ou três vezes é que o bossman veio sentar-se na sala da hospedaria, e nada mais. Daí, a grande decepção de mestre Atkins.

No tocante a Hurliguerly, depois de se ter adiantado tão imprudentemente, compreendo que lhe não conviesse continuar a manter comigo relações, pelo menos inúteis. Teria ele procurado demover o seu superior? Não o posso dizer, e, em suma, talvez que o conseguisse, insistindo.

Durante os três dias que se seguiram, 10, 11 e 12 de Agosto, a faina de abastecimento e reparo tomou maior incremento a bordo da escuna. Via-se andar a tripulação no convés dum

lado para o outro — os marujos inspecionando os mastros, mudando os cabos de laborar, retesando os ovéns e os brandais, que haviam afrouxado durante a última travessia, retocando as pinturas deterioradas pelos rolos de mar, envergando velas novas, consertando as velhas, que poderiam ainda servir com bom tempo, calafetando aqui e ali, á força de malho, as costuras do forro e do convés.

Era este trabalho executado com regularidade, sem berreiro, nem falatório, nem altercações, muito vulgares entre os marujos nos portos. A Halbrane devia ser bem comandada e muito asseada a tripulação, de muita disciplina, e, além disso, calada. É possível que o bossman destoasse dos seus camaradas, pois pareceu-me dado à galhofa, à risota, mormente à tagarelice — a não ser que a língua só se lhe desentarmelasse quando vinha a terra.

Soube-se, por fim, que a saída da escuna estava marcada para 15 de agosto, e na véspera ainda eu não tinha margem para supor que o capitão Len Guy mudaria de parecer a respeito da sua categórica recusa.

Além de que, eu não pensava nisso, e tratei de tirar todo o partido deste contratempo. Passara-me o desejo de recriminar. Não permiti a mestre Atkins que continuasse a dar passos.

Quando o capitão Len Guy se encontrava comigo no cais, era como se nos não conhecêssemos, como se nunca nos tivéssemos visto. Ele passava dum lado, eu do outro. Devo, porém, observar que uma ou duas vezes se manifestou certa hesitação nos seus modos. Parecia que queria dirigir-me a palavra... que era impelido por um instinto secreto. Não o fez, nem eu era homem para provocar uma nova explicação. Demais a mais — informaram-me disso nesse mesmo dia —, Fenimore Atkins, contra minha formal proibição, havia falado de mim, com empenho, ao capitão Len Guy, sem nada conseguir. Era um negócio "arquivado", como é costume dizer-se, e contudo o bossman não participava desta opinião...

Na realidade, Hurliguerly, interpelado pelo dono do Corvo Verde, contestava que a partida estivesse irremediavelmente perdida.

— É muito possível — repetia ele — que o capitão não tenha desembuchado a última palavra!

Mas, o fiar-se a gente nos ditos deste palrador, equivaleria a introduzir uma hipótese falsa numa equação, e verdade, verdade, tornara-se-me indiferente a próxima saída da escuna. Eu só tratava de ver se descobria ao longe algum outro navio.

— Mais uma semana ou duas — repetia-me o hospedeiro —, e então será o Sr. Jeorling mais feliz do que foi com o capitão Len Guy. Há-de haver muitos que não querem outra coisa...

— De acordo, Atkins, mas será bom lembrar-se de que a maior parte das embarcações que se destinam à pesca nas Kerguelen estacionam aqui durante cinco ou seis meses, e se eu tiver de esperar todo este tempo para me fazer ao mar...

— Nem todas, Sr. Jeorling, nem todas! Algumas há que apenas tocam nas Kerguelen... Há-de oferecer-se uma ocasião boa e não terá de que se arrepender por deixar de embarcar na Halbrane...

Não sei se terei de que me arrepender ou não, mas o que é certo é que estava escrito lá em cima que eu me retiraria das Kerguelen como passageiro da escuna e que ela ia arrastar-me à mais extraordinária das aventuras que deram brado nos anais marítimos desta época.

Na tarde de 14 de agosto, pelas sete horas e meia, quando a noite já envolvia a ilha, passeava eu, depois de ter jantado, no cais, ao norte da baía. O tempo estava enxuto, o céu salpicado de estrelas, o ar penetrante, o frio agudo. Nestas condições, não podia demorar-me

a passear.

Portanto, meia hora depois, ia eu para o Corvo Verde, eis que passa por mim um indivíduo, que hesita, volta atrás e para.

A escuridão era muito profunda para que eu pudesse reconhecê-lo. Mas, ao ouvir-lhe a voz, ao sentir-lhe o característico murmúrio, não havia erro possível. Tinha diante de mim o capitão Len Guy.

— Sr. Jeorling — diz-me ele —, é amanhã que a Halbrane deve fazer-se de vela... amanhã pela manhã... Na vazante.

— De que me serve saber isso — respondi eu —, se o senhor recusa...

— Refleti... e, se por acaso não mudou de ideia, esteja a bordo às sete horas.

— Pode crer-me, capitão — observei-lhe —, eu não contava de maneira nenhuma com esse seu reviramento.

— Refleti, repito-lhe, e acrescentarei que a Halbrane seguirá diretamente para Tristão da Cunha — o que lhe convém... suponho eu...

— Melhor ainda, capitão. Amanhã pela manhã, às sete horas, estarei a bordo.

— Onde já tem o seu camarote preparado.

— Quanto ao preço da passagem — disse eu.

— Fixá-lo-emos depois — replicou o capitão Len Guy — e a seu contento. E até amanhã...

— Até amanhã.

Estendi a mão a esse homem singular, para firmar o nosso ajuste. A escuridão, porém, impediu-o de ver aquele movimento, porquanto lhe não correspondeu, e, afastando-se a passo rápido, entrou no bote, que o pôs a bordo em algumas remadas.

Estava eu surpreendidíssimo e mestre Atkins também o ficou igualmente quando, de regresso à sala do Corvo Verde, o pus ao corrente de tudo.

— Vamos lá — respondeu-me ele —, não há dúvida de que o raposa velha do Hurliguerly tinha razão! O que não impede, todavia, que o doido do capitão seja tão volúvel como uma menina estabanada! Contanto que não mude de ideia no momento de partir!

Hipótese inadmissível e até, refletindo nisso, parece-me que num tal modo de proceder não podia ter entrado a fantasia nem o capricho. Se o capitão Len Guy fazia agora o que antes recusara, é porque tinha algum interesse em que eu fosse seu passageiro. A meu ver, este reviramento prendia-se com o que eu lhe havia dito a respeito de Connecticut e da ilha

Nantucket. Até que ponto, porém, podia isso interessar-lhe, o futuro mo dirá.

Depressa concluí os meus preparativos. Além de que sou daqueles viajantes práticos que nunca se sobrecarregam de bagagens e que efetuariam a volta ao mundo de saquível a tiracolo e uma maleta na mão. Todos os meus arranjos consistiam em vestuário forrado, cuja indispensabilidade se impõe a quem quer que navegue pelas altas latitudes. Sempre que se percorra o Atlântico meridional, devem tomar-se tais precauções, quando mais não seja por prudência.

No dia seguinte, 15, antes do romper do dia, fiz as minhas despedidas ao honrado e digno Atkins. Eu não podia deixar de estar satisfeito com as atenções e obséquios do meu compatriota, exilado nas ilhas da Desolação, onde ele e os seus viviam todavia felizes. O serviçal hospedeiro mostrou-se muito sensibilizado com os agradecimentos que lhe dirigi.

Cheio de cuidado a meu respeito, tinha pressa de me ver na escuna, receando sempre — era a expressão de que se servia — que o capitão Len Guy, da véspera para cá, “estivesse de

outro” bordo. Repetia-ma até com insistência e confessou-me que, durante a noite, tinha ido várias vezes à janela, para se certificar de que a Halbrane continuava fundeada no meio de Christmas-Harbour. E só se viu livre de tais receios — dos quais eu aliás não participava — quando a aurora começou a raiar.

Quis mestre Atkins acompanhar-me a bordo, a fim de despedir-se do capitão Len Guy e do bossman. No cais aguardava-nos um bote, que nos transportou a nós ambos até à escada da escuna, que já tinha virado para jusante.

A primeira pessoa que encontrei no convés foi Hurliguerly. Deitou-me um olhar de triunfo. Era tão significativo como se me dissesse: — E daí? Que lhe parece? O nosso capitão, que põe dificuldades a tudo, acabou por aceitá-lo... E a quem é que deve isso, senão ao catita do bossman, que o serviu com vontade e sem abusar da sua influência?

Seria verdade? Eu tinha poderosas razões para o não acreditar sem grande reserva. No entanto, pouco importava. A Halbrane ia levantar ferro e eu estava a bordo.

Quase nesse mesmo instante apareceu no convés o capitão Len Guy. A surpresa com que, porém, eu não contava era que ele nem sequer tivesse dado pela minha presença.

Haviam começado os preparativos para aparelhar, velas desencapadas, gente às obras, adriças e escotas preparadas. O imediato, à proa, vigiava a manobra do cabrestante, e não tardaria que o ferro estivesse suspenso.

Aproximou-se então mestre Atkins do capitão Len Guy, dizendo-lhe com voz insinuante:

— Até ao ano! -Se Deus quiser, Sr. Atkins!

E apertaram a mão um ao outro. O bossman veio também por sua vez despedir-se do estalajadeiro do Corvo Verde, a quem o bote foi pôr em terra.

Às oito horas, logo que a maré começou a vazar, a Halbrane largou a pano baixo, caçou as amuras de bombordo, manobrou para descer a baía de Christmas-Harbour sob uma brisa do norte, e, apanhando-se no mar largo, fez proa de noroeste.

Com as últimas horas da tarde desapareceram as brancas cumeadas de Table-Mount e do Havergal, agudos píncaros, que se elevam um a dois, o outro a três mil pés acima do nível do mar.

CAPÍTULO IV

DAS ILHAS KERGUELEN À ILHA PRINCE EDWARD

Nunca, talvez, houve travessia que tivesse um começo mais auspicioso. E, por um acaso inesperado, em lugar de a incompreensível recusa do capitão Len Guy me obrigar a permanecer, ainda algumas semanas, em Christmas-Harbour, era uma doce brisa que me levava para longe deste grupo, vento em popa, num mar apenas banzeiro, com uma velocidade

de oito a nove milhas por hora.

O interior da «Halbrane» correspondia ao exterior. Completo arranjo, perfeito asseio de galeota holandesa, tanto na câmara como à proa. Por vante do tombadilho, a bombordo, encontrava-se o camarote do capitão Len Guy, que, por um caixilho envidraçado, de correr, podia vigiar o convés e, em caso de necessidade, transmitir as suas ordens aos homens de quarto, postados entre o mastro grande e o mastro de traquete. A estibordo, idêntica disposição para o camarote do imediato. Ambos tinham um estreito beliche, um armário de medíocre capacidade, uma poltrona de verga, uma mesa fixada no pavimento, um candeeiro de balanço suspenso sobre ela, diversos instrumentos náuticos, barômetro, termômetro de mercúrio, sextante, e cronômetro metido em serradura na competente caixa de carvalho, donde só saía quando o capitão se dispunha a tomar a altura.

Havia mais dois camarotes à ré do tombadilho, cuja parte média servia de camarilha, com a mesa de jantar entre dois bancos de costas móveis.

Um destes camarotes fora preparado para me receber. Era alumiado por duas vidraças, uma das quais dava para o corredor lateral do tombadilho e a outra para a ré. Nesta direção, o timoneiro conservava-se de pé em frente da roda do leme, sobre a qual passava a retranca, que se prolongava alguns pés para além do gio grande — o que tornava a escuna ardentíssima.

Tinha o meu camarote oito pés por cinco. Habitado às necessidades da navegação, não me era preciso mais espaço do que aquele — nem mais mobília: uma mesa, um armário, uma poltrona de palhinha, um lavatório de ferro e um beliche, cujo magro colchão teria sem dúvida provocado recriminações a um passageiro menos complacente. Demais tratava-se de uma travessia relativamente curta, pois a Halbrane havia de me desembarcar em Tristão da Cunha. Entrei, portanto, na posse do dito camarote, que eu não devia ocupar mais do que quatro a cinco semanas.

Por vante do traquete e muito a meia nau, o que aumentava a ação da vela estai, havia o fogão, solidamente peado. Mais para vante abria-se a gaiuta, com grossa capa, encerada, a qual dava acesso, por uma escada, ao alojamento da marinhagem e à coberta. Se o tempo estava mau, fechava-se hermeticamente a mencionada gaiuta e ficava o alojamento abrigado dos rolos de mar, que rebentavam de encontro às bochechas do navio.

Os oito homens da tripulação tinham estes nomes: Martim Holt, mestre veleiro; Hardie, mestre calafate; Rogers, Drap, Francisco, Graciano, Burry, Stern, marinheiros, de vinte e cinco a trinta e cinco anos de idade, todos ingleses das costas da Mancha e do canal São Jorge, muito conhecedores do seu ofício, todos notavelmente disciplinados por um pulso de ferro.

Tenho a observar desde já: o homem, duma energia excepcional, a quem eles obedeciam à primeira palavra, ao primeiro gesto, não era o capitão da Halbrane, mas sim o imediato, o piloto Jem West, que então contava trinta e dois anos.

Nunca encontrei no decurso de minhas viagens pelos oceanos, um caráter duma tal têmpera. Jem West nascera no mar e, durante a infância, viveu sempre a bordo duma falua, de que

seu pai era patrão e em que residia toda a família. Em nenhuma época da sua existência ele respirara outro ar senão o ar salino da Mancha, do Atlântico ou do Pacífico. Durante as escalas, só ia a terra por necessidade do serviço, quer este fosse do Estado ou do comércio. Se se tratava de passar de um navio para outro, levava para lá o seu saco de lona e

não se mexia dali. Marinheiro da coraçãõ, esta arte era toda a sua vida. Quando não navegava a valer, supunha estar navegando. Depois de ter sido moço, grumete, marinheiro, chegou a ser contramestre, em seguida mestre, mais tarde piloto, e agora desempenhava as funções de imediato da Halbrane, sob o comando do capitãõ Len Guy.

Jem West não tinha sequer a ambição de trepar mais alto; não procurava fazer fortuna; não se ocupava em comprar ou vender carregamentos. Estivá-los, sim, porque a estiva é condição primária para que um navio utilize bem o pano. Quanto a minúcias de navegação, de ciência marítima, aparelhar, aproveitamento da energia vélica, manobras diversas, fazer-se de vela, fundear, lutar contra os elementos, observações de longitude e de latitude, tudo enfim quanto respeita a esse admirável engenho, qual é o navio de vela, Jem West entendia-se com isso como ninguém.

Vejamos agora o físico do piloto: estatura média, todo nervos e todo músculos, membros vigorosos, duma agilidade de ginasta, vista de marinheiro, de extraordinário alcance e duma penetração surpreendente, rosto crestado, cabelo basto e curto, faces e queixo imberbes, feições regulares, fisionomia que denotava energia, audácia e força física na sua máxima tensão.

Jem West falava pouco, apenas quando o interrogavam. Dava as suas ordens em voz clara, em termos precisos, e era compreendido.

Chamo a atenção para este oficial da marinha mercante, que era igualmente dedicado de corpo e alma ao capitãõ Len Guy como à escuna Halbrane. Parecia ser um dos órgãos essenciais deste navio, cujo conjunto de madeira, ferro, lona, cobre, cânhamo, recebia dele a potência vital: parecia haver completa identificação entre o que era construído pelo homem e o que Deus criara.

E se a Halbrane tivesse coração, era no peito de Jem West que decerto palpitaria.

Completarei os informes respeitantes ao pessoal, nomeando o cozinheiro de bordo, um preto costa de África, chamado Endicatt, de uns trinta anos de idade e que desempenhava, há oito anos para cá, as funções de mestre-cuco, sob as ordens do capitãõ Len Guy. O mestre e ele entendiam-se às maravilhas e conversavam o mais das vezes como bons companheiros. Forçoso é dizer que Hurliguerly pretendia estar na posse de extraordinárias receitas culinárias, que o Endicott experimentava algumas vezes, sem contudo atrair a atenção dos indiferentes convivas da camarinha.

Havia partido a Halbrane em condições excelentes. Fazia um frio penetrante, porquanto, sob o paralelo sul de quarenta e oito graus, no mês de Agosto, o Inverno envolve ainda esta porção do Pacífico. O mar, porém, estava bom, a brisa mantinha-se firme de és-sudeste. Se o tempo se conservasse assim — o que era de prever e para desejar — não teríamos de cambiar uma só vez as amuras, mas apenas abrandar as escotas, para atingirmos as ilhas Tristãõ da Cunha.

Era muito regular a vida a bordo, muito simples, e — o que é aceitável — duma monotonia não destituída de encanto. A navegação é o repouso no movimento, o embalar no sonho, e eu não me carpia da minha soledade. É possível que eu sentisse desejos de conhecer este único ponto: por que motivo o capitãõ Len Guy reconsiderara a sua primeira recusa a meu respeito? Interrogar acerca disto o piloto, teria sido trabalho baldado. Demais, conhecia ele os segredos do seu superior? Isso não se prendia diretamente com o seu serviço, e, segundo notei, ele não se ocupava de nada que fosse estranho às suas funções... Além disso, que

poderia eu apurar das respostas monossilábicas de Jem West? Entre nós, durante as refeições, não se trocavam dez palavras. Devo contudo confessar que surpreendi amiúde o olhar do capitão Guy fixando-se em mim com insistência, como se tivesse desejo de interrogar-me. Parecia querer saber algo da minha pessoa, posto fosse eu, pelo contrário, quem tinha de saber dele alguma coisa. Mas a verdade é que ambos ficávamos calados.

Quanto ao mais, se eu sentisse grande apetite de cavaquear, bastaria dirigir-me ao bossman, que estava sempre pronto para moer frases. Mas que poderia ele dizer que me interessasse? Acrescentarei que não deixava nunca de me dar os bons-dias e as boas-tardes com invariável prolixidade. E, também, se eu estava satisfeito com a vida de bordo... Se eu gostava da cozinha... Se eu queria que ele recomendasse certos pitéus à sua moda ao trigueiro lá do Endicott...

— Obrigada, Hurliguerly — respondi-lhe eu um dia. — Basta-me o trivial, que é muito regular. Eu não era mais bem tratado em casa do seu amigo do Corvo Verde.

— Ah! sim, o Atkins! Um excelente homem, na realidade...

— Essa é também a minha opinião.

— Mas, Sr. Jeorling, pode lá perceber-se que ele, um americano, se resolvesse a exilar-se nas Kerguelen com a própria família?

— E por que não?

— E que se considere aí feliz!

— Isso já não é de todo mau, bossman!

— Pois sim; mas se Atkins me propusesse trocar com ele, seria mal recebido, pois gabome de ter uma vida regalada!

— Estimo muito, Hurliguerly!

— Oh! O Sr. Jeorling sabe muito bem que isto de se pôr a nossa mala a bordo dum navio como a Halbrane É uma coisa que se não repete duas vezes na vida! O nosso capitão não fala muito, verdade é, o piloto ainda faz menos uso da língua...

— Já dei por isso — disse eu.

— Mas não é coisa que faça ao caso, Sr. Jeorling. São dois bravos marinheiros, posso assegurar-lho! Há-de ter saudades deles quando desembarcar em Tristão da Cunha...

— As suas palavras dão-me muita satisfação, bossman.

— E repare que isso não tardará com esta brisa de sudoeste pela alheta e um mar que só se encapela quando os cachalotes e as baleias se permitem agitá-lo por baixo! Há-de ver, Sr. Jeorling, que não gastamos dez dias em devorar as mil e trezentas milhas que separam as Kerguelen da ilha do Príncipe Eduardo, nem quinze para as duas mil e trezentas que separam esta última de Tristão da Cunha!

— É inútil fazer cálculos, bossman, salvo se o tempo se conservar assim, pois lá diz o ditado: «se alguém quiser mentir, bastará falar do tempo...»

Seja, porém, como for, o tempo estava seguro. Por isso, a 18 de agosto, pela tarde, o gajeiro avistava, pela amura de estibordo, as montanhas do grupo Crozet, por 42 graus 59 de latitude sul e 48 graus de longitude Este, cuja altura está compreendida entre seiscentas e setecentas toesas acima do nível do mar.

No dia seguinte, deixaram-se por bombordo as ilhas Possession e Schveine, somente frequentadas durante o tempo de pesca. Agora eram seus únicos habitantes os pássaros, exércitos de pinguins, bandos de chionis, cujo vôo é parecido com o do pombo, e que, por

esse motivo, receberam dos pescadores de baleias o nome de white-pigeons (pombos brancos). Pelo meio das caprichosas calhetas do monte Crozet derramava-se o transbordamento das geleiras em espessos lençóis, lentos e rugosos, e durante algumas horas pude ainda ver os seus contornos.

Depois, tudo se reduziu a uma derradeira alvura, traçada na linha do horizonte, sobre a qual se arredondavam as nevadas cúpulas do grupo.

A aproximação de uma terra é um incidente marítimo que tem sempre um certo interesse. Ocorreu-me, pois, a ideia de que o capitão Len Guy aproveitaria esse ensejo para romper o silêncio em que se mantinha junto do seu passageiro... Mas não o fez.

Se os prognósticos do bossman se realizassem, não decorreriam três dias sem que os píncaros da ilha Marion e da ilha do Príncipe Eduardo se avistassem a noroeste. Além disso, não se devia fazer ali escala. Era nas aguadas de Tristão da Cunha que a Halbrane renovaria a sua provisão de água doce.

Julguei, portanto, que a monotonia da viagem não seria interrompida por nenhum incidente marítimo ou de qualquer outra espécie.

Ora, na manhã de 20, estando Jem West de quarto, depois da primeira observação do ângulo horário, o capitão Len Guy, com extrema surpresa minha, subiu ao convés, seguiu por um dos corredores laterais do tombadilho, e veio postar-se à ré, em frente das bitáculas, cujo quadrante fitava, mais por hábito que por necessidade.

Sentado junto da popa, teria o capitão sequer me visto? Eu não podia dizê-lo, pois é certo que a minha presença não lhe atraiu a atenção.

Pela minha parte, estava resolvido a importar-me tanto com ele quanto ele se importava comigo, e conservei-me encostado à meia-laranja.

O capitão Len Guy deu alguns passos, debruçou-se sobre o bordo, observou a longa esteira que se desenrolava à popa, qual estreita e arredondada fita branca, tão rápidos fugiam à resistência das águas os delgados da escuna.

No referido lugar não se podia então ser ouvido senão por uma única pessoa, o homem do leme, o marinheiro Stern, que aguentava a Halbrane contra as caprichosas guinadas que o andamento no mar alto produz.

Parecia, no entanto, que o capitão Len Guy não se inquietava com isso, pois aproximou-se de mim e, com a voz sempre ciciosa, declarou: — Senhor, desejava falar-lhe.....

— Estou pronto a escutá-lo, capitão.

— Não o fiz até agora... porque sou, de natureza, pouco falador... confesso. Além disso, minha conversa seria de seu interesse?

— Faz mal em duvidar disso — repliquei eu —, porque a sua conversa não pode deixar de ser das mais interessantes.

Julgo que não viu nada de irônico nesta resposta, ou, pelo menos, não o deu a perceber.

— Sou todo ouvidos — acrescentei.

O capitão Len Guy pareceu hesitar, cuja atitude era a de um homem que, ao estar para falar, pergunta a si próprio se não faria melhor em calar-se...

— Sr. Jeorling — perguntou ele —, já procurou saber o motivo por que eu mudei de opinião a respeito do seu embarque?

— Procurei, com efeito, mas não encontrei, capitão. Talvez que, na sua qualidade de inglês... por não se tratar de um compatriota... não quisesse...

— Pois foi por ser americano que me decidi, por fim, a oferecer-lhe passagem a bordo da Halbrane...

— Por eu ser americano? — observei, muito surpreso com a declaração.

— E também... por ser de Connecticut...

— Confesso que não compreendo ainda.

— Mas compreenderá se eu acrescentar que, visto ser de Connecticut, visto haver visitado a ilha Nantucket, me lembrei que era possível que tivesse conhecido a família de Arthur Gordon Pym...

— O herói de quem o nosso Edgar Poe citou as surpreendentes aventuras?

— Esse mesmo, narração que ele fez segundo o manuscrito em que estavam relatados os pormenores da extraordinária e desastrosa viagem pelo oceano Antártico!

Julguei sonhar ao ouvir o capitão Len Guy falar deste modo! Acreditava ele por ventura na existência de um manuscrito de Arthur Pym? Era esse romance de Edgar Poe outra coisa que não uma fábula, uma obra de imaginação do mais prodigioso dos escritores americanos? E aqui um homem de bom senso admitia essa ficção como realidade.

Quedei-me sem resposta, perguntando-me com quem estava eu metido.

— Ouviu minha pergunta? — continuou o capitão Len Guy com insistência.

— Sim... capitão... claro... mas não sei se entendi bem...

— Vou repeti-la em termos mais claros, pois desejo uma resposta formal.

— Terei muito prazer em dá-la.

— Pergunto eu se, em Connecticut, o Sr. Jeorling conheceu pessoalmente a família Pym, que residia na ilha Nantucket, e estava aliada a um dos mais dignos procuradores do Estado. O pai de Arthur Pym, fornecedor da Marinha, passava por ser um dos principais negociantes da ilha. E foi o dito seu filho quem se entregou às aventuras cujo extraordinário encadeamento Edgar Poe recolheu da própria boca...

— E ainda podia ser mais extraordinário, capitão, porque toda essa história saiu da poderosa imaginação do nosso grande poeta. É uma pura invenção...

— Uma pura invenção!

E, ao pronunciar estas três palavras, o capitão Len Guy, encolhendo três vezes os ombros, fez de cada sílaba a nota de uma escala ascendente.

— De modo que — prosseguiu ele — o Sr. Jeorling não acredita...

— Nem eu nem ninguém acredita nisso, e o capitão Guy é o primeiro a quem ouço sustentar que se não trata de um simples romance.

— Dê-me pois atenção, Sr. Jeorling, porquanto se o aludido "romance" — como o senhor o chama — só apareceu no ano passado, nem por isso deixa de ser uma realidade. Embora hajam decorrido onze anos dos fatos que ele narra, esses fatos não são menos verdadeiros, e tem-se estado sempre à espera da chave de um enigma, que talvez não seja nunca decifrado.

Não havia dúvida, o capitão Len Guy estava doido, e sob a influência duma crise que produzia o desequilíbrio das suas faculdades mentais! Por felicidade, se ele perdera a razão, Jem West substitui-lo-ia sem custo no comando da escuna! Quanto ao mais, eu tinha apenas que atendê-lo, e, como conhecia o romance de Edgar Poe por o ter lido e relido, estava com curiosidade de saber o que o capitão ia dizer a tal respeito.

— Ora, Sr. Jeorling — continuou num tom mais acentuado, com um tremor na voz que denotava uma certa irritação nervosa —, é possível que não conhecesse a família Pym, que

não a tivesse visto nem em Hartford nem em Nantucket...

— Nem em parte alguma — respondi eu.

— De acordo! Mas abstenha-se de afirmar que esta família não existiu, que Arthur Pym é uma personagem fictícia, que a sua viagem não passa duma viagem imaginária! Sim... abstenha-se disso, como de negar os dogmas da nossa santa religião!

Porventura um homem — fosse ele Edgar Poe — teria sido capaz de inventar, de criar...

Pela crescente exaltação do capitão Len Guy, compreendi a necessidade de respeitar a sua monomania e de aceitar sem discussão as suas asserções.

— Agora — afirmou ele —, fixe bem os fatos que vou determinar. São fatos probantes, e fatos não se discutem. O senhor tirará deles as conclusões que lhe aprouver. Não me fará arrepende, assim o espero, de o ter recebido a bordo da Halbrane!

Por tal guisa advertido, e bem advertido, fiz um sinal de aquiescência. Fatos... saídos de um cérebro meio desarranjado! Isto prometia ser curioso.

— Quando, em 1838, apareceu a narrativa de Edgar Poe, achava-me eu em Nova Iorque — prosseguiu o capitão Len Guy. — Parti logo para Baltimore, onde residia a família do escritor, cujo avô servira como general-instrutor durante a Guerra da Independência. O senhor admite, suponho eu, a existência da família Poe, no caso de negar a da família Pym...

Fiquei calado, preferindo não interromper as divagações do meu interlocutor.

— Informe-me — prosseguiu ele — de certas minúcias relativas a Edgar Poe. Indicaram-me seu endereço... Fui a casa dele. Primeira decepção: havia saído da América naquela mesma época, e não pude falar-lhe...

Ocorreu-me a ideia de que tinha sido pena, por isso que, dada a maravilhosa aptidão que Edgar Poe possuía para o estudo dos diversos gêneros de loucura, encontraria em o nosso capitão um dos tipos mais distintos!

— Por infelicidade — continuou o capitão Len Guy —, como não pude encontrar Edgar Poe, era-me impossível saber de Arthur Gordon Pym... Tinha morrido este esforçado arroteador das terras antárticas. Conforme o declara o poeta americano no final da narrativa das suas aventuras, esta morte era já do domínio público, mercê das informações da imprensa periódica.

Era verdade o que dizia o capitão Len Guy; porém, de conformidade com todos os leitores do romance, pensava eu que esta declaração fosse apenas um artifício do romancista. Na minha opinião, não querendo ou não se atrevendo a desenredar uma tão extraordinária obra de imaginação, o autor deu a entender que os três últimos capítulos lhe não haviam sido entregues por Arthur Pym, o qual terminara a existência em circunstâncias inesperadas e deploráveis, que, demais, não se tornaram conhecidas.

— Portanto — prosseguiu o capitão Len Guy —, como Edgar Poe estava ausente, como Arthur Pym havia morrido, restava-me apenas uma coisa a fazer: procurar o homem que fora companheiro de viagem de Arthur Pym, o tal Dirk Peters, que o seguira até à última cortina das altas altitudes, e donde ambos haviam regressado... de que modo? Ninguém sabe! Tinham efetuado juntos o seu regresso? A narrativa não era explícita a este respeito, além de que, em vários lugares, havia pontos obscuros. Edgar Poe, todavia, declarou que Dirk Peters estava em condições de fornecer alguns informes relativos aos capítulos desconhecidos e que este residia em Illinois. Parti logo para o Ilinóis... Cheguei a Springfield... tratei de saber do homem, que era mestiço de origem indiana e residia na cidade de Vandalia. Fui lá...

— E ele não estava? — não pude deixar de observar, sorrindo.

— Segunda decepção: não estava, ou, melhor, já não estava ali, Sr. Jeorling. Havia decorrido um certo número de anos que o dito Dirk Peters abandonara o Ilinóis e também os Estados Unidos, a fim de ir... ninguém sabe para onde. Eu, porém, conversei em Vandalia com pessoas que o conheceram, que foram as últimas com quem ele convivera, e às quais contara as suas aventuras — sem nunca se ter explicado acerca do desenlace, de que ele agora era o único que possuía o segredo!

Como... o tal Dirk Peters havia existido... existia ainda? Estive a ponto de me deixar levar pelas declarações tão categóricas do comandante da Halbrane! Sim! Um instante mais, e tocava-me a vez de me deixar iludir!

Ora aqui está quão absurda história ocupava o cérebro do capitão Len Guy, a que estado de desarranjo intelectual ele havia chegado!

Afigurava-se-lhe ter feito esta viagem ao Ilinóis, ter visto, em Vandalia, as pessoas que haviam conhecido Dirk Peters! Que esta personagem tivesse desaparecido, acredito-o piamente, porquanto nunca existira... a não ser no cérebro do romancista!

Eu não queria, contudo, contrariar o capitão Len Guy, nem provocar o recrudescimento da crise.

De maneira que tinha ares de quem dava crédito a tudo quanto ele dizia, até quando acrescentou:

— O Sr. Jeorling não ignora que, na narrativa, se fala de uma garrafa que o capitão da escuna em que Arthur Pym estava embarcado depusera junto de um dos píncaros das Kerguelen?

— Refere-se isso, com efeito — respondi eu.

— Pois bem, numa das minhas últimas viagens procurei o lugar onde devia estar a garrafa... e encontrei-a lá, bem como a carta... e essa carta dizia que o capitão e o seu passageiro Arthur Pym faziam todos os esforços para atingir os extremos limites do oceano Antártico...

— Encontrou a tal garrafa? — perguntei com vivacidade.

— Encontrei.

— E a carta... que ela continha...?

— Também.

Fitei o capitão Len Guy... Ele acreditava positivamente, como certos monomaníacos, nas suas próprias invenções. Estive vai não vai a replicar-lhe: «Vejam a carta...», mas caí em mim... Não seria capaz ele próprio de a ter escrito?

E por isso respondi: — É deveras para lamentar, capitão, que não pudesse ter encontrado Dirk Peters em Vandalia! Este, pelo menos, teria contado em que condições Arthur Pym e ele haviam regressado de tão longe... Recordá-se... no penúltimo capítulo... estão ambos lá... a lancha encontra-se em frente da brumal cortina branca... E precipita-se na voragem da catarata... no momento em que se ergue uma figura humana velada... Depois, não há mais nada... nada mais que duas linhas de reticências...

— Com efeito, Sr. Jeorling, é muito para contrariar que eu não tivesse podido deitar a mão a Dirk Peters! Havia de ser muito interessante saber-se qual fora o desfecho de tais aventuras! Mas, na minha opinião, parecia-me talvez mais interessante inteirar-me da sorte dos outros...

— Dos outros? — exclamei, malgrado eu mesmo. — De quem pretende falar?

— Do capitão e dos tripulantes da escuna inglesa que recolhera Arthur Pym e Dirk Peters, após o medonho naufrágio do "Grampus", e que os conduziu pelo oceano polar até à ilha Tsalal...

— Sr. Len Guy — fiz eu notar, como se já não pusesse em dúvida a realidade do romance de Edgar Poe —, não haviam morrido todos aqueles homens, uns por ocasião do assalto da escuna, outros num desmoronamento artificial, que os indígenas de Tsalal provocaram?

— Quem sabe, Sr. Jeorling? — replicou o capitão Len Guy com a voz alterada pela comoção —, quem sabe se algum desses infelizes não sobreviveu ao morticínio e ao desmoronamento, se um ou mais não puderam escapar aos indígenas?

— Em todo caso — retorqui —, seria difícil admitir que os sobreviventes estivessem ainda vivos.

— E por quê?

— Porque os fatos de que tratamos passaram-se há mais de onze anos.

— Sr. Jeorling — respondeu o capitão Len Guy —, visto que Arthur Pym e Dirk Peters terem podido avançar para lá da ilha Tsalal, mais além do paralelo de oitenta e três graus; visto que encontraram meio de viver no centro daquelas paragens antárticas: porque é que os companheiros, se porventura não sucumbiram aos golpes homicidas dos indígenas, se foram tão felizes que alcançaram as ilhas próximas, vislumbradas no decurso da viagem....porque é que esses desgraçados compatriotas meus não haviam de conseguir viver ali? Porque é que alguns deles não hão-de esperar ainda o seu resgate?

— A compaixão o induz a erro, comandante — volvi eu, procurando sossegá-lo. — Seria impossível.

— Impossível! E se se apresentasse um fato, se uma testemunha irrecusável fizesse um apelo aos homens civilizados, se se descobrisse uma prova material da existência desses infelizes, abandonados nos confins da terra, a quem falasse em ir em seu socorro, ousar-se-ia gritar: — Impossível?

E nesse momento — o que me inibiu de lhe responder, pois não me teria ouvido —, o capitão Len Guy, cujo peito arquejava com soluços, voltou-se para o sul, como se procurasse penetrar com a vista os horizontes longínquos.

Numa palavra, eu perguntava de mim para mim a que circunstância de sua vida devia o capitão Len Guy o ter caído em semelhante turbacão mental. Seria por um sentimento de humanidade, levado até à loucura, que se interessava por naufragos que não haviam nunca naufragado!... pela simples razão de que não tinham nunca existido?

Aproximou-se então o capitão Len Guy, pôs-me uma das mãos no ombro, e segredou-me ao ouvido: — Não, Sr. Jeorling, não, ainda se não disse a última palavra a respeito da tripulação da "Jane"!

E retirou-se.

"Jane", no romance de Edgar Poe, era o nome da escuna que recolhera Arthur Pym e Dirk Peters nos destroços da "Grampus", e, pela vez primeira, acabava o capitão Len Guy de o pronunciar no final desta prática.

«Com efeito, pensava eu então, «o sobrenome Guy era também o do capitão da "Jane"... navio de nacionalidade inglesa como ele! Mas que prova isso, que conclusão se pretende tirar daí? O capitão da "Jane" nunca existiu, a não ser na imaginação de Edgar Poe, enquanto o da Halbrane está vivo... e bem vivo! Os dois só têm de comum o sobrenome Guy, muito vulgar na

Grã-Bretanha. Mas, agora me lembro, é sem dúvida a semelhança dos sobrenomes que perturba o cérebro do infeliz capitão! Imagina talvez pertencer à família do comandante da "Jane". Sim! Foi isto que o levou ao estado em que se encontra, e o motivo por que se compadece da sorte de náufragos imaginários!

Seria interessante saber se Jem West estava ao corrente da situação, se alguma vez o chefe lhe falara destas "extravagâncias" com que acabava de entreter-me. Isso, porém, era um assunto delicado, porquanto se prendia com o estado mental do capitão Len Guy.

Demais, com o piloto, qualquer conversação apresentava dificuldades e, além disso, no caso sujeito, oferecia certos perigos...

Por conseguinte, remeti-me ao silêncio. Não devia eu, entretanto, desembarcar em Tristão da Cunha, e a minha travessia a bordo da escuna não ia terminar em poucos dias? Mas, na verdade, que eu tivesse de encontrar-me um dia com um homem que aceita como realidades as ficções do romance de Edgar Poe, foi coisa que nunca esperei!

Dois dias depois, a 22 de agosto, logo aos primeiros alvares da aurora, tendo deixado por bombordo a ilha Marian e o vulcão que se ergue na extremidade meridional, a uma altitude de quatro mil pés, divisaram-se os primeiros lineamentos da ilha Prince Edward, por 46 graus 53 de latitude sul, e 37 graus 46 de longitude este. Ficou esta ilha a estibordo; depois, daí a doze horas, desapareceram nas brumas da noite os seus mais altos cumes.

No dia imediato, seguia a Halbrane com proa a noroeste, para o paralelo mais setentrional do hemisfério sul, que devia atingir no decurso desta viagem.

CAPÍTULO V

O ROMANCE DE EDGAR POE

Eis aqui a análise muito sucinta da célebre obra do romancista americano, a qual fora publicada em Richmond sob este título: Aventuras de Arthur Gordon Pym.

É indispensável resumi-la neste capítulo. Ver-se-á se existia motivo para duvidar que as aventuras deste herói de romance fossem imaginárias. E, além disso, entre os numerosos leitores daquela obra haveria um só que tivesse acreditado na sua realidade, a não ser o capitão Len Guy?

Edgar Poe pôs a narrativa na boca da personagem principal. Logo no prefácio do livro conta Arthur Pym que, no regresso da sua viagem aos mares antárticos, encontrou, entre os gentlemen da Virgínia que se interessavam pelos descobrimentos geográficos, Edgar Poe, então editor do "Southern Literary Messenger", em Richmond. Pelo que diz, Edgar Poe recebera dele autorização para publicar no seu periódico, "sob a capa da ficção", a primeira parte das suas aventuras. E como o público acolhera com fervor a publicação aludida, seguiu-se-lhe um volume, que compreendia a viagem inteira e que foi apresentado com a assinatura de Edgar Poe.

Conforme resultara da palestra que tive com o capitão Len Guy, Arthur Gordon Pym nascera em Nantucket, onde frequentara a escola de Nova Bedford até à idade de dezesseis anos. Tendo passado desta escola para a Academia de E. Romald, foi ali que se relacionou com o filho dum capitão de navio, Augustus Barnard, dois anos mais velho que ele. Este mancebo já tinha acompanhado seu pai numa baleeira pelos mares do Sul, e não cessava de Inflamar a imaginação de Arthur Pym, narrando-lhe a sua campanha marítima.

Foi, pois, da intimidade dos dois mancebos que nasceu a irresistível vocação de Arthur Pym para as viagens arriscadas e o instinto que o chamava mais especialmente para as altas zonas da Antártica.

A primeira temeridade de Augustus Barnard e de Arthur Pym foi uma excursão a bordo de um escalerzinho, o Ariel, embarcação de meia coberta, que pertencia à família do último. Uma tarde, ambos já um pouco ébrios, com tempo bastante frio do mês de Outubro, embarcaram às ocultas, largaram a vela estai, a vela grande, e, carregando em cheio, atiraram consigo para o alto mar, com brisa fresca de sudoeste.

Sobrevém uma violenta tempestade, na ocasião em que, ajudado pela vazante, o Ariel havia já perdido a terra de vista. Continuavam embriagados os dois imprudentes. Não ia ninguém ao leme, nem o pano estava rizado. Por isso, sob a ação de furiosas rajadas de vento, a mastreação foi pelos ares. Depois, um pouco mais tarde, apareceu um grande navio, que passou por cima do Ariel, como o Ariel poderia passar sobre uma pena flutuante.

Em seguida a esta colisão, dá Arthur Pym os mais circunstanciados pormenores acerca do salvamento do companheiro e dele, salvamento que foi efetuado em condições muito difíceis. Por fim, graças ao imediato do Pinguim, de New London, que apareceu no lugar do sinistro, os dois condiscípulos foram recolhidos meio mortos e levados para Nantucket.

Que esta aventura tem visos de verdade, que até seja verdadeira, não o contesto. Era um modo hábil de preparar os capítulos que iam seguir-se. Em rigor, também se pode aceitar como verdadeira a narrativa, que eles compreendiam, até ao dia em que Arthur Pym transpõe o círculo polar. Aqui opera-se uma sucessão de fatos, cuja admissibilidade não está em desacordo com a verossimilhança. Mas, para além do círculo polar, mais acima dos bancos de gelo naturais, o caso muda de figura, e, se o autor não fez obra de pura imaginação, dou licença que... Continuemos.

Esta primeira aventura não arrefecera de nenhuma maneira os dois mancebos. Arthur Pym cada vez se entusiasmava mais com as histórias marítimas que Augustus Barnard lhe contava, embora depois desconfiasse que continham "grandes exageros".

Decorridos oito meses sobre o caso do Ariel — Junho de 1827 —, a casa Lloyd e redenburg armou o brigue Grampus para a pesca da baleia nos mares do Sul. Era aquele brigue um calhambeque mal reparado, de que o Sr. Barnard, pai de Augustus, tinha o comando. Seu filho, que devia acompanhá-lo nesta viagem, convidou com instância Arthur Pym a que fosse consigo. Este não se fazia rogado; mas a família, sobretudo a mãe, não estava resolvida a deixá-lo ir.

Isto, porém, não era coisa que contivesse um rapaz afoito, pouco amigo de submeter-se à vontade paterna. As instâncias de Augustus abrasavam-lhe o cérebro, de modo que resolveu embarcar em segredo no Grampus, pois o Sr. Barnard não permitia de maneira nenhuma que ele desatendesse a proibição da família. E, dizendo ter sido convidado por um amigo para passar alguns dias na sua casa de New Bedford, despediu-se dos dois e pôs-se a caminho. Quarenta e oito horas antes da saída do brigue, tendo-se encafuado a bordo, ocupava um esconderijo, que lhe havia sido preparado por Augustus sem que o pai nem a tripulação o soubessem.

O camarote de Augustus Barnard tinha um alçapão que comunicava com o porão do Grampus, abarrotado de barris, fardos e centenas de objetos dum carregamento. Por este alçapão é que Arthur Pym entrara para o esconderijo, uma simples caixa de corredio num dos lados. Continha a referida caixa um colchão, cobertores, uma bilha de água, e, no tocante a mantimentos, bolacha, chouriços, uma perna de carneiro assada, algumas garrafas de cordiais e de licores, e também uma escrivaninha. Arthur Pym, munido duma lanterna, velas e fósforos, conservou-se três dias e três noites metido dentro do seu esconderijo. Augustus Barnard só pôde ir ter com ele na ocasião em que a Grampus estava aparelhando.

Uma hora depois começou Arthur Pym a sentir o balanço de bombordo a estibordo e a arfagem do brigue. contrafeito no fundo da acanhada caixa, saiu de dentro dela, e, guiando-se na escuridão por um cabo esticado, pelo porão adiante, até ao alçapão do camarote do discípulo, conseguiu desembaraçar-se do meio deste caos. Em seguida, tornando para a caixa, comeu e adormeceu.

Decorreram muitos dias sem que Augustus Barnard reaparecesse: ou não tinha podido voltar ao porão, ou não se atrevia a fazê-lo, receoso de denunciar a presença de Arthur Pym, e por entender que não era chegado o momento de confessar tudo ao Sr. Barnard.

Arthur Pym, entretanto, nesta atmosfera quente e viciada, começava a padecer. Turvavam-lhe o cérebro intensos pesadelos; sentia-se delirar. Debalde procurava, pelo meio do empacho do porão, algum lugar onde respirasse mais à vontade. Foi num desses pesadelos que julgou ver-se entre as garras dum leão dos trópicos, e, no paroxismo do pavor, ia-se traindo

pelos gritos, quando perdeu os sentidos.

A verdade é que ele não sonhava. Não era um leão que Arthur Pym sentia sobre o peito, era um cachorro de pelo branco, Tigre, o seu terra-nova, que fora introduzido a bordo por Augustus Barnard, sem que ninguém desse por isso, circunstância bastante inverossímil, havemos de concordar. Neste momento, o fiel animal, que pudera tornar a encontrar o dono, lambia-lhe a cara e as mãos com todas as mostras duma alegria singular.

Tinha pois o encarcerado um companheiro. Por desgraça, durante o delíquio, o referido companheiro bebera a água da bilha, e, quando Arthur Pym quis matar a sede, não encontrou nem uma gota. A lanterna apagara-se, pois o delíquio durara muitos dias. Não encontrando já nem fósforos nem velas, resolveu pôr-se de novo em contato com Augustus Barnard. Saindo do esconderijo, foi agarrado ao cabo até o alçapão, não obstante achar-se muito debilitado pela falta de ar e de alimento. No decurso do trajeto, porém, uma das caixas do porão, desequilibrada pelo balanço, veio a cair e tapou-lhe a passagem por completo. Empregou um sem-número de esforços para vencer este obstáculo, mas sem resultado, porquanto, tendo chegado ao alçapão, que ficava por baixo do camarote de Augustus Barnard, não pôde levantá-lo. Com efeito, introduzindo a faca por uma das juntas, percebeu que uma pesada massa de ferro descansava sobre o alçapão, como se houvessem querido inutilizá-lo. Teve pois de renunciar ao seu projeto, e, arrastando-se a custo, voltou para a caixa, onde caiu exânime, enquanto o Tigre o cobria de carícias.

Morriam de sede o dono e o cão, e, quando Arthur Pym estendeu a mão, encontrou o Tigre deitado de costas, com as patas no ar e uma leve ereção de pêlo. Foi ao apalpá-lo que a mão encontrou um cordel em volta do corpo do cão. Estava preso ao mesmo cordel uma tira de papel, precisamente debaixo da espádua esquerda do animal.

Arthur Pym sentia-se no último grau de fraqueza. Tinha quase aniquilado a vida intelectual. Depois de muitas tentativas infrutíferas para arranjar luz, conseguiu todavia friccionar o papel com um bocado de fósforo, e, então — não se pode fazer ideia da minuciosidade dos pormenores que se sucedem na narrativa de Edgar Poe —, apareceram estas horrorosas palavras, as últimas sete palavras duma frase, que uma tênue claridade iluminou durante um quarto de segundo:... sangue... conserva-te escondido... tua vida depende disso...

Imagine-se a situação de Arthur Pym, no fundo de um porão, entre as paredes da caixa, sem luz, sem água, tendo apenas bebidas ardentes para mitigar a sede! E esta recomendação, que lhe chegava, que se conservar oculto, precedida pela palavra "sangue", palavra suprema, a rainha das palavras, tão cheia de mistérios, de sofrimentos, de terror! Teria pois havido luta a bordo da Grampus? O brigue haveria sido abordado por piratas? Estava a tripulação sublevada? Desde quando duraria este estado de coisas?

Poder-se-á supor que, no horrendo desta situação, esgotasse o prodigioso poeta os recursos da sua imaginação narrativa. Isto não é nada! O arroubamento genial e sem limites transportou-o mais longe ainda! Com efeito, eis que Arthur Pym, estendido no colchão, presa duma espécie de letargia, ouve um sibilo singular, um resfôlego contínuo... É o Tigre, que está ofegante... É o Tigre, cujos olhos cintilam na treva... é O Tigre... rangendo os dentes... é o Tigre que está acometido de raiva... No auge do pavor, Arthur Pym readquire forças bastantes para escapar às mordeduras do animal, que se atira a ele. Depois de se ter envolvido num cobertor, que as presas do cão dilaceraram, saltou para fora da caixa, cuja porta tornou a fechar sobre o Tigre, o qual se debatia lá dentro... Conseguiu Arthur Pym introduzir-se por

entre a carga do porão. Com a cabeça a andar à roda, caiu de encontro a um fardo, ao passo que a faca lhe escapava da mão. No momento em que ia talvez exalar o último suspiro, ouviu pronunciar o seu nome. Uma garrafa de água, que lhe chegaram à boca, esvaziou-se entre os seus lábios. Tornava à vida, depois de ter aspirado demoradamente, de um só fôlego, esta esquisita bebida, a mais perfeita de todas as delícias... Passados alguns instantes, num canto do porão, à claridade duma lanterna de furta-fogo, relatava Augustus Barnard ao condiscípulo O que se passara a bordo depois da saída do brigue.

Até aqui, repito-o, a história é admissível; mas nós não chegamos ainda aos acontecimentos cuja «extraordinariedade» desafia a própria verossimilhança. Subia a trinta e seis homens a tripulação do «Grampus», compreendendo Barnard pai e filho. Depois que o brigue se fez de vela, 20 de Junho, muitas foram as tentativas de Augustus Barnard para ir ter com Arthur Pym ao seu esconderijo, tentativas baldadas. Passados três ou quatro dias, rebentava a bordo uma revolta. Era mestre-cuco quem a capitaneava, um negro como o Endicott da «Halbrane», o qual, dou-me pressa em dizê-lo, nunca foi homem para rebeliões. Relatam-se no romance numerosos incidentes, carnificinas que custaram a vida à maior parte dos marinheiros que se conservaram fiéis ao capitão Barnard, e depois, nas alturas das Bermudas, abandono, numa lanchinha, do referido capitão e de quatro homens, de quem se não devia mais ter notícias. Não haveria sido poupado Augustus Barnard, sem a intervenção do mestre cordoeiro do «Grampus», Dirk Peters, mestiço da tribo dos Upsarocas, filho de um negociante de peles e de uma indiana das Montanhas Negras, o mesmo que o capitão Len Guy pretendia encontrar em Illinois... O «Grampus» tomou o rumo de sudoeste, sob o comando do piloto, cuja intenção era entregar-se à pirataria, cruzando os mares do Sul. No decurso destes acontecimentos, bem quisera Augustus Barnard ir ter com Arthur Pym. Haviam-no, porém, encerrado no castelo de proa, de ferros nos pés e nas mãos, afirmando-lhe mestre-cuco que só sairia de lá «quando o brigue já não fosse brigue». Alguns dias depois, todavia, conseguiu Augustus Barnard livrar-se das algemas, arrombar o delgado tabuado que o separava do porão, e, seguido de Tigre, procurou chegar até ao esconderijo do condiscípulo. Se bem que o não conseguira, o cão, por felicidade, havia "sentido" Arthur Pym, o que sugeriu a Augustus Barnard a ideia de prender ao pescoço do Tigre um bilhete, que continha estas palavras: Escrevo à pressa com sangue... conserva-te escondido... tua vida depende disso... Arthur Pym, como se sabe, recebera este bilhete. Foi então que, morto de fome e de sede, se introduziu no porão, onde o ruído da faca, que lhe escapou das mãos, atraiu a atenção do condiscípulo, o qual pôde enfim chegar até junto dele. Depois de ter narrado tudo isto a Arthur Pym, mais disse Augustus Barnard que reinava a discórdia entre os revoltosos. Queriam uns levar o «Grampus» para as ilhas de Cabo Verde; outros, e Dirk Peters pronunciava-se no mesmo sentido, estavam decididos a soltar o rumo para as ilhas do Pacífico. Quanto ao cão Tigre, não estava raivoso, como o dono julgara. Fora uma sede devoradora que o pusera naquele estado de sobre excitação, e, enfim, talvez pudesse ser acometido de hidrofobia se Augustus Barnard o não levasse para o castelo de proa. Vem depois uma importante descrição acerca da arrumação da carga nos navios mercantes, de cuja arrumação depende em grande parte a segurança de bordo. Ora, tendo-sido feita a do— «Grampus» com muito pouco cuidado, deslocando-se as mercadorias a cada balanço do navio, não podia, sem risco, Arthur Pym permanecer no porão. Por felicidade, com a ajuda de Augustus Barnard, conseguiu chegar a um canto da coberta, perto do alojamento da marinagem. Não cessava, porém, o mestiço de

testemunhar grande amizade ao filho do capitão Barnard. De modo que este perguntava, de si para consigo, se se não poderia contar com o mestre cordoeiro para tentar reaver a posse do navio. Treze dias eram decorridos após a saída de Nantucket, quando, a 4 de Julho, uma violenta discussão rebenta entre os revoltosos, a propósito dum briguezito que se via ao largo, e que uns queriam perseguir, outros deixar escapar. Daí resultou a morte dum marinheiro, que pertencia ao partido de mestre-cuco, ao qual se ligara Dirk Peters, partido contrário ao do piloto. Não havia mais que treze homens a bordo, contando com Arthur Pym. Foi nestas circunstâncias que uma horrorosa tempestade veio açoitar aquelas paragens. O «Grampus», sacudido com fúria, fazia água pelas costas. Fez-se mister dar à bomba constantemente e resguardar a roda de proa com uma vela para que se não alagasse. Amainara a tempestade a 9 de Julho, e nesse dia, tendo Dirk Peters manifestado a intenção de se desfazer do piloto, Augustus Barnard prometeu-lhe o seu concurso, sem lhe revelar, contudo, a existência de Arthur Pym a bordo. No dia seguinte, um dos marinheiros fiéis a mestre-cuco, de nome Rogers, morria em meio de espasmos, e não se pôs em dúvida que o piloto o envenenara. Contava então mestre-cuco apenas quatro homens — Dirk Peters era um deles. O piloto tinha cinco e provavelmente acabaria por suplantar o outro partido. Não havia uma hora a perder. De sorte que, tendo declarado o mestiço a Augustus Barnard ser chegado o momento de operar, este então contou-lhe tudo quanto dizia respeito a Arthur Pym. Ora, enquanto ambos se ocupavam dos meios a empregar para reaver a posse do navio, um irresistível pé-de-vento fê-lo adornar. O «Grampus» não-se endireitou sem ter metido enorme porção de água; mas depois conseguiu pôr-se de capa com o traquete nos rizes.

Pareceu favorável a ocasião para ferir a luta, embora os revoltosos tivessem feito as pazes entre si. E, contudo, o alojamento apenas tinha três homens, Dirk Peters, Augustus Barnard e Arthur Pym, enquanto na câmara havia nove. O mestre cordoeiro era o único que possuía duas pistolas e uma faca de marujo. Daí a necessidade de proceder com prudência. Arthur Pym, cuja existência a bordo os revoltosos não podiam suspeitar, lembrou-se então duma artimanha, que tinha alguma probabilidade de bom êxito. Como o cadáver do marinheiro envenenado jazia ainda sobre o convés, parecia-lhe que, vestindo-se com a sua roupa, se se apresentasse no meio da maruja supersticiosa, podia ser que o pavor os pusesse à mercê de Dirk Peters...

Era noite escura quando o mestiço se dirigiu para ré. Dotado duma força prodigiosa, deitou-se ao homem do leme e, de um só ímpeto, mandou-o pela borda fora. Juntaram-se logo a ele Augustus Barnard e Arthur Pym, ambos armados com picotas da bomba. Deixando Dirk Peters no lugar do timoneiro, Arthur Pym e o condiscípulo, aquele disfarçado de modo que aparentava ser o morto, foram postar-se perto da gaiuta da escotilha da câmara. O piloto, mestre-cuco, todos estavam ali, uns dormindo, outros bebendo ou falando, de pistolas e espingardas à mão. Causava grande confusão a tempestade e tornava-se difícil estar de pé no convés.

Neste momento, deu o piloto ordem de ir chamar Augustus Barnard e Dirk Peters, ordem que foi transmitida ao homem do leme, o qual não era outro senão o mestre cordoeiro. Este e Barnard filho desceram à câmara, onde não tardou que Arthur Pym aparecesse.

Foi prodigioso o efeito desta aparição. Apavorado com a ressurreição do marinheiro, ergue-se o piloto, agita as mãos no ar e cai redondamente morto. Deita-se então aos outros Dirk Peters, ajudado por Augustus Barnard, Arthur Pym e pelo Tigre.

Daí a alguns instantes, estavam todos mortos, à paulada ou por estrangulamento, exceto o

marujo Richard Parker, a quem se poupou a vida. E agora, na força da tormenta, eram eles apenas quatro para governar o brigue, adornado em excesso com sete pés de água no porão. Foi mister cortar o mastro grande, e, ao romper da manhã, arriar o mastro de traquete. Medonho dia, e noite ainda mais medonha! Se Dirk Peters e os três companheiros não se tivessem amarrado muito bem aos restos do guindaste, haveriam sido levados por um golpe de mar, que meteu dentro as escotilhas do «Grampus».

Segue-se depois, no romance, a minuciosa série de incidentes que uma tal situação devia produzir, desde 14 de Julho até 7 de Agosto: perda dos mantimentos no porão inundado de água;

arribada de um brigue misterioso, o qual, atulhado de cadáveres, empesta a atmosfera e passa, semelhando enorme ataúde, à mercê dum vento mortífero; torturas que a fome e a sede causam; impossibilidade de chegar ao paiol dos mantimentos; o deitar das sortes, em que o destino decide seja sacrificado Richard Parker para salvar a vida aos outros três; morte deste desgraçado, consumada por Dirk Peters... devorado... Em suma, alguns alimentos, um presunto, uma ancoretta de azeitonas, são retirados do porão, depois uma tartaruginha... Com o deslocamento da carga, vai o «Grampus» adornando cada vez mais. As torturas causadas pela sede, com o calor horroroso que abrasa estas paragens, chegam ao último grau que um homem pode suportar. Morre Augustus Barnard a 1 de Agosto... Soçobra o brigue na noite de 3 para 4... Arthur Pym e Dirk Peters, refugiados sobre a quilha, são constrangidos a sustentarem-se de cirrópodes com que o casco está coberto, no meio de cardumes de tubarões que os espreitam... Por fim aparece a escuna «Jane», de Liverpool, capitão William Guy, quando os náufragos do «Grampus» haviam descaído cerca de vinte e cinco graus para o sul.

Não repugna à razão, evidentemente, o admitir a realidade de tais fatos, posto que a intensidade das situações esteja guindada aos últimos limites, o que não é para surpreender na pena prestigiosa do poeta americano. Mas, a contar deste momento, ver-se-á se se atendeu à menor verossimilhança na sucessão dos incidentes que vão seguir-se.

Arthur Pym e Dirk Peters, recolhidos a bordo da escuna inglesa, foram muito bem tratados. Quinze dias depois, restabelecidos dos seus sofrimentos, já se não recordavam de os ter tido- «tal é a conformidade do poder do esquecimento com a força do contraste». A «Jane», com alternativas de bom e de mau tempo, passa à vista da ilha do Príncipe Eduardo a 13 de Outubro,

depois pelas ilhas Crozet em direção oposta à da «Halbrane», e em seguida pelas ilhas Kerguelen, que eu acabara de deixar haviam decorridos onze dias.

Empregaram-se três semanas na caça das focas, de que a escuna meteu bom carregamento. Foi durante esta escala que o capitão da «Jane» colocou a garrafa na qual o seu homônimo da «Halbrane» pretendia ter encontrado a carta em que William Guy anunciava a intenção de devassar os mares austrais.

A 12 de Novembro, deixa a escuna as Kerguelen e continua a seguir por oeste para Tristão da Cunha, como nós fazíamos neste momento. Abicando à ilha quinze dias depois, permanece ali uma semana, e, em data de 5 de Dezembro, sai para reconhecer as Auroras por 53 graus 15 de latitude sul e 47 graus 58 de longitude oeste, ilhas que se não consegue encontrar e com que ela não topou.

A 12 de Dezembro, aproa a «Jane» para o polo antártico. A 29, determinação dos primeiros icebergs para além do septuagésimo terceiro grau e reconhecimento dos bancos de

gelo.

Desde o dia 1 até 14 de Janeiro de 1828, evoluções difíceis, passagem do círculo polar por meio dos gelos, dobrando em seguida aqueles bancos, e navegação pela superfície de um mar livre, o famoso mar livre, descoberto por 81 graus 21 de latitude sul e 42 graus de longitude oeste, cuja temperatura era de 47 Fahrenheit (8,33 C. acima de zero), e a da água 34 (1,11 C. acima de zero).

Edgar Poe, havemos de convir, está em plena fantasia. Nunca nenhum navegador subiu a semelhantes altitudes — nem o próprio capitão James Weddell, da marinha britânica, que não passou sequer além do paralelo de setenta e quatro graus, em 1822.

Se, porém, esta proeza da «Jane» é já difícil de admitir, quanto o não serão mais os incidentes que se seguem E, estes extraordinários incidentes, relata-os Arthur Pym — ou por outra, Edgar Poe — com uma inconsciente singeleza, que a ninguém oferece equívoco. Em verdade, ele não duvidava de chegar até ao polo!

Antes do mais, não se vê um só iceberg naquele mar fantástico. Inúmeros bandos de pássaros adejam à sua superfície, entre outros, um pelicano, que cai morto com um tiro de espingarda... Encontra-se um bloco de gelo — havia, pois, disso ainda? —, um urso da espécie ártica, e de dimensões ultragigantescas... Por fim vê-se terra pela amura de estibordo. É um ilhote de uma légua de circunferência, ao qual foi dado o nome de ilhote Bennet, em honra do sócio do capitão na propriedade da Jane.

O aludido ilhote fica situado por 82 50 de latitude sul e 42 20 de longitude oeste, diz Arthur Pym no seu diário. Peço aos hidrógrafos que não levantem o mapa das paragens antárticas sobre dados tão fantásticos!

Como era natural, à medida que a escuna avançava para o sul, diminuía a variação da agulha, e ao mesmo tempo ia-se amenizando a temperatura do ar e da água, com céu claro e brisa certa de alguns pontos do norte.

Por desgraça, haviam-se declarado sintomas de escorbuto entre a marinhagem, e talvez que, se não fora a insistência de Arthur Pym, o capitão William Guy tivesse retrocedido.

Como é óbvio, nesta latitude e no mês de Janeiro, goza-se de um dia perpétuo, e, por isso, fez bem a «Jane» em continuar a sua arriscada campanha, porquanto, a 18 de Janeiro, por 83 graus 20 de latitude e 43 graus 5 de longitude, avistava-se terra.

Era uma ilha pertencente a um numeroso grupo, que se perde para oeste. Aproximando-se dela, a escuna fundeu com seis braços. Arriaram-se os escaleres. Arthur Pym e Dirk Peters entraram

para um deles, que só parou em presença de quatro canoas, cheias de gente armada — «gente estrangeira», diz a narrativa.

Estrangeiros, com efeito, os tais indígenas pretos de azeviche, vestidos com a pele dum animal preto, e que tinham horror instintivo à «cor branca». Pergunto de mim para mim até que ponto devia chegar semelhante horror no Inverno? A neve, se caía, era pois preta, e o gelo também, se se formava? Tudo isto pura imaginação!

Numa palavra, aqueles insulanos, sem mostrar disposições hostis, não cessavam de gritar anamoo-moo e lama-lama. Quando as canoas atracaram à escuna, o chefe Too-Wit teve licença de entrar a bordo com uns vinte companheiros seus. Foi enorme o assombro que lhes causou o navio, pois tomaram-no por um ser vivente, cuja mastreação e massame e amuradas acariciaram.

Pilotada por eles, entre os recifes, por meio duma baía cujo fundo era de areia preta, largou ferro a uma milha da praia, e o capitão William Guy, que tomou a precaução de ficar com reféns a bordo, desembarcou depois nas rochas do litoral.

A dar crédito a Arthur Pym, que extraordinária que era a ilha Tsalal! As árvores de lá não se pareciam com nenhuma das espécies das diversas zonas do nosso globo. As rochas, na sua composição, apresentavam uma estratificação desconhecida dos mineralogistas modernos. Corria pelo leito dos rios uma substância líquida, sem aparência de limpidez, estriada de veios distintos, os quais se não reuniam por coesão imediata, quando os separavam com a folha duma faca!

Foi preciso andar três milhas para chegar a Klock-Klock, principal povoação da ilha. Apenas havia ali choupanas miseráveis, feitas unicamente de peles pretas; animais domésticos semelhantes ao porco comum, uma casta de carneiro de velo preto, vinte espécies de aves de capoeira, albatrozes domésticos e numerosas tartarugas galápagos.

Ao chegar a Klock-Klock, o capitão William Guy e os seus companheiros encontraram uma população que Arthur Pym computou em dez mil almas, homens, mulheres e crianças, a qual, embora não fosse para temer, convinha conservar afastada, tão falaciosos eram e expansivos. Por fim, depois de larga demora em casa de Too-Wit, regressaram à praia, onde a bicha-do-mar, molusco muito apreciado pelos chineses, mais abundante que em nenhuma outra parte das regiões austrais, devia produzir enormes carregamentos.

Foi por causa disto que procuraram entender-se com Too-Wit. Pediu-lhe o capitão William Guy autorização para construir alpendres, onde alguns dos homens da “Jane” preparassem a bicha-do-mar, enquanto a escuna continuava a sua derrota para o polo. Aceitou Too-Wit de bom grado a proposta, e fez um ajuste, segundo o qual os indígenas prestariam o seu concurso na apanha do precioso molusco.

Ao cabo de um mês, estando tudo preparado, foram nomeados três homens para permanecer em Tsalal. Não tinha havido nunca lugar de conceber a mais leve suspeita relativamente aos naturais.

Antes de despedir-se, quis o capitão William Guy voltar pela última vez à povoação de Klock-Klock, depois de ter deixado, por prudência, seis homens a bordo, as peças carregadas, soltas as redes dos paveses e o ferro a pique. Os referidos homens deviam opor-se à menor tentativa de aproximação dos indígenas.

Escortado por uma centena de guerreiros, dirige-se Too-Wit ao encontro dos visitantes. Sobe-se a estreita garganta de um barranco, entre colinas formadas de pedra saponácea, espécie de greda, como Arthur Pym nunca vira em parte nenhuma.

Tornou-se mister dar inúmeras voltas, por escarpas de sessenta a oitenta pés de altura e quarenta de largo. O capitão William Guy e os seus, sem grande temor, embora o sítio fosse favorável para uma emboscada, caminhavam unidos uns contra os outros.

À direita, mais à frente, iam Arthur Pym, Dirk Peters e um marinheiro chamado Allen. Chegado defronte de uma abertura rasgada na encosta da colina, lembrou-se Arthur Pym de entrar ali, a fim de apanhar algumas avelãs, que pendiam em cachos de aveleiras enfezadas. Feito isto, ia a voltar pelo mesmo caminho quando reparou que o mestiço e Allen o haviam acompanhado. Dispunham-se a chegar de novo à entrada da dita abertura e eis que um violento abalo os deita por terra a todos três. No mesmo instante, fundiram-se as massas saponáceas da colina e veio-lhes ao pensamento que iam ser enterrados vivos... Vivos... todos três? Não!

Allen havia ficado a tal ponto soterrado nos escombros que nem sequer respirava. Arrastando-se de joelhos, abrindo caminho à faca, manejando a bowie-knife, Arthur Pym e Dirk Peters conseguiram chegar a umas saliências de argila xistosa, um tudo-nada mais resistente, e depois a uma plataforma natural na extremidade de um barranco arborizado, por cima do qual servia de fundo uma nesga de céu azul.

Dali podiam os seus olhos abranger toda a região circunvizinha. Acabava de dar-se um desmoronamento, sim! um desmoronamento artificial, preparado pelos referidos indígenas. O capitão William Guy e os seus vinte e oito companheiros, esmagados sob mais de um milhão de toneladas de terra e pedra, haviam desaparecido.

O lugar formigava de insulares, vindos decerto das ilhas próximas, atraídos pelo desejo de saquear a «Jane». Setenta pangaiais dirigiram-se então para a escuna. Os seus homens que estavam a bordo mandaram-lhes primeiro uma bordada, que não foi certa, e em seguida uma outra bordada de metralha e de balas encadeadas, que produziu efeito terrível.

A «Jane», contudo, acabou por ser invadida, depois entregue às chamas, e os seus defensores mortos a ferro. Por fim, rebenta tremenda explosão, quando o incêndio chegou à pólvora, explosão que destruiu um milhar de indígenas e mutilou igual número, ao passo que os restantes fugiam, soltando o grito de téké-li-li!... téké-li-li!

Durante a semana seguinte, Arthur Pym e Dirk Peters, que se sustentavam de avelãs, de carne de alcaravão, de cocleárias, escaparam aos naturais, que não suspeitavam que eles existissem. Acharam-se no fundo duma espécie de abismo negro, sem saída, cavado em greda e numa afiguração de marga de grânulos metálicos. Ao percorrê-lo, desceram por uma espécie de abismos. Edgar Poe dá-nos um esboço conforme o plano geométrico, cujo conjunto forma uma palavra de raiz árabe, que significa «ser branco», e o vocábulo egípcio *iioutphc*, que quer dizer «região do sul».

Como se vê, o autor americano está no terreno do inverossímil levado aos últimos limites. Quanto ao mais, eu não só havia lido e relido o mencionado romance de Arthur Pym, como também conhecia as outras obras de Edgar Poe. Sabia o que era necessário pensar deste gênio mais sensitivo que intelectual.

Disse um dos seus críticos, e teve razão em dizê-lo: «No seu cérebro, a imaginação é a faculdade por excelência... faculdade quase divina, que percebe a conformidade íntima e secreta das coisas, sua correlação e analogia...» O que é certo é que nunca ninguém considerou os seus livros senão como obras de imaginação! Como é pois que, a não ser que estivesse doido, um homem do esfolo do capitão Len Guy admitia a realidade de fatos puramente falsos?

Continuemos:

Não podiam Arthur Pym e Dirk Peters permanecer no meio de tais abismos, e, após numerosas tentativas, conseguiram deixar-se escorregar pelo pendor da colina abaixo. No mesmo instante, atiraram-se a eles cinco selvagens; mas como aqueles tinham pistolas e o mestiço era dotado de força extraordinária, quatro dos insulares ficaram mortos. O quinto foi levado pelos fugitivos, os quais alcançaram uma embarcação, que estava amarrada na praia, dentro da qual havia três grandes tartarugas. Uma vintena de insulares, que correram em perseguição deles, debalde tentaram agarrá-los. Foram repelidos, e o pangaio fez-se ao mar, no rumo do sul.

Navegava Arthur Pym para além do grau oitenta e três de latitude austral. Estava-se no

começo de Março, isto é, nas proximidades do inverno antártico. Viam-se a oeste cinco ou seis ilhas, que convinha evitar, por prudência. Arthur Pym era de opinião que, quanto mais perto do polo, tanto mais suave seria a temperatura. No topo de dois remos, erguidos a vante da embarcação, foi içada uma vela, feita com as camisas de Dirk Peters e do companheiro, unidas juntamente, camisas brancas, cuja cor apavorou o prisioneiro indígena, que dava pelo nome de Nu-Nu.

Durante oito dias, continuou esta estranha navegação, favorecida por uma branda brisa do norte, com dia perene, sobre um mar sem blocos de gelo, e, além disso, por efeito da temperatura igual, elevada, da água, não se tinha visto um único para lá do paralelo do ilhote Bennet.

Foi então que Arthur Pym e Dirk Peters entraram numa estupenda região de novidade. Erguia-se no horizonte uma larga barreira de vapor cinzento e leve, emplumado de longos raios luminosos,

como os que as auroras polares projetam. Uma corrente de grande força auxiliava a brisa. Corria a embarcação sobre uma superfície líquida excessivamente quente e de aparência leitosa, que parecia ser agitada por baixo. Começou a cair uma cinza esbranquiçada, o que redobrou o terror de Nu-Nu, cujos beijos se arregaçavam sobre negra dentadura,

A 9 de Março houve aumento da referida chuva e acréscimo da temperatura da água, que a mão nem sequer podia suportar. O imenso lençol de vapor, estendido sobre o longínquo perímetro do horizonte meridional, semelhava uma catarata sem limites, despenhando-se silenciosa do cimo de algum enorme parapeito perdido nas alturas do firmamento...

Doze dias depois, eram as trevas que pairavam sobre estas paragens, trevas sulcadas por eflúvios luminosos, que se desprendiam das lácteas profundezas do oceano Ártico, onde vinha fundir-se a incessante chuva de cinza...

Aproximava-se a embarcação da catarata com impetuosa velocidade, cuja causa não é indicada na narrativa de Arthur Pym. Por vezes a cascata fendia-se, deixando ver atrás de si um caos de imagens flutuantes, agitadas por poderosas correntes de ar... Passavam pelo meio desta medonha escuridão bandos de pássaros gigantescos, duma brancura lívida, soltando o seu eterno téké-li-li, e foi então que o selvagem, nos últimos paroxismos do pavor, exalou o derradeiro suspiro.

E de repente, presa de vertigem da rapidez, a canoa precipita-se no seio da catarata, onde se escancara um abismo como que para sorvê-la... Mas eis que no meio dele se ergue uma figura humana velada, de muito mais vastas proporções que nenhum habitante da Terra... E a cor da pele do homem tinha a brancura da própria neve... Tal é o estranho romance, -criado pelo gênio sobre-humano do maior poeta do Novo Mundo. É assim que termina... ou, melhor, que não termina. A meu ver, na impossibilidade de imaginar um desenlace para tão extraordinárias aventuras, percebe-se que Edgar Poe interrompesse a narrativa com a morte «repentina e lamentável do herói», dando todas as esperanças de que, se algum dia se descobrirem os três capítulos que faltam, serão dados à publicidade.

CAPÍTULO VI

«COMO UM LENÇOL QUE SE DESDOBRA»

Não cessava de operar-se a navegação da «Halbrane» com a ajuda do vento e da corrente. Em quinze dias, se isto continuasse, vencer-se-ia a distância que separa a ilha do Príncipe Eduardo da de Tristão da Cunha — cerca de duas mil e trezentas milhas — e, como o bossman

previra, não seria necessário cambar uma só vez as amuras. A brisa mantinha-se invariável do sudoeste, não raro muito fresca, o que obrigava apenas a meter os sobres nos rizes. Demais, o capitão Len Guy deixava o governo ao cuidado de Jem West, e o audacioso veleiro, permitasse-me a expressão, só se decidia a rizar quando a mastreação ameaçava vir abaixo. Eu, porém, nada temia, nem eram de recear avarias com um marinheiro assim. Ele estava sempre de olho alerta.

— O nosso piloto não tem igual — disseme um dia Hurliguerly — e é digno de comandar um navio-almirante!

— A mim também me parece que Jem West é um verdadeiro homem do mar — respondi eu. E, além disso, que escuna que é esta «Halbrane»! Felicite-me a mim por eu ter conseguido que o capitão Len Guy mudasse de opinião a seu respeito!

— Se foi o bossman que alcançou semelhante resultado, agradeço-lhe.

— E olhe que há de que, pois o nosso capitão nem pelos diabos se resolvia, não obstante os pedidos do compadre Atkins! Eu, porém, consegui que ele se chegasse à razão...

— Não me esquecerei disso, bossman, não me esquecerei, porquanto, graças à sua intervenção, em vez de continuar a impacientar-me nas Kerguelen, não tardará que eu esteja à vista de Tristão da Cunha...

— Daqui a alguns dias, Sr. Jeorling. Quer saber, segundo ouvi contar, ocupam-se atualmente em Inglaterra e na América de barcos que têm uma engenhoca no bojo e rodas de que se servem como um pato das próprias patas! Acho bom, mas na prática é que se há-de ver o que isto vale. Cá para mim, contudo, aqueles barcos nunca se poderão bater com uma bela fragata de sessenta, levando-se a um largo com vento fresco! O vento, Sr. Jeorling, ainda que seja preciso procurá-lo de cinco quartas, é quanto basta, e um mareante não necessita ter rodízios no casco!

Eu não tinha que contrariar as ideias do bossman relativamente ao emprego do vapor na navegação. Eram as primeiras tentativas e nem a hélice havia ainda substituído as pás. Quanto ao futuro, quem poderia prevê-lo?

E, neste momento, veio-me à lembrança que a «Jane» — a «Jane» de que o capitão Len Guy me falara como se tivesse existido, como se a tivesse visto com os seus próprios olhos — havia ido, precisamente em quinze dias, da ilha do Príncipe Eduardo a Tristão da Cunha. Verdade é que Edgar Poe dispunha a seu bel-prazer dos ventos e do mar.

Quanto ao mais, durante a quinzena que se seguiu, o capitão Len Guy não me tornou a falar de Arthur Pym. Parecia até que me não tinha dito palavra acerca das aventuras deste herói dos mares austrais. Se, porém, esperava convencer-me da sua autenticidade, daria provas de medíocre inteligência. Repito, como é que um homem de bom senso se permitiria discutir a sério semelhante assunto? Salvo tendo perdido a razão, ou sendo um monomaniaco sobre este caso especial, como o era Len Guy, ninguém, pela segunda vez o afirmo, ninguém podia considerar a narrativa de Edgar Poe senão como obra de imaginação.

Repare-se bem nisto! Segundo a referida narrativa, tendo uma escuna inglesa chegado à latitude de oitenta e quatro graus, mereceria essa viagem a importância dum grande feito geográfico? Arthur Pym vindo das profundezas da Antártica, não seria elevado acima dos Cook, dos Weddell, dos Biscoe? Tanto a ele como a Dirk Peters, os dois passageiros da «Jane» que até passaram além daquele paralelo, não se teriam prestado honras públicas? E que havemos de pensar do mar livre

descoberto por eles... da extraordinária velocidade das correntes e que os arrastavam para o polo... da temperatura anormal daquelas águas, aquecidas pela parte de baixo, a ponto de a mão não poder suportá-las... da cortina de vapores que se desenrola no horizonte... da catarata gasosa, que se entreabre e detrás da qual aparecem figuras de tamanho sobrenatural?

E demais, pondo de parte estas inverosimilhanças, ainda gostava de saber como é que Arthur Pym e o mestiço regressaram de tão longe, como é que a embarcação tsala-hana os levava para além do círculo polar, finalmente, como é que foram recolhidos e repatriados. Transpor, num frágil pangaio, cerca de vinte graus; atravessar de novo os bancos de gelo; atingir as terras mais próximas e não mencionar o diário de Arthur Pym e os incidentes deste regresso? Mas — dir-se-á — Arthur Pym morreu antes de poder entregar os últimos capítulos da sua narrativa... Muito bem! É contudo verossímil que ele não dissesse palavra ao editor do «Southern Literary Messenger»? E porque é que Dirk Peters, residindo durante muitos anos em Illinois, também ficou calado a respeito do desfecho destas aventuras? Teria por acaso interesse em não falar?

Verdade é que o capitão Len Guy, conforme ouvimos da boca dele, tinha ido a Vandalia, onde, dizia o romance, residia o tal Dirk Peters; mas não o encontrou... Estou por essa! Tanto ele como Arthur Pym, repito, nunca existiram senão na agitada imaginação do poeta americano... E, havemos de convir, não testemunharia isso o extraordinário poder desse gênio, que conseguiu impor a alguns espíritos como real o que não passava de fictício?

Eu compreendia, no entanto, ser fora de propósito o tornar a discutir com o capitão Len Guy, obcecado por aquela ideia fixa, e empregar de novo argumentos que o não convenceriam. Mais sombrio, mais concentrado, só aparecia no convés da escuna quando era necessário. E o seu olhar então percorria obstinadamente o horizonte meridional, procurando penetrá-lo...

Talvez que ele julgasse ver a vaporosa cascata zebrada de largos sulcos, coberto o firmamento de impenetráveis trevas, as cintilações que irradiavam das lácteas profundezas do mar, o branco gigante apontando-lhe a derrota por entre o pélogo da catarata...

Que singular monomaniaco, o nosso capitão! Por felicidade, a não ser sobre este assunto, a inteligência mantinha-se-lhe lúcida. Quanto às suas qualidades de mareante, essas conservavam-se intactas, e os receios que eu poderia ter não ameaçavam realizar-se.

O que me parecia mais custoso, devo dizê-lo, era descobrir o motivo por que o capitão Len Guy tinha tanto interesse pelos supostos naufragos da «Jane». Ainda que se aceitasse como verídica a narrativa de Arthur Pym e se admitisse que a escuna inglesa tivesse atravessado aquelas insuperáveis paragens, de que serviam tão inúteis lamentações? Embora alguns dos marinheiros da «Jane», o comandante ou os oficiais, houvessem sobrevivido à explosão e à voragem provocada pelos naturais da ilha de Tsalal, era razoável supor-se que estivessem ainda vivos? Havia onze anos que os acontecimentos se deviam ter dado, segundo as datas indicadas por Arthur Pym, e de então para cá, admitindo que aqueles desgraçados tivessem escapado aos insulares, como é que ocorreram às suas necessidades em semelhantes condições, e não morreram todos, desde o primeiro ao último?

Agora reparo! Não estou eu discutindo a sério tais hipóteses, posto se não apóiem em nenhum fundamento? Por pouco que não passava a acreditar na existência de Arthur Pym, de Dirk Peters, dos seus companheiros, da «Jane» perdida atrás dos bancos de gelo do mar austral. Acaso se apoderou de mim a loucura do capitão Len Guy? E, de fato, agora mesmo, não me surpreendi eu a mim próprio, estabelecendo paralelo entre a derrota que a «Jane»

seguira quando tomou para oeste e a da «Halbrane» ao demandar as paragens de Tristão da Cunha?

Estávamos a 3 de Setembro. Se se não desse nenhum atraso, o que só poderia provir dum acidente marítimo, dentro de três dias estaria a escuna à vista do porto. Além disso, é tal a altitude da principal ilha do grupo que, com tempo bom, pode avistar-se a grande distância.

Nesse dia, das dez para as onze horas da manhã, passeava eu de proa à popa, por barlavento. Deslizávamos ligeiros pela superfície dum mar ondulado, um tanto banzeiro. A «Halbrane» parecia uma ave enorme, um desses gigantescos albatrozes vistos por Arthur Pym, a qual abria a ampla envergadura e arrebatava pelos ares uma tripulação inteira. Sim! Para um espírito imaginoso, já não era navegação, era voar, e o crepitar das velas era o adejo da ave!

De pé, junto do guindaste, abrigado pela vela estai, de óculo assestado, Jem West fitava por sotavento, a bombordo, um objeto, que flutuava a duas ou três milhas e que vários marinheiros, debruçados na amurada, apontavam com o dedo.

Era uma massa irregular de dez a doze jardas de superfície, revelada no centro por uma tumescência de intenso brilho. A referida massa subia e descia ao sabor das ondas, que rolavam na direção de noroeste.

Fui para o castelo de proa e observei atento o objeto aludido.

Chegaram-me aos ouvidos as conjecturas da maruja, que se interessa sempre pelas mais pequeninas coisas que o mar arroja.

— Não é uma baleia — declarou o mestre veleiro Martim Holt. — Teria já resfolegado, uma ou duas vezes, ao tempo a que a estamos vendo!

— Decerto que não se trata duma baleia — confirmou Hardie, mestre calafate. — É talvez a carcaça de algum navio abandonado...

— Diabos a levem para o fundo! — exclamou Rogers. — Atira-te para cima dela de noite, e verás se é preciso mais para esborrachar as bochechas e ir para os peixinhos sem ter tempo de dizer «ai Jesus!»

— Estou por essa — acrescentou Drap —, e aqueles destroços são mais perigosos que um cachopo, pois hoje estão aqui, amanhã acolá, e como se há-de ter mão neles?

Hurliguerly acabava de chegar.

— Que lhe parece aquilo, bossman? — perguntei-lhe eu, quando se encostou à amurada, perto de mim.

Hurliguerly olhou com atenção, e como a escuna, ajudada por fresca brisa, se aproximava rápida do vulto, tornava-se mais fácil dar parecer.

— A mim parece-me, Sr. Jeorling — replicou o bossman —, que o que nós vemos acolá não é uma baleia, nem um destroço, mas muito simplesmente um bloco de gelo...

— Um bloco?

Hurliguerly não se engana — afirmou Jem West. — É, nem mais nem menos, um bloco, um pedaço de iceberg que as correntes arrastaram...

— Como — retorqui —, arrastado até ao paralelo de quarenta e cinco graus?

— É o que se está vendo, Sr. Jeorling — respondeu o piloto —, e os gelos chegam às vezes às alturas do Cabo, se dermos crédito ao navegador francês capitão Blosseville, que os encontrou lá em 1828.

— Aquele, pois, não tardará a fundir-se? — disse eu, «muito admirado de que o piloto West me tivesse concedido a honra duma resposta tão longa.

— Deve até ter-se dissolvido em grande parte — afirmou o piloto —, e o que nós vemos agora são decerto restos duma montanha de gelo, que devia pesar milhões de toneladas.

Acabava de sair do tombadilho o capitão Len Guy, mas, vendo o grupo de marinheiros enfileirados em redor de Jem West, dirigiu-se para a proa.

Depois de trocar algumas palavras em voz baixa, o piloto passou-lhe o óculo para a mão.

Len Guy apontou-o para o objeto flutuante de que a escuna se aproximara a uma milha de distância, e, depois de o ter observado cerca de um minuto, disse:

— É um bloco de gelo, e felizmente está a dissolver-se. Podia causar graves avarias à «Halbrane» se caísse sobre ela durante a noite.

Não me passou despercebido o cuidado que a observação do capitão Len Guy denotava. Parecia que a sua vista não podia despegar-se da ocular do óculo, transformada, por assim dizer, em pupila dos próprios olhos. Conservava-se imóvel, como se estivesse pregado ao convés. Indiferente ao balanço de bombordo a estibordo e à arfagem, com os braços rígidos, por efeito do hábito, mantinha imperturbável o bloco de gelo no campo da objetiva. O crestado rosto apresentava aqui e ali sinais de pano, manchas de palidez, e de seus lábios saíam frases desconexas.

Decorreram alguns minutos. A «Halbrane», sob rápido andamento, estava prestes a passar além do bloco de gelo que se via descaindo.

— Arriba uma quarta — diz o capitão Len Guy, sem retirar o óculo.

Adivinhei o que se passava no espírito deste homem, sob a obcecação duma ideia fixa. Aquele bloco, arrancados dos bancos de gelo austrais, vinha das paragens para onde o pensamento o arrastava de contínuo. Queria vê-lo de mais perto... talvez acostar a ele... talvez apanhar algum destroço que lá houvesse...

Entretanto, por ordem que Jem West transmitiu, o bossman abrandou levemente as escotas, e a escuna, arribando uma quarta, meteu para o bloco. Depressa nos achamos a duas amarras dele, e pude então examiná-lo. Conforme fora notado, a tumescência central fundia-se por todos os lados, e por ela abaixo escorriam fios de água. No mês de Setembro deste ano temporão, tinha o sol força bastante para que a dissolução se produzisse, pô-la em atividade, e até precipitá-la.

Antes de o dia findar, decerto já não restaria nada do referido bloco, arrastado pelas correntes até à altura do paralelo de quarenta graus.

Continuava o capitão Len Guy observando, sem que necessitasse recorrer ao óculo. Começava-se até a distinguir um corpo estranho, do qual, pouco a pouco se ia desprendendo, à medida que se operava a fusão, um vulto, de cor escura, estendido sobre branco leito.

E qual foi a nossa surpresa, mesclada de terror, ao ver surgir um braço, depois uma perna, depois um tronco, depois Uma cabeça, não em estado de nudez, mas cobertos de sombrias vestes...

Houve um instante em que julguei se mexiam os seus membros... que as mãos se estendiam para nós...

A marinhagem não pôde conter um grito.

Mas não! Aquele corpo não se movia, deslizava vagaroso pela gelada superfície.

Fitei o capitão Len Guy. O seu rosto estava tão lívido como o do próprio cadáver, trazido pela corrente das longínquas latitudes da zona austral!

O que havia então a fazer fez-se sem demora, a fim de recolher o desventurado, e quem

sabe se não teria ainda algum alento de vida! Em todo o caso, talvez as algibeiras contivessem algum documento que permitisse determinar a sua identidade! E depois, acompanhando-os dum derradeira prece, abandonar-se-iam aqueles restos humanos nas profundezas do oceano, que é o cemitério dos que morrem no mar!

Arriou-se o escaler. Saltou para ele o bossman e os marinheiros Graciano e Francisco, cada um agarrado ao seu remo. Dispondo convenientemente o velame, velas de proa a panejar, a mezena caçada a barlavento, sustivera Jem West o andamento da escuna, agora quase imóvel, arfando no dorso das ondas.

Segui com a vista o escaler, o qual se prolongara com a borda lateral do bloco, que as águas carcomiam.

Pôs pé Hurliguerly num ponto que oferecia ainda alguma resistência. Após ele, desembarcou Graciano, enquanto Francisco aguentava o escaler, seguro pela amarreta do ancorote.

Trepavam ambos até junto do cadáver, agarrou-lhe um pelas pernas, o outro pelos braços, e embarcaram-no.

Em algumas remadas, chegava o bossman à escuna.

O cadáver, enregelado dos pés à cabeça, foi deposto junto da enora do mastro de traquete.

Em seguida Len Guy dirige-se para ele e observa-o atentamente, como se procurasse reconhecê-lo.

Era o corpo dum mareante, vestido de grosseiro pano, calças de lã, camisola remendada, camisa de baetilha grossa, e faixa, que lhe dava duas voltas à cintura. Não há dúvida de que a morte remontava a muitos meses — pouco depois, provavelmente, de o infeliz ter sido arrastado pelas águas...

O homem que trouxeram para bordo não devia ter mais de quarenta anos, posto que os cabelos fossem grisalhos. Era medonha a sua magreza — um esqueleto cujos ossos atravessavam a pele. Decerto que sofrera as horrorosas torturas da fome, durante um trajeto pelo menos de vinte graus, desde o círculo polar antártico.

O capitão Len Guy acabava de levantar os cabelos do cadáver, que o frio conservara. Ergue-lhe a cabeça, procura o seu olhar sob as pálpebras coladas uma à outra, e por fim solta este nome num soluço angustioso:

— Patterson! Patterson!

— Patterson? — exclamei.

E parecia-me que este nome, por mais vulgar que fosse, estava ligado por qualquer laço à minha memória! Quando foi que o ouvi pronunciar, se é que o não li algures?

Depois o capitão Len Guy, de pé, percorreu vagaroso o horizonte com a vista, como se fosse dar ordem de aproar ao sul...

Neste momento, a uma palavra de Jem West, o bossman revistou as algibeiras do morto. E tirou delas uma faca, uma ponta de fio de carrete, uma tabaqueira vazia, e por fim uma carteira de couro, com lápis de chumbo.

O capitão Len Guy voltou-se e, no momento em que Hurliguerly entregava a carteira a Jem West, disse: — Dá cá.

Estavam algumas folhas cobertas dum escrita que a umidade havia apagado por completo. Mas a última página tinha ainda algumas palavras inteligíveis, e pode-se imaginar a comoção de que fui presa, ao ouvir ler ao capitão Len Guy com voz trêmula: «A "Jane"... ilha Tsalal...

por oitenta e três... Ali... há onze anos... Capitão... cinco marinheiros sobreviventes... Socorram-nos sem demora...»

E, no fim destas linhas, um nome... uma assinatura... o nome de Patterson...

Patterson! Recordei-me então! Era o piloto da «Jane»... o piloto da escuna que recolhera Arthur Pym e Dirk Peters de cima dos destroços do «Grampus»... A «Jane», conduzida até à latitude da ilha Tsalal... a «Jane» assaltada pelos insulares e aniquilada pela explosão!

Era, pois, tudo verdade! Havia portanto Edgar Poe feito obra de historiador, não de romancista! Tinha, por conseguinte, recebido o diário de Arthur Gordon Pym! Haviam-se então estabelecido relações diretas entre os dois! Arthur Pym existiu, ou, melhor, tinha existido... ele... um ser real!...

E havia morrido — de morte repentina e lamentável, em circunstâncias que se ignoram, antes de completar a narrativa da sua extraordinária viagem! E até que paralelo chegaria ele ao deixar a ilha Tsalal com o seu companheiro Dirk Peters, e como é que ambos eles puderam ser repatriados para a América?

Julguei que a cabeça me estalava, que endoidecia, eu que acoimei de doido o capitão Len Guy! Não podia ser! Eu tinha ouvido mal... havia compreendido mal! Isto era pura fantasia do meu cérebro!

E, contudo, como recusar a prova encontrada no corpo do piloto da «Jane», de Patterson, cujos dizeres afirmativos assentavam em datas certas? E, sobretudo, como conservar dúvidas, depois que Jem West, mais sossegado, conseguira decifrar estoutros fragmentos de frases: «Arrastada desde 3 de Junho para o norte da ilha Tsalal... Ali... ainda... capitão William Guy e cinco homens da «Jane»... O meu bloco descaiu por entre os bancos de gelo... vai faltar alimento... Desde 13 de Junho... esgotados os últimos recursos... Hoje... 16 de Junho... coisa nenhuma...»

De modo que, havia cerca de três meses que o corpo de Patterson jazia à superfície desse bloco encontrado na derrota de Kerguelen a Tristão da Cunha! Ah! E não termos nós salvo o piloto da «Jane»! Poderia dizer o que se não sabia, o que nunca talvez se saberá — o segredo desta horrorosa aventura!

Mas eu tinha de render-me à evidência. O capitão Len Guy, que conhecia Patterson, acabava de encontrar o seu cadáver gelado!

Era deveras ele que acompanhou o capitão da «Jane», quando, durante uma escala, enterrara a referida garrafa nas Kerguelen, e nessa garrafa a carta em cuja autenticidade recusei acreditar!

Sim! Havia onze anos que os sobreviventes da escuna inglesa estavam em Tsalal, sem esperança de serem algum dia recolhidos!

Operou-se então no meu espírito sobre excitado a aproximação de dois nomes, a qual ia explicar-me o interesse que o capitão ligava a tudo quanto se prendia com o caso Arthur Pym.

Len Guy virou-se para mim e, fitando-me, apenas pronunciou estas palavras:

— E, agora, acredita?

— Acredito, sim... acredito! — balbuciei. — Mas William Guy, capitão da «Jane»...

— Ele e o capitão Len Guy, da «Halbrane», são irmãos! — disse com voz troante, que foi ouvida pela tripulação inteira.

Depois, quando os meus olhos se voltaram para o lugar onde flutuava o bloco, a dupla influência dos raios solares e das águas desta latitude tinham produzido o seu efeito, e já não

havia vestígios dele na superfície do mar.

CAPÍTULO VII

TRISTÃO DA CUNHA

Quatro dias depois, a «Halbrane» marcava a curiosa ilha de Tristão da Cunha, da qual se podia dizer que é uma espécie de caldeira dos mares africanos.

Era, portanto, um fato bem extraordinário aquele encontro, a mais de quinhentas léguas do círculo antártico, o aparecimento do cadáver de Patterson! Agora, pois, o capitão da «Halbrane» e seu irmão, o capitão da «Jane», estavam unidos pela alma dum finado da expedição de Arthur Pym! Deve decerto parecer inverossímil... Mas que é isto, contudo, comparado com o que tenho ainda para contar?

Demais, o que a mim me parecia ir até os limites da inverosimilhança era que o romance do poeta americano fosse uma realidade. A princípio o espírito revoltou-se-me... Quis cerrar os olhos perante a evidência! Tive, porém, de render-me, e as minhas dúvidas sepultaram-se com o corpo de Patterson nas profundezas do oceano.

E, não só o capitão Len Guy se prendia por laços de sangue a esta dramática e verídica história, mas — como depressa se soube — o nosso mestre veleiro também... Martim Holt, com efeito, era irmão de um dos melhores marinheiros do «Grampus», um dos que pereceram antes do salvamento de Arthur Pym e de Dirk Peters efetuado pela «Jane».

De maneira que, entre os paralelos sul de oitenta e três a oitenta e quatro graus, sete mareantes ingleses, atualmente reduzidos a seis, haviam vivido há onze anos a esta parte na ilha Tsalal: o capitão William Guy, o piloto Patterson e os cinco marinheiros da «Jane» que escaparam — por milagre? — aos indígenas de Klock-Klock!

E, agora, que ia fazer o capitão Len Guy? Nem sombras de hesitação a tal respeito: faria tudo para salvar os sobreviventes da «Jane»... Meteria a «Halbrane» para o meridiano indicado por Arthur Pym... Conduzi-la-ia até à ilha Tsalal, apontada na carteira de Patterson... O imediato Jem

West iria aonde ele o mandasse ir... A tripulação não hesitaria em segui-lo, e o temor dos perigos inerentes a uma expedição, superior talvez ao poder da força humana, não o conteria. A alma do capitão seria com eles... o braço do piloto dirigia os seus braços...

Era, pois, esta a razão por que o capitão Len Guy não queria receber passageiros, e por que me disse que os seus itinerários não eram nunca afiançados, esperando a cada momento se lhe deparasse oportunidade para se aventurar pelo mar glacial!

Tenho até margem para supor que, se a «Halbrane» estivesse pronta desde já para empreender tal campanha, o capitão Len Guy daria ordem de aproar ao sul! E, conforme as condições da minha passagem, não poderia eu obrigá-lo a continuar o seu rumo para me pôr em Tristão da Cunha?

Demais, a necessidade de meter aguada nesta ilha, de que não estávamos muito afastados, impunha-se por si mesma. AH, talvez, haveria possibilidade de pôr a escuna em estado de lutar contra os icebergs, de atingir o mar livre, porquanto livre era ele para além do paralelo oitenta e dois graus, de engolfar-se muito mais longe do que o fizeram os Cook, os Weddell, os Biscoe, os Kemp, para tentar, enfim, o que então tentou o piloto Wilkes da marinha americana.

Pois bem, uma vez em Tristão da Cunha, eu aguardaria a passagem dum outro navio. Além disso, antes de a «Halbrane» ter aprontado para uma tal expedição, não lhe permitiria a estação que dobrasse o círculo polar. Com efeito, não tinha ainda findado a primeira semana

de Setembro e, pelo menos, deviam decorrer dois meses antes que o estio austral começasse a produzir o degelo dos bancos.

Os navegadores já sabiam naquela época que só depois do meado de Novembro até ao princípio de Março é que aquelas audaciosas tentativas podem ser bem sucedidas. É então mais suportável a temperatura, menos frequentes as tempestades, e são iluminados por um dia perpétuo aqueles longínquos domínios. Havia nisso regras de prudência, das quais a «Halbrane» bem fazia em se não desviar. No caso de ser necessário, depois de meter aguada em Tristão da Cunha e feito provisão de refrescos, também teria tempo de abicar, quer fosse nas Falklands, quer na costa americana, a um porto mais bem apercebido, como estaleiro, que os daquele grupo isolado do deserto do Atlântico Sul.

A ilha principal, quando a atmosfera está pura, é visível de oitenta e cinco a noventa milhas. As diversas informações acerca de Tristão da Cunha obtive-as eu do bossman. Como ele, por vezes, as visitara, podia falar com conhecimento de causa.

Jaz Tristão da Cunha ao sul da zona dos ventos regulares do sudoeste. O clima, ameno e úmido, é de temperatura imoderada, que não desce abaixo de vinte e cinco graus Fahrenheit (cerca de 4 C. abaixo de zero), nem sobe acima de sessenta e oito (20 C. acima de zero). Os ventos dominantes são os de oeste e de noroeste e, durante o Inverno — Agosto e Setembro—, os do sul.

Foi a ilha habitada, a contar de 1811, pelo americano Lambert e muitos outros da mesma origem, apercebidos para a pesca dos mamíferos marinhos. Após eles, estabeleceram-se ali soldados ingleses, encarregados de vigiar as águas de Santa Helena, donde só se retiraram depois da morte de Napoleão, em 1821.

Que Tristão da Cunha, trinta a quarenta anos mais tarde, contasse uma centena de habitantes bem parecidos, oriundos de europeus, de americanos e de holandeses do Cabo; que a república se estabelecesse ali tendo por chefe um patriarca, o pai de família que possuísse mais filhos; que, enfim, o grupo chegasse a reconhecer a suserania da Grã-Bretanha, são fatos que se não tinham dado ainda no ano de 1839, durante o qual a «Halbrane» se preparava para fazer ali escala.

Demais, eu depressa devia verificar, pelas minhas observações pessoais, que não valia disputar a posse de Tristão da Cunha.

Contudo, «Terra de Vida» fora o seu nome no século XVI. Se goza duma flora especial, essa flora é unicamente representada pelos fetos licopódios, uma gramínea de espinho, a espartana, que atapeta o declive inferior das montanhas. Quanto à fauna doméstica, os bois, as ovelhas, os porcos, constituem a sua única riqueza e são objeto de algum comércio em Santa Helena.

É verdade, nem um só réptil, nem um só inseto, pois as florestas apenas abrigam uma espécie de felino perigoso — um gato regressado ao estado de braveza. A única árvore que a ilha possui é uma ameixeira silvestre, de dezoito a vinte pés. As correntes, todavia, arrastam lenha suficiente para as necessidades domésticas. Com respeito a legumes, apenas pude encontrar couves, beterrabas, cebolas, nabos, abóboras, e, no tocante a frutas, pêras, pêsegos e uvas de medíocre qualidade. Acrescentarei que o amador de aves se veria reduzido a caçar somente a gaivota, a procelária, o pinguim e o albatroz.

A ornitologia de Tristão da Cunha não poderia oferecer-lhe outras amostras. Na manhã de 5 de Setembro é que se avistou o vulcão da ilha principal, maciço nevoso de duzentas toesas

de altura, cuja cratera apagada serve de bacia a um lagozinho. No dia seguinte, ao aproximarmos dali, pôde-se distinguir um grande montão de antigas lavas, disposto como um pedrouço. A esta distância, gigantescos sargaços zebavam a superfície do mar, verdadeiros calabres vegetais, dum comprimento que varia entre seiscentos e mil e duzentos pés e cujo diâmetro é igual ao duma pipa.

Devo aqui mencionar que, durante os três dias que se seguiram àquele em que se encontrou o bloco de gelo, o capitão Len Guy só apareceu no convés para tomar a altura. Voltava para o seu camarote depois da operação terminada, e, salvo à hora das refeições, nunca mais eu tinha ocasião de o ver.

Duma taciturnidade comparável ao mutismo, não havia meio de o arrancar dum tal estado. O próprio Jem West não o pôde conseguir. Eu, porém, mantive-me na mais absoluta reserva.

Segundo o meu modo de ver, tarde ou cedo havia de chegar o momento em que Len Guy me tornaria a falar de seu irmão William, das tentativas que contava empregar para salvá-lo a ele e aos companheiros. Ora, repito, dada a estação em que nos encontrávamos, o momento não era chegado, quando a escuna, a 6 de Setembro, largou ferro por dezoito braças de profundidade perto da ilha grande, na costa noroeste, em Ansiedlung, ao fundo de Falmouth-Bay, justamente no lugar indicado, em a narrativa de Arthur Pym, para ancoradouro da «Jane».

Eu disse «a ilha grande» porque o grupo de Tristão da Cunha compreende mais duas de menor importância. A umas oito léguas para sudoeste, jaz a ilha Inacessível, e para sueste, a cinco léguas desta, a ilha Nightingale. O conjunto deste arquipélago encontra-se por 37 graus 5 de latitude meridional e 13 graus 4 de longitude ocidental.

São circulares as referidas ilhas. Projetada em plano, Tristão da Cunha assemelha-se a uma sombrinha aberta de quinze milhas de circunferência, e cuja armação, de varetas convergentes, é representada pelas cristas regulares que vão juntar-se ao vulcão central.

O aludido grupo constitui um domínio oceânico quase independente. Foi descoberto pelo português que lhe deu o nome. Depois da exploração dos holandeses em 1643 e dos franceses em 1767, foram estabelecer-se ali alguns americanos para a pesca das focas, que abundam nestas paragens. Mas, por fim, os ingleses não tardaram a suceder-lhes.

Na época em que a «Jane» fizera ali escala, um ex-cabo da artilharia inglesa, de nome Glass, governava uma coloniazinha de vinte e seis indivíduos que negociavam com o Cabo, tendo como única embarcação uma escuna de medíocre tonelagem. Quando nós chegamos, o mencionado Glass contava bem uns cinquenta súbditos, e, conforme notara Arthur Pym, «inteiramente isento do auxílio do Governo britânico».

Têm uma profundidade compreendida entre mil e duzentas e mil e quinhentas milhas as águas que banham o referido grupo, costeado pela corrente equatorial, que se desvia para oeste. Está sujeito ao regime dos ventos regulares de sudoeste. Raras vezes o açoitam as tempestades. Durante o Inverno, os gelos que descem ultrapassam amiúde o seu paralelo cerca de dez graus, mas nunca descem às alturas de Santa Helena, do mesmo modo que os grandes cetáceos, pouco propensos a procurar águas tão quentes.

As três ilhas, dispostas em triângulo, estão separadas umas das outras por diversos canaletes, dumas dez milhas de largura e de fácil navegação. As suas costas são livres e, em redor de Tristão da Cunha, tem o mar cem braças de profundidade.

Foi com o ex-cabo que se estabeleceram relações logo à chegada da «Halbrane». Ele deu mostras de muita benevolência. Jem West, de quem o capitão Len Guy confiara o cuidado de

abastecer o paiol da aguada e de meter viandas frescas e legumes variados, não pôde ocultar a sua satisfação pela solicitude de Glass, o qual, aliás, contava ser pago por bom dinheiro, como de fato foi.

Quanto ao mais, reconheceu-se, apenas chegamos, que a «Halbrane» não encontraria em Tristão da Cunha os recursos necessários para se poder empreender a campanha projetada no oceano Atlântico. Mas, no ponto de vista dos recursos alimentares, é certo que Tristão da Cunha pode ser frequentada com vantagem pelos navegantes. Os seus antepassados enriqueceram este grupo com todas as espécies domésticas, carneiros, porcos, bois, aves de capoeira, no tempo em que o capitão americano Patten, que comandava a «Industry», apenas ali encontrou algumas cabras bravas, em fins do século passado. Depois dele, o capitão Colquhoun, do brigue americano «Betsey», fez plantações de cebolas, batatas e outras castas de legumes, cujo solo fértil lhes assegura a prosperidade. É isto, pelo menos, o que Arthur Pym relata na sua narrativa, e não há motivo para deixar de lhe dar crédito.

Deve ter-se notado que falo agora do herói de Edgar Poe como de um homem cuja existência já não posso pôr em dúvida.

Admira-me, pois, que o capitão Len Guy me não tivesse interpelado de novo a tal respeito. É evidente que os informes tão formais, decifrados na carteira de Patterson, não foram forjados ad hoc, e seria de mau gosto não reconhecer o meu erro.

Demais, se eu estivesse ainda indeciso, havia um outro testemunho irrecusável para juntar às asserções do piloto da «Jane».

Um dia depois de fundear, desembarcava eu em Ansiedlung, numa linda praia de areia escura. E até notei de mim para mim que uma tal praia não podia estar deslocada da ilha Tsalal, onde se encontrava aquela cor de luto, com exclusão da cor branca, que causava aos insulares tão violentas convulsões, seguidas de prostração e de pasmo. Mas, ao dar como certos estes extraordinários efeitos, acaso Arthur Pym fora juguete de alguma ilusão? Tudo se viria a apurar se algum dia a «Halbrane» chegasse à vista da ilha Tsalal...

Encontrei o ex-cabo Glass, homem vigoroso, bem conservado, fisionomia muito sagaz, devo concordar, e cujos sessenta anos não haviam diminuído a sua inteligente vivacidade. Além do comércio com o Cabo e as Falklands, fazia grandes transações em peles de foca e óleo de elefante-marinho, e os seus negócios prosperavam.

E como parecia muito desejoso de tagarelar, o governador nomeado por si próprio e reconhecido pela referida coloniazinha, entabulei sem custo, logo da primeira vez que nos vimos, uma conversação que devia ser interessante por mais de um título.

— São frequentes os navios que fazem escala em Tristão da Cunha? — perguntei-lhe eu.

— Tanto quanto nos é preciso — respondeu-me ele, esfregando as mãos atrás das costas, o que parecia ser hábito inveterado.

— No Verão? — acrescentei.

— Sim, senhor... no Verão, se é que nestas paragens há Inverno!

— Os meus parabéns, Sr. Glass. O que, porém, é para lamentar é que Tristão da Cunha não tenha um único porto, e quando um navio se vê obrigado a fundear ao largo...

— Ao largo? Que quer o senhor dizer com isso? — exclamou o ex-cabo com uma animação que denotava um grande fundo de amor-próprio.

— Quero dizer, Sr. Glass, que, se tivesse cais de desembarque...

— E para que servia isso, se a Natureza nos deu uma baía como esta, onde se está

abrigado dos temporais, e quando é fácil acostar o beque contra as rochas! Não! Tristão da Cunha não tem porto, e pode passar sem ele!

E para que havia eu de contrariar este excelente homem? Ele sentia-se orgulhoso com a sua ilha como o príncipe de Mônaco tem o direito de orgulhar-se com o seu principado minúsculo...

Não insisti, pois, e conversamos acerca de várias coisas.

Ofereceu-se-me para organizar uma excursão ao interior das espessas florestas, que se prolongam até meia encosta do cone central.

Agradei-lhe e desculpei-me de não poder aceitar o seu oferecimento. Eu aproveitaria melhor as horas de demora fazendo alguns estudos mineralógicos. Além de que, a «Halbrane» devia levantar ferro logo que acabasse de meter mantimentos.

— O capitão é sobremodo apressado! — observou-me o governador Glass.

— Acha?

— E tão apressado que o imediato nem sequer fala em comprar-me peles ou óleo.

— Nós apenas precisamos de refresco e de água doce.

— Sim, senhor, sim — respondeu o governador, um tanto despeitado. — O que a «Halbrane» não quiser, outros navios o quererão!

E depois, reatando: — Aonde vai a escuna quando nos deixar?

— Às Falklands, para reparos.

— O senhor é simples passageiro, suponho eu...

— É como diz, Sr. Glass, e até tinha tenção de me demorar em Tristão da Cunha algumas semanas... Fui, porém, obrigado a modificar este projeto...

— Pois, senhor, lamento, lamento! — declarou o governador. — Considerar-me-ia feliz em oferecer-lhe hospitalidade enquanto não chegasse outro navio...

— Hospitalidade que seria para mim muito valiosa — respondi. — Por desgraça, não posso aproveitá-la...

E, de fato, eu tinha tomado a resolução definitiva de não abandonar a escuna. Logo que estivesse pronta para sair, ela largaria o rumo para as Falklands, onde se efetuariam os preparativos necessários para uma expedição pelos mares antárticos. Eu iria pois às Falklands, onde, sem grande demora, encontraria transporte para a América, e decerto o capitão Len Guy não se recusava a conduzir-me até lá.

E foi então que o ex-cabo me disse, com laivos de contrariedade: — Ainda não vi, com efeito, a cor dos cabelos nem a cor do rosto do capitão...

— Não suponho, Sr. Glass, que ele tenha intenção de vir a terra.

— Acaso está doente?

— Que eu saiba, não! Mas isso pouco importa, visto que se fez substituir pelo piloto...

— Oh! Esse não é nada falador! Lá de longe em longe, arrancam-se-lhe duas palavras. Por felicidade, as piastras saem-lhe mais facilmente da bolsa que as palavras da boca!

— É isso que se quer, Sr. Glass.

— Nem mais nem menos, senhor...?

— Jeorling, de Connecticut.

— Muito bem... ora até que sei o seu nome... mas ainda estou para saber o do capitão da «Halbrane»...

— Chama-se Guy... Len Guy.

— Inglês?

— Isso mesmo... inglês.

— Ele podia perfeitamente incomodar-se, Sr. Jeorling, a visitar um compatriota! Mas... espere lá... Eu já tive relações com um capitão com esse apelido... Guy Guy...

— William Guy? — perguntei eu.

— Exatamente... William Guy.

— Que comandava a «Jane»?

— Exatamente, a «Jane».

— Uma escuna inglesa que, há onze anos, fez escala em Tristão da Cunha?

— Isso, há onze anos. E havia já sete que eu estava estabelecido na ilha, onde me encontrou o capitão Jeffrey, do «Berwick», de Londres, no ano de 1824. Lembro-me desse William Guy... como se o estivesse vendo... um garboso homem, muito franco, a quem consignei um carregamento de peles de foca. Tinha um ar fidalgo... um tanto altivo... mas de boa índole.

— E a «Jane»? — interroguei.

— Estou a vê-la, no mesmo lugar onde a «Halbrane» está fundeada... ao fundo da baía... um lindo barco de cento e oitenta toneladas... de proa esguia... esguia... Liverpool era o seu porto de matrícula...

— É verdade que sim... tudo isso é verdade! — afirmei.

— E a «Jane» ainda navega, Sr. Jeorling?...

— Não, Sr. Glass.

— Porventura naufragou?

— O fato é apenas certíssimo, e a maior parte da tripulação desapareceu com ela!

— Pode dizer, Sr. Jeorling, como sucedeu semelhante desgraça?

— Da melhor vontade, Sr. Glass. Ao sair de Tristão da Cunha, a «Jane» fez-se de vela em demanda das Auroras e outras ilhas, que William Guy esperava reconhecer pelas informações...

— Que eu próprio lhe dera, Sr. Jeorling! — interrompeu o ex-cabo. — Pois bem... as outras ilhas... posso saber se a «Jane» as encontrou?

— Não, tanto como as Auroras, posto que William Guy se mantivesse durante muitas semanas naquelas paragens, correndo de este para oeste, e tendo sempre o gajeiro no seu posto.

— Nesse caso, Sr. Jeorling, é que se desviou do rumo, porquanto, a dar crédito a vários baleeiros, que não podem ser suspeitos, as referidas ilhas existem, e até se trata de lhes dar o meu nome...

— O que seria de justiça — respondi com polidez.

— E, se nunca se chegar a descobri-las, será muito para lamentar — acrescentou o governador num tom que denotava uma boa dose de vaidade.

— Foi então — reatei — que o capitão William Guy quis efetuar um projeto amadurecido desde há muito tempo, para o qual o impelia certo passageiro, que se encontrava a bordo da «Jane»...

— Arthur Gordon Pym — exclamou Glass —, e o seu companheiro, um tal Dirk Peters... ambos os quais foram recolhidos no mar alto pela escuna.

— O Sr. Glass conheceu-os? — perguntei com vivacidade.

— Se os conheci, Sr. Jeorling! Oh! Era uma personagem original, esse Arthur Pym, sempre pronto a meter-se em aventuras, um americano audacioso... capaz de ir à Lua... E acaso não teria ido lá?

— Não, Sr. Glass; mas, durante a sua viagem, a escuna de William Guy, ao que parece, dobrou o círculo polar, passou os bancos de gelo, e foi mais longe que nenhum outro navio antes dela...

— Isso é que se chama uma campanha prodigiosa! — exclamou Glass.

— Por desgraça — respondi —, a «Jane» não voltou mais.

— De sorte que, Sr. Jeorling, Arthur Pym e Dirk Peters, uma espécie de mestiço indiano duma força medonha, capaz de resistir a seis homens, pereceram?

— Não, Sr. Glass. Arthur Pym e Dirk Peters escaparam à catástrofe de que foram vítimas a maior parte dos tripulantes da «Jane». E até regressaram à América... de que modo, porém, é que eu ignoro. Depois do regresso, morreu Arthur Pym em circunstâncias que desconheço. Quanto ao mestiço, esteve residindo em Illinois, donde partiu um belo dia sem prevenir ninguém, e não se pôde descobrir-lhe o rasto.

— E William Guy? — perguntou Glass.

Contei-lhe então as condições em que o cadáver de Patterson, piloto da «Jane», acabava de ser recolhido de cima dum bloco de gelo, e acrescentei que tudo levava a crer que o capitão da referida «Jane» e cinco dos seus companheiros estavam ainda vivos numa ilha das regiões austrais, próximo do polo sete graus.

— Ah! Sr. Jeorling — afirmou Glass —, oxalá se consiga salvar William Guy e os seus marinheiros, que me pareceram ser boa gente!

— É isso decerto o que a «Halbrane» vai tentar logo que tenha aprontado, porquanto o capitão Len Guy é o irmão de William Guy em pessoa...

— Que me diz, Sr. Jeorling! — exclamou Glass —, e, contudo, embora eu não conheça o capitão Len Guy, ousou afirmar que os dois irmãos se não parecem nada, pelo menos na maneira como se portaram com o governador de Tristão da Cunha!

Notei que o ex-cabo estava muito magoado com a indiferença de Len Guy, que nem sequer o visitara. Imagine-se, o soberano desta ilha independente, cujo poder se estendia até às duas ilhas vizinhas: Inacessível e Nightingale! Ele, porém, decerto se consolava com a ideia de vender a sua mercadoria vinte e cinco por cento mais caro do que ela valia.

O certo é que o capitão Len Guy nunca manifestou tenção de desembarcar. Causava isto estranheza, porquanto não devia ignorar-se que a «Jane» fizera escala pela costa noroeste de

Tristão da Cunha antes de seguir para os mares austrais. Parecia, pois, natural que quisesse relacionar-se com o derradeiro europeu que apertou a mão de seu irmão...

Não obstante, Jem West e a sua gente foram os únicos que vieram a terra, e começaram com grande azáfama a descarregar o «minério de estanho e de cobre», de que se compunha o carregamento da escuna, embarcando em seguida mantimentos, metendo água, *etc.*

E o capitão Len Guy permaneceu a bordo durante todo este tempo, sem sequer aparecer no convés. Eu via-o, pela janela do seu camarote, constantemente debruçado sobre a mesa, onde havia mapas estendidos e livros abertos. Não se podia duvidar de que esses mapas fossem os das regiões austrais, e os livros os que relatavam as viagens dos precursores da «Jane» nas misteriosas regiões da Antártica.

Em cima da referida mesa estava também um volume, cem vezes lido e relido! Tinha a

maior parte das páginas com os cantos dobrados e as margens cobertas de notas a lápis... E, sobre a capa, brilhava o seguinte título, como se fora impresso a letras de fogo: Aventuras de Arthur Gordon Pym.

CAPÍTULO VIII

EM DIREÇÃO ÀS FALKLANDS

A 8 de Setembro, pela tarde, despedia-me eu de Sua Excelência o governador-geral de Tristão da Cunha, era este o título oficial que dava a si próprio o honrado Glass, ex-cabo da artilharia britânica. No dia seguinte, antes do romper do dia, fez-se de vela a «Halbrane».

Escusado será dizer que consegui do capitão Len Guy o permanecer como passageiro até às ilhas Falklands. Era uma travessia de duas mil milhas, a qual exigiria apenas uns quinze dias, embora não fosse tão favorecida como a viagem que acabávamos de realizar entre as Kerguelen e Tristão da Cunha.

O capitão Len Guy nem sequer pareceu ficar surpreendido com o meu pedido: dir-se-ia que o esperava. Aquilo, porém, com quem eu contava era que voltasse ao caso de Arthur Pym, acerca do

qual me não tornara a falar desde que o infeliz Patterson lhe dera razão relativamente ao livro de Edgar Poe.

Contudo, ainda que ele o não tivesse feito até então, era possível que se reservasse para ocasião oportuna. Demais, isso não podia influir de nenhum modo nos seus projetos ulteriores, e ele estava resolvido a conduzir a «Halbrane» às longínquas paragens onde soçobrara a «Jane».

Depois de ter contornado Herald-Point, as poucas casinhas de Ansiedlung desapareceram por detrás da extremidade de Falmouth-Bay. Uma fresca brisa de este permite então meter em cheio a proa a sudoeste.

Durante a manhã, a baía Elephanten, Hardy-Rock, West-Point, Cotton-Bay e o promontório de Daley foram deixados para a retaguarda. No entanto, não era preciso menos de um dia para perder de vista o vulcão de Tristão da Cunha, de oito mil pés de altitude, e do qual as sombras da noite velaram por fim o cume.

No decurso desta semana efetuou-se a navegação em ótimas condições, e, se continuasse assim, não acabaria o mês de Setembro sem que divisássemos as primeiras eminências do grupo das Falklands. Esta travessia devia levar-nos muito para o sul, descendo a escuna do paralelo de trinta e oito graus até o quinquagésimo quinto grau de latitude.

Ora, visto o capitão Len Guy ter tenção de se engolfar nas profundezas austrais, julgo ser útil, e até indispensável, lembrar sumariamente as tentativas feitas para atingir o Pólo Sul, ou, pelo menos, o vasto continente de que podia ser que fosse o ponto central. É para mim tanto mais fácil resumir essas viagens, porquanto o capitão Len Guy pusera à minha disposição livros em que elas são referidas com grande cópia de pormenores — e também a obra completa de Edgar Poe, as

Histórias Extraordinárias, que, sob a influência destes estranhos acontecimentos, eu relia, dominado por verdadeira paixão.

Percebe-se que, se Arthur Pym também julgou dever citar os principais descobrimentos dos primeiros navegadores, teve de limitar-se aos que eram anteriores a 1828. Ora, como eu escrevo doze anos depois dele, compete-me dizer o que fizeram os seus sucessores até à presente viagem da «Halbrane», 1839-1840.

A zona que, geograficamente, pode ser compreendida sob a denominação geral de Antártica, parece estar circunscrita pelo paralelo austral de sessenta graus.

Em 1772, a «Resolution», capitão Cook, e a «Adventure», capitão Furneaux, encontraram gelos no grau cinquenta e oito, estendidos de noroeste para sueste. Deslizando, sem perigos muito sérios, por um labirinto de enormes blocos, os dois navios atingiram, em meados de Dezembro, o paralelo de sessenta e quatro graus, dobraram o círculo polar em Janeiro, e foram detidos perante massas de oito a vinte pés de espessura por 67 graus 15 de latitude — o que é, com diferença de alguns minutos, o limite do círculo antártico (1). *1. Isto é, 60 graus 32 minutos.

No mês de Dezembro do ano seguinte, o capitão Cook renovou a tentativa. Desta vez, aproveitando uma forte corrente, afrontando nevoeiros, tufões e um frio muito rigoroso, ainda passou cerca de meio grau o paralelo de setenta graus, e viu a sua derrota definitivamente obstruída por insuperáveis packs, blocos de gelo de duzentos e cinquenta a trezentos pés, cujos bordos se tocavam e que eram dominados por monstruosos icebergs, entre 71 graus 10 de latitude e 106 graus 54 de longitude oeste.

O ousado capitão inglês não devia penetrar mais além no meio dos mares da Antártica.

Trinta anos depois dele, em 1803, a expedição russa dos capitães Krusenstern e Lisiansky, repelida pelos ventos do sul, não pôde subir para lá de 59 graus 52 de latitude por 70 graus 15 de longitude oeste, ainda que a viagem fosse realizada em Março e nenhum gelo fechasse a passagem. Em 1818, William Smith, e a seguir Barnesfield, descobriram as South-Shetlands; Botwell, em 1820, reconheceu as South-Orkneys; Palmer e outros caçadores de focas avistaram as terras da Trindade, mas não se aventuraram mais além.

Em 1819, o «Vostok» e o «Mirni», da Marinha russa, sob as ordens do capitão Bellingshausen e do tenente Lazarew, depois de tomarem conhecimento da ilha Jórgia, e contornando a terra da Sanduíche, avançaram seiscentas milhas para o sul até ao paralelo de setenta graus. Uma segunda tentativa, por 160 graus de longitude este, não lhes permitiu chegar mais perto do polo. No entanto, marcaram as ilhas de Pedro I e Alexandre I, as quais formam talvez a terra avistada pelo americano Palmer.

Foi em 1822 que o capitão James Weddell, da marinha inglesa, atingiu, se a sua narrativa não é exagerada, por 74 graus 15 de latitude, um mar desembaraçado de gelos — o que lhe fez negar a existência dum continente polar. Notarei, não obstante, que a derrota daquele navegador é a mesma que, seis anos antes dele, devia seguir a «Jane» de Arthur Pym.

Em 1823, o americano Benjamim Morell, na escuna «Wash», empreendeu, no mês de Março, uma primeira campanha, que o levou por 69 graus 15 de latitude, depois por 70 graus 14, à superfície dum mar livre, com a temperatura do ar a quarenta e sete graus Fahrenheit (8,33 C. acima de zero) e a da água a quarenta e quatro graus (6,67 C. acima de zero)-observações que concordam manifestamente com as que se fizeram a bordo da «Jane», nas paragens da ilha Tsalal. Se lhe não tivessem faltado os mantimentos, afirma o capitão Morell que teria atingido, quando não fosse o polo austral, pelo menos o paralelo de oitenta e cinco graus. Em 1829 e 1830, uma segunda expedição no «Antarctique» conduziu-o por 116 graus de longitude, sem encontrar obstáculos, até 70 graus 30, e descobriu a terra Groelândia Sul.

Precisamente na época em que Arthur Pym e William Guy subiram mais além que os seus antecessores, os ingleses Foster e Kendal, encarregados pelo Almirantado de determinar a configuração da Terra por meio das oscilações do pêndulo em lugares diferentes, não

ultrapassaram 64 graus 45 de latitude meridional.

Em 1830, John Biscoe, que comandava o «Tuba» e o «Lively», pertencentes aos irmãos Enderby, foi incumbido de explorar as regiões austrais, caçando baleias e focas. Em Janeiro de 1831, cortou o paralelo de sessenta graus, atingiu 68 graus 51 por 10 de longitude este, estacou perante gelos insuperáveis, e descobriu, por 65 graus 57 de latitude e 45 graus de longitude este, uma terra considerável, a que deu o nome de Enderby, à qual não pôde acostar. Em 1832, uma segunda campanha não lhe permitiu dobrar o grau sessenta e seis além de vinte e sete minutos. Encontrou contudo e denominou a ilha Adelaide, para lá duma terra elevada e contínua, a que chamou Terra de Graham. Desta campanha, a Real Sociedade de Geografia de Londres tirou a conclusão de que, entre o grau quarenta e sete e o quarenta e nove de longitude este, se prolongava um continente pela latitude de sessenta e sete graus. Arthur Pym, todavia, teve razão em sustentar que tal conclusão não podia ser racional, porque Weddell navegara por essas pretendidas terras, seguindo a «Jane» essa direção, ainda que para lá do paralelo de setenta e quatro graus.

Em 1835, o tenente inglês Kemp deixou as Kerguelen. Depois de ter marcado aparências de terra por 70 graus de longitude este, tornou a encontrar o grau sessenta e seis, reconheceu uma costa, que provavelmente se ligava à terra de Enderby, e não foi mais longe na proa do sul.

Por fim, no começo deste ano de 1839, o capitão Balleny, em o navio «Elisabeth-Scott», a 7 de Fevereiro, passou além de 67 graus 7 de latitude por 104 graus 25 de longitude oeste, e descobriu o rosário de ilhas que tem o seu nome; depois, em Março, por 65 graus 10 de latitude e 116 graus 10 de longitude este, marcou a terra a que deu o nome de Sabrina. O mareante referido, um simples baleeiro, como mais tarde eu soube, acrescentara assim indicações precisas, as quais, pelo menos nesta parte do oceano austral, deixavam pressentir a existência de um continente polar.

Finalmente, como já o notei no começo desta narrativa, quando a «Halbrane» projetava uma tentativa que devia arrastá-la mais longe que aos navegadores durante o período de 1772 a 1839, o primeiro-tenente Charles Wilkes, da marinha dos Estados Unidos, que comandava uma divisão de quatro navios, o «Vincennes», o «Peacock», o «Porpoise», o «Flying-Fish» e vários barcos de conserva, tentou abrir passagem para o polo pela longitude do grau cento e dois. Numa palavra, nesta época faltava ainda descobrir cerca de cinco milhões de milhas quadradas da Antártica.

Tais são as campanhas que precederam nos mares austrais a da escuna «Halbrane», sob as ordens do capitão Len Guy. Em resumo, os mais audaciosos daqueles descobridores ou os mais favorecidos, se assim o quiserem, não ultrapassaram — Kemp o paralelo de sessenta e seis graus, Balleny o de sessenta e sete, Biscoe o de sessenta e oito, Bellingshausen e Morell o de setenta, Cook o de setenta e um, Weddell o de setenta e quatro... E era para lá do paralelo de oitenta e três graus, cerca de quinhentas e cinquenta milhas mais distantes, que se tornava mister ir em socorro dos sobreviventes da «Jane»!

Devo confessá-lo: depois do encontro do bloco de gelo de Patterson, embora eu fosse homem prático e de temperamento pouco imaginativo, sentia-me estranhamente sobre-excitado. Uma nervosidade singular não me deixava um instante de repouso.

Perseguiam-me de contínuo as figuras de Arthur Pym e dos seus companheiros abandonados no meio dos desertos da Antártica.

Esboçava-se-me o desejo de tomar parte na campanha projetada pelo capitão Len Guy. Sonhava nisso sem cessar. Em suma, nada me chamava à América. Pouco me importava que a minha ausência se prolongasse seis meses ou um ano. Verdade é que faltava obter o consentimento do comandante da «Halbrane». Mas porque havia de recusar-se a conservar-me como passageiro? Pois provando-me «materialmente» ser ele quem tinha razão, conduzindo-me ao teatro duma catástrofe que eu considerava fictícia; mostrando-me os destroços da «Jane» em Tsalal; pondo-me em presença de seu irmão William; finalmente, patenteando-me a resplandecente verdade, não seria isso uma satisfação bem humana?

Eu, contudo, resolvi esperar, antes de tomar uma resolução definitiva, que se me deparasse ensejo de falar ao capitão Len Guy.

Além de que, não havia motivo para pressas. Depois de um tempo como se queria durante os dez dias que se seguiram à nossa partida de Tristão da Cunha, sobrevieram vinte e quatro horas de calma. Por fim a viração soprou do sul. A «Halbrane», correndo a um largo, teve de diminuir o pano porque o vento era rijo. Já se não podia contar, daqui por diante, com a centena de milhas que andávamos em média, dum romper do Sol a outro. Desta circunstância resultava que a travessia levaria pelo menos o dobro do tempo, e para isso não era necessário apanhar um desses temporais que obrigam um navio a meter-se de capa para fazer cabeça ao vento ou correr com o tempo.

Por felicidade — eu pude verificá-lo —, a escuna afrontava admiravelmente o mar. Nada havia a recear da sua sólida mastreação, até mesmo quando levava o pano todo largo. Demais, por muito audacioso que fosse e manobrista de primeira ordem, o piloto mandava rizar sempre que a violência do vento ameaçava comprometer o navio.

Não havia que temer nenhuma imprudência ou inabilidade de Jem West.

De 22 de Setembro a 3 de Outubro, durante doze dias, venceu-se evidentemente pouco caminho. Era tão apreciável o descair para a costa americana que, se não fora a corrente aguenta-la por baixo, mantendo a escuna contra o vento, íamos provavelmente dar às terras da Patagônia.

Durante este período de mau tempo, em vão procurei ensejo de conversar a sós com o capitão Len Guy. Fora das horas das refeições, conservava-se encerrado no camarote, entregando, como de costume, a direção do navio ao imediato, e apenas aparecendo no convés para tomar o ponto, quando o Sol se mostrava por alguma aberta. Devo acrescentar que Jem West era admiravelmente auxiliado pela tripulação, o bossman em primeiro lugar, e seria difícil encontrar uma dezena de homens mais hábeis, mais afoitos, mais resolutos.

Na manhã de 4 de Outubro o estado do céu e do mar modificou-se de forma muito acentuada. O vento amainou, o vagalhão foi descaindo, e, no dia seguinte, a viração mostrava tendências para rondar ao noroeste.

Não podíamos esperar melhor mudança. Desenrizou-se o pano e largaram-se os sobres de gávea e joanete, ainda que o vento começasse a refrescar. Se se conservasse bom, o gajeiro, antes de dez dias, avistaria as primeiras eminências das Falklands.

De 5 a 10 de Outubro, a viração soprou com a constância e regularidade dum alisado. Não houve que retesar nem afrouxar uma só escota. E, embora a sua força diminuísse gradualmente, a direção não cessou de ser favorável.

O ensejo que eu procurava de sondar o capitão Len Guy deparou-se-me na tarde de 11. Foi ele próprio quem mo proporcionou, interpelando-me nas seguintes circunstâncias.

Estava eu sentado por sotavento do tombadilho, perto da passagem exterior, eis que o capitão Len Guy sai do camarote, dirige a vista para ré e vem sentar-se junto de mim.

Evidentemente, desejava falar-me, a respeito do assunto que o absorvia por completo. Por isso, com voz menos murmurosa que de costume, começou a dizer:

— Ainda não tive o prazer de conversar com o Sr. Jeorling desde que saímos de Tristão da Cunha...

— O que muito tenho lamentado, capitão — respondi, permanecendo na mesma reserva, de modo a penetrar-lhe as intenções.

— Peço que me desculpe — continuou ele. — Não têm conta as preocupações que me atormentam! Um plano de viagem que estou organizando... a necessidade de prever tudo... Não me queira mal por isso.

— Pode estar certo de que lhe não quero mal.

— Muito bem, Sr. Jeorling, e agora que o conheço, que pude apreciá-lo, felicito-me por o ter como passageiro até à nossa chegada às Falklands.

— Estou assaz reconhecido, capitão, por tudo que me tem feito, o que me anima a...

Parecia-me a ocasião propícia para apresentar a minha proposta, e eis que o capitão me interrompe.

— Ora pois, Sr. Jeorling — perguntou-me ele —, já está convencido da viagem da «Jane», e continua a considerar o livro de Edgar Poe como obra de pura imaginação?

— Não, capitão.

— Já não põe em dúvida que Arthur Pym e Dirk Petters tivessem existido, nem que William Guy, meu irmão, e cinco dos seus companheiros estejam vivos...

— Seria preciso que eu fosse o mais incrédulo dos homens, e eu só faço votos por que o céu proteja o capitão e assegure o salvamento dos naufragos da «Jane»!

— Empenharei nisso todo o meu zelo, Sr. Jeorling, e, por Deus onipotente, hei-de consegui-lo!

— Assim o espero, capitão... tenho até a certeza disso... e se permite...

— Não teve porventura ensejo de falar a este respeito com um tal Glass, ex-cabo inglês, que tem aspirações a governador de Tristão da Cunha? — queria saber o capitão Len Guy, sem me deixar acabar.

— Efetivamente — confirmei eu —, e o que esse homem me disse não contribuiu pouco para mudar as minhas dúvidas em certeza.

— Ah! Ele afirmou-lhe?

— Sim... e recorda-se perfeitamente de ter visto a «Jane», quando ela estava fundeada, há onze anos.

— A «Jane»... meu irmão?

— Disse ele que conheceu pessoalmente o capitão William Guy...

— E fez negócio com a «Jane»?

— Fez, sim, como agora com a «Halbrane»...

— Estava fundeada nessa baía?

— No mesmo ponto em que estive a escuna, capitão.

— E... Arthur Pym... Dirk Peters?

— Teve com eles frequentes relações.

— Perguntou o que era feito deles?

— Decerto, e eu referi-lhe a morte de Arthur Pym, que ele considerava audacioso... temerário... capaz das mais loucas aventuras.

— Diga antes doido, e um doido perigoso, Sr. Jeorling. Pois não foi ele quem arrastou meu desventurado irmão a essa funesta viagem?

— Há, com efeito, lugar de o supor, segundo a sua narrativa...

— E jamais o esquecerei! — acrescentou vivamente o capitão Len Guy.

— O tal Glass — prossegui — também conheceu o imediato da «Jane». Patterson...

— Era um excelente marinheiro, Sr. Jeorling, um coração dedicado... duma coragem a toda a prova! Patterson tinha unicamente amigos... e queria de corpo e alma a meu irmão...

— Como Jem West ao capitão.

— Ah! Para que havíamos nós de encontrar o infeliz Patterson morto sobre aquele bloco de gelo... morto há muitas semanas já!

— O seu encontro foi bem útil ao capitão, para as futuras investigações — observei eu.

— Assim é, Sr. Jeorling —, declarou o capitão Len Guy. — Glass sabe onde estão atualmente os naufragos da «Jane»?

— Disse-o eu, capitão, bem como tudo quanto resolveu fazer para os salvar!

Julguei inútil acrescentar que Glass ficara surpreendido em não receber a visita do capitão Len Guy; que o ex-cabo, desvanecido com a sua pretenciosa vaidade, esperava essa visita, e que não pensava que competisse a ele, governador de Tristão da Cunha, ser o primeiro a fazê-la.

Mudando depois o curso da conversação, diz-me o capitão Len Guy:

— Queria perguntar ao Sr. Jeorling se entende que tudo é exato no diário de Arthur Pym publicado por Edgar Poe...

— Há, penso eu, numerosas restrições a fazer — respondi-lhe —, dada a singularidade do herói destas aventuras, pelo menos no tocante à estranheza de certos fenômenos, que ele diz ter observado nas paragens para além da ilha Tsalal. E, precisamente no que respeita a William Guy e alguns dos seus companheiros, o capitão vê bem que Arthur Pym decerto se enganou ao afirmar que eles haviam perecido no desabamento da colina Klock-Klock.

— Oh! Ele não o afirma, Sr. Jeorling! — replicou o capitão Len Guy —, pois diz simplesmente que, quando Dirk Peters e ele chegaram junto da abertura por onde podiam ver o campo circunvizinho, lhe fora revelado o segredo do terremoto. Ora, como a parede da colina caíra sobre o fundo do barranco, a sorte de meu irmão e de vinte e oito dos seus homens não podia ser objeto de dúvida no seu espírito. É por isso que foi levado a pensar que Dirk Peters e ele eram os únicos brancos sobreviventes que se encontravam em Tsalal... Ele apenas diz isto... nada mais! São simples suposições, aliás admissíveis, há-de concordar... meras suposições.

— De acordo, capitão.

— Nós, porém, agora, graças à carteira de Patterson, temos a certeza de que meu irmão e cinco dos seus companheiros escaparam ao esmagamento preparado pelos naturais.

— É evidentíssimo, capitão. Quanto ao fim que tiveram os sobreviventes da «Jane», isto é, se tornaram a ser apanhados pelos indígenas de Tsalal e serão ainda seus prisioneiros, ou se estarão livres, disso é que as notas de Patterson não dizem nada, nem das circunstâncias em que ele próprio fora levado para longe dos seus companheiros...

— Isso, Sr. Jeorling, havemos de sabê-lo. Sim! Havemos de sabê-lo. O essencial é termos

a certeza de que meu irmão e seis dos seus marinheiros estavam vivos, não há ainda quatro meses, numa parte qualquer da ilha Tsalal. Já não se trata dum romance firmado por Edgar Poe, mas sim duma verídica narrativa assinada por Patterson...

— Capitão — disse então eu —, quer que eu seja dos seus até ao fim da viagem da «Halbrane» pelos mares antárticos?

O capitão Len Guy fitou-me com um olhar penetrante, qual lâmina pontiaguda. Não pareceu nada surpreendido com a proposta que eu acabava de fazer-lhe — com que ele talvez contava — e apenas respondeu:

— De bom grado!

CAPÍTULO IX

O APRESTO DA «HALBRANE»

Traçai um retângulo de sessenta e cinco léguas de comprimento de este a oeste e quarenta de largura de norte a sul, metei-lhe dentro duas grandes ilhas e uma centena de ilhotas entre 60 graus 10 e 64 graus 36 de longitude ocidental, e 51 e 52 graus 45 de latitude meridional — e tereis o grupo geograficamente denominado ilhas Falklands ou Malvinas, a trezentas milhas do estreito de Magalhães, e que forma como que o posto avançado dos grandes oceanos Atlântico e Pacífico.

Em 1592, John Davis foi quem descobriu este arquipélago, o pirata Hawkins quem o visitou em 1593, e Strong quem o batizou em 1689 — todos ingleses.

Cerca de um século depois, os franceses, expulsos dos seus domínios do Canadá, procuraram fundar, no referido arquipélago, uma feitoria para abastecimento dos navios do Pacífico. Ora, como a maior parte eram corsários de Saint-Malo, batizaram aquelas ilhas com o nome de Malvinas, nome que conservam juntamente com o de Falklands. Quem assentou os primeiros fundamentos da colônia foi o compatriota deles, Bougainville, em 1763, que levou consigo vinte e sete indivíduos, dos quais cinco mulheres, e, passados dez meses, os colonos eram em número de cento e cinquenta.

Esta prosperidade não deixou de provocar as reclamações da Grã-Bretanha. O Almirantado mandou para lá o «Tamar» e o «Dauphin», sob as ordens do comandante Byron. Em 1766, ao terminar duma exploração no estreito de Magalhães, os ingleses largaram no rumo das Falklands, contentaram-se em reconhecer a oeste a ilha de Porto-Egmond, e prosseguiram na viagem para os mares do Sul.

A colônia francesa não podia ser bem sucedida e, além disso, os espanhóis fizeram valer os seus direitos, em virtude duma concessão papal anterior. De modo que o Governo de Luís XV decidiu-se a reconhecer esses direitos, mediante indenização pecuniária, e Bougainville, em 1767, veio restituir as ilhas Falklands ao representante do rei de Espanha.

Todas estas trocas, estes passes de mão em mão, produziram o resultado inevitável em matéria de empreendimentos coloniais; quer dizer, os espanhóis foram enxotados pelos ingleses. Por conseguinte, desde 1833, esses assombrosos abarcadores são os senhores absolutos das Falklands.

Ora, havia seis anos que o grupo estava incluído nas possessões britânicas do Atlântico meridional, quando a nossa escuna chegou a Porto-Egmond, em data de 16 de Outubro. As duas grandes ilhas, segundo a posição que ocupam em relação uma à outra, chamam-se East-Falkland ou Soledad, e West-Falkland. É ao norte da segunda que se encontra Porto-Egmond.

Quando a «Halbrane» ancorou ao fundo desse porto, o capitão Len Guy deu meio dia de

folga a toda a marinhagem. A contar do dia seguinte, começar-se-ia a faina por uma inspeção minuciosa do casco e do aparelho, em vista de uma demorada navegação pelos mares antárticos.

Foi imediatamente a terra o capitão Len Guy, a fim de conferenciar com o governador do grupo, cuja nomeação pertence à rainha, acerca do pronto abastecimento da escuna. Entendia ele não dever olhar a despesas, porquanto duma economia intempestiva pode resultar o insucesso de uma viagem tão custosa. Além disso, pronto a auxiliá-lo com a minha bolsa, como lhe dei a perceber, eu tencionava contribuir com a minha parte para os gastos da expedição. E, com efeito, eu estava agora preso... pelo prodigioso imprevisto, pelo estranho encadeamento de tais acontecimentos.

Parecia-me, como se eu fora o herói de Os Bens de Arnheim, «que uma viagem aos mares do Sul convém a qualquer indivíduo para o qual o isolamento completo, a reclusão absoluta, a dificuldade de entrar e sair seriam o encanto dos encantos!» À força de ler estas obras fantásticas de Edgar Poe, eis aqui a que ponto eu chegara! E, demais, tratava-se de socorrer desventurados, e eu ficaria satisfeito por ter contribuído pessoalmente para o seu salvamento.

Não obstante o capitão Len Guy desembarcar naquele dia, Jem West, conforme o seu costume, não saiu de bordo. Enquanto a maruja descansava, o piloto não se mantinha ocioso, e foi a inspecionar o porão que ele se ocupou até à noite. Pela minha parte, só no dia seguinte é que desembarquei. Durante a demora, teria eu muito tempo de explorar os arredores de Porto-Egmond e de me entregar a investigações relativas à mineralogia e geologia da ilha.

Oferecia-se, pois, ao tagarela do Hurliguerly excelente ensejo de reatar conversação comigo, e não se esqueceu de aproveitá-lo.

— Os meus mais sinceros e mais calorosos cumprimentos, Sr. Jeorling — disseme ele, abeirando-se de mim.

— Mas a que propósito, bossman?

— A propósito do que me consta, isto é, que o senhor vai acompanhar-nos até aos confins dos mares antárticos.

— Oh! Tão longe, creio que não, nem se trata de ir além do paralelo de oitenta e quatro graus.

— Quem sabe lá! — respondeu o bossman. — Em todo caso, a «Halbrane» vai vencer mais graus em latitudes do que ela tem de rizes na carangueja da mezena ou de enfrechates nos ovéns.

— Veremos!

— E o Sr. Jeorling não se atemoriza com isso?

— De maneira nenhuma.

— Nós também não, pode crer! — afirmou Hurliguerly. — Ora essa! Sabe que o nosso capitão, embora não seja falador, tem boas qualidades! O caso é sabê-lo levar. Depois de lhe ter dado até Tristão da Cunha a passagem que lhe recusara a princípio, eis que lha concede até ao polo.

— Não se trata do polo, bossman!

— Pois sim; mas há-de acabar por lá se chegar um dia!

— Isso não é tanto assim. Além de que, na minha opinião, não é coisa de grande interesse, nem eu tenho a ambição de lá chegar! Seja como for, é unicamente à ilha Tsalal...

— À ilha Tsalal... está dito! — replicou Hurliguerly. — Contudo, deve reconhecer que o

nosso capitão não se tem mostrado menos condescendente para com o senhor...

— Eu também lhe sou muito reconhecido... e ao bossman — apressei-me a acrescentar — porquanto é à sua influência que devo o ter feito esta travessia.

— E a que vai fazer ainda...

— Não duvido disso, bossman.

Era possível que Hurliguerly — homem de bom fundo, como depois pude verificar — tivesse notado uns laivos de ironia na minha proposta. Não o deixou todavia perceber, por estar resolvido a representar junto de mim o seu papel de protetor. Demais, a sua conversação só podia ser-me proveitosa, por isso que ele conhecia as Falklands e todas as ilhas do Atlântico Sul, as quais visitava havia muitos anos.

Resultou disso o estar eu suficientemente preparado e documentado, quando, no dia seguinte, o escaler que me transportou a terra veio acostar à praia, cujo espesso maciço de ervas parece posto ali para amortecer o choque das embarcações.

Nesta época, as Falklands não eram utilizadas como depois o foram. Só mais tarde é que, na Soledad, se descobriu o porto Stanley — porto que o geógrafo francês Eliseu Reclus considerou «ideal». Abrigado como é do vento de todos os quadrantes, podia conter as esquadras da Grã-Bretanha. Sobre a costa norte de West-Falkland propriamente dita é que a «Halbrane» havia ido em demanda de Porto-Egmond. Pois bem, se eu, há dois meses a esta parte, tivesse navegado, de olhos vendados, sem saber a direção seguida pela escuna, e dado o caso de me perguntarem, durante as primeiras horas de fundear: «Aonde está você, nas Falklands ou na Noruega?», a minha resposta havia de denotar algum embaraço.

Efetivamente, perante estas costas recortadas em fundas calhetas, perante escarpadas montanhas de encostas a pique, perante uma escadaria de penedias acinzentadas, a hesitação é permitida. Não há nada até esta região marítima, isenta de grandes mudanças de temperatura, que não seja comum aos dois países. Além disso, as chuvas frequentes do céu escandinavo caem com igual abundância do céu de Magalhães. Há intensos nevoeiros na Primavera e no Outono, vento duma tal violência que chega a arrancar as hortaliças das hortas. Verdade é que me bastaram alguns passeios para reconhecer que o equador me separava, todavia, da Europa setentrional.

E, de fato, nos arredores de Porto-Egmond, que explorei eu durante os primeiros dias, que pude eu observar? Nada mais que os indícios duma vegetação doentia, em nenhuma parte arborescente. Apenas raros arbustos despontavam aqui e ali, em vez dos admiráveis pinheirais das montanhas norueguesas, tais como o bolax, espécie de lírio roxo, delgado como um junco de seis a sete pés, que destila uma goma aromática, valerianas, úrneas, azoelas, codessos trepadores, briónias, estragões, calceolárias, hepáticas, violetas, vinagreiras, e aipo branco e vermelho, que é muito bom para as afecções escorbúticas. Demais, à superfície dum solo turfoso, que se abaixa e se ergue debaixo dos pés, estendia-se um tapete mosqueado de musgos e líquenes... Não, esta não era a região atraente onde vibram os ecos das sagas, não era o poético domínio dos Odin, dos Erses e das Valquírias!

Sobre as profundas águas do estreito de Falkland, que separa as duas ilhas principais, estendiam-se extraordinárias vegetações aquáticas, as bodelhas, que têm um rosário de vesiculazinhas cheias de ar e que pertencem unicamente à flora falklandina.

Confessemos, todavia, que as baías deste arquipélago, onde avultavam já as baleias, eram frequentadas por outros mamíferos marinhos de enorme tamanho, focas otários com pelagem

de cabra, de vinte e cinco pés de comprido por vinte de circunferência, e por bandos de elefantes, lobos ou leões-do-mar, de proporções não menos gigantescas. Não se pode imaginar a violência do bramido destes anfíbios, especialmente das fêmeas e dos mais novos. Pareciam manadas de bois mugindo nestas plagas. Capturar, ou pelo menos abater estes animais, não oferece perigo nem dificuldade. Os pescadores matam-nos duma paulada, quando os apanham acaçapados debaixo da areia das praias.

Eis aqui, pois, as particularidades que diferenciam a Escandinávia das Falklands, sem falar duma infinidade de aves que adejam ao aproximar-se delas, abetardas, corvos, cisnes de cabeça preta, e sobretudo pinguins, dos quais se destroem anualmente muitos milhares.

Uma ocasião, em que atroava os ares uma zurraria de ensurdecer, perguntando eu a um velho marítimo de Porto-Egmond: — Acaso há jumentos nestas redondezas?

— Não são jumentos o que o senhor está ouvindo — respondeu-me ele —, são pinguins. Acredito; porém, os próprios jumentos se enganariam ao ouvir ornear estes estúpidos voláteis!

No decurso dos dias 17, 18 e 19 de Outubro, Jem West mandou proceder a uma rigorosa inspeção do casco do navio, e verificou-se que nada tinha sofrido. A roda de proa pareceu bastante sólida para quebrar os primeiros gelos quando chegasse aos bancos. No cadaste fizeram-se algumas reparações de consolidação, para assegurar o manejo do leme sem risco de saltar com os choques. A escuna, que foi deitada de estibordo, recebeu cuidadoso calafeto em várias costuras. Do mesmo modo que a maior parte dos navios destinados a navegar nos mares frios, a «Halbrane» não era forrada de cobre, o que é preferível quando se tem de roçar pelos ice-fields, cujas arestas agudas deterioram facilmente a querena.

Substituíram-se algumas cavilhas do cintado, e, sob a direção de Hardie, nosso mestre calafate, os malhos «cantaram» em uníssonos com uma sonoridade de bom agouro.

Na tarde de 20, em companhia do velho marítimo de quem já falei — um excelente homem muito sensível às seduções duma palavra regada com um copo de aguardente—, prolonguei mais para diante o meu passeio a oeste da baía.

A ilha de West-Falkland excede em extensão a sua vizinha Soledad, e possui um outro porto, no extremo da ponta meridional de Byrons-Sound, muito afastado para que eu pudesse ir lá. Eu não poderia, nem sequer aproximadamente, avaliar a população do referido arquipélago. É possível que então não contasse mais de duzentos a trezentos indivíduos, a maior parte ingleses, e, além destes, índios, portugueses, espanhóis, gaúchos dos Pampas argentinos, e naturais da Terra de Fogo. No entanto, era por milhares e milhares de cabeças que se deviam estimar os representantes da raça ovina espalhados pela sua superfície. Mais de quinhentos mil carneiros produzem anualmente para cima de cem mil dólares de lã. Nestas ilhas também se criam bois, cuja corpulência parece ter aumentado, ao passo que diminuía nos outros quadrúpedes, cavalos, porcos e ovelhas, todos eles, porém, em estado de braveza. Quanto ao cão-raposa, duma espécie privativa da fauna falklandina, é o único animal deste país que faz lembrar a casta carniceira.

Não foi sem razão que qualificaram de «granja de gados» o mencionado grupo. Que inesgotáveis pastagens, que abundância duma saborosa erva chamada tussock, que a Natureza destina aos animais com uma prodigalidade inextinguível! A Austrália, tão rica a este respeito, não oferece uma mesa mais bem servida aos seus convivas das espécies ovina e bovina.

Devem, portanto, ser procuradas as Falklands, sempre que se trate de abastecimento de navios. Este grupo é, sem dúvida, duma importância real para os navegantes, quer para os que

se dirijam para o estreito de Magalhães, quer para aqueles que vão pescar nas vizinhanças das terras polares.

Terminados os trabalhos do casco do navio, ocupou-se o piloto do aparelho, auxiliado pelo nosso mestre veleiro Martim Holt, que era muito entendido nos trabalhos deste gênero.

— Sr. Jeorling — disseme nesse dia, 27 de Outubro, o capitão Len Guy —, como vê, nada será descurado para assegurar o bom êxito da nossa viagem. Tudo quanto se deve prever está previsto. E se a «Halbrane» tiver de perder-se em alguma catástrofe, é porque não pertence à humana gente o ir contra os desígnios de Deus!

— Repito-lhe, capitão, tenho muito fundadas esperanças — respondi eu.

— Tem razão, Sr. Jeorling, pois devemo-nos achar em boas condições para atravessar os gelos. Não sei o que o vapor ainda virá a ser; mas duvido que esses barcos, com o estorvo das frágeis rodas, possam valer um veleiro na navegação austral. E, demais, haver sempre necessidade de renovar o carvão... Não! É mais prudente estar a bordo dum navio que governa bem, e servirmo-nos do vento, o que, além de tudo, é aproveitável sobre três quintas partes da bússola, confiar no velame duma escuna, que pode aguenta-lo de cinco quartas...

— Sou do mesmo parecer, capitão, e, no ponto de vista marítimo, jamais se encontrará melhor navio! Mas, no caso de a viagem se prolongar, talvez que os mantimentos...

— Levamo-los para dois anos, e de boa qualidade. Porto-Egmond forneceu-nos tudo quanto nos era necessário.

— Mas uma outra coisa, se me dá licença?

— Qual?

— Não necessitará duma tripulação mais numerosa a bordo da «Halbrane»? Embora a gente que tem seja suficiente para a manobra, não se dará porventura ocasião de atacar ou defender-se nas paragens do oceano Antártico? Não esqueçamos que, segundo a narrativa de Arthur Pym, os indígenas da ilha Tsalal se contavam por milhares. E se seu irmão William Guy, se os companheiros dele estão prisioneiros...

— Espero, Sr. Jeorling, que a «Halbrane» há-de ser mais bem protegida pela nossa artilharia do que a «Jane» o estava com a sua. A falar verdade, a atual tripulação, bem o sei, não bastaria para uma expedição deste gênero. É por isso que estou tratando de assoldadar um suprimento de marinheiros...

— E não será difícil?

— É e não é, porquanto o governador já me prometeu auxiliar nesse serviço.

— Parece-me, capitão, que só se arranjará gente por uma soldada muito alta...

— Soldada dobrada, Sr. Jeorling, e, bem entendido, para a tripulação toda.

— O capitão sabe que estou disposto... que desejo até contribuir para as despesas da expedição... Queira, pois, considerar-me como seu sócio...

— Tudo se há-de arranjar, Sr. Jeorling, e creia que lhe estou muito reconhecido. O essencial, porém, é fazer-se o equipamento sem a menor demora. É mister que dentro de oito dias estejamos prontos para aparelhar.

A notícia de que a escuna faria derrota pelos mares antárticos produziu uma certa sensação nas Falklands, em Porto-Egmond e bem assim nos diversos portos da Soledad.

Encontravam-se ali, nesta época, numerosos mareantes desempregados, mareantes que aguardam a passagem das baleeiras para oferecer os seus serviços, em geral bem retribuídos.

Se se tratasse apenas duma campanha de pesca nos limites do círculo polar, entre as

paragens das Sanduíche e da New Georgia, o capitão Len Guy só teria a dificuldade da escolha.

Mas internar-se para lá dos bancos de gelo, ir mais para vante do que nenhum outro navegador havia até então conseguido, e muito embora fosse no intuito de socorrer naufragos, isso podia dar margem a que refletissem, a que a maior parte hesitasse. Era necessário ser da antiga maruja da «Halbrane» para se não inquietarem com os perigos duma tal navegação e prestarem-se a seguir o seu chefe tão longe quanto lhe aprouvesse ir.

Realmente, tratava-se apenas de triplicar a marinhagem da escuna. Incluindo o capitão, o piloto, o bossman, o cozinheiro e eu, nós éramos treze a bordo. Ora, de trinta e dois a trinta e quatro homens, não seria nada demasiado, e é preciso não esquecer que na «Jane» havia trinta e oito.

Verdade é que, reunir o dobro da maruja de que se compunha atualmente a tripulação, não deixava de dar que pensar.

Ofereciam os mareantes das Falklands, ao dispor das baleeiras fundeadas, todas as garantias desejáveis?

Se o introduzir quatro ou cinco a bordo dum navio, cujo pessoal é já de si elevado, não dá lugar a inconvenientes graves, o mesmo não acontecia com a escuna.

O capitão Len Guy, todavia, esperava não ter de arrepende-se da escolha, desde que as autoridades do arquipélago o ajudassem a fazê-la.

Por fim, graças à boa soldada que se prometia, afluiu muita gente.

De modo que, na véspera da saída, que foi fixada para 27 de Outubro, estava completa a tripulação.

É inútil tornar conhecidos cada um dos novos embarcados pelo seu nome e pelas suas qualidades individuais. Hão-de ser vistos e julgados quando estiverem em atividade. Havia-os bons, e havia-os maus.

A verdade é que seria impossível encontrá-los melhores, ou tão bons, como quiserem.

Limitar-me-ei, portanto, a notar que, entre os alistados, havia seis homens de origem inglesa, dos quais um tal Hearne, de Glásgua.

Cinco eram de origem americana (Estados Unidos) e oito de nacionalidade um tanto duvidosa — uns pertenciam à população holandesa, outros meio espanhóis e meio indígenas da Terra de Fogo. O mais novo tinha dezenove anos, e o mais idoso quarenta e quatro. A maior parte não eram estranhos à arte de marinheiro, pois tinham já navegado, quer em barcos mercantes, quer de pesca de baleias, focas e outros anfíbios das paragens antárticas. O alistamento dos restantes teve por único fim aumentar o pessoal defensivo da escuna.

Isto perfazia, pois, um total de dezenove homens alistados pelo tempo que durasse toda a campanha, o qual não podia ser previamente determinado, mas que não podia arrastá-los para além da ilha Tsalal. Quanto à soldada, era tão subida que nenhum desses marinheiros jamais recebera sequer metade no decurso das suas viagens anteriores.

Feitas as contas, sem falar de mim, a tripulação, incluindo o capitão e o piloto da «Halbrane», subia a trinta e um homens — mais um trigésimo segundo, sobre o qual convém chamar a atenção por modo especial.

Na véspera da saída, ao passar o capitão Len Guy pelo ângulo do porto, chegou-se a ele um indivíduo — evidentemente um marujo, o que se reconhecia pelo vestuário, pelo andar e pela linguagem.

O dito indivíduo, com voz rude e pouco compreensível, diz então:

— Capitão... tenho uma proposta a fazer-lhe.

— Qual é?

— Ora ouça. Tem ainda um lugar a bordo?

— Para um marinheiro?

— Para um marinheiro.

— Tenho e não tenho — replicou o capitão Len Guy.

— E se tiver? — perguntou o sujeito.

— Se tiver, é para um pretendente que me convenha.

— Quer tomar-me a mim?

— Tu és marinheiro?

— Naveguei durante vinte e cinco anos.

— Por onde?

— Pelos mares do Sul.

— Longe?

— Sim... percebe... longe.

— Que idade tens?

— Quarenta e quatro anos.

— E há quanto tempo estás em Port-Egmond?

— Há três anos. Faz agora pelo Natal.

— Tencionavas embarcar em alguma baleeira?

— Não.

— Então que fazias tu aqui?

— Nada... e já não pensava em tornar a navegar.

— Nesse caso, por que embarcas?

— Foi uma ideia... Espalhou-se a notícia da expedição que a escuna vai fazer... E eu desejo... sim, desejo tomar parte nela... se o capitão consentir, já se vê!

— Tu és conhecido em Port-Egmond?

— Sou... e, desde que aqui estou, nunca dei lugar a reparos de ninguém.

— Pois bem — responde o capitão Len Guy. — Tomarei informações...

— Pode tomar, capitão, e se disser que sim, hoje mesmo porei o meu saco a bordo.

— Como te chamas?

— Hunt.

— E és?

— Americano.

Este Hunt era homem de pequena estatura, tez muito tisonada, duma coloração de tijolo, pele amarela como a dos índios, o dorso enorme, cabeça volumosa e pernas muito arqueadas. Os membros denotavam um vigor excepcional, sobretudo os braços, cujas mãos eram dum tamanho!... A cabeleira grisalha parecia uma espécie de pelica, com o pêlo para fora.

O que imprimia à fisionomia deste indivíduo um caráter particular — que não depunha nada em seu favor — era a superagudeza da vista dos seus olhinhos, a boca quase sem lábios, rasgada duma orelha à outra e cujos dentes compridos, de esmalte intato, nunca tinham sido atacados pelo escorbuto, tão comum nos mareantes das altas latitudes.

Havia três anos que Hunt estava nas Falklands, primeiro num dos portos da Soledad, na

baía dos Franceses, e agora em Porto-Egmond. Pouco comunicativo, vivia apenas duma pensão de reforma, a que título, ignorava-se. E como não estava às ordens de ninguém, entretinha-se a pescar, mister que bastaria para lhe assegurar a subsistência, quer se alimentasse do seu produto, quer o negociasse.

As informações colhidas pelo capitão Len Guy a respeito de Hunt não podiam deixar de ser incompletas, salvo no tocante ao seu comportamento desde que residia em Porto-Egmond. Era homem que não brigava, que não bebia, que nunca ninguém vira com um gole a mais, e dera por vezes provas duma força hercúlea.

Quanto ao seu passado, ignorava-se o que ele tivesse sido, mas decerto que fora marinheiro. Ele havia dito antes ao capitão Len Guy mais do que nunca dissera a ninguém. Mas, quer a respeito da família a que pertencia, como acerca do local preciso do seu nascimento, mantinha obstinado silêncio. Isso, porém, pouco importava se o referido mareante pudesse prestar bons serviços.

Finalmente, em vista das informações obtidas, não havia nada que obrigasse a rejeitar a proposta de Hunt. Verdade, verdade, era para desejar que todos os outros que se assoldaram em Porto-Egmond não merecessem maiores reparos.

Hunt recebeu, pois, resposta favorável, e, nessa mesma tarde, foi para bordo.

Estava tudo pronto para a saída. A «Halbrane» tinha metido mantimentos para dois anos, carne salgada, legumes de diversas espécies, grande quantidade de vinagreira, aipo e cocleárias, próprios para combater ou prevenir as afecções escorbúticas. O porão continha barris de aguardente, uísque, cerveja, genebra e vinho, para consumo diário, e uma vasta provisão de farinhas e biscoitos, comprados nos armazéns do porto.

Temos ainda, com respeito a munições, pólvora, balas para artilharia, e ditas para espingarda e pedreiros, que foram fornecidas por ordem do governador. O capitão Len Guy até conseguiu obter redes de abordagem, que pertenceram a um navio que ultimamente dera à costa sobre uns rochedos, à entrada da baía.

A 27, pela manhã, em presença das autoridades do arquipélago, os preparativos para aparelhar terminaram-se com celeridade notável. Trocaram-se os cumprimentos derradeiros, as últimas despedidas. Depois o ferro levantou-se do fundo e a escuna fez-se ao mar.

Soprava o vento noroeste, bonançoso, e, com o pano todo largo, a «Halbrane» enfiou para os canaletes. Logo que se viu no mar alto, apanhou a este, a fim de dobrar a ponta de Tamar-Hart, no extremo do estreito que separa as duas ilhas. Depois do meio-dia, contornava Soledad, que ficou para bombordo. Por fim, ao cair da tarde, os cabos Delfim e Pembroke desapareceram nas brumas do horizonte.

Estava encetada a campanha. Só a Deus era dado saber se o sucesso aguardava esta corajosa gente, que um sentimento de humanidade arrastava para as mais temerosas regiões da Antártica!

CAPÍTULO X

O COMEÇO DA CAMPANHA

Foi do grupo das Falklands que o «Tuba» e o «Lively», do comando do capitão Biscoe, haviam partido a 27 de Setembro de 1830, costeando a terra das Sanduíche, da qual dobraram a ponta setentrional a 1 de Janeiro do ano seguinte. Verdade é que, seis semanas depois, o «Lively», infelizmente, naufragava nas Falklands e, devia-se ter esperança nisso, não seria essa a sorte que estava reservada à nossa escuna.

Largava, pois, o capitão Len Guy do mesmo ponto que Biscoe, o qual gastara cinco semanas para ganhar as Sanduíche. Logo, porém, nos primeiros dias, assaz contrariado pelos gelos para lá do círculo polar, o navegador inglês foi descaindo para sueste, até à longitude oriental de quarenta e cinco graus, e a essa mesma circunstância é que se deve o descobrimento da Terra de Enderby.

O capitão Len Guy mostrou na carta este itinerário a Jem West e a mim, acrescentando: — Não é, todavia, no rasto de Biscoe que nós devemos seguir, mas sim no de Weddell, cuja viagem à zona austral se realizou em 1822 com o «Beaufoy» e a «Jane»... A «Jane»! Nome predestinado, Sr. Jeorling! Mas esta «Jane» de Biscoe foi mais feliz que a de meu irmão, e não se perdeu para além dos bancos de gelo (1). *(1) Foi também nas Falklands, em 1838, que Dumont d'Urville, comandante do «Astrolábio», combinou encontrar-se com a sua conserva «Zelosa», no caso de as duas corvetas se separarem, quer por efeito do mau tempo, quer por causa dos gelos — e precisamente na baía Soledad.

— Eia, avante, capitão — respondi-lhe —, e se não seguirmos Biscoe, seguiremos Weddell. Simples pescador de focas, este audacioso navegante conseguiu aproximar-se mais do polo que os seus predecessores e é quem nos indica a direção que devemos seguir...

— E havemos de segui-la, Sr. Jeorling. Além disso, se não tivermos nenhum atraso, se a «Halbrane» encontrar os bancos de gelo até meados de Dezembro, chegaremos muito cedo.

E, de fato, haviam já decorrido os primeiros dias de Fevereiro quando Weddell atingiu o paralelo de setenta e dois graus, e então, como ele disse, «não se via uma partícula de gelo». Depois, a 20 de Fevereiro, estacou, ao fazer a última proa para sul, por setenta e quatro graus e trinta e seis minutos. Nenhum navio tinha passado além — nenhum, salvo a «Jane», que não regressou... Existe, portanto, desse lado, nas terras antárticas, uma profunda reentrância entre os meridianos de trinta graus, por isso que, depois de Weddell, William Guy pôde aproximar-se a menos de sete graus do polo austral.

Consoante o seu costume, Jem West ouvia mas não falava. Ia medindo com a vista os espaços que o capitão Len Guy abrangia com as pontas do compasso. Continuava a ser o homem que recebe uma ordem e a executa, mas não a discute, e sempre pronto para fazer o que lhe mandassem.

Esta expedição de 1837, 1838, 1839 e 1840, no decurso duma navegação das mais perigosas, deu em resultado o marcarem-se cento e vinte milhas de costas desconhecidas entre os paralelos sul de sessenta e três e de sessenta e quatro graus, e os meridianos a oeste de Paris de cinquenta e oito e de sessenta e dois graus, sob as denominações de Terras de Luís Filipe e de Joinville. Da expedição de 1840, que chegou, em Janeiro, à extremidade oposta do continente polar — se é que há ali um continente polar —, resultou, entre 63 graus 3' sul e 132 graus 21' de longitude oeste, o descobrimento da Terra Adélia, e depois, entre 64 graus 36 sul e 129 graus 54' de longitude este, o da costa Clara. Na época, porém, em que ele deixava as Falklands, o Sr. Jeorling não podia ter conhecimento destes feitos geográficos, duma tão grande importância. Acrescentaremos que, depois dessa época, se fizeram algumas tentativas para chegar às altas latitudes do oceano Antártico. Vem a pelo citar, além de James Ross, um jovem marinheiro norueguês, Sr. Borchgrevinch, que subiu mais que o navegador inglês, e também a viagem do capitão Larsen, que comandava a baleeira norueguesa «Jason», o qual, em 1893, encontrou o mar livre ao sul das terras de Joinville e de Luís Filipe, e passou para lá do paralelo de sessenta e oito graus.

— Capitão — tornei eu —, decerto faz tenção de conformar-se com o itinerário da «Jane»?

— Tanto quanto seja possível...

— Pois bem, seu irmão William dirigiu-se ao sul de Tristão da Cunha, a fim de ir em demanda das ilhas Auroras, que não encontrou, como lhe sucedeu com outras a que o ex-cabo governador Glass teria tanto orgulho em dar o seu nome. Foi então que ele quis pôr em execução o projeto de que Arthur Pym lhe falara tantas vezes, sendo também entre quarenta e um e quarenta e dois graus de longitude que ele passou o círculo polar, em data de 1º de Janeiro...

— Sei isso — replicou o capitão Len Guy —, e é isso também o que a «Halbrane» há-de fazer, a fim de atingir a ilhota Bennet e depois a ilha Tsalal... E permita o Céu que, do mesmo modo que a «Jane» e que os navios de Weddell, ela encontre o mar livre na sua frente!

— Se ele ainda estiver obstruído pelos gelos, na época em que a nossa escuna chegar ao limite dos bancos — sugeri eu —, o que temos a fazer é esperar ao largo...

— É essa a minha tenção, Sr. Jeorling, e por isso convém mais andar adiantado. Os bancos de gelo são muralhas em que há uma porta que se abre de súbito e se fecha logo. É mister estar lá... pronto para passar... e sem nos inquietarmos com o regresso!

Com o regresso! Não havia ninguém que pensasse nisso! «Forward!» (para vante!) foi o único grito que saiu de todas as bocas!

Jem West fez então a seguinte reflexão: — Graças às informações constantes da narrativa de Arthur Pym, não temos de lamentar a ausência do seu companheiro Dirk Peters!

— E é uma grande felicidade — respondeu o capitão Len Guy —, porquanto não pude encontrar o mestiço, que desaparecera de Illinois. As indicações fornecidas pelo diário de Arthur Pym, acerca da situação da ilha Tsalal, devem bastar-nos...

— Salvo o caso de ser necessário prolongar as nossas investigações para além do grau oitenta e quatro — observei eu.

— E que necessidade haveria disso, Sr. Jeorling, desde que os náufragos da «Jane» não saíram da ilha Tsalal... Porventura não está escrito com todas as letras na carteira de Patterson?

Em suma, posto que Dirk Peters não estivesse a bordo, ninguém o duvidava, a «Halbrane» conseguiria o seu intento. Mas que se não esquecesse de pôr em prática as três virtudes teologais do marinheiro: vigilância, audácia e perseverança!

Eis-me, pois, entregue às contingências duma aventura que, segundo todas as probabilidades, ultrapassaria em imprevisto as minhas anteriores viagens. Quem suporia isto de mim? Eu, porém, estava preso numa engrenagem que me arrastava para o desconhecido das regiões polares, esse desconhecido de que tantos exploradores intrépidos debalde têm tentado devassar os segredos! E, desta feita, quem sabe se a esfinge das regiões antárticas não falaria pela primeira vez a ouvidos humanos? Não esqueci, todavia, que se tratava unicamente duma obra de humanidade. A missão que a «Halbrane» tomava sobre si era recolher o capitão William Guy e os seus cinco companheiros.

Ia a nossa escuna seguir o itinerário da «Jane», a fim de os encontrar. Feito isto, a «Halbrane» teria apenas de voltar para os mares do Antigo Continente, porquanto já não havia que procurar nem Arthur Pym nem Dirk Peters, que regressaram, não se sabe como, mas regressaram da sua extraordinária viagem!

Durante os primeiros dias foi necessário pôr-se a maruja nova ao corrente do serviço, e a antiga, boa gente, na verdade, facilitou-lhe esse trabalho. Ainda que o capitão Len Guy não tivesse muito por onde escolher, parecia no entanto que acertara bem. Os referidos marinheiros, de nacionalidades diferentes, davam mostras de zelo e de boa vontade. Demais, Jem West não era para brincadeiras. Hurliguerly deu-lhes a perceber que Jem West abriria a cabeça a todo aquele que não andasse direito. O seu chefe dava-lhe neste ponto toda a latitude.

— Uma latitude — acrescentava ele — que se obtém tomando a altura dos olhos com o punho cerrado!

Nesta maneira de prevenir os interessados, reconhecia eu o bossman todo inteiro!

Os novos, pois, consideraram o dito, dito, e não houve ocasião de castigar nenhum. Quanto a Hunt, embora mantivesse dentro das suas funções a docilidade dum verdadeiro marujo, conservava-se sempre afastado, sem falar a ninguém, e até dormia no convés em qualquer canto, para não ocupar o seu lugar no alojamento da tripulação.

Estava ainda fria a temperatura. A maruja continuava usando os jaquetões e camisolas de lã, as ceroulas do mesmo tecido, as calças de grosso pano e o impermeável com capuz, que é ótimo para abrigar da neve, da chuva e dos golpes de mar.

A ideia do capitão Len Guy era tomar as ilhas Sanduíche por ponto de partida para o sul, depois de ter avistado a New Georgia, que fica a oitocentas milhas das Falklands. A escuna achar-se-ia então, em longitude, no caminho da «Jane», e era suficiente segui-lo para chegar ao paralelo oitenta e quatro graus.

Levou-nos esta navegação, a 2 de Novembro, para o ponto em que certos navegadores dizem estar situadas as ilhas Aurora — 53 graus 15' de latitude e 47 graus 33' de longitude ocidental. Pois bem, não obstante as afirmações — na minha opinião suspeitas — dos capitães da «Aurora», em 1762, do «São Miguel», em 1769, do «Pearl», em 1779, do «Prinicus» e do «Bolores», em 1790, e do «Atrevida», em 1794, os quais deram as marcações das três ilhas do grupo, não enxergamos indício de terra em todo o espaço percorrido. Foi o que sucedeu por ocasião das investigações de Weddell, em 1820, e de William Guy, em 1827.

Acrescentemos que aconteceu a mesma coisa com as pretendidas ilhas do vaidoso Glass. Não reconhecemos um único ilhotezinho na situação indicada, ainda que o serviço das vigias tivesse sido feito com cuidado. É, pois, de recear que Sua Excelência o governador de Tristão da Cunha nunca chegue a ver o seu nome figurar na nomenclatura geográfica.

Estava-se então a 6 de Novembro. O tempo continuava a ser favorável. Esta travessia prometia efetuar-se com mais brevidade que a de «Jane». Além de que não era necessário apressarmo-nos. Conforme eu já tinha feito notar, a nossa escuna chegaria antes de se abrirem as portas dos bancos de gelo.

Durante dois dias, a «Halbrane» apanhou alguns aguaceiros, que obrigaram Jem West a ferrar o pano alto: velacho, joanete, estai e giba. Desembaraçada das velas altas, aguentou-se admiravelmente, molhando-se apenas, tal era a facilidade com que fugia aos mares. Por ocasião destas manobras, a nova maruja deu mostras de adestrada, o que lhe valeu as felicitações do bossman. Hurliguerly pôde verificar que Hunt, embora toscamente constituído como era, valia bem por três homens.

— Um magnífico recruta! — afirmou-me ele.

— Efetivamente, e chegou mesmo à última hora.

— Mesmo! Mas, Sr. Jeorling, sempre tem uma cabeça, o tal Hunt!

— Encontrei amiúde americanos no gênero dele na região do Far West — respondi eu —, e não me admiraria se este tivesse sangue índio nas veias!

— Em Lancashire ou no condado de Kent há compatriotas nossos que não lhe ficam a dever nada! — observou o bossman.

— Acredito-o de boamente, entre outros... o bossman, creio bem!

— Ora! Cada qual vale o que vale, Sr. Jeorling!

— Conversa algumas vezes com Hunt? — perguntei eu.

— Poucas, Sr. Jeorling. E que há-de a gente tirar dum urso que se mete a um canto e não diz palavra a ninguém? Contudo, não é por falta de boca! Nunca vi nenhuma assim! Chega de estibordo a bombordo, como as perchas da roda de proa. Se, com uma ferramenta da quelas, Hunt se vê embaraçado para construir frases!... E as mãos! Já viu as mãos dele? Tenha cuidado, se ele quiser apertar as do Sr. Jeorling! Estou certo de que lhe ficavam lá cinco dedos de cada vez!

— Felizmente, bossman, Hunt não parece ser bulhento. Tudo denota que é homem sossegado, que não procura abusar da sua força.

— Não... exceto quando ele se agarra a uma adriça, Sr. Jeorling. Santo Deus! Estou sempre com medo que a roldana venha abaixo e a verga juntamente!

Hunt, bem considerado, era um ser extraordinário, muito digno de atenção. Sempre que ele se recostava à amurada, ou de pé, junto do leme, a mão segurava as malaguetas da roda, não era sem verdadeira curiosidade que eu o contemplava.

Além disso, parecia-me que os seus olhares honravam os meus com uma certa insistência. Ele não devia ignorar a minha qualidade de passageiro a bordo da escuna e as condições em que me associei aos riscos desta campanha. Quanto a pensar-se que ele quisesse atingir um fim diferente do nosso, para além da ilha Tsalal, depois de termos salvo os náufragos da «Jane», isso não era admissível. Demais, o capitão Len Guy não cessava de repetir:

— A nossa missão é salvar os nossos compatriotas! A ilha Tsalal é o único ponto que nos atrai, e oxalá que não tenhamos de levar este navio mais além!

A 10 de Novembro, pelas duas horas da tarde, ouviu-se um grito da vigia: — Terra pela amura de estibordo!

Uma cuidadosa observação dera 55 graus 7' de latitude e 41 graus 13' de longitude oeste.

Esta terra só podia ser a ilha São Pedro, cujos nomes britânicos são Jórgia Austral, New Georgia, ilha do Rei Jorge, a qual, pela sua situação, pertence às regiões circumpolares.

Desde 1675, antes de Cook, estava descoberta pelo francês Barbe. Mas, sem se importar de que não era mais do que o segundo em data, o célebre navegador inglês impôs-lhe a série de nomes que ela tem hoje.

Dirigiu-se a escuna para esta ilha, cujas eminências nevosas, enormes aglomerações de rochas antigas, gneisse e xisto argiloso se erguem à altura de mil e duzentas toesas por entre os amarementos nevoeiros do espaço.

O capitão Len Guy tencionava fundear vinte e quatro horas na baía Real, a fim de renovar a aguada, porque os tanques aqueciam facilmente no fundo do porão. Mais tarde, quando a «Halbrane» navegasse por meio dos gelos, haveria água doce à discrição.

Durante a tarde, a escuna dobrou o cabo Buller, ao norte da ilha, deixou a baía Possession e a baía Cumberland por estibordo, e aproou para a baía Real, manobrando entre os fragmentos caídos das geleiras de Ross. Às seis horas, largava-se ferro em seis braças de

fundo, e, como a noite se aproximasse, transferiu-se para o dia seguinte a ida à terra.

A New Georgia tem umas quarenta léguas de comprimento por vinte de largura. Situada a quinhentas léguas do estreito de Magalhães, pertence ao domínio das Falklands. A administração britânica não se faz ali representar por ninguém, porquanto a ilha não é habitada, embora seja habitável, pelo menos durante o Verão.

No dia seguinte, quando os homens largaram em busca de aguada, fui passear sozinho pelas imediações da baía Real. Era tudo deserto, pois não estávamos na época em que os pescadores se

ocupam em caçar focas, e para isso faltava um 'mês bem puxado. Exposta à ação direta da corrente polar antártica, a New Georgia é de bom grado frequentada pelos mamíferos marinhos. Vi cardumes deles folgando pela praia, ao longo dos rochedos, até ao fundo das grutas do litoral. Bandos de pinguins, imóveis em fileiras intermináveis, protestavam com o seu ornear contra a invasão dum intruso — é a mim que me refiro.

À superfície das águas e das areias voavam nuvens de calhandras, cujo canto evocava no meu espírito a saudade de países mais favorecidos pela Natureza. É uma grande vantagem estes pássaros não necessitarem de ramos para se abrigarem, pois não existe uma única árvore em todo o solo da New Georgia. Vegetam aqui e ali algumas fanerogâmicas, musgos meio descoloridos e sobretudo uma erva muito abundante, o tussock, que atapeta as encostas até à altura de quinhentas toesas, e cuja colheita bastaria para alimentar numerosos rebanhos.

A 12 de Novembro, a «Halbrane» aparelhou com as velas baixas. Depois de ter dobrado a ponta Carlota, na extremidade da baía Real, fez proa de su-sueste, na direção das ilhas Sanduíche, situadas a quatrocentas milhas dali.

Até agora não tínhamos encontrado nenhum gelo flutuante. Era devido a que o sol do Estio os não havia desprendido, quer dos bancos, quer das terras austrais. Mais tarde, a corrente arrastá-los-ia à altura do paralelo de cinquenta graus, que, no hemisfério setentrional, é o de Paris ou de Quebec.

O céu, cuja pureza começava a macular-se, ameaçava carregar-se para o oriente. Um vento frio misturado de chuva e pedrisco, soprava com certa violência, mas, como nos favorecia, não houve lugar para queixas. Abrigamo-nos dele, ajustando melhor o capuz dos impermeáveis.

O que havia de aborrecido era a densa cerração que ocultava com frequência o horizonte. No entanto, como estas paragens não ofereciam nenhum risco, nem havia que recear o encontro de packs ou icebergs errantes, a «Halbrane», sem grandes preocupações, pôde continuar a sua derrota para sueste com proa das Sanduíche.

Perpassavam por entre a bruma bandos de pássaros de pio estridente, livrando-se contra o vento, num brando movimento de asas, procelárias, mergulhões, maçaricos, albatrozes, que fugiam do lado da terra como para nos indicar o seu caminho.

Foi decerto a cerração que impediu o capitão Len Guy de marcar a sudoeste, entre a New Georgia e as Sanduíche, a ilha Traversey, descoberta por Bellingshausen, bem como as quatro ilhotas Yvelley, Polker, Prince's Island e Christmas, das quais o americano James Brown da escuna «Pacific», segundo Farming, reconheceu a posição. O essencial, contudo, era não seguir para as suas escarpas quando a vista não alcançava além de duas ou três amarras.

De sorte que se estabeleceu a maior vigilância a bordo, as vigias observando o horizonte, sempre que uma aberta repentina permitia aumentar o campo visual.

Na noite de 14 para 15, vagos clarões vacilantes iluminaram o espaço do lado de oeste. O capitão Len Guy pensou que esses clarões fossem dum vulcão, talvez da ilha Traversey, cuja cratera está com frequência coroada de chamas.

Como o ouvido não podia distinguir nenhuma dessas ribombantes detonações, que acompanham as erupções vulcânicas, concluímos daí que a escuna estava a uma distância que a defendia dos escolhos desta ilha. Não houve, pois, motivo para alterar o rumo, e conservou-se a proa das Sanduíche.

A chuva parou na manhã de 16 e o vento rondou uma quarta a noroeste. Era caso para regozijo, por isso que a cerração não tardaria a dissipar-se.

Neste momento, o marinheiro Stern, que estava de observação nos vaus do joanete, julgou divisar uma grande galera, cujo farol de navegação se desenhava ao nordeste. Com muito pesar nosso, o aludido navio desapareceu antes de ter sido possível reconhecer a sua nacionalidade. Talvez fosse um dos navios da expedição Wilkes, ou qualquer baleeira que se dirigia para o local da pesca, pois os cetáceos apareciam numerosos.

A 17 de Novembro, pelas 10 horas da manhã, a escuna marcou o arquipélago ao qual Cook dera primeiro o nome de Southern-Thule, a terra mais meridional que havia sido descoberta nesse tempo e que ele batizou depois Terra das Sanduíche, nome que este grupo de ilhas tem conservado nos mapas geográficos e que já tinha em 1830, quando Biscoe largou dali a fim de procurar pelo este a passagem do polo.

Outros navegadores mais, desde então para cá, têm visitado as Sanduíche, e os pescadores apanham as baleias, os cachalotes e as focas nas imediações destas paragens.

Em 1820 abicou ali o capitão Morrell, na esperança de encontrar lenha, que lhe faltava. Mas o capitão Len Guy, felizmente, não fundeou lá com o mesmo fim. As suas canseiras é que o levaram ali, pois o clima destas ilhas não permite a arborescência.

Se a escuna vinha fundear nas Sanduíche durante quarenta e oito horas, era por ser prudente visitar todas estas ilhas das regiões austrais encontradas no nosso itinerário. Era possível encontrar lá um documento, um indício, um sinal. O que aconteceu a Patterson, que fora arrastado por um bloco de gelo, não podia suceder a qualquer dos seus companheiros? Convinha, pois, não descurar nada, porquanto o tempo nãourgia. Depois da New Georgia, a «Halbrane» iria às Sanduíche; depois das Sanduíche iria às New-South-Orkneys; e, depois do círculo polar, meteria direito aos bancos de gelo.

Pôde-se desembarcar naquele mesmo dia, abrigados pelos rochedos da ilha Bristol, ao fundo duma espécie de portozinho natural na costa oriental.

O mencionado arquipélago, situado por 59 graus de latitude e 30 graus de longitude ocidental, compõe-se de várias ilhas, mas as principais são Bristol e Thule. As outras, aliás numerosas, apenas merecem a modesta qualificação de ilhotes.

Foi a Jem West que coube a missão de ir a Thule, a bordo do escaler, para explorar os pontos abordáveis, enquanto o capitão Len Guy e eu desembarcávamos nas praias de Bristol. Mas que tristeza de região, cujos habitantes eram unicamente as aves das espécies antárticas! A sua rara vegetação é a mesma da New Georgia. Musgos e líquenes cobrem a nudez do improdutivo solo. Ao fundo do areal erguem-se alguns esguios pinheiros, até uma altura considerável, sobre a encosta das colinas descarnadas, donde às vezes os penedos se desprendem com um ruído retumbante. Por toda a parte a horrorosa solidão. Não havia nada que atestasse a passagem dum ser humano, nem a existência de naufragos na ilha de Bristol. As

excursões que fizemos nesse dia e no imediato não deram nenhum resultado.

O mesmo aconteceu com a exploração do piloto West a Thule, cuja costa, medonhamente golpeada, ele percorreria sem utilidade. Os tiros de peça disparados pela escuna apenas produziram o efeito de apanhar ao longe bandos de procelárias e abetardas e fazer fugir os estúpidos mancos enfileirados no litoral.

Passeando com o capitão Len Guy, fui levado a dizer-lhe: — Não ignora, decerto, qual foi a opinião de Cook acerca do grupo das Sanduíche, ao descobri-lo. À primeira vista, julgou ter posto pé num continente. Parecia-lhe ser dali que se desprendiam as montanhas de gelo que a corrente arrastara para fora do oceano Antártico. Mais tarde, porém, reconheceu que as Sanduíche apenas formam um arquipélago. No entanto, a sua opinião a respeito da existência dum continente polar ao sul não é menos formal.

— Sei isso, Sr. Jeorling — respondeu o capitão Len Guy —, porém, se esse continente existe, é forçoso concluir daí que ele apresenta uma larga chanfradura — a mesma por onde Weddell e meu irmão puderam penetrar com intervalo de seis anos. Que o grande navegador não tivesse tido a sorte de descobrir aquela passagem, por isso que parou no paralelo de setenta e um graus, de acordo! Mas fizeram-no outros depois dele e outros o vão fazer...

— E nós havemos de ser desses, capitão.

— Sim... com a ajuda de Deus! Se Cook não receu afirmar que ninguém se aventurará nunca a ir mais longe do que ele, e que as terras, se as havia, jamais seriam reconhecidas, o futuro mostrará que se enganou... Foram reconhecidas até além da latitude de oitenta e três graus.

— E quem sabe — disse eu —, talvez mais longe, pelo extraordinário Arthur Pym...

— Pode ser, Sr. Jeorling. Contudo, não temos de nos preocupar com Arthur Pym, por isso que tanto ele como Dirk Peters regressaram à América...

— Mas... se não tivessem regressado...

— Suponho que não temos de considerar essa eventualidade — respondeu simplesmente o capitão Len Guy.

CAPÍTULO XI

DAS SANDWICH AO CÍRCULO POLAR

Seis dias depois de aparelhar a escuna, proa a sudoeste, sempre favorecida pelo tempo, chegou à vista do grupo das New-South-Orkneys.

De duas ilhas principais se compõem: a oeste, a mais extensa, a ilha Coronation, cujo pico gigante se ergue a cerca de dois mil e quinhentos pés; a este, a ilha Laura, que termina pelo cabo Dundas, projetado para o poente. Em redor emergem ilhas menores, Saddle, Powell, e numerosos ilhotes em forma de pão de açúcar. Finalmente, a oeste, repousam a ilha Inacessível e a ilha do Desespero, assim batizada, decerto, porque um navegador não pudera abicar a uma e desesperara de chegar à outra.

Este arquipélago foi descoberto conjuntamente pelo americano Palmer e o inglês Botwel, 1821-1822. Atravessado pelo paralelo de sessenta e um graus, está compreendido entre o meridiano de quarenta e quatro e o de quarenta e sete graus.

Ao aproximar-se, a «Halbrane» permitiu-nos observar, do lado norte, massas convulsionadas, morros abruptos, cujos declives, com particularidade da ilha Coronation, se tornam mais suaves ao descer para o litoral. Perto amontoavam-se monstruosos gelos numa

pavorosa confusão, os quais, antes de dois meses, iriam descaindo para as águas temperadas.

Então é que as baleeiras apareciam para se entregarem à pesca do grande cetáceo, ao passo que alguma da sua gente permaneceria nas ilhas, a fim de perseguir a foca e os elefantes-marinhos.

Oh! Merecem bem a denominação que lhes deram, estas terras de tristeza e de geada, enquanto o seu hiberno lençol não é trespassado pelos primeiros raios do estio austral!

Não desejando meter-se pelo estreito, atulhado de recifes e de blocos de gelo, que separa o grupo em dois quinhões distintos, O' capitão Len Guy costeou primeiro a extremidade sueste da ilha Laura, onde passou o dia 24; depois, contornando-a pelo cabo Dundas, passou junto da costa meridional da ilha Coronation, perto da qual a escuna deu fundo em 25. O resultado das nossas pesquisas foi nulo no que dizia respeito aos mareantes da «Jane».

Se, em 1822, verdade é que, no mês de Setembro, Weddell, no intuito de encontrar neste grupo focas para pelicas, perdeu o seu tempo e fadigas, é porque o Inverno estava ainda pouco rigoroso. A «Halbrane», desta vez, podia ter conseguido um carregamento completo daqueles anfíbios.

Eram aos milhares os voláteis que ocupavam as ilhas e os ilhotes. Sem falar dos pinguins, sobre rochas tapetudas com uma crosta de excrementos, havia numerosos pombos brancos, de que eu já tinha visto alguns espécimes. São pernaltas e não palmípedes, com bico cônico pouco comprido, pálpebras orladas de vermelho, e apanham-se sem grande trabalho.

Quanto ao reino vegetal das New-South-Orkneys, onde predominam os xistos quartzosos e de origem não vulcânica, é unicamente representado por líquenes pardacentos e alguns raros fucos, da espécie botilhão. Nas praias abundam as lapas e, pelos rochedos, os mexilhões, de que se fez grande provisão.

Devo declarar que o bossman e a sua gente não perderam este ensejo para exterminar à paulada algumas dúzias de pinguins. Neste ponto, não obedeciam a um censurável instinto de destruição, mas ao desejo muito legítimo de arranjar comida fresca.

— Isto é tão bom como a galinha, Sr. Jeorling — assegurou-me Hurliguerly. — Acaso os não comeu nas Kerguelen?

— Sim, bossman, mas era Atkins quem os preparava.

— Pois bem, aqui é Endicott, e não lhes encontrará diferença.

E, de fato, tanto na camarinha como no alojamento da maruja, regalaram-se com os pinguins, os quais testemunhavam as aptidões culinárias do nosso mestre-cuco.

Fez-se de vela a «Halbrane» a 26 de Novembro, logo às seis horas da manhã, na proa do sul. Continuou subindo o meridiano de quarenta e três graus, que uma cuidadosa observação permitiu determinar com exatidão. Era o mesmo que Weddell e depois William Guy haviam seguido, e, se a escuna se não desviasse nem para este nem para oeste, iria dar inevitavelmente à ilha Tsalal. No entanto, devia-se contar com as dificuldades da navegação.

Os ventos de este, muito estáveis, favoreciam-nos. A escuna ia com o pano todo largo, inclusive os sobres de gávea, os cutelos e as velas de estai. Sobre esta ampla envergadura seguia com uma velocidade que devia regular entre onze e doze milhas. A manter-se neste andamento, seria curta a travessia das New-South-Orkneys ao círculo polar.

Para além, tratar-se-ia, bem o sei, de forçar a porta dos espessos bancos, ou, o que é mais prático, de descobrir uma abertura através desta cortina de gelo. E, como o capitão Len Guy e eu conversássemos a esse respeito, disse-lhe:

— Até agora, a «Halbrane» tem tido sempre vento de feição e, por pouco que isto dure, devemos chegar aos bancos antes de começar o rompimento do gelo...

— Talvez sim... talvez não... Sr. Jeorling, porquanto este ano a estação tem-se adiantado muito. Na ilha Coronation, verifiquei eu, já se desprendiam blocos do litoral, seis semanas mais cedo que de costume.

— Excelente circunstância, capitão, pois é possível que a nossa escuna passe os bancos de gelo logo nas primeiras semanas de Dezembro, se bem que a maior parte dos navios só o conseguiram nos fins de Janeiro.

— Efetivamente, somos favorecidos pela amenidade da temperatura — concordou o capitão Len Guy.

— Direi também — continuei eu —, que, por ocasião da sua segunda expedição, Biscoe só acostou em meados de Fevereiro à terra que os montes William e Stowerby dominam na longitude de sessenta e quatro graus. Os livros de viagem que me forneceu assim o atestam...

— Duma maneira precisa, Sr. Jeorling.

— Portanto, antes de um mês, capitão...

— Antes de um mês, espero ter encontrado, para lá dos bancos de gelo, o mar livre, mencionado com tanta insistência por Weddell e Arthur Pym, bastando-nos para esse fim navegar nas condições ordinárias até ao ilhote Bennet primeiramente, e em seguida até à ilha Tsalal. Sobre aquele mar completamente desembaraçado, que obstáculo poderá deter-nos, ou sequer ocasionar-nos demoras?

— Não prevejo nenhum, capitão, desde que estejamos da outra banda dos bancos de gelo. Mas aqui é que está o busílis, é isto que deve ser o objeto das nossas constantes preocupações, e, por pouco que os ventos de este se conservem...

— Hão-de conservar-se, Sr. Jeorling, e todos os navegadores dos mares austrais têm podido notar, como eu próprio o fiz, a permanência desses ventos. Bem sei que, entre o paralelo de trinta e o de sessenta graus, os tufões vêm quase sempre de oeste. Mas, mais para além, por efeito duma inversão muito acentuada, os ventos opostos é que predominam e, como sabe, desde que ultrapassamos este limite, sopram regularmente nesta direção. ..

— Lá isso é verdade, capitão, e alegra-me Demais a mais, confesso, e não me importa para nada que isso suceda, começo a tornar-me supersticioso.

— E por que não havemos de o ser, Sr. Jeorling? O que é que há de despropositado em se admitir a intervenção dum poder sobrenatural nas mais correntes circunstâncias da vida? Nós, que somos mareantes da «Halbrane», poderíamos porventura duvidar disso? Lembra-se bem... o encontro do desventurado Patterson no caminho da nossa escuna... o bloco de gelo levado para as paragens que nós íamos atravessando e que se desfez daí a nada. Ora medite, Sr. Jeorling, não são estes fatos de ordem providencial? Eu até vou mais longe: estou certo de que Deus, que até aqui muito tem feito para nos juntarmos aos nossos compatriotas da «Jane», não há-de desamparar-nos.

— Penso do mesmo modo, capitão. Não! A sua intervenção é incontestável e, a meu ver, não é verdade que o acaso desempenhe na cena humana o papel que os espíritos superficiais lhe atribuem! Todos os acontecimentos estão intimamente ligados por um laço misterioso... por uma cadeia...

— Uma cadeia, Sr. Jeorling, cujo primeiro fuzil, no que nos diz respeito, é o bloco de gelo de Patterson, e o ultimo será a ilha Tsalal! Ah! Meu irmão, meu pobre irmão! Há onze anos

que lá está abandonado... com os seus companheiros de infortúnio... sem sequer poderem alimentar a esperança de que serão socorridos! E Patterson, arrastado para longe... em condições que nós ignoramos, como os companheiros ignoram o que será feito dele! Se, ao pensar em tamanhas desgraças, o coração se me confrange, pelo menos não desfalecerá, Sr. Jeorling, salvo talvez no momento em que meu irmão se lançar em meus braços!

O capitão Len Guy estava dominado por uma comoção tão pungente que os meus olhos se umedeceram. Não! Eu não teria coragem de lhe dizer que este salvamento dava margem a muitas contrariedades! Era certo que, há menos de seis meses, William Guy e cinco marinheiros da «Jane» estavam ainda na ilha Tsalal; assim, o afirmava a carteira de Patterson... Mas qual era a situação deles? Estavam em poder dos insulares, cujo número Arthur Pym calculava em muitos milhares, sem falar dos habitantes das ilhas situadas a oeste? Neste caso, não devíamos esperar do chefe da ilha Tsalal, de Too-Wit, algum ataque a que a «Halbrane» talvez não resistisse, como não resistiu a «Jane»?

Sim! Valia mais contar com a Providência! A sua intervenção tinha-se já manifestado duma maneira evidente, e a missão que Deus nos confiara havíamos de fazer tudo quanto fosse humanamente possível para a levar a efeito !

Devo declará-lo: a marinagem da escuna, animada dos mesmos sentimentos, participava das mesmas esperanças — refiro-me aos tripulantes mais antigos, sobretudo dedicados ao seu capitão.

Quanto aos novos, podia ser que fossem indiferentes, ou pouco menos, ao resultado da campanha, desde o momento que dela colhessem os lucros assegurados pelo seu contrato.

Era isto, pelo menos, o que o bossman me afirmava, excetuando todavia Hunt. Não parecia que este homem se tivesse resolvido a entrar para o serviço com a mira na soldada ou nas gratificações. O que, porém, é certo é que ele não falava nunca de coisa nenhuma a ninguém.

— Imagino que também não pensa! — disse-me Hurliguerly. — Estou ainda para ver a cor das suas palavras! No tocante a conversação, não vai mais para vante que um navio amarrado!

— Se ele não fala ao bossman, a mim também não.

— Cá para mim, Sr. Jeorling, sabe o que ele decerto já fez, esse excêntrico? Aí vai: foi ir muito longe pelos mares austrais dentro... sim... muito longe, embora lá estivesse mudo como um barbo na frigideira! Ele lá sabe a razão porque está calado! Se, porém, aquele roaz não dobrou o círculo antártico e também os bancos de gelo uma boa dezena de graus, oxalá que o primeiro golpe de mar me leve pela borda fora.

— Em que é que o bossman notou isso?

— Nos seus olhos, Sr. Jeorling, nos seus olhos! Seja em que momento for, esteja a escuna aproada para onde estiver, tem-os sempre assestados para o sul. Olhos que não pestanejam nunca... fixos como faróis de posição.

Hurliguerly não exagerava: eu já o tinha notado. Para empregar uma expressão de Edgar Poe, os olhos de Hunt eram faiscantes como os do falcão.

— Quando não está de folga — prosseguiu o bossman —, aquele selvagem conserva-se todo o tempo encostado aos paveses, imóvel e mudo! Verdadeiramente, o seu lugar devia ser no capelo da roda de proa, onde serviria de beque à «Halbrane»! Uma medonha carranca, por sinal... E quando ele está ao leme, Sr. Jeorling, isso é que é vê-lo! As manábulas seguram as malaguetas como se estivessem cravadas na roda! Quando fita os olhos na bitácula, dir-se-ia que o imã da agulha os atrai. Eu gabo-me de ser bom timoneiro, mas para ser da força de Hunt,

isso sim! Com ele, a agulha não se desvia um instante da linha do rumo, ainda que as guinadas sejam bruscas! Quer que lhe diga... de noite... se a lâmpada da bitácula se apaga, estou certo de que Hunt não terá necessidade de a acender! Apenas com o fogo das suas pupilas alumiará a bússola e manter-se-á na direção conveniente!

Não há que ver, o bossman, quando estava comigo, gostava de se desforrar da pouca atenção que o capitão Len Guy ou Jem West prestavam às suas intermináveis tagarelices. Em suma, se bem que a opinião que Hurliguerly formara de Hunt possa parecer um tanto exagerada, devo confessar que a atitude desta singular personagem o autorizava a isso. Era permitido, sem dúvida, classificá-lo na categoria dos seres fantásticos. E, para dizer tudo, se Edgar Poe o houvesse conhecido, tê-lo-ia aproveitado como tipo de um dos seus heróis mais singulares.

Durante alguns dias, sem um único incidente, sem que nada lhe quebrasse a monotonia, prosseguiu a nossa navegação em condições excelentes. Com vento de este, fresco, a escuna deitava o seu andamento máximo, o que era indicado por uma longa esteira, plana e regular, que se abria à popa na extensão de algumas milhas.

Demais, a estação primaveril aproximava-se. As baleias começavam a aparecer em cardumes. Nestas paragens, uma semana bastaria às embarcações de alto bordo para atestarem os seus tanques com o precioso óleo. De modo que os nossos marinheiros de bordo, sobretudo os americanos, não ocultavam o seu pesar ao ver a indiferença do capitão em face de tantos animais que valiam o seu peso em ouro, e numa abundância tão grande como nunca tinham visto nesta época do ano.

De toda a maruja, o que mais contrariado se mostrava era Hearne, patrão de pesca, que os companheiros ouviam satisfeitos. Com os seus modos brutais e braveza de arrojo, que transparecia em todo ele, soubera impor-se aos outros marinheiros. Este sealing-master (1), de quarenta anos de idade, era de nacionalidade americana. **(1) Patrão das embarcações que se empregam na caça da foca.*

Ágil e vigoroso, parecia-me estar a vê-lo no momento em que ele, de pé na baleeira de duas proas, brandindo o arpão, o arremessava às ilhargas duma baleia e lhe largava o cabo. Devia ser magnífico! Ora, atenta a sua grande paixão por este mister, não me admiraria que o seu descontentamento se manifestasse oportunamente.

Em todo o caso, a nossa escuna não estava armada para a pesca, e os aparelhos necessários para esse fim não existiam a bordo.

Desde que navegava com a «Halbrane», o capitão Len Guy limitara-se a comerciar entre as ilhas meridionais do Atlântico e do Pacífico.

Fosse como fosse, a quantidade de assopradores que nós víamos num raio de algumas amarras devia ser considerada como extraordinária.

Nesse dia, pelas três horas da tarde, fui para a proa e debrucei-me na amurada, a fim de observar as distrações de vários casais desses enormes cetáceos. Hearne apontava-os com a mão aos companheiros, ao mesmo tempo que da sua boca se soltavam estas frases entrecortadas:

— Acolá... acolá... é um fin-back... Mais, lá estão dois... três... com a sua barbatana dorsal de cinco a seis pés! Vêem-nos nadar entre duas águas... tranquilos., sem dar nenhum salto! Ah! que se eu tivesse um arpão apostava a minha cabeça em como o meteria numa das quatro malhas amareladas que eles têm no corpo! Mas nesta boceta de tráfico não se pode fazer

nada... nem ao menos desentorpecer o braço. Com um milhar de diabos! Quando se navega nestes mares é para pescar e não para...

Em seguida, interrompendo-se, depois duma praga furiosa:

— E aquela outra baleia! — exclamou.

— Aquela que aveza uma corcova como um dromedário? — perguntou um dos marinheiros.

— Sim... é um lump-back — informou Hearne. — Vês-lhe bem a barriga enrugada e a comprida barbatana dorsal? Não são fáceis de apanhar, aqueles lump-backs, por que se raspam para grandes profundidades e engolem-nos maçãs de linha! Palavra! Nós merecíamos que ele mandasse pró nosso costado uma bordoadada com a cauda aquele que acolá está, já que não mandamos uma armada pró dele!

— Cuidado... cuidado! — exclamou o bossman.

Não era que este temesse apanhar com a cauda a valente bordoadada que o sealing-master desejava. Não! Um enorme assoprador acabava de se prolongar com a escuna, e, quase ao mesmo tempo, uma tromba de água infecta espadanou pelas aberturas, com um ruído comparável a uma descarga de artilharia distante. A proa ficou totalmente inundada.

— É bem feito! — resmungou Hearne, encolhendo os ombros, notando que os companheiros se sacudiam, praguejando contra as aspersões do lump-back.

Além destas duas espécies de cetáceos, viam-se também baleias brancas — as right-whales — e são as que se encontram com mais frequência nos mares austrais. Desprovidas de barbatanas, possuem uma espessa camada de toucinho. Não oferece grandes perigos o persegui-las. As baleias brancas são procuradas nas águas antárticas, onde abundam aos milhares os crustaceozinhos, a que chamam a «comida da baleia», em que elas fazem consistir exclusivamente a sua alimentação.

A menos de três amarras da escuna, precisamente, flutuava uma das tais right-whales, que media sessenta pés de comprimento, isto é, o bastante para produzir cem barris de óleo. O rendimento destes monstruosos animais é tal que bastam três para completar a carga dum navio de tonelagem mediana.

— Sim! É uma baleia branca! — bradava Hearne. — Reconhece-se isso pelo repuxo abundante e baixo! Reparem... aquilo que estão vendo lá ao fundo, por bom bordo, como uma coluna de fumo, aquilo provém da right-whale! E tudo isto se passa nas nossas barbas em mero prejuízo nosso! Santo Deus! Não atestar os seus tanques, quando se pode fazê-lo, é como deitar sacos de piastras ao mar! Capitão de má morte, que deixa perder-se esta mercadoria toda, e que dano que ele causa à sua tripulação...

— Hearne — diz uma voz imperiosa —, salta pros vaus de joanete! Estás lá mais à vontade para contar as baleias!

Era a voz de Jem West.

— Meu piloto...

— Nada de réplica, ou conservar-te-ei lá em cima até amanhã! Vamos... despacha-te depressa!

E, como não adiantaria nada em recalcitrar, o sealing-master obedeceu, sem dizer palavra.

Enfim, repito, a «Halbrane» não se internou por altas latitudes para se entregar à pesca dos mamíferos marinhos, como também os marinheiros não foram assoldados nas Falklands na qualidade de pescadores. O único fim da nossa campanha sabe-se qual é, e nada nos desviaria

dele.

Singrava então a escuna pela superfície duma água avermelhada, colorida por bandos de crustáceos, uma espécie de lagostins, que pertencem ao gênero dos trasanópodes. Viam-se as baleias, indolentemente deitadas de ilharga, reunidas com as barbas, estendidas como uma rede entre as duas maxilas, e sumidas às miríades dentro do enorme estômago.

Finalmente, atendendo a que no mês de Novembro, nesta parte do Atlântico meridional, havia tamanha quantidade de cetáceos de diversas espécies, era porque, não hesitarei em repeti-lo, a estação se apresentava com uma precocidade verdadeiramente anormal. No entanto, não se via um único baleeiro nestes locais de pesca.

Observemos de passagem que, desde a primeira metade deste século, os pescadores de baleias quase que tinham abandonado os mares do hemisfério boreal, onde só raramente se encontravam balenópteros, em consequência duma destruição imoderada. Agora são as paragens sul do Atlântico e do Pacífico aquelas que os franceses, os ingleses e os americanos procuram para esta pesca, que já se não pode exercer senão a troco das maiores fadigas. É até provável que esta indústria, outrora tão próspera, acabe por desaparecer. Era isto o que se podia concluir de tão extraordinário ajuntamento de cetáceos.

Desde que o capitão Len Guy conversara comigo acerca do romance de Edgar Poe, devo declarar que se tornou menos reservado. Falávamos amiúde de várias coisas, e, nesse dia, disse-me ele: — A presença destas baleias indica, em geral, que a costa fica a pequena distância: isto por duas razões. A primeira é que os crustáceos que lhes servem de alimento nunca se afastam muito para longe de terra. A segunda é que as águas de pouca profundidade são necessárias às fêmeas para porem os filhos.

— Se isso é assim, capitão — respondi eu —, como se explica o caso de não termos marcado nenhum grupo de ilhas entre as New-South-Orkneys e o círculo polar?

— Essa observação é justa — replicou o capitão Len Guy —, mas, para se reconhecer uma costa, tornar-se-ia mister desviarmo-nos uns quinze graus para oeste, onde estão situadas as New-South-Shetlands, de Bellingshausen, as ilhas Alexandre e Pedro, finalmente a Terra de Granam, que Biscoe descobriu.

— Por consequência — prossegui —, a presença das baleias não indica necessariamente a proximidade de terra.

— Não sei bem o que deva responder, Sr. Jeorling, e é muito possível que não tenha fundamento a particularidade que acabei de referir. Por isso, acho mais razoável atribuir a multidão destes animais às condições climatéricas do corrente ano.

— Não vejo outra explicação — declarei eu —, a qual concorda com as nossas próprias verificações.

— Pois bem, diligenciaremos aproveitar as circunstâncias — respondeu o capitão Len Guy.

— E sem fazer caso — acrescentei — das recriminações duma parte da marinhagem...

— Mas que é que essa gente tem que dizer? — exclamou o capitão Len Guy. — Eles não foram contratados para pescar, que eu saiba! Não ignoram qual o serviço para que embarcaram, e Jem

West fez bem em cortar cerce as suas más disposições! Decerto que os meus velhos companheiros se não atreviam! Mas vejo, Sr. Jeorling, é para lastimar que eu não pudesse remediar-me com a minha gente! Por desgraça, não era possível, atendendo à população

indígena da ilha Tsalal!

Apresso-me a dizer que, se não se pescavam baleias, nenhuma outra pesca era interdita a bordo da «Halbrane».

Dado o seu andamento, seria difícil empregar a rede de arrastar ou o tresmalho.

O bossman, porém, havia mandado pôr linhas à sirga e as refeições quotidianas tiravam disso proveito, com grande gáudio dos estômagos, um tanto cansados de carne salgada. O que as linhas apanhavam era cadozes, salmões, bacalhau, congros, muges e pargos. Quanto aos arpões, umas vezes espetavam golfinhos, outras vezes toninhas de carne escura, que não desagradava à maruja, e cujo lombo e fígado são excelentes bocados.

No que diz respeito a aves, sempre as mesmas, vindas de todos os pontos do horizonte: procelárias de espécies variadas — umas brancas, outras azuis, duma notável elegância de formas—, maçaricos e mergulhões, em bandos inumeráveis. Também vi — fora de alcance — uma procelária gigante, cujas dimensões eram de molde a causar alguma admiração. Era um quebrantahuesos, assim denominado pelos espanhóis. Muito notável, este pássaro das paragens magalânicas, com o arqueamento das suas esguias asas e uma envergadura de treze a catorze pés, equivalente à dos grandes albatrozes. Estes também não faltavam, em cujo número, entre os poderosos voadores, se via o albatroz de plumagem escura, o hóspede das frias latitudes, que voltava para a zona glacial.

Note-se, para lembrança, que se Hearne e os seus compatriotas, que nós assoldamos, patenteavam tanta inveja e pesar ao verem os cardumes de cetáceos, era por serem americanos, cujas campanhas se efetuam pelos mares austrais. Ocorre-me que, aí por 1827, um inquérito, ordenado pelos Estados Unidos, demonstrou que o número de navios armados para a pesca da baleia nestes mares subia a duzentos, com cinquenta mil toneladas ao todo, cada um dos quais trazia mil e setecentas pipas de óleo, provenientes do desmanchamento de oito mil baleias, sem contar duas mil que se perdiam. Há quatro anos, segundo um outro inquérito, aquele número elevava-se a quatrocentos e sessenta, e a tonelagem a cento e setenta e duas mil e quinhentas, isto é, a décima parte de toda a marinha mercante da União, que valiam cerca de um milhão e oitocentos mil dólares, e giravam neste negócio quarenta milhões.

Compreende-se que o sealing-master e alguns outros fossem apaixonados por este rude e rendoso mister. Mas tenham cuidado os americanos em se não entregarem a uma destruição exagerada! Cada vez se tornarão mais raras as baleias nos mares do Sul, e até há-de chegar a ser necessário persegui-las para lá dos bancos de gelo.

Ao fazer esta observação ao capitão Len Guy, respondeu-me que os ingleses se têm mostrado sempre mais moderados, o que precisava de ser confirmado.

A 30 de Novembro, depois dum ângulo horário obtido às dez horas, tomou-se a altura com todo o rigor ao meio-dia. Resultou destes cálculos que estávamos nesta data por 66 graus 23 de latitude.

A «Halbrane», portanto, acabava de transpor o círculo polar, que circunscreve a zona antártica.

CAPÍTULO XII

ENTRE O CÍRCULO POLAR E OS BANCOS DE GELO

Logo que a «Halbrane» passou esta curva imaginária, traçada a vinte e três graus e meio do polo, parecia ter entrado numa região nova, «na região do Desconsolo e do Silêncio —

como diz Edgar Poe—, no mágico cárcere de esplendor e de glória onde o poeta da Leonor lamenta estar encerrado, talvez para sempre, no imenso oceano de luz inefável...» A meu ver, para assentarmos em hipóteses menos fantasistas, a região da Antártica, duma superfície que excede cinco milhões de milhas quadradas, tem-se conservado como o nosso esferóide estava durante o período glaciário.

No Estio, a Antártica, como se sabe, goza do dia perpétuo, devido aos raios que o astro radiante, na sua espiral ascendente, projeta por cima do horizonte. Depois, logo que desaparece, começa a eterna noite, às vezes iluminada pelas irradiações das auroras polares.

Era, pois, em plena estação de luz que a nossa escuna ia percorrer estas temíveis regiões. A claridade permanente não lhe fazia falta até ao lugar em que está situada a ilha Tsalal, onde não duvidávamos encontrar a gente da «Jane».

Um espírito mais imaginativo teria, sem dúvida, experimentado singulares sobre excitações logo nas primeiras horas passadas neste limite da nova zona — visões, pesadelos, alucinações de hipnóbata... Sentir-se-ia como que transportado para o sobrenatural. Ao aproximar-se das regiões antárticas, perguntaria a si mesmo o que é que ocultava o véu nebuloso que cobria a sua maior extensão.

Descobriria ali elementos novos no terreno dos três reinos: mineral, vegetal e animal, seres duma «humanidade» particular, como Arthur Pym afirma tê-los visto? Que meteoros lhe apresentaria este teatro, cujo nevoento pano ainda está corrido? Sob a intensa opressão dos próprios sonhos, quando pensasse em regressar, não perderia toda a esperança? Não ouviria, através das estâncias do mais estranho dos poemas, o corvo do poeta grasnar-lhe com voz estrídula: «Never more!» (Nunca mais! Nunca mais!) Verdade é que este estado mental não era o meu e, embora eu andasse muito sobre excitado há tempos para cá, conseguia manter-me nos limites da realidade. O meu único desejo era que o mar e o vento se conservassem tão propícios para além como aquém do círculo antártico. No que respeita ao capitão Len Guy, piloto e antigos marinheiros de bordo, desenhou-se uma evidente satisfação nas suas rudes feições, nos seus rostos bronzeados pelo ar do mar, logo que souberam que o paralelo de sessenta e seis graus acabava de ser transposto pela escuna. No dia seguinte, com ar prazenteiro e cara de riso, Hurliguerly abeirou-se de mim no convés.

— Olá, olá!, Sr. Jeorling — exclamou ele —, ei-lo para trás de nós, o famoso círculo.

— Mas ainda é pouco, bossman, ainda é pouco!

— Lá chegaremos! Lá chegaremos! Há, porém, uma coisa que me arrelia...

— O que é?

— É o não fazermos o que se faz a bordo dos navios ao passarem a linha!

— Tem pena disso? — perguntei eu.

— Decerto, e a «Halbrane» podia permitir-se a cerimônia de um batismo austral!

— De um batismo? E quem havia de ser batizado, se a nossa gente, exatamente como o bossman, já navegou para além deste paralelo?

— Nós, sim! Mas o Sr. Jeorling... não! Ora, se faz favor, porque é que esta cerimônia não havia de ser feita em sua honra?

— Isso é verdade, bossman; é a primeira vez que, no decurso das minhas viagens, subo tão alto em latitude...

— O que merecia um batismo, Sr. Jeorling. Oh! Sem grande pompa... sem tambores nem charamelas... e sem que interviesse o Tio Antártico com a mascarada do costume! Se o senhor

me permitisse que o benzesse...

— Pois sim, Hurliguerly! — acedi eu, levando a mão ao bolso. — Benza e batize à sua vontade! Aqui está uma piastra, para beber à minha saúde na casa de bebidas 'mais próxima.

— Nesse caso, só poderá ser no ilhote Bennet ou na ilha Tsalal, se porventura há hospedarias nessas ilhas selvagens e se apareceram Atkins que se estabelecessem lá!

— Diga-me, bossman, ainda a respeito de Hunt... Acaso está ele satisfeito como os antigos marinheiros da «Halbrane» em ter passado o círculo polar?

— Sabe-se lá! — respondeu Hurliguerly. — Esse navega sempre em árvore seca, de sorte que se lhe não percebe o rumo. Mas, como já disse ao senhor, se ele não sondou já os gelos...

— O que é que o faz supor isso?

— Tudo e nada, Sr. Jeorling! São coisas que se percebem! Hunt é um velho lobo-de-mar, que tem arrastado o saquitel por todos os cantos do mundo!

A opinião do bossman era também a minha, e não sei por que pressentimento eu não cessava de observar Hunt, a quem tinha sempre na ideia.

Durante os primeiros dias de Dezembro, de 1 a 4, por efeito de algumas calmas, o vento mostrou certa tendência para rondar para noroeste. Ora, quer do norte destas altas regiões, como do sul do hemisfério boreal, não há que esperar boa coisa. O que se apanha ali com mais frequência são temporais, sob a forma de tufões e de borrascas. Não haveria, contudo, muita razão de queixa se o vento não descaísse para sudoeste. Neste último caso, a escuna seria desviada do seu rumo ou, pelo menos, teria de lutar para se manter nele, e decididamente era melhor não se afastar do meridiano seguido desde que largamos das New-South-Orkneys.

Esta presumível modificação do estado da atmosfera não deixava de inquietar o capitão Len Guy. Demais, o andamento da «Halbrane» experimentou manifesta diminuição, por isso que o vento começou a abrandar durante o dia 4, e até, pelo meio da noite de 4 para 5, acalmou de todo. Pela manhã, as velas caíam, inertes e desenfundadas, pelos mastros abaixo, ou panejavam entre os dois bordos. Embora não chegasse até nós nenhuma aragem e que a superfície do mar não estivesse enrugada, as largas ondulações da vaga, que vinha de oeste, imprimiam bruscos balanços à escuna.

— O mar sente qualquer coisa — observou-me o capitão Len Guy —, e deve haver temporal para aquela banda — acrescentou, estendendo a mão na direção do poente.

— Efetivamente o horizonte está entroviscado — respondi eu. — Mas pode ser que o sol, lá para o meio-dia...

— Não tem grande força nesta latitude, até mesmo no Estio, Sr. Jeorling! — Jem?

O piloto aproximou-se.

— Que te parece o céu?

— Não está muito seguro. Convém contar com todas as eventualidades, capitão. Vou ferrar as velas altas, caçar a bujarrona e largar a vela de estai. É possível que o horizonte descarregue lá pela tarde. E se cair sobre nós alguma borrasca, estaremos prevenidos para a receber.

— O essencial, Jem, é conservar o nosso rumo em longitude.

— Tanto quanto se puder, capitão, pois seguimos no rumo conveniente.

— A vigia ainda não avistou os primeiros gelos errantes? — perguntei eu.

— Já — respondeu o capitão Len Guy —, e num abalroamento com os icebergs o prejuízo não será para eles. Se, pois, a prudência mandar que nos desviemos para este ou para oeste,

conformar-nos-emos com isso, mas somente em caso de força maior.

Não se tinha enganado a vigia. À tarde viam-se massas deslocarem-se com lentidão do lado sul, algumas ilhas de gelo, as quais ainda não eram consideráveis, quer pela extensão, quer pela altura. Em quantidade bastante grande, flutuavam, por exemplo, pedaços de ice-fields.

Era o que os ingleses chamam packs, fragmentos com trezentos a quatrocentos pés de comprimento, cujas extremidades se tocam, packs quando têm a forma circular, e streams quando são fusiformes. Estes fragmentos, fáceis de evitar, não podiam estorvar a navegação da «Halbrane». Verdade é que, se o vento lhe tinha permitido conservar o rumo até então, agora não seguia nada para vante, e, com falta de andamento, governava a muito custo. O que, porém, havia de mais desagradável era o mar cavado e rijo, que nos atormentava com insuportáveis embates desencontrados.

Por volta das duas horas, grandes correntes atmosféricas precipitaram-se em turbilhões, ora dum lado, ora do outro. O vento soprava em todas as direções.

A escuna foi horrivelmente sacudida e o bossman teve de espiar, no convés, os objetos susceptíveis de se deslocarem com a arfagem ou com o balanço de bombordo a estibordo.

Por volta das três horas, desencadeou-se por fim um violento temporal a lés-noroeste. O piloto rizou a brigantina, o traquete e o velacho. Contava aguentar-se assim contra a borrasca e não ser impelido para este, para fora do itinerário de Weddell. Os drifts, todavia, ou gelos flutuantes, tendiam a reunir-se compactos deste lado, e não há nada mais perigoso para um navio do que engolfar-se por este labirinto movediço.

Sob as lufadas do vendaval, acompanhado de vagalhões, a escuna às vezes dava a borda demasiado. Por felicidade, a carga não podia correr, por isso que a estiva havia sido feita com perfeito conhecimento das eventualidades náuticas. Não teríamos a recear a sorte do «Grampus», naufrágio devido a negligência, que ocasionara a sua perda. Todos se lembram de que aquele brigue se virou de quilha para o ar, e que Arthur Pym e Dirk Peters permaneceram alguns dias agarrados ao casco.

Quanto ao mais, as bombas não deitaram gota de água. Não abriu nenhuma das costuras do costado e do convés, graças aos cuidadosos reparos que se fizeram durante a nossa escala nas Falklands.

Quanto duraria esta tempestade, o melhor weather-wise, o mais hábil prognosticador não poderia dizê-lo.

Vinte e quatro horas, dois dias, três dias de mau tempo, nunca se sabe o que os mares austrais nos reservam. Uma hora depois da borrasca ter caído a bordo, os tufões sucediam-se quase sem interrupção com a chuva, granizo e neve, ou, melhor, cordas de água nevosas. Era isto devido à temperatura ter baixado muito. O termômetro marcava apenas trinta e seis graus Fahrenheit (2 graus, 22 C. acima de zero), e a coluna barométrica vinte e seis polegadas e oito linhas (721 milímetros).

Eram dez horas da noite — torna-se-me forçoso empregar este termo, posto que o Sol se mantivesse sempre acima do horizonte. E, de fato, faltavam ainda uns quinze dias para ele atingir o ponto culminante da sua órbita, e a vinte e três graus do polo não cessava de espalhar pela superfície da Antártica os seus pálidos e oblíquos raios.

Às dez horas e trinta e cinco a borrasca aumentou consideravelmente.

Não pude resolver-me a ir para o meu camarote e abriguei-me trás do tombadilho.

O capitão Len Guy e o piloto discutiam a poucos passos de mim.

No meio do estrépito dos elementos, com dificuldade se poderiam ouvir um ao outro; mas, entre mareantes, a gente entende-se só pelo gesto.

Era pois evidente que a escuna abatia do lado dos gelos para oeste, e que não tardaria a topá-los, porquanto caminhavam mais velozes que ela. Duplo contratempo, que nos afastava do osso rumo e nos ameaçava com alguma temível colisão. O balanço era agora tão grande que dava lugar a receios quanto os mastros, cujo topo descrevia arcos duma amplitude medonha.

Durante os tufões, poder-se-ia imaginar que a «Halbrane» estava cortada em duas. De proa para ré, não era possível ver-se.

Ao largo, algumas tênues abertas deixavam aparecer o mar embravecido, que rebentava com fúria de encontro à muralha dos icebergs, como se fossem rochedos do litoral, cobrindo-os de espuma pulverizada pelo vento.

Como tivesse aumentado o número de blocos errantes, havia lugar de supor que a tempestade apressaria o rompimento do elo e facilitaria a aproximação dos bancos.

Era, no entanto, mister fazer cabeça ao vento. Daqui, a necessidade de pôr-se de capa. A escuna afrontava-se horrivelmente, recebendo o mar na amura, ordendo a curva das vagas, donde só se erguia depois de muito acudida. Correr ao tempo, não se podia pensar nisso, porquanto uma embarcação, neste andamento, expõe-se ao raríssimo risco de meter rolos de mar pela popa. antes de mais nada, a primeira manobra a executar era meter de oline cerrada. Depois, feita a capa com a gávea nos últimos izes, a vela estai de proa e a vela estai de joanete, estava «Halbrane» em condições favoráveis para resistir à borrasca ao abatimento, podendo ainda diminuir o pano, se o mau tempo piorasse.

O marinheiro Drap foi para o leme. O capitão Len Guy vigiava elas guinadas.

À proa, a tripulação estava a postos para executar as ordens e Jem West, enquanto seis homens, dirigidos pelo bossman, se ocupavam em envergar um joanete em substituição duma rigantina. O mencionado joanete é um pedaço triangular de lona grossa, cortado como um cutelo, o qual se içá no encapelamento do mastro grande, amura-se na esteira e caça-se a ré.

Para rizar a gávea, era mister marinhar aos vaus do traquete, para isso bastariam quatro homens.

O primeiro que trepou pelos enfrechates foi Hunt. O segundo foi Martim Holt, mestre veleiro. O marinheiro Burry e um dos recrutas seguiram-nos imediatamente.

Nunca imaginei que um homem pudesse desenvolver tanta agilidade e destreza como Hunt desenvolveu. As mãos e os pés parecia que nem tocavam nos enfrechates: Chegado aos vaus, seguiu pelo estribo até um dos laises, a fim de empunir a gávea.

Martim Holt foi para a extremidade oposta, enquanto os outros dois homens ficaram no terço da verga.

Logo que a vela estivesse carregada, bastaria metê-la nos últimos rizes. Depois, assim que Hunt, Martim Holt e os marinheiros tivessem descido, caçá-la-iam de baixo.

O capitão Len Guy e o piloto sabiam que, com este pano, a «Halbrane» se aguentaria convenientemente de capa.

Enquanto Hunt e os outros trabalhavam, o bossman havia largado a vela estai, aguardando do piloto a ordem para içá-la de pronto.

Desencadeava-se então a borrasca com incomparável fúria. Ovéns e brandais, retesados a

ponto de quase rebentarem, vibravam como cordas metálicas. Era caso para perguntar se as velas, embora rizadas, se não desfariam em mil pedaços.

De repente, um medonho balanço virou tudo o que estava no convés. Alguns barris, que rebentaram as espias, rolaram até os paveses. A escuna adornou de tal modo sobre estibordo que o mar entrou pelos embornais,

Derribado desta vez contra o tombadilho, estive alguns instantes sem me poder levantar.

Foi tal a inclinação da escuna que o lais da verga da gávea mergulhou cerca de quatro pés no dorso duma onda!

Quando, porém, a verga saiu da água, Martim Holt, que estava escarranchado no cunho do lais a acabar o seu trabalho, havia desaparecido.

Ouviu-se um grito, o grito do mestre veleiro, arrebatado pela vaga, e cujos braços se agitavam desesperados entre a brancura da escuma.

Precipitara-se a maruja para estibordo, um atira um cabo, outro um barril, aquele uma antena — qualquer objeto, enfim, susceptível de flutuar, ao qual Martim Holt pudesse agarrar-se.

No momento em que eu me segurava a um cunho para me aguentar de pé, divisei um vulto que fendia o ar e desaparecia na arrebenção das ondas.

Seria outro acidente? Não! Era um ato voluntário... um ato de dedicação.

Tendo acabado de amarrar o último amarrilho do riz, Hunt, depois de se estender pela verga adiante, acabava de lançar-se em socorro do mestre veleiro.

— Dois homens ao mar! — gritaram a bordo.

Sim, dois... um para salvar o outro! E não iriam morrer ambos?

Jem West correu para o leme e, com uma volta de roda, fez orçar a escuna uma quarta, tudo quanto ela podia sem sair da linha do vento. Depois, com o cutelo atravessado e a gávea carregada a beijar, conservou-se quase imóvel.

Primeiramente, na superfície escumosa das águas, enxergou-se Martim Holt e Hunt, cujas cabeças emergiam. Hunt nadava com movimentos rápidos, cortando por entre as vagas, aproximando-se do mestre veleiro. Este, afastado já uma amarra, aparecia e desaparecia a cada passo, um ponto escuro, difícil de distinguir no meio do vendaval.

Depois de ter atirado antenas e barris a tripulação aguardava, pois fizera tudo o que havia a fazer.

Quanto a arriar uma embarcação no meio destas alterosas vagas que cobriam o castelo de proa, podia-se lá pensar nisso? Ou se afundava, ou se desfazia de encontro ao costado da escuna.

— Estão ambos perdidos... ambos! — murmurou o capitão Len Guy.

E, em seguida, gritou ao piloto: — Jem... o escaler... o escaler...

— Se o capitão dá ordem para o deitar ao mar — respondeu o piloto —, serei o primeiro a embarcar, conquanto isso seja arriscar a própria vida. Mas preciso dessa ordem!

Houve alguns minutos de inexprimíveis angústias para as testemunhas desta cena. Já se não pensava na situação da «Halbrane», por muito comprometida que ela estivesse.

De repente, porém, estrugiu um clamor, quando se divisou outra vez Hunt entre duas ondas. Ainda mergulhava; mas depois, como se os pés encontrassem um ponto de apoio firme, viram-no avançar com sobre-humano vigor, para Martim Holt, ou, melhor, para o lugar onde o desventurado acabava de sumir-se.

Ganhando todavia um pouco de bolina cerrada, logo que Jem West abrandara as escotas da vela estai e da gávea, a escuna aproximara-se cerca de meia amarra.

Foi então que novos gritos dominaram o bramido dos elementos enfurecidos.

— Hurra! Hurra! Hurra! — bradou a tripulação toda.

Com o braço esquerdo, Hunt sustinha Martim Holt, incapaz de qualquer movimento, balouçando como uma casca de noz. E com o outro nadava vigorosamente, vencendo o caminho da escuna.

— Orça! Orça! — ordenou Jem West ao timoneiro.

Posto o leme de ló, as velas detonaram como se fossem armas de fogo.

A «Halbrane» empinava-se nas ondas, semelhante ao cavalo que se encabrita quando o freio o subjuga a ponto de lhe despedaçar a boca. Abandonada às mais terríveis sacudidelas, produzidas pelo balanço de bombordo a estibordo e de proa à popa, dir-se-ia, para continuar a comparação de que me servi, que ela fazia piafé no mesmo sítio...

Decorreu um minuto interminável. Quando muito podiam-se apenas distinguir, no meio das águas embravecidas, aqueles dois homens, um dos quais arrastava o outro...

Por fim, Hunt chegou à escuna e agarrou um dos cabos que pendiam de bordo.

— Arriba! Arriba! — gritou o piloto, fazendo um gesto ao homem do leme.

A escuna arribou exatamente o preciso para que a gávea, a vela estai de proa e o joanete pudessem cambar, e meteu de capa seguida.

Num abrir e fechar de olhos, Hunt e Martim Holt foram içados para o convés, ficando um ao pé do mastro de traquete, e pronto o outro para ajudar à faina.

O mestre veleiro recebeu os socorros que o seu estado necessitava. A respiração voltou-lhe pouco a pouco, depois dum começo de asfixia. Algumas fricções enérgicas fizeram que viesse a si, abrindo então os olhos.

— Martim Holt — disse-lhe o capitão Len Guy, que se debruçara sobre o mestre veleiro —, eis-te regressado de longe.

— Sim... sim... capitão! — respondeu Martim Holt, procurando com o olhar. — Mas quem me socorreu?

— Foi Hunt — declarou o bossman —, Hunt, que arriscou a própria vida para te arrancar dali!

Martim Holt ergueu-se sobre o cotovelo e voltou-se para o lado de Hunt.

Mas, como este se conservava atrás, Hurliguerly empurrou-o para Martim Holt, cujo olhar exprimia o mais vivo reconhecimento.

— Hunt — disse então —, salvaste-me! Se não foras tu... morreria afogado... agradeço-te!

Hunt não respondeu.

— Olha cá — observou-lhe o capitão —, tu não ouves?

Hunt não parecia ter ouvido.

— Hunt — repetiu Martim Holt —, aproxima-te. Agradeço-te... queria apertar-te a mão!

E estendeu-lhe a sua. Hunt recuou alguns passos, sacudindo a cabeça, na atitude dum homem que despreza tantos cumprimentos por uma coisa tão simples.

Em seguida, dirigindo-se para a proa, tratou de substituir uma das escotas da vela estai, a qual acabava de rebentar por efeito dum embate de mar tão grande que a escuna tremeu toda, da quilha ao topo dos mastros.

Decididamente, este Hunt é um herói de dedicação e de coragem!

Também não há que ver que é um ser indiferente a todas as impressões, e não foi ainda nesse dia que o bossman viu «a cor das suas palavras»!

Não houve a menor interrupção na violência da tempestade e, por várias vezes, deu-nos sérias inquietações. No meio do furor da tormenta, julgou-se um cento de vezes que, embora o pano estivesse diminuído, a mastreação vinha abaixo. Sim! Cem vezes, ainda que Hunt aguentasse o leme com pulso vigoroso e hábil, a escuna, arrebatada por inevitáveis guinadas, deu a borda e esteve a ponto de soçobrar. Tornou-se até necessário ferrar a gávea e limitar-se ao joanete e vela estai de proa para conservar a capa.

— Jem — diz o capitão Len Guy (eram então cinco horas da manhã) —, se for necessário correr ao tempo...

— Correremos, capitão, mas arriscamo-nos a ser tragados pelo mar!

Com efeito, não há nada mais perigoso do que o andamento com vento pela popa, quando se não podem vencer as ondas, o que só se faz no caso de ser impossível conservar a capa. Demais, seguindo para este, a «Halbrane» abatera, por entre o Dédalo dos gelos acumulados nesta direção.

Durante três dias, 6, 7 e 8 de Dezembro, desencadeou-se a tempestade sobre estas paragens, com acompanhamento de tufões nevosos, que provocaram manifesto abaixamento de temperatura.

No entanto, pôde-se conservar a capa, depois que a vela estai, rota por um tufão, fora substituída por outra, de lona mais resistente.

Inútil é dizer que o capitão Len Guy se mostrou um verdadeiro mareante, que Jem West velava por tudo, que a marinhagem os auxiliou resolutamente, que Hunt era sempre o primeiro na faina em havendo manobra a executar ou perigo a correr.

Em verdade, do que este homem era capaz não se pode dar ideia!

Que diferença entre ele e a maior parte dos marinheiros recrutados nas Falklands, sobretudo o sealing-master Hearne. A respeito destes, era bem difícil conseguir o que havia direito de esperar e de exigir. Obedeciam, decerto, porquanto, de boa ou de má vontade, era forçoso obedecer a um oficial como Jem West. Mas, por detrás, que de lamúrias, que de recriminações!

Ora eu temia que isso não fosse de bom presságio para o futuro.

Escusado é dizer que Martim Holt não tardara a voltar para as suas ocupações, as quais nunca o enfadavam.

Muito entendido no seu ofício, era o único que, em destreza e zelo, podia rivalizar com Hunt.

— Diga-me cá, Holt — perguntei-lhe eu um dia em que estava conversando com o bossman —, em que relações se encontra agora com o mafarrico do Hunt? Depois do salvamento, acaso se tem mostrado mais comunicativo?

— Não, Sr. Jeorling — respondeu o mestre veleiro —, e até parece que procura evitar-me.

— Evitá-lo? — repliquei.

— Como aliás fazia dantes...

— Pois é singular.

— Mas é verdade — acrescentou Hurliguerly. — Tenho notado isso mais de uma vez.

— Foge-lhe também como dos outros?

— De mim... mais que dos outros...

— A que será isso devido?

— Não sei, Sr. Jeorling!

— O que não impede, Holt, que lhe deva uma grossa vela de cera! — declarou o bossman.

— Mas não tente acendê-la em sua honra! Eu conheço-o... Soprava-lhe logo ao pavio!

Fiquei surpreendido com o que acabava de ouvir. Todavia, reparando nisso, pude certificar-me que, de fato, Hunt fugia sempre de estar em contato com o mestre veleiro. Julgaria porventura não ter jus ao seu reconhecimento, embora ele lhe devesse a vida? Seguramente, o procedimento deste homem era pelo menos extravagante.

Na madrugada de 8 para 9, o vento mostrou uma certa tendência para rondar para este, o que devia tornar o tempo mais suportável.

A «Halbrane», pois, se se desse uma tal circunstância, poderia recuperar o abatimento que tivera e continuar no rumo do meridiano quarenta e três.

Conquanto o mar estivesse bravo, pôde-se, contudo, aumentar sem risco a superfície vélica, por volta das duas da madrugada. De modo que, com a vela de traquete e com a brigantina nos segundos rizes, com a vela estai de traquete e com a vela estai de proa, a «Halbrane», amuras a bombordo, aproximou-se do caminho donde a duradoura tormenta a fizera abater.

Nesta parte do oceano Antártico, os gelos erravam em maior número, e havia motivo para se supor que a tempestade, apressando o rompimento do gelo, talvez tivesse destruído do lado de este as barreiras que ele formava.

CAPÍTULO XIII

COSTEANDO OS BANCOS DE GELO

Ainda que as paragens para além do círculo polar houvessem sido profundamente perturbadas, justo é reconhecer que a nossa navegação, até esse momento, se efetuara em condições excepcionais. E que feliz acaso se a «Halbrane», logo na primeira quinzena de Dezembro, encontrasse aberto o caminho de Weddell? Eu digo, verdade é, caminho de Weddell, como se se tratasse duma estrada terrestre, bem conservada, cheia de marcos miliários, com esta inscrição dum poste indicador: «Caminho do Pólo Sul».

Durante o dia de 10, pôde a escuna manobrar sem dificuldade entre os blocos de gelo isolados a que chamam floes e brashs. A direção do vento não a obrigava a bordejar, pois permitia-lhe seguir a linha reta entre os canaletes dos ice-fields. Conquanto estivéssemos ainda distanciados um mês da época em que a desagregação se opera em grande, o capitão Len Guy, habituado a tais fenômenos, afirmava que o que sucedia a maior parte das vezes em Janeiro — o rompimento geral do gelo — sucederia agora em Dezembro.

Evitar estas numerosas massas errantes não dá trabalho nenhum à maruja. As dificuldades reais só se apresentariam provavelmente no próximo dia em que a escuna tentasse abrir passagem através dos bancos de gelo.

Quanto ao mais, não havia a recear nenhuma surpresa. A presença dos gelos era indicada pela tinta um tanto amarelada da atmosfera, cor que os baleeiros designam sob o nome de blink. É um fenômeno de reverberação, peculiar às zonas glaciais, que não engana nunca o observador.

Cinco dias consecutivos navegou a «Halbrane» sem ter avaria, sem haver tido, um instante sequer, de temer qualquer colisão.

Verdade é que, à medida que descia para o sul, aumentava a quantidade dos gelos e estreitavam-se os canaletes. Uma observação feita a 14 deu 72 graus 37 para a latitude, conservando-se a longitude manifestamente a mesma entre os meridianos quarenta e dois e quarenta e três. Era já um ponto que poucos navegadores tinham podido atingir para além do círculo antártico — nem os Balleny nem os Bellingshausen.

Faltavam-nos apenas dois graus para chegar à altura de James Weddell.

Tornou-se, pois, mais melindrosa a navegação da escuna por entre estes fragmentos descorados e baços, cheios de sujidade de pássaros. Alguns ofereciam uma aparência leprosa. Em relação ao seu volume, que era considerável, como parecia pequeno o nosso navio, cuja mastreação os icebergs dominavam!

No tocante a essas massas, a variedade dos tamanhos excedia a das formas, diferenciadas até ao infinito. O efeito era maravilhoso, quando este caos, desafrontado da cerração, reverberava, como enormes diamantes brutos, os raios solares. Às vezes os estratos desenhavam-se em cores avermelhadas, sobre a origem das quais ainda não há nada bem assente, pois colorizam-se com gradações de violeta e de azul, provavelmente devidas a

efeitos de refração.

Eu não me cansava de admirar semelhante espetáculo, descrito duma maneira notável na narrativa de Arthur Pym: aqui pirâmides de agudos vértices, acolá zimbórios arredondados como os de igreja bizantina, ou bojudos como os de igreja russa, seios intumescidos, dólmenes de mesa horizontal, kramlechs, menires em pé como no campo de Karnac, vasos quebrados, taças invertidas — tudo enfim quando a vista imaginativa se compraz às vezes em descobrir na caprichosa disposição das nuvens... E não são as nuvens os gelos errantes do mar celeste?

Devo reconhecer que o capitão Len Guy juntava, a muita afoiteza, muita prudência. Não passava nunca por sotavento dum iceberg se a distância lhe não afixasse o bom êxito de qualquer manobra que de repente se tornasse necessária. Familiarizado com todas as eventualidades desta navegação, não receava aventurar-se pelo meio das flotilhas de drifts e de packs. Nesse dia, disse-me ele: — Não é a primeira vez, Sr. Jeorling, que tenho querido penetrar no mar polar e sem o conseguir. Ora, se tentei fazê-lo então, que apenas tinha meras presunções acerca da sorte da «Jane», o que não farei eu, agora que essas presunções se transformaram em certeza?

— Percebo isso, e, a meu ver, a experiência que o capitão tem da navegação nestas paragens deve aumentar as probabilidades do bom êxito.

— Por certo, Sr. Jeorling! Contudo, para além dos bancos de gelo, ainda existe o desconhecido para mim, como para tantos outros navegadores!

— O desconhecido? Mas não em absoluto, capitão, por isso que possuímos os fidedignos relatórios de Weddell e, direi também, os de Arthur Pym.

— Sim! Bem sei! Eles falaram do mar livre...

— Porventura não acredita nisso?

— Sim! Acredito. Sim! Existe, e até por duas razões que têm certo peso. É, com efeito, de toda a evidência que as massas designadas pelos nomes de ice-fields e de icebergs não podiam formar-se em pleno mar. Um violento e irresistível esforço, provocado pelas vagas, é que as desprende dos continentes ou das ilhas das altas latitudes. Em seguida as correntes arrastam-nas para as águas mais temperadas, onde os embates lhes partem as arestas, quando a temperatura lhes desagrega as bases e os encontros submetidos às influências termométricas.

— Isso parece-me a própria evidência — concordei eu.

— Portanto — prosseguiu o capitão Len Guy —, as referidas massas não vêm dos bancos de gelo. É flutuando que elas os atingem, que às vezes se partem, que passam os seus canaletes. Além disso, não se pode ajuizar da zona austral pela zona boreal. As condições ali não são idênticas. Cook também pôde afirmar que nunca encontrara nos mares gronelandeses o equivalente das montanhas de gelo do mar Antártico, até mesmo numa latitude mais elevada.

— E a que é isso devido? — perguntei eu.

— É, sem dúvida, devido a que, nas regiões boreais, predomina a influência dos ventos do sul. Ora, eles só chegam depois de estarem saturados dos calores da América, da Ásia e da Europa, contribuindo para elevar a temperatura da atmosfera. As terras mais próximas daqui, terminadas pelas pontas do cabo da Boa Esperança, da Patagônia e da Tasmânia, nada modificam as correntes atmosféricas. E é por isso que a temperatura se conserva mais igual neste domínio antártico.

— Essa observação é importante e justifica o parecer do capitão a respeito dum mar

livre...

— Sim... livre... pelo menos numa dezena de graus para além do banco de gelo. Portanto, começemos por transpô-lo, e teremos vencido a maior dificuldade. O Sr. Jeorling teve razão em dizer que a existência do mar livre fora formalmente reconhecida por Weddell...

— E por Arthur Pym, capitão...

— E por Arthur Pym.

A partir de 15 de Dezembro, as dificuldades de navegação aumentaram com a quantidade dos gelos. O vento, todavia, continuava a ser favorável, variando de nordeste para noroeste sem nunca mostrar tendência de saltar para o sul. Não foi necessário, uma hora sequer, bordejar entre os icebergs e os ice-fields, nem dar bordos curtos durante a noite, operação sempre penosa e arriscada. Às vezes a viração refrescava e era preciso diminuir o pano. Via-se então o mar escumando pelos blocos fora, cobrindo-os de névoas, como se fossem rochedos duma ilha flutuante, sem conseguir sustar-lhes o andamento.

Por várias vezes mediu Jem West os ângulos de elevação, resultando desses cálculos estar compreendida a altura dos blocos entre dez e cem toesas.

Pela minha parte, participava da opinião do capitão Len Guy sobre este ponto: que as referidas massas só poderiam formar-se ao longo dum litoral, talvez o de um continente polar. Era, porém, manifesto que esse continente devia ser cavado por baías, dividido por braços do mar, cortado por estreitos, os quais haviam permitido à «Jane» atingir a situação da ilha Tsalal.

E, no fim de tudo, não é a existência destas terras polares que impede aos descobridores o subirem até aos polos ártico ou antártico? Não oferecem elas às montanhas de gelo um ponto de apoio sólido, do qual se desprendem na época da desagregação? Se as calotas boreais e austrais fossem apenas cobertas pelas águas, não teriam porventura os navios sabido abrir passagem por ali?

Pode-se, pois, afirmar que, desde o começo da sua travessia até o paralelo oitenta e três, o capitão William Guy, da «Jane», quer fosse pelo próprio instinto de navegador, quer o acaso o tivesse guiado, devia ter subido através dalgum largo braço de mar.

A nossa tripulação não deixava de estar muito impressionada ao ver a escuna aventurar-se pelo meio dessas massas em movimento, pelo menos os novatos, por isso que os antigos já se não importavam com estas primeiras surpresas. Verdade é que o hábito não tardou em torná-los indiferentes ao que esta navegação oferecia de inesperado.

O que convinha organizar com mais cuidado era uma incessante vigilância. Por isso, no topo do mastro do traquete, fez Jem West içar uma barrica, a que chamam «ninho-de-pega», onde estivesse uma vigia permanentemente de guarda.

A «Halbrane», ajudada por uma viração constante, seguia com rapidez. A temperatura estava suportável, cerca de quarenta e dois graus (de 4 graus a 5 graus C. acima de zero). O perigo estava nos nevoeiros, que flutuavam com frequência sobre estes obstruídos mares, tornando difícil o evitar as abalroações.

Durante a manhã de 16, a maruja passou as maiores fadigas. Os packs e os drifts apenas ofereciam entre si estreitos canaletes, muito recortados, com curvas apertadas, as quais obrigavam a cambar as amuras amiúde. Quatro ou cinco vezes por hora ressoavam estas ordens:

— Orça!

— Arriba!

O timoneiro não folgava na roda do leme, enquanto os marinheiros não cessavam de manobrar a gávea, o joanete e os papa-figos.

Nestas circunstâncias, ninguém se enfadava da faina, distinguindo-se Hunt entre todos.

No que este homem — marinheiro do coração — se mostrava mais útil era quando se tratava de levar um oslabrote para cima dos blocos de gelo, prendê-lo lá com uma fateixa para o envolver no cabrestante, a fim de que a escuna, alada devagar, conseguisse vencer o obstáculo. Se bastava estender-se os braços para abranger uma saliência do bloco, Hunt metia-se no escaler, governava-o por entre os fragmentos e desembarcava na sua escorregadia superfície. Por isso, o capitão Len Guy e a marinhagem consideravam Hunt como um marinheiro fora do comum.

O que, porém, havia de misterioso na sua pessoa não deixava de excitar a curiosidade ao último ponto.

Mais de uma vez aconteceu embarcarem Hunt e Martim Holt, no mesmo escaler, para alguma faina arriscada que eles executassem de camaradagem. Se o mestre veleiro lhe dava uma ordem, Hunt cumpria-a tão zelosa como expeditamente, mas nunca lhe respondia.

Nesta data, a «Halbrane» já não podia estar longe do banco de gelo. Continuando no mesmo rumo, não tardaria decerto a atingi-lo, e apenas tinha de procurar uma passagem através dele. Até então, todavia, por cima dos ice-fields, entre os caprichosos picos de icebergs, a vigia só conseguira avistar uma crista ininterrupta de gelos.

O dia 16 exigiu precauções indispensáveis e minuciosas, porque o leme, sacudido por encontrões inevitáveis, corria o risco de desmontar-se.

Ao mesmo tempo, vários embates haviam sido provocados pelos fragmentos que roçavam contra os delgados da escuna, mais perigosos que os grandes blocos. Efetivamente, quando estes caíam sobre o costado do navio, produziam, sem dúvida, contatos violentos. A «Halbrane», no entanto, sólida de cavername e de cintado, não receava que o fundo se arrombasse, nem tão-pouco, como não era forrada de cobre, que as chapas se despregassem.

Quanto ao safrão do leme, Jem fê-lo encaixar entre duas chúmeas e depois consolidou-o com vergõteas aplicadas à cachola, espécie de forro que devia bastar para o seu resguardo.

Não se vá imaginar que os mamíferos marinhos tivessem abandonado estas paragens, obstruídas de massas flutuantes de todos os tamanhos e feitios. As baleias apareciam ali em grande quantidade, e que maravilhoso espetáculo quando as colunas de água saíam pelas aberturas! Viam-se com os fin-backs e os lump-backs toninhas de colossal corpulência, que pesavam muitos centos de arráteis, e que Hearne feria habilmente com o arpão, sempre que as apanhava a jeito. Os aludidos roazes eram invariavelmente bem recebidos e apreciados, depois que passavam pelas mãos de Endicott, ótimo preparador de molhos.

Quanto às habituais aves antárticas, procelárias e corvos, corriam em bandos gritadores, e eram legiões de pinguins, enfileirados à beira dos ice-fields, que contemplavam as evoluções da escuna. Eles são, em verdade, os verdadeiros habitantes destas tristes solidões, e a Natureza não podia ter criado um tipo mais em harmonia com a tristeza da zona glacial.

Foi, finalmente, na manhã de 17 que o homem do ninho-de-pega avistou os bancos de gelo.

— Pela amura de estibordo! — gritou ele.

A cinco ou seis milhas ao sul erguia-se uma interminável crista, recortada em dentes de serra, que se contornava sobre o fundo bastante claro do céu, e ao longo do qual descaíam

milhares de blocos de gelo. Esta barreira, imóvel, orientava-se de noroeste para sueste, e, costeando-a, a escuna ganharia ainda alguns graus para o sul.

Eis aqui o que convém reter se se quiser fazer uma ideia mais exata das diferenças que existem entre o banco e a barreira de gelos.

Esta última, como notei já, não se forma em pleno mar. É indispensável que assente numa base sólida, quer para erguer os seus planos verticais por um litoral adiante, quer para desenvolver os seus cumes montanhosos em segundo plano. Se, porém, a referida barreira não pode abandonar a sólida madre que a sustenta, é ela, contudo, segundo os navegadores mais competentes, que dá o contingente de icebergs e de ice-fields, de drifts e de packs, de floes e de brashs, cujo crescimento interminável nós divisamos ao largo. As costas que a aguentam estão sujeitas à influência das correntes que vêm dos mares mais quentes. Na época das marés de sizíguas, que às vezes atingem uma altura considerável, mina-se o assento da barreira, enfraquece, corroi-se, e blocos enormes — centenas deles em algumas horas — desprendem-se com um fragor de ensurdecer, caem no mar, mergulham no meio de pavorosos redemoinhos e sobem à superfície. Formam-se então montanhas de gelo, das quais só emerge um terço, que flutua até ao momento em que a influência climatérica das baixas latitudes acaba de as dissolver.

E um dia, em que conversava a esse respeito com o capitão Len Guy, disse-me ele:

— Essa explicação é exata, e é por isso também que a barreira de gelo oferece um insuperável obstáculo aos navegadores, visto ter por base um litoral. Mas com o banco não se dá a mesma coisa. É por vante da terra, sobre o próprio oceano, que ele se forma pela agregação contínua de fragmentos errantes. Sujeito também aos embates da vaga, e à corrosão pelas águas mais quentes durante o Verão, desloca-se, abrem-se canaletes, e numerosos barcos já têm conseguido passá-lo do lado oposto.

— Na verdade — acrescentei eu —, não apresenta uma massa indefinidamente contínua que se torne impossível costear.

— Foi por isso que Weddell pôde dobrar a extremidade, Sr. Jeorling, mercê, bem o sei, de circunstâncias excepcionais de temperatura e de precocidade. Ora, visto que tais circunstâncias se dão este ano, não é temeridade dizer que saberemos aproveitá-las.

— Com certeza, capitão. E agora que o banco está à vista...

— Vou aproximar dele a «Halbrane» quanto se puder, Sr. Jeorling, e depois metê-la pelo primeiro canaleta que conseguirmos descobrir. Se se nos não deparar nenhum, tentaremos costear o banco até à sua extremidade oriental, auxiliados pela corrente que segue nesta direção, e de bolina cerrada, amuras a estibordo, por pouco que a viração conserve de nordeste.

Singrando para o sul, a escuna encontrou ice-fields de dimensões consideráveis. Vários ângulos determinados com o sextante e cuja base foi medida pela barquinha, permitiram atribuir-lhes quinhentas a seiscentas toesas de superfície. Tornou-se mister manobrar com tanta precisão como prudência, a fim de se não ser bloqueado no fundo de corredores dos quais nem sempre se via a saída.

Quando a «Halbrane» se encontrava apenas a três milhas do banco, pôs-se de capa no meio duma ampla bacia, que lhe permitia completa liberdade de movimento. Largou de bordo uma embarcação. Entrou para ela o capitão Len Guy com o bossman, quatro marinheiros aos remos e um ao leme.

Dirigiu-se para a enorme muralha, procurou de balde um canaleta do qual a escuna pudesse escoar-se, e, depois de três horas deste enfadonho reconhecimento, voltou para bordo.

Sobreveio então um aguaceiro nevoso, que fez descer a temperatura a trinta e seis graus (22 graus, 22 C. acima de zero), e que nos tirou a vista do banco de gelo.

Tornou-se, pois, indispensável largar o rumo para sueste e navegar no meio destes enormes blocos, tendo o cuidado de não rolar sobre a barreira de gelo, porque o safar-se de lá oferecia sérias dificuldades.

Jem West deu ordem de bracear as vergas de modo que se unisse o mais possível à linha do vento.

A marinagem executou lesta a manobra, e a escuna, animada duma velocidade de sete a oito milhas, inclinada para estibordo, meteu pelo meio dos blocos dispersos no seu caminho. Sabia evitar-lhes o contato, sempre que lhe podia ser prejudicial o encontro, e, se se tratava apenas de tênues camadas, seguia por cima delas e despedaçava-as com o talha-mar, que desempenhava as funções de aríete. Em seguida, depois de muitas roçadelas e de muitos estalidos, com os quais às vezes estremecia o cavername, a «Halbrane» encontrava as águas desobstruídas.

O essencial, sobretudo, era fugir da colisão dos icebergs.

Não ofereciam nenhuma dificuldade as evoluções debaixo de um céu claro, que permitia manobrar a tempo, quer para aumentar, quer para diminuir o andamento da escuna. No entanto, com a frequente cerração que limitava a uma ou duas amarras o alcance da vista, esta navegação não deixava de ser perigosa.

Mas, sem falar dos icebergs, acaso a «Halbrane» se não arriscaria a ser abalroada pelos ice-fields!

Incontestavelmente, e só quem o não observou é que não pode calcular o grau potencial destas massas em movimento.

No referido dia tínhamos nós visto um dos tais ice-fields, ainda que animado de pequena velocidade, ir de encontro a outro que estava imóvel. Pois bem, o campo foi despedaçado pelas suas arestas, revolvido, quase desfeito por completo.

Apenas restavam dele enormes fragmentos, que se acavalavam uns nos outros, hummocks que se erguiam até cem pés de altura, packs que se imergiam nas águas. E pode isto causar surpresa, sabendo-se que o peso do ice-field abordador se calcula em muitos milhões de toneladas?

Decorreram vinte e quatro horas nestas condições, conservando-se a escuna entre três e quatro milhas do banco.

Aproximá-la mais seria engolfar-se por sinuosidades donde se não poderia sair. O capitão Len Guy tinha decerto esse desejo, mas receava ficar perto da entrada dum canaleta sem a ver.

— Se eu tivesse uma conserva — disseme ele —, costearia o banco mais de perto. É duma grande vantagem o ter dois navios quando se empreendem estas campanhas. Mas a «Halbrane» é só e, se chegasse a faltar-nos...

Sujeitando as manobras aos conselhos da prudência, a escuna expunha-se, contudo, a verdadeiros perigos. Depois dum percurso qualquer de cem toesas, tornava-se necessário pará-la de repente, modificar-lhe o rumo e, algumas vezes, no próprio momento em que o pau da bujarrona ia bater contra um bloco.

Durante horas e horas também, Jem West era obrigado a alterar-lhe o andamento, dando

bordos curtos, para evitar o embate dum ice-field.

Por fortuna, o vento soprava de este e permitia conservar o pano entre a bolina cerrada e um largo. Além disso, não refrescava. Mas, se o vendaval voltasse, não sei o que seria da escuna, ou, por outra, sei-o de sobra: perder-se-ia com tudo quanto tinha dentro.

Neste caso, efetivamente, não teríamos nenhuma probabilidade de fugir, e a «Halbrane» acostou perto do banco.

Depois dum demorado reconhecimento, teve o capitão Len Guy de desistir de encontrar uma passagem através da muralha. Atingir a ponta de sueste era a única coisa que se podia tentar.

Demais, seguindo esta orientação, não perderíamos nada em latitude. E, com efeito, no dia 18, a observação deu, para a situação da «Halbrane», o paralelo de setenta e três graus.

Contudo, repito, nunca a navegação nos mares antárticos foi realizada talvez em condições mais felizes — permanência dos ventos do norte e temperatura que o termômetro marcava em quarenta e nove graus (9 graus,44 C. acima de zero) em média.

Escusado é dizer que gozávamos de claridade perpétua e, durante vinte e quatro horas, os raios solares chegavam-nos de todos os pontos do horizonte.

Os icebergs agora entrecortavam-se de arroios, cujo leito se aprofundava, reunindo-se em cascatas retumbantes. Em suma, havia que evitar-se-lhes a queda, quando o deslocamento do seu centro de gravidade, produzido pela corrosão da base imergida, acontecia virá-los.

Duas ou três vezes ainda, aproximou-se do banco a menos de duas milhas. Era impossível que não tivesse experimentado já as influências climatéricas, que se não tivessem produzido rupturas em alguns pontos.

As pesquisas não deram resultado e foi mister seguir de novo a corrente de oeste para este.

Esta corrente, no entanto, ajudava-nos, e apenas havia a lamentar o ter sido levado para lá do meridiano quarenta e três, junto do qual havia necessidade de tornar a conduzir a escuna, a fim de largar o rumo para a ilha Tsalal. Neste caso, verdade é, o vento de este fá-la-ia voltar ao seu itinerário.

Devo, porém, observar que, durante este reconhecimento, não marcamos nenhuma terra nem aparência de terra ao largo, conforme os mapas coordenados pelos navegadores precedentes, mapas incompletos, sem dúvida, porém muito exatos nas suas linhas principais. Não ignoro que, por várias vezes, passaram navios pelo lugar onde estava indicada a situação duma terra.

Isto, porém, não era admissível a respeito da ilha Tsalal. Se a «Jane» pôde acostá-la foi porque esta parte do oceano Antártico estava livre, e, num ano tão adiantado, não tínhamos a recear nenhum obstáculo nesta direção.

Finalmente, a 19, entre as duas e as três horas da tarde, ouviu-se um grito da vigia nos vaus do traquete.

— Que há? — perguntou Jem West.

— O banco está cortado a sueste...

— E para além?

— Não se descobre nada.

O piloto trepou pelas enxárcias e, em alguns instantes, atingia o encapelamento do mastaréu de gávea.

Embaixo, estavam todos à espera, e com que impaciência! Se a vigia se tivesse enganado... se tivesse havido ilusão de óptica... Em todo o caso, ele, Jem West, não se enganaria!

Depois de dez minutos de observação — dez minutos intermináveis — a sua voz clara ressoou sobre o convés, exclamando:

— Mar livre!

Responderam-lhe aclamações unânimes.

A escuna largou rumo para sueste, cingindo-se o mais possível à linha do vento.

Duas horas depois, tinha-se dobrado a extremidade do banco e, ante nossos olhos, dilatava-se o mar resplandecente, de todo desobstruído de gelos.

CAPÍTULO XIV

UMA VOZ DURANTE UM SONHO

De todo desobstruído de gelos? Não. Era muito cedo para o afirmar. Viam-se ao longe alguns icebergs, e os drifts e packs ainda descaíam para este. O rompimento do gelo, todavia, efetuara-se por completo deste lado, e o mar estava de todo livre, porquanto um navio podia navegar nele livremente.

Não há dúvida de que foi nestas paragens, subindo este largo braço de mar, espécie de canal aberto através do continente antártico, que as naus de Weddell chegaram à latitude de setenta e quatro graus, latitude além da qual a «Jane» devia ter subido cerca de seiscentas milhas.

— Deus tem-nos ajudado — disse-me o capitão Len Guy —, e oxalá que nos acompanhe até ao fim!

— Daqui a oito dias — respondi eu —, pode ser que a nossa escuna esteja à vista da ilha Tsalal.

— Sim... contanto que os ventos de este se conservem, Sr. Jeorling. Ora, lembre-se duma coisa: ao costear o banco até à extremidade oriental, a «Halbrane» desviou-se do seu itinerário, e é mister reconduzi-la para oeste.

— A viração está a favor, capitão.

— E vamos aproveitá-la, pois é meu intuito dirigir-me para o ilhote Bennet. Foi ali que meu irmão desembarcou primeiro. Logo que avistarmos aquele ilhote, teremos a certeza de estar em bom caminho.

— Quem sabe se nós não encontraremos novos indícios, capitão...

— Pode ser, Sr. Jeorling. Hoje, pois, logo que eu tiver tomado a altura e reconhecido exatamente a nossa posição, aproaremos para o ilhote Bennet.

Escusado é dizer que era oportuno consultar o guia mais seguro que tínhamos à nossa disposição. Refiro-me ao livro de Edgar Poe, na realidade a verídica narrativa de Arthur Gordon Pym.

Depois de ter relido esta narrativa com toda a atenção que ela merecia, eis a conclusão a que cheguei: Que o fundo fosse verdadeiro, que a «Jane» descobrira e acostara à ilha Tsalal, nenhuma dúvida havia a esse respeito, nem tão-pouco acerca dos seis sobreviventes do naufrágio, na época em que um bloco de gelo errante arrastara consigo Patterson. Era esta a parte real, certa, indubitável.

Mas não devia ser levada a outra parte à conta da imaginação do narrador, imaginação prestigiosa, excessiva, desordenada, se atendermos ao retrato que ele fez de si próprio? E conviria considerar previamente como certos os estranhos acontecimentos que ele pretende ter observado no seio desta longínqua Antártica? Dever-se-ia admitir a existência de homens e de animais extraordinários? Seria verdade que o solo daquela ilha fosse duma natureza especial e

as suas águas correntes de uma composição particular? Existiriam, porventura, os abismos hieroglíficos de que Arthur Pym deu o desenho? Seria crível que a vista da cor branca produzisse nos insulares um efeito de pavor? E porque não, pois se o branco, a libré de Inverno, a cor da neve, lhes anunciava a chegada do mau tempo, que devia encerrá-los num cárcere de gelo? Mas, na verdade, que se devia pensar dos fenômenos singulares que se avistavam além, os pardacentos vapores do horizonte, o escurecimento do espaço, a transparência luminosa das profundezas pelágicas, enfim, a catarata aérea e o gigante branco que se erguia no limiar do polo?

A este respeito, fazia eu as minhas conjecturas e aguardava.

Quanto ao capitão Len Guy, mostrava-se muito indiferente a tudo quanto, na narrativa de Arthur Pym, se não relacionava diretamente com os abandonados da ilha Tsalal, cujo salvamento era a sua única e constante preocupação.

Ora, como eu tinha diante dos olhos a narrativa de Arthur Pym, prometi a mim próprio verificá-la passo a passo, apartar o verdadeiro do falso, e o real do fictício. E era convicção minha que não encontraria rastros das últimas raridades que, a meu ver, deviam ter sido inspiradas pelo Anjo do Extravagante duma das mais sugestivas novelas do poeta americano.

Em data de 19 de Dezembro a nossa escuna achava-se, pois, grau e meio mais ao sul do que a «Jane» tinha estado dezoito dias mais tarde. Donde se concluía que as circunstâncias, estado do mar, direção do vento, precocidade da Primavera, nos haviam sido extremamente favoráveis.

Um mar livre — «ou pelo menos navegável» — estendia-se diante do capitão Len Guy, como outrora em frente de William Guy, e, atrás deles, o banco de gelo patenteava de noroeste para nordeste as suas enormes massas solidificadas. Primeiro que tudo, quis Jem West reconhecer se a corrente deste braço de mar se dirigia para o sul, como dizia Arthur Pym. Por ordem sua, o bossman largou para o fundo uma sonda, de duzentas braças, e verificou-se que a direção da corrente era a mesma — por consequência muito mais desfavorável ao andamento da nossa escuna.

Às dez horas e ao meio-dia fizeram-se duas observações com grande exatidão; estava o céu duma limpidez extraordinária.

Os cálculos deram 74 graus 45 para a latitude e — o que não nos surpreendia — 39 graus 15 para a longitude. Vê-se que o desvio que nos fora imposto pelo costeamento do banco e a necessidade de o dobrar pelo extremo oriental obrigaram a «Halbrane» a abater cerca de quatro graus para este. Tendo marcado o ponto, o capitão Len Guy mandou aproar a sudoeste, a fim de voltar ao meridiano quarenta e três, ganhando ao mesmo tempo para o sul.

Não tenho de lembrar aqui que as palavras «manhã» e «tarde», das quais me servirei à falta doutras, nem implicam um nascer nem um pôr de Sol. O disco radiante, que descrevia uma espiral ininterrupta acima do horizonte, não cessava de alumiar o espaço. Alguns meses mais tarde, desapareceria. Mas, durante o frígido e sombrio período de inverno antártico, estaria o céu quase quotidianamente iluminado por auroras polares. Talvez que mais tarde sejamos testemunhas destes fenômenos de um esplendor inexprimível, cuja influência elétrica se manifesta com tanta pujança!

A darmos crédito à narrativa de Arthur Pym, de 1 a 4 de Janeiro do ano de 1828 a travessia da «Jane» não se efetuou sem graves complicações, devidas ao mau tempo. Uma grande tempestade do nordeste atirou contra ela blocos de gelo, que por pouco lhe partiam o

leme. Teve também o caminho interceptado por um espesso banco, que, por fortuna, lhe abriu passagem. Afinal, só na manhã de 5 de Janeiro, por 37 graus 15 de latitude, é que ela venceu estes obstáculos. Enquanto a temperatura do ar estava para ela a trinta e três graus (0, graus 56 C. acima de zero), elevava-se para nós a quarenta e nove graus (9 graus, 44 C. acima de zero). Quanto ao desvio da agulha, representava-se por um número idêntico, isto é, 14 graus 28 para este.

Uma derradeira observação para indicar matematicamente a diferença na posição respectiva das duas escunas nesta data.

De 5 a 19 de Janeiro decorreram os quinze dias que a «Jane» gastou a percorrer os dois graus, isto é, seiscentas milhas, que a separavam da ilha Tsalal, ao passo que a «Halbrane», a 19 de Dezembro, encontrava-se distante dela apenas cerca de sete graus, isto é, quatrocentas milhas. Se o vento se conservasse deste lado, não acabaria a semana sem que determinássemos a situação da ilha, ou pelo menos do ilhote Bennet, mais próximo umas cinquenta milhas, junto do qual o capitão Len Guy faria uma escala de vinte e quatro horas.

Prosseguia a navegação em condições excelentes. Tornava-se, porém, indispensável evitar alguns blocos de gelo, que as correntes levavam para sudoeste com velocidade de um quarto de milha por hora. A nossa escuna passou-lhe adiante sem custo.

Se bem que a viração estivesse fresca, Jem West largou o pano miúdo, e a «Halbrane» deslizou novamente sobre as águas, apenas marulhosas. Não avistávamos nenhum dos icebergs que

Arthur Pym divisara nesta latitude, alguns dos quais tinham cem braças de altura, verdade é que em começo de fusão.

A marinagem não se via na obrigação de manobrar no meio das cerrações que tolhiam o andamento da «Jane». Não tivemos nem as refregas de granizo e de neve que por vezes a acometeram, nem os abaixamentos de temperatura que os marinheiros tiveram de sofrer. Apenas raros blocos descaíam sobre o nosso caminho, alguns deles cobertos de pinguins, como se fossem passageiros em viagem a bordo dum iate de recreio, e também focas negras, coladas à sua branca superfície quais sanguessugas enormes. Por cima desta flotilha espalhava-se o vôo incessante das procelárias, mergulhões denegridos do Norte, mergulhões de poupa e coleira preta, corvos e albatrozes de cor fuliginosa das altas latitudes. Sobre as águas flutuavam aqui e além grandes medusas, adornadas das mais delicadas cores, exibindo-se como umbelas abertas. Quanto aos peixes, de que os pescadores da escuna puderam fazer larga provisão, tanto à linha como à físga, citaremos particularmente os corifemos, espécie de douradas gigantes, de três pés de comprimento e de carne rija e saborosa.

No dia seguinte de manhã, depois duma noite calma, durante a qual a viração caíra um tudo-nada, abeira-se de mim o bossman, cara risonha, voz fresca, como um homem que se não importa nada com as contingências da vida, e exclama: — Bom dia, Sr. Jeorling, bom dia! Nestas regiões austrais e nesta época do ano, não será aliás permitido dar as boas-noites, porquanto não há noite nem de boa nem de má casta.

— Bom dia, Hurliguerly — respondi eu, muito disposto a sustentar conversação com este alegre cavaqueador.

— Vamos a saber: como acha os mares que se estendem da parte de cá do banco?

— Compará-los-ei naturalmente aos grandes lagos da Suécia ou da América.

— Sim... sem dúvida... lagos circundados de icebergs, à laia de montanhas!

— Digo mais, bossman: não podíamos desejar melhor, e com a condição de a viagem continuar assim até estarmos à vista da ilha Tsalal.

— E por que não até ao polo, Sr. Jeorling?

— O polo? O polo fica longe, e quase se não sabe o que existe lá!

— Indo-se lá, sabe-se logo — replicou o bossman —, e é até a única maneira de o saber!

— Naturalmente, Hurliguerly, naturalmente. A «Halbrane», porém, não se pôs a caminho para descobrir o Pólo Sul. Se o capitão Guy consegue repatriar os vossos compatriotas da «Jane», é opinião minha que terá concluído a sua obra, e não creio que deva alcançar mais.

— Isso compreende-se, Sr. Jeorling, isso compreende-se... Contudo, quando ele estiver apenas a trezentas ou quatrocentas milhas do polo, não terá a tentação de ir ver a extremidade do eixo sobre o qual a Terra gira como um frango no espeto? — objetou o bossman, a rir.

— Valeria a pena, porventura, correr novos perigos — disse eu —, e a tal ponto é interessante levar a paixão pelas conquistas geográficas?

— É e não é, Sr. Jeorling. Confesso, contudo, que o ter estado mais longe que os navegadores que nos precederam, mais do que talvez nunca hão-de chegar os que nos sucederem, isso seria de molde a satisfazer o meu amor-próprio de marinheiro.

— Sim.. o bossman entende que nada está concluído enquanto ainda há que fazer...

— É como diz, Sr. Jeorling, e se nos propusessem engolfarmo-nos alguns graus mais além da ilha Tsalal, não seria de mim que nasceria a oposição

— Não creio que o capitão Len Guy possa vir a pensar nisso, bossman...

— Nem eu — respondeu Hurliguerly —, e logo que ele tenha recolhido seu irmão e os cinco marinheiros da «Jane», imagino que o nosso capitão se dará pressa em levá-los para Inglaterra!

— É ao mesmo tempo provável e lógico, bossman. Além de que, se os antigos da marinhagem são homens para irem aonde quer que o seu chefe tiver na vontade levá-los, parece que os novos se recusariam a isso. Eles não foram contratados para uma viagem tão longa e tão perigosa, a qual os arrastaria até ao polo...

— Tem razão, Sr. Jeorling, e, para os resolver seria necessário o engodo duma boa gorjeta de cada paralelo transposto para lá da ilha Tsalal.

— E ainda assim não era certo — volvi eu.

— Não, porque Hearne e os recrutas das Falklands, que constituem a maioria a bordo, contavam efetivamente que se não conseguiria dobrar o banco, que a navegação não iria além do círculo antártico! De sorte que já conspiram por se verem tão longe! Em suma, não sei bem no que isto virá a dar; o que sei é que Hearne é homem que se deve trazer debaixo de olho, e eu não o perco de vista. Efetivamente, talvez que houvesse nisto, não direi um perigo, mas, pelo menos, uma complicação para o futuro.

Durante a noite, ou o que devia ser a noite de 19 para 20, o meu sono foi perturbado um momento por um sonho extravagante. Sim, só podia ser um sonho! Contudo, julguei dever consigná-lo nesta narrativa porquanto testemunha, mais uma vez, a frequência com que o meu cérebro começava a ser inquietado.

Como ainda fazia frio, depois de me estender no beliche, aconchegava bem a roupa a mim. Geralmente adormecia por volta das nove horas e levava a noite de um sono até às cinco da manhã.

Por conseguinte estava dormindo, e deviam ser quase duas horas da madrugada, quando fui

despertado por uma espécie de murmúrio gemebundo e contínuo.

Abri — ou supus abrir — os olhos. Porém, como os postigos das vidraças estavam cerrados, o meu camarote achava-se mergulhado em escuridão profunda.

Sentindo-se de novo o murmúrio, apurei o ouvido, e pareceu-me que uma voz — uma voz que eu não conhecia — segredava as seguintes palavras:

— Pym... Pym... Pobre Pym!

Evidentemente só podia ser uma alucinação... salvo se alguém se tivesse introduzido no meu camarote, cuja porta não era fechada à chave.

— Pym! — continuou a voz. — Não se pode... não se pode nunca esquecer o pobre Pym!

Desta vez percebi distintamente aquelas palavras, pronunciadas ao meu ouvido. Que significava esta recomendação e porque me era dirigida? Não esquecer Arthur Pym? Porém, depois do seu regresso à América, não teria porventura morrido... de morte repentina e lamentável, cujas circunstâncias e pormenores ninguém sabia?

Tive então o sentimento de que não estava em meu juízo e, desta vez, acordei na verdade persuadido de que acabava de ser perturbado por um sonho duma intensidade extrema, devido a qualquer excitação cerebral.

Saltei num pulo abaixo do beliche e abri o postigo duma das vidraças do meu camarote.

Olhei para fora.

Ninguém à ré da escuna, a não ser Hunt, de pé e junto da roda do leme, com os olhos fitos na bitácula.

Tinha pois de tornar a deitar-me. Foi isso que fiz, e, embora me parecesse ouvir o nome de Arthur Pym ressoar várias vezes aos meus ouvidos, dormi até pela manhã.

Quando me levantei, apenas conservava deste incidente da noite uma ideia muito vaga e fugitiva, que não tardou a extinguir-se.

Ao reler — o mais das vezes, o capitão Len Guy acompanhava-me na leitura —, ao reler, dizia eu, a narrativa de Arthur Pym, como se essa narrativa fosse o diário da «Halbrane», notei o seguinte fato, referido em data de 10 de Janeiro: “Dera-se durante a tarde um incidente muito lamentável”, precisamente nesta porção de mar que então atravessávamos. Um americano, natural de Nova Iorque, chamado Peter Vredenburg, um dos melhores da tripulação da «Jane», escorregou e caiu entre dois pedaços de gelo, desapareceu e não pôde ser salvo.”“.

Era a primeira vítima daquela funesta expedição, e quantas outras haviam ainda de ser inscritas no necrológio da desventurada escuna!

A propósito disto, o capitão Len Guy e eu notamos que, segundo Arthur Pym, o frio havia sido excessivo durante a manhã de 10 de Janeiro, e o estado atmosférico muito turvo, por isso que as refregas de nordeste se sucediam sob a forma de neve e granizo.

Verdade é que, naquela época, o banco erguia-se ao longe na direção do sul, o que explica o motivo por que a «Jane» o não tivesse ainda dobrado para oeste. A dar-se crédito à narrativa, só ali chegou a 14 de Janeiro. Um marco «onde já não havia um único bocado de gelo» dilatava-se então até o horizonte, com uma corrente de meia milha por hora. A temperatura estava a trinta e quatro graus (1 grau, 11 C. acima de zero), e não tardou que subisse a cinquenta e um graus (10 graus, 56 C. acima de zero).

Era precisamente o que a «Halbrane» desfrutava e, do mesmo modo que Arthur Pym, ter-se-ia dito de bom grado «que ninguém duvidava da possibilidade de ir ao polo!»

Nesse dia, a observação do capitão da «Jane» tinha dado 81 graus 21 para a latitude e 42

graus 5 para a longitude.

Distante alguns minutos de arco, viu-se que aquela posição era também a nossa na manhã de 20 de Dezembro. Seguiríamos, pois, direitos ao ilhote Bennet, e não decorreriam vinte e quatro horas sem que o avistássemos.

Não tenho, pois, a relatar nenhum incidente durante a navegação nestas paragens. Não se passou nada de particular a bordo da nossa escuna, se bem que o diário da «Jane», em data de 17 de Janeiro, registrou vários acontecimentos bastante curiosos. Eis aqui o principal, que proporcionou a Arthur Pym e ao seu companheiro Dirk Peters ensejo para mostrarem a sua dedicação e coragem.

Pelas três horas da tarde, a vigia reconheceu a presença dum banco de gelo errante, o que prova terem tornado a aparecer alguns blocos à superfície do mar livre. Em cima do referido banco repousava um animal de corpulência gigantesca. O capitão William Guy mandou armar a embarcação maior, na qual tomaram lugar Arthur Pym, Dirk Peters e o piloto da «Jane», justamente o desditoso Patterson, cujo corpo recolhêramos entre a ilha do Príncipe Eduardo e a de Tristão da Cunha.

O animal era um urso da espécie ártica, que media quinze pés de comprimento, de pêlo muito grosso, muito «espesso e crespo» e duma grande brancura, e o focinho redondo como o de um buldogue.

Vários tiros que o atingiram não bastaram para o matar. Depois de se ter atirado ao mar, o monstruoso bruto nadou para a embarcação, e, agarrando-se a ela, tê-la-ia feito soçobrar se Dirk Peters, arremessando-se impetuosamente, lhe não tivesse cravado a faca na espinal medula. O urso, porém, havia arrastado consigo o mestiço, e foi necessário deitarem um cabo, que ajudou este a voltar para bordo.

O animal, transportado para o convés da «Jane», não apresentava, a não ser a excepcional corpulência, coisa nenhuma de anormal que permitisse classificá-lo entre os novos quadrúpedes visto por Arthur Pym nestas regiões austrais.

Dito isto, tornemos à «Halbrane».

A viração do norte, que nos tinha abandonado, não voltou, e a corrente apenas é que fazia descair a escuna para o sul, do que resultava uma demora que a nossa impaciência achava insuportável.

Finalmente, a 21, a observação deu 82 graus 50 de latitude e 42 graus 20 de longitude oeste. O ilhote Bennet — se é que existia — já não podia ficar distante.

— Sim! Aquele ilhote existia... e na mesma direção indicada por Arthur Pym.

Efetivamente, pelas seis horas da tarde, a voz de um dos homens anunciou terra pela amura de bombordo.

CAPÍTULO XV

A ILHOTA BENNET

A «Halbrane», depois de ter vencido cerca de oitocentas milhas desde o círculo polar até agora, manobrava, pois, à vista do ilhote Bennet! A marinagem tinha necessidade de descanso, porquanto, durante as últimas horas, extenuara-se a rebocar a escuna com os escaleres por um mar em calmaria podre. Diferiu-se por isso o desembarque para o dia seguinte. Desta vez, nenhum murmúrio me perturbou o sono, e, logo às cinco horas, fui um dos primeiros a aparecer no convés.

Escusado é dizer que Jem West tinha tomado todas as precauções exigidas para uma navegação pelo meio destas paragens suspeitas. Exercia-se a bordo a mais severa vigilância.

Estavam carregados os pedreiros, as balas e os cartuchos junto da artilharia, as espingardas e as pistolas nas devidas condições, as redes de abordagem prontas a serem içadas. Não se esquecera que a «Jane» havia sido acometida pelos insulares da ilha Tsalal. A nossa escuna estava então a menos de setenta milhas do teatro dessa catástrofe.

Passara-se a noite sem ter havido alarme. Chegado o dia, nenhuma embarcação foi vista nas águas da «Halbrane», nem nenhum indígena na praia. Parecia deserto o lugar, e, demais a mais, o capitão Len Guy não descobria ali vestígios de seres humanos. Nem se distinguiam casas no litoral, nem fumo ao longe, que indicasse ser habitado o ilhote Bennet.

O que vi desta ilhota foi, como Arthur Pym tornou notório, uma base penhascosa, cuja circunferência media cerca de uma légua, duma aridez tal que se não percebia o menor indício de vegetação.

Estava ancorada a nossa escuna a uma milha ao norte.

O capitão Len Guy fez-me notar que não havia engano possível acerca da situação.

— Sr. Jeorling — disseme ele —, vê aquele promontório na direção de nordeste?

— Vejo, capitão.

— A acumulação de rochas que o constituem não dá ideia de fardos de algodão em rama?

— Efetivamente, e a narrativa diz isso mesmo.

— Mas ainda precisamos de desembarcar no promontório, Sr. Jeorling. Quem sabe se lá encontraremos algum vestígio da gente da «Jane», dado o caso de terem conseguido fugir da ilha Tsalal?

Uma palavra só a respeito da disposição de espírito em que todos nós estávamos a bordo da «Halbrane».

Jazia a algumas amarras a ilha sobre a qual Arthur Pym e William Guy tinham desembarcado, havia onze anos. Quando abicou a ela, estava a «Jane» longe de se encontrar em condições favoráveis, porquanto começava a faltar-lhe o combustível e manifestavam-se sintomas de escorbuto entre a marinagem. A bordo da nossa escuna, pelo contrário, fazia gosto ver a boa saúde dos marinheiros, e, se os recrutas rosnavam uns com os outros, os antigos mostravam-se diligentes e cheios de esperança, muito satisfeitos por estarem tão perto

do termo da viagem.

Quanto ao que deviam ser os pensamentos, os desejos, as impaciências do capitão Len Guy, adivinhava-se... Devorava com a vista a ilha Bennet.

Havia, porém, um homem cujos olhares se fixavam ali com mais insistência ainda: era Hunt.

Depois que se largou ferro, Hunt não se deitara no convés como tinha por hábito fazer, nem sequer para passar pelo sono duas ou três horas. Encostado ao filerete da amura de estibordo, a grande boca fechada, a testa sulcada de mil rugas, não abandonava este lugar, nem os olhos se lhe afastavam da costa um só instante.

Torno a lembrar que o nome de Bennet é o do sócio do capitão da «Jane», e que foi dado em sua honra à primeira terra descoberta nesta parte da Antártica.

Antes de sair da «Halbrane», recomendou Len Guy ao piloto que não prescindisse de vigilância minuciosa, recomendação desnecessária para Jem West. A nossa exploração não devia durar mais de meio dia. Se o escaler não regressasse de tarde, seria conveniente mandar segunda embarcação à sua procura.

— Tem cuidado também com os nossos recrutas — acrescentou o capitão Len Guy.

— Esteja descansado, capitão — respondeu o piloto. — E até, visto que lhe são precisos quatro homens aos remos, é melhor escolhê-los entre os novos. Serão menos quatro almas daninhas a bordo.

O conselho era prudente, por isso que, sob a influência perniciosa de Hearne, o descontentamento dos seus companheiros das Falklands mostrava tendência para aumentar.

Pronta a embarcação, quatro dos novos tomaram lugar nela à proa, ao passo que Hunt, a pedido seu, foi para o leme. O capitão Len Guy, o bossman e eu assentámo-nos à ré, todos bem armados, e largou-se a fim de chegarmos ao norte da ilha.

Meia hora depois, tínhamos dobrado o promontório, que, visto de perto, já não parecia um monte de fardos de algodão em rama. Deparou-se-nos então a baiazinha, ao fundo da qual haviam acostado os escaleres da «Jane».

Foi para esta baía que nos dirigiu Hunt. Além de tudo, podia-se confiar no seu instinto. Manobrava com uma precisão notável entre os cabeços do rochedo, os quais se erguiam por toda a parte. Chegava-se a acreditar que conhecia o terreno...

Não podia durar muito a exploração do ilhote. O capitão Len Guy dedicara-lhe apenas algumas horas e nenhum indício, se os houvesse, escaparia decerto às nossas pesquisas.

Desembarcamos ao fundo da baía, sobre pedras tapetadas de líquen seco. A maré começava a descer, deixando a descoberto o fundo arenoso duma espécie de praia, semeada de seixos escuros, semelhantes a grandes cabeças de prego.

O capitão Len Guy fez-me notar, neste tapete arenoso, grande quantidade de moluscos de estrutura oblonga, cujo comprimento variava de três a dezoito polegadas, e a grossura de uma a oito. Repousavam uns sobre o lado achatado, outros trepavam à procura do sol e para se nutrirem dos animáculos aos quais é devida a produção do coral. E, com efeito, em dois ou três lugares, observei várias saliências dum banco em formação.

— Este molusco — disse-me o capitão Len Guy —, é o tal que denominam bicho-do-mar e que os chineses apreciam muito. Se chamo a atenção do Sr. Jeorling para isto, é porque foi com intuito de apanhar o bicho-do-mar que a «Jane» visitou estas paragens. Está lembrado que meu irmão tratava com Too-Wit, chefe da ilha Tsalal, a entrega de algumas centenas de piculs

destes moluscos; que se construíram alpendres perto da costa; que três homens deviam estar ali ocupados na preparação deste produto, enquanto a escuna prosseguia na sua viagem de descoberta... Lembra-se, enfim, das condições em que ela foi assaltada e destruída...

Sim! Todos estes pormenores estavam presentes na minha memória, assim como os que Arthur Pym fornece acerca do referido bicho-do-mar, o gasteropeda pulmonifera de Cuvier, semelhante a um verme, a uma lagarta, sem concha nem pé, apenas provida de elos elásticos. Quando se tem na praia uma pilha dos mencionados moluscos, abrem-se ao meio, tiram-se-lhes os intestinos, lavam-se, cozem-se, enterram-se durante algumas horas e expõem-se em seguida ao calor do sol; depois, logo que estão secos e embarricados, expedem-se para a China. Muito apreciados nos mercados do Celeste Império, tanto como os ninhos de andorinha, chegam a vender-se, os de primeira qualidade, a noventa dólares o picul, isto é, cento e trinta e três arráteis e meio, e não só em Cantão, mas também em Singapura, na Batávia e em Manila.

Logo que abordamos às rochas, deixaram-se dois homens a guardar o escaler. Acompanhados dos outros dois, o capitão Len Guy, o bossman, Hunt e mais eu dirigi-mo-nos para o centro do ilhote Bennet.

Hunt caminhava à frente, sempre calado, ao passo que eu trocava algumas palavras com o capitão e com o bossman.

Dir-se-ia, na verdade, que ele nos servia de guia, e não pude calar certas observações a tal respeito.

Isso, porém, pouco importava. O essencial era não voltar para bordo sem ter feito um reconhecimento completo.

O solo que pisávamos era extremamente árido. Impróprio para qualquer cultura, não proporcionaria nenhum recurso nem aos próprios selvagens.

Como se poderia viver ali, se apenas produzia uma planta, uma espécie de cardo bravo, com a qual se não contentariam os mais rústicos ruminantes? Se William Guy e os seus companheiros não encontraram outro refúgio senão este ilhote, após a catástrofe da «Jane», havia muito que a fome os teria feito desaparecer, desde o primeiro ao último.

Do montículo que se arredondava no centro do ilhote Bennet, pôde a nossa vista abrangê-lo em toda a sua extensão. Não se descobria nada... mesmo nada em parte nenhuma. Mas não se teriam porventura conservado, em qualquer parte, pegadas humanas, restos dum lar em cinzas, ruínas de casas, enfim, provas materiais de terem vindo ali alguns homens da «Jane»?

Ansiosos, pois, por verificar isso, resolvemos seguir o perímetro do litoral, desde o fundo da baiazinha onde o escaler atracara.

Ao descer do montículo, Hunt tomou a dianteira, como se tivéssemos combinado que ele nos guiaria. Seguimo-lo, pois, enquanto ele se dirigia para a extremidade meridional do ilhote.

Chegado à ponta, Hunt passeou a vista em torno de si, abaixou-se, e mostrou, no meio das pedras dispersas, um bocado de madeira, quase carcomido pela podridão.

— Recordo-me! — exclamei eu. — Arthur Pym fala deste pedaço de madeira, que parecia ter pertencido à roda de proa duma embarcação, com traços de esculturas...

— Entre os quais meu irmão julgou ver o desenho duma tartaruga — acrescentou o capitão Len Guy.

— Efetivamente — continuei eu —, mas essa semelhança pouco importa, e, como este pedaço de madeira está ainda no mesmo sítio indicado na narrativa, segue-se que, depois da

escala da «Jane», nenhuma tripulação saltou em terra, no ilhote Bennet.

Calculo que perderíamos o nosso tempo procurando aqui quaisquer vestígios. Só a ilha Tsalal nos tirará de incertezas...

— Sim... só a ilha Tsalal! — repetiu o capitão Len Guy.

Voltamos em direção da baía, costeando, junto da linha das marés, a borda dos rochedos. Em diversos sítios esboçavam-se rudimentos de um banco de coral. Quanto ao bicho-do-mar, era tamanha a abundância que a nossa escuna poderia ter metido um carregamento completo.

Hunt, silencioso, não cessava de caminhar com os olhos no chão.

Pela nossa parte, quando a vista se dirigia para o largo, apenas descobríamos a imensidade deserta. Ao norte, a «Halbrane» deixava ver a mastreação balouçada por uma leve arfagem. Do lado sul, nenhuma aparência de terra, e, em todo o caso, não era a ilha Tsalal que poderíamos marcar nesta direção, porquanto devia ficar situada a trinta minutos de arco para o sul, isto é, trinta milhas marítimas.

O que restava fazer, depois de ter percorrido o contorno do ilhote, era voltar para bordo e aparelhar sem demora para a ilha Tsalal.

Subíamos então a praia de este. Hunt caminhava à frente, a uns dez passos, e eis que suspende de súbito o andamento e, desta vez, nos chama com um gesto precipitado.

Fomos logo para junto dele.

Ainda que Hunt não tivesse manifestado nenhuma surpresa relativamente ao bocado de madeira, a sua atitude mudou ao abaixar-se junto dum pedaço de tábua carunchosa, abandonada na areia. Tateava-a com as suas enormes mãos, apalpava-a como para lhe sentir as asperezas, procurando na sua superfície quaisquer cavidades que pudessem ter uma significação.

A mencionada tábua, de cinco a seis pés de comprido e seis polegadas de grossura, era de carvalho e devia ter pertencido a um barco de dimensões bastante grandes — talvez um navio de muitos centos de toneladas. A pintura preta, que outrora a cobria, desaparecera sob a grossa camada terrosa depositada pelas intempéries climáticas. O mais importante, porém, é que parecia proveniente do painel de popa duma nau.

O bossman fez notar isso.

— Sim... sim... — repetiu o capitão Len Guy —, pertencia a um painel de popa!

Hunt, sempre agachado, abanava a sua grande cabeça em sinal de assentimento.

— Mas — objetei eu — esta tábua só podia ter sido arrojada ao ilhote Bennet depois de um naufrágio. Era preciso que as correntes a tivessem encontrado em pleno mar, e...

— Se fosse dela? — exclamou o capitão Len Guy.

Tivemos ambos o mesmo pensamento.

Qual, porém, não foi o nosso espanto, o nosso assombro, a nossa indizível comoção, quando Hunt nos mostrou sete ou oito letras inscritas na tábua, não pintadas, mas sim esculpidas, as quais se percebiam sob os dedos...

Era, contudo, muito fácil reconhecer as letras de duas palavras, dispostas assim em duas linhas: AN LI e POOL

A «Jane», de Liverpool! A escuna comandada pelo capitão William Guy! Que importava que o tempo tivesse apagado as outras letras? Não eram bastantes as que restavam para determinar o nome do navio e o seu porto de matrícula? A «Jane», de Liverpool!

O capitão Len Guy tinha a tábua segura entre as mãos, e encostou-lhe os lábios, enquanto

uma grossa lágrima rolava de seus olhos.

Era um dos destroços da «Jane», um daqueles que a explosão dispersara, e que fora arrastado pelas contracorrentes, ou por um bloco de gelo, até esta praia!

Deixei acalmar, sem pronunciar uma palavra, a comoção do capitão Len Guy.

Quanto a Hunt, eu não tinha visto nunca em seus olhos tamanho fulgor — nos seus cintilantes olhos de falcão — enquanto observava o horizonte do sul.

Ergueu-se o capitão Len Guy.

Hunt, sempre mudo, pôs a tábua ao ombro, e continuamos o nosso caminho.

Quando acabávamos de dar volta ao ilhote, paramos no sítio em que o escaler tinha ficado no fundo da baía, sob a guarda de dois marinheiros, e, cerca das duas horas e meia da tarde, recolhíamos a bordo.

Queria o capitão Len Guy ficar neste ancoradouro até ao dia seguinte, na esperança de que os ventos do norte ou de este viessem a estabelecer-se. E seria para desejar, pois podia-se lá pensar em rebocar a «Halbrane» pelas embarcações até chegar à vista de Tsalal? Conquanto a corrente se dirigisse para este lado, ter-se-iam de gastar mais de dois dias nesta travessia de trinta milhas aproximadamente.

Aparelhou-se, pois, no dia seguinte, ao romper do dia. E como se manifestou uma leve viração por volta das três horas da tarde, era de esperar que a escuna chegasse sem grande demora ao limite extremo da sua viagem.

Foi às seis horas e meia da manhã, a 23 de Dezembro, que a «Halbrane», tudo em cima, proa ao norte, largou o ancoradouro do ilhote Bennet. O que não oferecia dúvida era que tínhamos obtido uma nova e concludente prova da catástrofe de que a ilha Tsalal fora teatro.

Era bastante branda a viração que nos impelia, e com frequência as velas desenfundadas grivavam contra os mastros.

Por fortuna, uma sondagem indicou que a corrente seguia sempre para o sul. Verdade é que, em vista dum andamento tão vagaroso, o capitão Len Guy não marcaria a situação da ilha Tsalal antes de trinta e seis horas.

Durante todo o dia observei muito atentamente as águas do mar, as quais me pareceram dum azul menos carregado do que dizia Arthur Pym. Também não encontramos nenhum dos tais maciços de espinheiros de baga vermelha, que foram levados para bordo da «Jane», nem o semelhante deste monstro da fauna austral, um animal de três pés de comprimento e seis polegadas de altura, com quatro pernas curtas, patas de garras compridas cor de coral, corpo sedoso e branco, cauda de rato, cabeça de gato, orelhas caídas como as de cão, e dentes muito vermelhos. Eu, porém, sempre considerei a maior parte destes pormenores como suspeitos, e apenas devidos a um instinto imaginativo em excesso.

Sentado à ré, com o livro de Edgar Poe na mão, eu lia, sem porém deixar de reparar que Hunt, quando o serviço o chamava para perto do tombadilho, não cessava de fitar-me com singular insistência.

E, justamente, estava no fim do capítulo XVII, em que Arthur Pym se confessa responsável pelos «tristes e muito dolorosos acontecimentos que resultaram dos seus conselhos». Foi ele, com efeito, quem venceu as hesitações do capitão William Guy; quem o levou «a aproveitar um ensejo tão tentador para resolver o grande problema relativo a um continente antártico!» E, contudo, tomando sobre si essa responsabilidade, não se felicitaria «por haver sido o agente de um descobrimento e ter servido de algum modo para patentear-se aos olhos da ciência um

dos segredos que maior entusiasmo lhe têm causado e que nunca deixará de lhe absorver a atenção?»),

Pelo dia adiante, folgaram numerosas baleias nas águas da «Halbrane». Também passaram inúmeros bandos de albatrozes, sempre em direção ao sul. Gelos, não se viam. Por cima dos extremos limites horizontes, nem sequer se divisava a reverberação do blink dos ice-fields. A viração não denotava nenhuma tendência para refrescar e o Sol estava velado por algumas névoas.

Eram já cinco horas da tarde quando se apagaram os últimos lineamentos do ilhote Bennet. Muito pouco tínhamos nós andado desde pela manhã!

A bússola, observada a todas as horas, acusava apenas uma variação insignificante, o que confirmava as afirmações da narrativa. Diversas sondagens não encontraram fundo, ainda que nelas o bossman empregasse linhas de duzentas braças. Era uma felicidade que a direção da corrente permitisse à escuna avançar pouco a pouco para o sul, um vencimento apenas de meia milha.

Depois das seis horas, o Sol ocultou-se atrás duma opaca cortina de névoas, para além da qual continuou descrevendo a longa espiral descendente.

Não corria a menor aragem, contrariedade que sofríamos, porém, com impaciência manifesta. Se estes atrasos se prolongassem, se o vento viesse mudar, que expediente havíamos nós de tornar? Este mar não estava decerto ao abrigo de temporais, uma borrasca, que arrojasse a escuna para o norte, seria uma «bela cartada» a favor de Hearne e dos companheiros, justificando até certo ponto o descontentamento deles.

Depois da meia-noite, contudo, o vento refrescou e a «Halbrane» pôde avançar mais uma dezena de milhas.

De modo que, no dia seguinte, 24, o ponto deu 83 graus 2 para a latitude e 43 graus 5 para a longitude.

Achava-se a «Halbrane» distante da situação da ilha Tsalal apenas dezoito minutos de arco.

Por infelicidade, a partir do meio-dia, o vento tornou-se contrário. No entanto, com a ajuda da corrente, avistou-se a ilha Tsalal, às seis horas e quarenta e cinco da tarde.

Logo que se largou ferro, estabeleceu-se a mais cuidadosa vigilância, peças carregadas, espingardas à mão, redes de abordagem no seu lugar.

A «Halbrane» não corria risco de ser surpreendida. Inúmeros olhos velavam a bordo, especialmente os de Hunt, que não se despregaram um instante do horizonte da zona austral.

CAPÍTULO XVI

A ILHA TSALAL

Passou-se a noite sem novidade. Da ilha não largara nenhum bote. Não se via nenhum indígena no litoral. A única conclusão a tirar disto era que a população habitava no interior. Efetivamente, sabíamos, pela narrativa, ser necessário andar três ou quatro horas para chegar à povoação mais importante de Tsalal.

A «Halbrane», pois, não havia sido vista quando chegou, e, em suma, melhor foi assim. Estávamos fundeados a três milhas da costa, com dez braças de água.

Logo às seis horas se suspendeu ferro, e a escuna, favorecida por uma branda viração matinal, mudou para outro ancoradouro, distante meia milha dum círculo de coral, semelhante aos círculos coralígenos do oceano Pacífico. Àquela distância, era muito fácil dominar a ilha por completo.

Nove a dez milhas de circunferência, o que Arthur Pym não mencionara, costa muito abrupta e de acesso difícil, longas charnecas, encaixilhadas numa cadeia de colinas de medíocre altitude, tal era o aspecto que apresentava Tsalal. Repito, a praia estava deserta. Não se via uma embarcação ao largo nem nos ancoradouros. Nenhum fumo se elevava acima dos rochedos, e, na verdade, parecia não haver um único habitante deste lado.

Que se teria, pois, passado há onze anos? Acaso já não existia Too-Wit, chefe dos indígenas? Convenho, mas a população, relativamente numerosa... e William Guy... e os sobreviventes da escuna inglesa?

Quando a «Jane» apareceu nestas paragens, era a primeira vez que os tsalaleses viam um navio. Por isso, logo que chegaram a bordo, tomaram-no por um enorme animal, a mastreação pelos membros, as velas pelo vestuário. Ao presente, sabiam já o que pensar a tal respeito. Ora, se não procuravam visitar-nos, a que devia atribuir-se este procedimento singularmente reservado?

— Arria a lancha! — ordenou o capitão Len Guy, num tom de impaciência.

Executada a ordem, dirige-se o capitão Len Guy ao piloto:

— Jem, manda saltar oito homens para a lancha, com Martim Holt e Hunt, que irá ao leme. Tu ficarás no ancoradouro, vigiando tanto da banda de terra como da banda do mar.

— Esteja descansado, capitão.

— Nós vamos saltar em terra, e diligenciaremos chegar à povoação de Klock-Klock. Se se der alguma complicação ao largo, faz sinal com três tiros de pedreiro...

— Fica entendido, três tiros disparados com um minuto de intervalo — respondeu o piloto.

— Se não nos vires regressar antes da noite, manda a outra lancha com dez homens bem armados, sob o comando do bossman, devendo estacionar a uma amarra da praia, a fim de nos recolher.

— Cumprirei as suas ordens.

— Tu, porém, Jem, em caso nenhum sairás de bordo!

— Em caso nenhum.

— Se não formos encontrados, tu, depois de teres feito tudo quanto pudias, tomas o comando da escuna e leva-a para as Falklands.

— Está combinado.

Armou-se depressa a lancha. Embarcaram nela oito homens, incluindo Martim Holt e Hunt, todos armados de espingardas, pistolas, cartucheiras atochadas e faca à cinta.

Neste momento, adiantei-me e perguntei: — Não me permite que o acompanhe a terra, capitão?

— Se é do seu agrado, Sr. Jeorling.

Entreí no meu camarote e peguei na espingarda, uma arma caçadeira de dois canos, no polvorinho, no chumbeiro, em algumas balas, e fui ter com o capitão Len Guy, que me reservara um lugar à ré.

Largou de bordo a embarcação e, vigorosamente manejada, dirigiu-se para o recife, a fim de descobrir o canaleta pelo qual Arthur Pym e Dirk Peters o haviam transposto, a 19 de Janeiro de 1828, no escaler da «Jane».

Fora neste momento que apareceram os selvagens nas suas compridas pirogas... que William Guy lhes mostrara um lenço branco como sinal de amizade... que eles responderam com os gritos de anamoo-moo e lama-lama... e que o capitão lhes permitiria ir a bordo com o seu chefe Too-Wit.

Declara a narrativa que se estabeleceram então relações de amizade entre os selvagens e a gente da «Jane». Decidiu-se que se embarcaria um carregamento de bichos-do-mar quando regressasse a escuna, a qual, por instigações de Arthur Pym, continuaria a derrota para o sul. Pouco tempo depois, a 1 de Fevereiro, como é sabido, o capitão William Guy com trinta e um dos seus eram vítimas de uma cilada no barranco de Klock-Klock, e dos seis homens que ficaram a guardar a «Jane», destruída por uma explosão, não se salvou um só.

Durante vinte minutos o nosso escaler costeou o recife. Logo que o canaleta foi descoberto por Hunt, este enfiou por ele dentro, a fim de encontrar uma estreita fenda no rochedo.

Deixaram-se dois marinheiros no escaler, que atravessou o estreitozinho, cuja largura era de duzentas toesas, e veio deitar a fateixa sobre a penedia, exatamente à entrada do canaleta.

Depois de ter subido a sinuosa garganta, que dava acesso para o cimo do rochedo da praia, o nosso pequeno grupo, Hunt à frente, dirigiu-se para o centro da ilha.

O capitão Len Guy e eu, caminhando, trocávamos um com o outro as nossas impressões a respeito desta região, no dizer de Pym, «essencialmente diversa de todas as terras visitadas até então por gente civilizada».

Havíamos de ver isso como convinha que se visse. Em todo o caso, o que posso afirmar é que a cor geral do campo era preta, como se o húmus fora feito de pó de lavas, e que, em parte nenhuma, se via nada «que fosse branco».

A cem passos dali, Hunt deitou a correr para uma enorme massa penhascosa. Logo que lá chegou, trepou por ela acima com a agilidade duma cabra, e, quando se viu no topo, pôs-se de pé, e passeou a vista sobre uma superfície de muitas milhas.

Hunt parecia estar na atitude duma pessoa «que se não reconhecia a si própria!»

— Que tem ele? — perguntou-me o capitão Len Guy, depois de o ter observado com atenção.

— Não sei o que ele tem — respondi eu. — O capitão, porém, não ignora que tudo neste homem é extravagante, tudo é inexplicável nas suas maneiras, e, sob certos aspectos, merecia figurar entre os novos seres que Arthur Pym pretende ter encontrado nesta ilha! Dir-se-ia até que...

— Quê? — repetiu o capitão Len Guy.

E neste mesmo instante, sem acabar a frase, exclamei: — Capitão, está certo de ter feito uma observação exata quando ontem tomou a altura?

— Seguramente.

— De modo que o ponto...?

— Deu-me 83 graus 20 de latitude e 43 graus 5 de longitude.

— Exatamente?

— Exatamente.

— Não há, pois, que pôr em dúvida que esta seja a ilha Tsalal?

— Não, Sr. Jeorling, se é que a ilha Tsalal está com efeito na situação marcada por Arthur Pym.

Na verdade, não podia surgir nenhuma dúvida a este respeito.

Contudo, se Arthur Pym se não enganou na situação da ilha expressa em graus e em minutos, que se devia julgar da fidelidade da sua narrativa, no tocante à região que o nosso grupo atravessava capitaneado por Hunt? Ele fala de raridades que lhe não eram nada familiares... Fala de árvores, nenhuma das quais se parecia com os produtos da zona tórrida, nem da zona temperada, nem da zona glacial do norte, nem com as das latitudes inferiores meridionais — são estas as suas próprias expressões. Fala de rochas duma estrutura nova, quer pelo volume, quer pela estratificação... Fala de regatos prodigiosos, cujo leito continha um líquido indescritível, sem aparência de limpidez, uma espécie de dissolução de goma-arábica, dividida em veios distintos, que oferecia todos os cambiantes da seda de furtacor, e que a força de coesão não juntava, depois de terem sido separados com a folha duma faca...

Pois bem, não existia nada, ou já não existia nada de tudo isto! Não se via uma árvore, nem uma arvorezinha, nem um arbusto pelo campo fora. Das colinas arborizadas, entre as quais devia mostrar-se a povoação de Klock-Klock, não descobrimos sinais... Dos tais regatos, onde a gente da «Jane» se não atrevera a matar a sede, não avistei um só, nem sequer uma gota de água comum, ou extraordinária... Por toda a parte a medonha, a triste, a absoluta aridez!

Hunt, todavia, caminhava a passo rápido, sem mostrar nenhuma hesitação. Parecia ser conduzido por um instinto natural, à maneira das andorinhas, dos pombos--correios, que regressam aos seus ninhos pelo caminho mais curto, em linha reta, «como um fuso», dizemos nós na América. Não sei que pressentimento nos incitava a segui-lo como ao melhor dos guias, um Polaina-de-Coiro, um Raposa-Sagaz!... — bem pensado — seria ele porventura compatriota desses heróis de Fenimore Cooper?

Mas, não será demasiado repeti-lo, nós não tínhamos diante dos olhos a região fabulosa descrita por Arthur Pym. O que nossos pés pisavam era um solo revolvido, devastado, convulsionado.

Negro era ele... sim... negro e calcinado como se houvesse sido vomitado das entranhas da terra, sob a ação das forças plutônicas. Dir-se-ia que um medonho e irresistível cataclismo o subvertera em toda a sua superfície.

Quanto aos animais de que se trata na narrativa, não descobrimos um só, nem os patos da espécie anos valisneria, nem as tartarugas galápagos, nem as aves pretas de feitio de busardos, nem porcos pretos de cauda tufada e pernas de antílope, nem castas de carneiros de lã preta, nem gigantescos albatrozes de plumagem preta... As próprias tordas-mergulheiras, tão numerosas nas paragens antárticas, pareciam ter fugido desta terra, tornada inabitável...

Era a solidão silenciosa e triste do mais medonho deserto!

E nenhum ser humano... ninguém... quer no interior da ilha, quer na praia!

No meio desta desolação, subsistiria ainda probabilidade de encontrar William Guy e os sobreviventes da «Jane»?

Fitei o capitão Len Guy. O rosto pálido, a fronte sulcada de profundas rugas, denotava muito claramente que a esperança começava a abandoná-lo...

Chegamos por fim ao vale, cujas sinuosidades abrigavam outrora a povoação de Klock-Klock. Ali, do mesmo modo que em qualquer sítio, completo abandono. Já não existia uma só habitação, e bem miseráveis que então eram, nem yampoos, formados duma grande pele preta assente num tronco de árvore cortado quatro pés acima do terreno, nem palhotas feitas de ramos inclinados para o chão, nem furnas de trogloditas, abertas na própria pedra preta das encostas das colinas, a qual se parecia com a terra que pisávamos. E o regato que marulhava ao descer pelas pedras do barranco, onde estava ele e de que lado se derramava a sua água mágica, que corria sobre um leito de areia preta?

Quanto à população tsalalesa, homens quase de todo nus, alguns cobertos com uma pele de pêlo preto, armados de lanças e de maças, e mulheres desempenadas, altas, bem feitas, «dum desembaraço e airosidade no modo de andar como se não encontrava numa sociedade civilizada» — outra vez as próprias expressões de Arthur Pym — e o enxame de crianças que lhes serviam de séquito... sim! Que foi feito de toda essa turba de indígenas de pele preta, cabelo preto e dentes pretos, a quem a cor branca enchia de pavor?

Em vão procurei a choupana de Too-Wit, feita de quatro grandes peles ligadas entre si por tarugos de madeira e seguras por estacas espetadas no chão. Não reconheci sequer o sítio dela!

E era ali, todavia, que William Guy, Arthur Pym, Dirk Peters e os companheiros haviam sido recebidos com manifestações de respeito, enquanto a multidão se aglomerava da parte de fora... Foi ali que se serviu a refeição em que figuravam entranhas palpitantes dum animal desconhecido, que Too-Wit e os seus devoraram com repugnante avidez...

Neste momento, um clarão iluminou-me o cérebro. Foi como que uma revelação. Adivinhei o que se tinha passado na ilha, qual era o motivo desta solidão, a causa desta ruína e confusão de que o solo conservava ainda vestígios.

— Um tremor de terra!

Sim! Bastavam duas ou três destas terríveis sacudidelas, tão frequentes nestas regiões sob as quais o mar se infiltra! Um dia, a quantidade de vapor acumulado abriu de per si só uma saída e destruiu tudo quanto estava à superfície!

— Um tremor de terra transformaria até este estado a ilha Tsalal? — murmurou o capitão Len Guy.

— Sim, capitão, e destruiu a esquisita vegetação... os regatos de extraordinário líquido... as raridades indígenas, desaparecidas agora nas profundezas do solo e das quais não encontramos nenhum vestígio! Já aqui se não descobre nada daquilo que viu Arthur Pym!

Hunt, que se tinha aproximado, escutava, erguendo e abaixando a enorme cabeça em sinal de aprovação.

— Não são porventura vulcânicas estas paragens do mar austral? — prossegui eu. — Se a «Halbrane» nos transportasse à Terra Vitória, acaso não encontraríamos lá o Erebo e o Terror em plena erupção?

— Contudo — observou Martim Holt —, se aqui tivesse havido erupção, veríamos lava...

— Eu não disse que tinha havido aqui erupção — respondi ao mestre veleiro —, o que digo é que o solo foi revolvido completamente por um tremor de terra.

Refletindo bem no caso, a explicação que eu dei merecia ser aceita.

E veio-me então à memória que, segundo a narrativa de Arthur Pym, Tsalal pertencia a um grupo de ilhas que se prolongava para oeste. Se a população tsalalesa não foi exterminada, era possível que tivesse fugido para algumas das ilhas vizinhas.

Conviria, portanto, ir fazer o reconhecimento daquele arquipélago, onde os sobreviventes da «Jane» teriam podido encontrar refúgio, depois de abandonarem Tsalal, que, desde o cataclismo, já não devia oferecer nenhum recurso...

Falei sobre isto ao capitão Len Guy.

— Sim — exclamou ele, e as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos —, sim... é possível! Todavia, por que razão é que meu irmão e os seus desventurados companheiros haviam de ter encontrado meio de fugir, e não há-de ser mais provável que perecessem todos no terremoto?

Um gesto de Hunt, que significava: "Vinde!", levou-nos atrás dele.

Depois de ter andado pelo meio do vale uns dois tiros de espingarda, parou.

Que espetáculo se deparou a nossos olhos!

Jaziam ali empilhados montes de ossadas, rumas de esternos, tíbias, fêmures, restos de toda esta estrutura que constitui o esqueleto humano, mas sem um pedaço de carne, aglomerações de crânios com algumas madeixas de cabelo, uma acumulação enorme, que ali mesmo se via, branca!

Perante este colossal ossário, apoderou-se de nós o assombro e o horror!

Era aquilo, pois, o que restava da população da ilha, avaliada em muitos milhares de indivíduos? Mas, se eles sucumbiram desde o primeiro ao último no terremoto, como se explica que os restos estivessem espalhados à superfície do solo e não soterrados nas suas entranhas? E, demais, podia-se porventura admitir que os indígenas, homens, mulheres, crianças e velhos, houvessem sido surpreendidos de maneira que não tivessem tido tempo de fugir nas suas embarcações para as outras ilhas do grupo?

Estávamos todos imóveis, acobardados, aflitos, sem pronunciar uma palavra!

— Meu irmão... meu pobre irmão! — repetia o capitão Len Guy, que acabava de ajoelhar-se.

Contudo, refletindo no caso, havia coisas que o meu espírito se recusava a aceitar. Deste modo, como harmonizar a catástrofe com os apontamentos da carteira de Patterson? Os referidos apontamentos diziam formalmente que o piloto da «Jane», sete meses antes, havia deixado os companheiros na ilha Tsalal. Não podiam, pois, ter perecido no terremoto, que, atendendo ao estado das ossadas, remontava a muitos anos e devia ter-se dado depois da partida de Arthur Pym e Dirk Peters, por isso que a narrativa não se referia a ele...

Na verdade, estes fatos eram inconciliáveis. Se o terremoto ocorreu numa data recente, não se podia atribuir-lhe a presença dos esqueletos, já branqueados pelo tempo. Em todo o

caso, os sobreviventes da «Jane» não estavam entre aquelas ossadas. Mas, sendo assim, onde estavam eles?

Visto que o vale de Klock-Klock se não estendia mais para além, foi necessário voltarmos pelo mesmo caminho, a fim de seguir para o litoral.

Tínhamos percorrido apenas meia milha, pela beira dos taludes, eis que Hunt para de novo diante de alguns fragmentos de ossos, quase pulverizados, que não pareciam pertencer a criatura humana.

Seriam estes, porventura, os restos de um dos esquisitos animais descritos por Arthur Pym, dos quais não descobrimos até agora um só exemplar?

Um grito, ou antes uma espécie de rugido selvagem, escapou da boca de Hunt.

A sua enorme mão, que se estendia para nós, segurava uma coleira de metal.

— Sim! Uma coleira de cobre... uma coleira meio corroída pelo óxido, na qual ainda se podiam ler algumas letras gravadas.

As mencionadas letras formavam as três palavras seguintes: Tigre — Arthur Pym.

Tigre! Era o terra-nova que salvara a vida ao dono quando este estava escondido no porão do «Grampus»... Tigre, que nesse momento dera indícios de hidrofobia... Tigre, que, durante a sublevação da marinhagem, se atirara ao pescoço do marujo Jones, de quem Dirk Peters deu cabo no mesmo instante!

De maneira que o fiel animal não havia perecido no naufrágio do «Grampus». Fora recolhido a bordo da «Jane» ao mesmo tempo que Arthur Pym e o mestiço. E, contudo, a narrativa não fazia menção a ele e, antes do encontro da escuna, já se não falava no cão.

Acumulavam-se no meu espírito mil contradições. Não sabia como conciliar os fatos. Apesar disso, não havia dúvida de que o Tigre fora salvo do naufrágio como Arthur Pym; que o seguira até à ilha Tsalal; que sobrevivera ao desabamento da colina de Klock-Klock; que por fim encontrara a morte na catástrofe que destruiu uma parte da população tsalalesa...

Mas, ainda outra vez, William Guy e os seus cinco marinheiros não podiam encontrar-se entre os esqueletos que juncavam o solo, por isso que estavam vivos quando partiu Patterson, havia sete meses, e porque a catástrofe datava já de bastantes anos!

Três horas depois estávamos de regresso a bordo da «Halbrane», sem ter feito nenhuma outra descoberta.

O capitão Len Guy voltou para o seu camarote, fechou-se por dentro, e nem sequer apareceu à hora do jantar.

Entendi que era melhor respeitar a sua dor, e não procurei tornar a vê-lo.

No dia seguinte, ansioso por ir de novo à ilha recomeçar a exploração duma à outra costa, pedi ao piloto que mandasse conduzir-me lá.

Jem West consentiu nisso, depois de ter sido autorizado pelo capitão Len Guy, que se absteve de vir conosco.

Hunt, o bossman, Martim Holt, quatro marinheiros e eu tomamos lugar no escaler, sem armas, porquanto já não havia nada a recear.

Embarcamos no mesmo sítio da véspera, e Hunt dirigiu-se de novo para a colina de Klock-Klock.

Chegados ali, subiu-se o estreito barranco por onde Arthur Pym, Dirk Peters e o marinheiro Allen, separados de William Guy e dos seus vinte e nove companheiros, penetraram pela tal fenda, aberta numa substância saponácea, uma espécie de estearite

bastante frágil.

Nesse lugar já não havia vestígios das encostas, que deviam ter desaparecido com o terremoto, nem da fenda, cuja entrada era então assombrada por algumas aveleiras, nem do escuro corredor que conduzia ao labirinto, no qual Allen morreu asfixiado, nem do terraço donde Arthur Pym e o mestiço viram o assalto das embarcações indígenas contra a escuna, e ouviram a explosão que causou milhares de vítimas.

Também nada restava da colina arrastada pelo desabamento artificial, de que puderam escapar o capitão da «Jane», o piloto Patterson e cinco dos seus homens.

O mesmo acontecia com o labirinto, cujas voltas entrecortadas representavam letras, as quais letras formavam palavras, as quais palavras constituíam uma frase reproduzida no texto de Arthur Pym, frase cuja primeira linha significava «ser branco», e a segunda «região do sul»!

Assim desaparecera a colina, a povoação de Klock--Klock, e tudo quanto dava à ilha um aspecto sobrenatural. Agora, decerto, o mistério destes inverossímeis descobrimentos não seria nunca revelado a ninguém!

Tínhamos, portanto, de regressar à nossa escuna por este litoral.

Hunt fez-nos então atravessar o sítio onde haviam sido construídos os alpendres para a preparação do bicho-do-mar e dos quais vimos apenas ruínas.

É inútil acrescentar que não ressoava aos nossos ouvidos o téké-li-li, grito que soltavam os insulares, e as gigantescas aves pretas do espaço... Por toda a parte, o silêncio, o abandono!

A última paragem que tivemos foi no lugar onde Arthur Pym e Dirk Peters se apoderaram do barco que os levou para mais altas latitudes... até ao horizonte de vapores tenebrosos, cujos rasgões deixavam divisar a grande figura humana... o gigante branco...

Hunt, de braços cruzados, devorava com a vista a infinita extensão do mar.

— Então, Hunt? — disse-lhe eu.

Mas não pareceu ouvir-me e nem sequer voltou a cabeça para o meu lado.

— Que fazemos nós aqui? — perguntei-lhe eu, tocando-lhe no ombro.

A minha mão fê-lo estremecer, e deitou-me um olhar que me chegou ao coração.

— Vamos, Hunt — exclamou Hurliguerly —, queres criar raiz na ponta desse penedo? Não vês a «Halbrane» à nossa espera no ancoradouro? Toca a andar! Levantaremos ferro logo de manhã! Aqui já não há nada que fazer!

Pareceu-me que os trementes lábios de Hunt repetiam a palavra «nada», ao passo que toda a sua atitude protestava contra as reflexões do bossman.

O escaler reconduziu-nos a bordo.

O capitão Len Guy não havia saído do camarote durante a nossa ausência.

Jem West, que não recebera ordem de aparelhar, estava à espera, passeando à ré.

Fui sentar-me junto do mastro grande, observando o mar livremente franqueado diante de nós.

Neste momento, o capitão Len Guy saiu do tombadilho, o rosto pálido e contrafeito.

— Sr. Jeorling — diz-me ele —, tenho a consciência de que fiz tudo quanto era possível fazer! Meu irmão William e seus companheiros, posso eu ter esperança de ora avante? Não! É forçoso regressar... antes que o Inverno...

O capitão Len Guy, voltando-se, lançou um derradeiro olhar para a ilha Tsalal.

— Amanhã, Jem — declarou ele —, amanhã de manhã aparelharemos...

Neste momento, uma voz rude pronunciou as seguintes palavras: — E Pym.. o pobre Pym?

Essa voz... reconhecia!

Era a mesma que eu tinha ouvido durante o sonho!

SEGUNDA PARTE

LUTAS DE MARINHEIROS

NA ETERNA BRANCURA AUSTRAL

O espírito aventureiro dos homens desvenda o segredo da insólita natureza dos gelos antárticos

CAPÍTULO I

E PYM?

A deliberação do capitão Len Guy de largar do ancoradouro da ilha Tsalal, logo no dia seguinte, e fazer-se no rumo do norte, o ter-se concluído a viagem sem resultado, a desistência de se procurarem numa outra parte do mar Antártico os naufragos da escuna inglesa, tudo isto ocorreu tumultuariamente ao meu espírito.

Como assim! Os seis homens que, a dar-se crédito à carteira de Patterson, estavam ainda, havia alguns meses, nestas paragens... ia a «Halbrane» abandoná-los? A tripulação não cumpria até ao fim o dever que a humanidade lhe impunha? Não tentaria o impossível para descobrir o continente ou a ilha onde os sobreviventes da «Jane» talvez tivessem conseguido refugiar-se, ao saírem de Tsalal, tornada inabitável depois do terremoto?

Estávamos, contudo, apenas no fim de Dezembro, no dia seguinte ao do Natal, quase no começo da Primavera. Dois compridos meses de Verão permitir-nos-iam navegar por esta parte da Antártica. Teríamos tempo de regressar ao círculo polar antes da terrível estação austral. Mas, eis senão quando, preparava-se a «Halbrane» para soltar o rumo para o norte...

Sim, era este com efeito o «pró» da questão. Verdade é que — sou obrigado a confessá-lo — o «contra» baseava-se numa série de argumentos de valor real.

Em primeiro lugar, a «Halbrane», até agora, não caminhou nunca ao acaso. Seguindo o itinerário indicado por Arthur Pym, dirigia-se para um ponto claramente determinado — a ilha Tsalal. O desventurado Patterson afirmava-o: era nesta ilha, de situação conhecida, que o nosso capitão devia recolher William Guy e os cinco marinheiros que escaparam à cilada de Klock-Klock. Ora nós já os não encontramos em Tsalal, nem a ninguém da população indígena, aniquilada, ao que parece, por uma catástrofe, sucedida depois da partida de Patterson, isto é, havia uns sete para oito meses.

Em todo o caso, a questão reduzia-se a este simples dilema: Ou a gente da «Jane» havia sucumbido, e a «Halbrane» tinha de regressar sem demora, ou sobrevivido, e nesse caso não deviam cessar as investigações.

Portanto, se nos restringimos ao segundo termo do dilema, que convinha fazer, senão esquadriñar, ilha por ilha, o grupo de oeste indicado na narrativa e que o terremoto talvez tivesse poupado?

Além disso, na falta daquele grupo, não poderiam os fugitivos ter alcançado qualquer outra parte da Antártica? Não havia numerosos arquipélagos no meio deste mar livre, os quais a embarcação de Arthur Pym e do mestiço percorrera... ninguém sabe até onde?

Verdade, verdade, no caso de a referida embarcação ter sido arrastada para além do paralelo de oitenta graus, aonde é que poderia aportar, se nenhuma terra, quer insular, quer continental, emergia da imensa planície líquida?

Demais, repito ainda, o final da narrativa comportava apenas extravagâncias, coisas inverossímeis, sem nexos, produto das alucinações dum cérebro quase doente... Ah! Agora é que Dirk Peters nos teria sido útil, se porventura o capitão Len Guy houvesse tido a felicidade de o encontrar no seu retiro de Illinois e se ele tivesse embarcado na «Halbrane!»

Mas, voltando ao assunto, caso se deliberasse continuar a viagem, para que ponto destas misteriosas regiões deveria a nossa escuna dirigir-se? Não se veria na contingência, direi até,

de soltar rumo ao acaso?

E depois — outra dificuldade — sujeitar-se-ia a tripulação da «Halbrane» a correr os riscos duma navegação cheia de imprevisto, e engolfar-se ainda mais nas regiões do polo, receando ser detida por um insuperável banco de gelo, quando se tratasse de voltar aos mares da América ou da África?

De fato, mais algumas semanas, e o inverno antártico reconduziria o seu cortejo de intempéries e de frialdades. O mar, atualmente livre, congelar-se-ia por completo e deixaria de ser navegável. Ora, estar sequestrado no meio dos gelos durante sete ou oito meses, sem ao menos haver a certeza de abicar a alguma parte, não faria porventura recuar os mais audazes? E a vida dos tripulantes, acaso os seus superiores tinham direito de arriscá-la pela derradeira esperança de recolher os sobreviventes da «Jane», que se não encontraram na ilha Tsalal?

Era nisto que o capitão Len Guy meditava desde a véspera.

Depois, o coração despedaçado, perdida toda a esperança de encontrar o irmão e os compatriotas, acabou por dar esta ordem, com voz que a comoção fazia trêmula:

— Amanhã, de manhã cedo, partiremos!

E, a meu ver, tornava-se-lhe necessária tanta energia moral para retroceder quanta patenteara para avançar. Mas a resolução estava tomada, e ele saberia reprimir em si a inexprimível dor que lhe causava o insucesso da viagem.

Pelo que me toca, confesso, experimentei uma grande contrariedade, desgostado ao último ponto por a expedição acabar nestas condições lamentáveis.

Desde que eu seguia tão apaixonadamente as aventuras da «Jane», desejava não suspender as investigações, enquanto fosse possível continuá-las através das paragens da Antártica.

E, em caso como o nosso, quantos navegadores teriam tomado a peito a solução do problema geográfico do polo austral! A «Halbrane» estava, com efeito, para além das regiões percorridas pelos navios de Weddell, porquanto a ilha Tsalal acha-se situada a menos de sete graus do ponto em que se cruzam os meridianos. Nenhum obstáculo parecia opor-se a que ela pudesse chegar às últimas latitudes. Devido a uma estação excepcional, os ventos e as correntes levá-la-iam porventura à extremidade do eixo terrestre, do qual estava afastada apenas quatrocentas milhas? Se o mar livre se estendesse até lá, bastariam para isso alguns dias. E, se houvesse um continente, bastariam algumas semanas. Mas, na realidade, nenhum de nós pensava no polo sul, e não era para conquistá-lo que a «Halbrane» tinha afrontado os perigos do oceano Antártico!

Além disso, admitindo que o capitão Len Guy, ansioso por levar mais longe as suas investigações, tivesse conseguido a aquiescência de Jem West, do bossman e dos antigos da marinhagem, poderia porventura decidir a isso os vinte recrutas assoldados nas Falklands, cuja má disposição o sealing-master Hearne não cessava de alimentar? Não! Era impossível ao capitão Len Guy contar com estes homens, em maioria na tripulação, os quais ele tinha já conduzido até à ilha Tsalal. Ter-se-iam decerto recusado a aventurar-se ainda mais pelos mares antárticos, e esta devia ser uma das razões por que o nosso capitão resolvera voltar para o norte, não obstante a dor profunda que sentia com isto!

Considerávamos, pois, a viagem concluída. Por isso, avaliar-se-á a nossa surpresa quando se fizeram ouvir estas palavras: — E Pym... o pobre Pym?

Voltei-me... Era Hunt que acabava de falar.

Imóvel junto do tombadilho, esta singular personagem devorava o horizonte com o olhar...

A bordo da escuna estava-se tão pouco acostumado a ouvir a voz de Hunt — eram talvez aquelas as primeiras palavras que pronunciava desde o seu embarque — que a curiosidade trouxe a maruja para junto dele. Acaso a sua intervenção inopinada não anunciava — eu tive disso uma espécie de pressentimento — alguma revelação estupenda?

Um gesto de Jem West fez ir a marinagem para a proa. Só ficou o piloto, o bossman, o mestre veleiro Martim Holt e o mestre calafate Hardie, os quais se julgaram como que autorizados a permanecer conosco.

— Que é que tu disseste? — perguntou o capitão Len Guy, aproximando-se de Hunt.

— Disse: E Pym... o pobre Pym?

— E, vai daí, que pretendes tu recordar-nos com o nome desse homem, cujos conselhos detestáveis arrastaram meu irmão até à ilha onde a «Jane» foi destruída, onde a maior parte da sua tripulação foi morta, onde já não encontramos um só daqueles que, há sete meses, ainda estavam lá?

E, como Hunt permanecia mudo: — Anda, responde — exclamou o capitão Len Guy, que não podia reprimir-se, pois tinha o coração ulcerado.

A hesitação de Hunt, como se verá, não provinha da ignorância dos fatos, mas sim duma certa dificuldade em exprimir as ideias. Estas eram todavia muito claras, se bem que a frase fosse entrecortada, e as palavras apenas ligadas entre si. Em suma, ele tinha uma espécie de linguagem sua, de quando em quando pitoresca, e a pronúncia era sobretudo caracterizada pelo acento roufenho dos índios do Far West.

— Não é para estranhar — disse ele —, eu não sei contar as coisas... Prende-se-me a língua... Percebem o que quero dizer... Falei de Pym... do pobre Pym... não é verdade?

— É — replicou laconicamente o piloto —, e que tens tu para nos dizer de Arthur Pym?

— Tenho a dizer... que é forçoso não o abandonar.

— Não o abandonar? — exclamei eu.

— Sim... de modo nenhum! — retorquiu Hunt. — Não se esqueçam dele... Seria uma crueldade... uma grande crueldade! Nós iremos procurá-lo...

— Procurá-lo? — repetiu o capitão Len Guy.

— Percebem o que quero dizer... Foi para isso que embarquei a bordo da «Halbrane»... Sim... para encontrar... o pobre Pym!

— Onde estará ele, porém — observei eu —, a não ser no fundo dum jazigo, no cemitério da sua terra natal?

— Não... Ele está lá, onde ficou... só... completamente só — respondeu Hunt, apontando para o sul —, e, depois disso, já onze vezes o Sol nasceu neste horizonte!

Hunt designava por este modo as regiões antárticas, era evidente. Mas que pretendia ele?

— Acaso não sabes que Arthur Pym morreu? — tornou o capitão Len Guy

— Morto! — discordou Hunt, sublinhando esta palavra com um gesto expressivo. — Não... Queiram ouvir-me... eu estou ao corrente de tudo... percebem o que quero dizer... Ele não morreu...

— Ora venha cá, Hunt — continuei eu. — Recorda-se... No último capítulo das aventuras de Arthur Pym, não conta Edgar Poe que ele tivera um fim inesperado e lamentável?

Verdade seja, o modo como terminou aquela existência tão extraordinária não o indicava o poeta americano, e, continuo na minha, isso parecera-me sempre suspeito! O segredo daquela morte ia, pois, ser-me revelado, visto que, a acreditar em Hunt, Arthur Pym não voltara nunca

das regiões polares?

— Explica-te, Hunt — ordenou o capitão Len Guy, que participava da minha surpresa. — Medita... não tenhas pressa... e dize, como é conveniente, o que tens a dizer.

E, enquanto Hunt passava a mão pela fronte, como que para avivar recordações apagadas, fiz o seguinte reparo ao capitão Len Guy:

— Tem algo de singular a intervenção deste homem, e se não está doido...

A estas palavras o bossman abanou a cabeça. Para ELE, Hunt não tinha o juízo todo.

Ele, porém, compreendeu-o, e, com voz rude, exclamou: — Não... não estou doido. Os doidos... nos hospitais... são respeitados, quando se não acredita neles! E a mim... deve-se dar crédito! Não! Pym não morreu!

— Edgar Poe afirma-o — objetei eu.

— Sim... bem sei... Edgar Poe... de Baltimore... Mas ele nunca viu o pobre Pym... Nunca...

— Como! — exclamou o capitão Len Guy. — Esses dois homens não se conheciam?

— Não!

— E não foi o próprio Arthur Pym quem contou as suas aventuras a Edgar Poe?

— Não... capitão... Não! — asseverou Hunt. — Esse... em Baltimore... apenas obteve as notas escritas por Pym desde o dia em que ele se escondera a bordo do «Grampus»... escritas até à última hora... até à última... Percebem o que quero dizer... Percebem-me?

Evidentemente, Hunt receava ser falto de clareza e por isso repetia-o sem cessar. Por outro lado, não o nego, as suas declarações pareciam impossíveis de admitir. De modo que, segundo ele, Arthur Pym nunca teve relações com Edgar Poe? O poeta americano teve somente conhecimento das notas redigidas, dia a dia, durante a inverossímil viagem?

— Quem foi, pois, que trouxe o diário? — perguntou o capitão Len Guy, agarrando na mão de Hunt.

— Foi o companheiro de Pym... o mestiço Dirk PeterS... que regressou sozinho de lá...

— O mestiço Dirk Peters? — disse eu.

— Sim.

— Sozinho?

— Sozinho.

— E onde estava Arthur Pym?

— Ali! — respondeu Hunt com voz potente, virando-se para as regiões do sul, onde o seu olhar se fixava obstinadamente.

Podia uma tal afirmação vencer a incredulidade geral? Não, decerto! Demais, Martim Holt tocou com o cotovelo em Hurliguerly, e ambos pareciam ter dó de Hunt, ao passo que Jem West o observava sem manifestar o seu sentimento. Quanto ao capitão Len Guy, fez-me sinal de que nada se podia apurar de positivo, por isso que as faculdades mentais do pobre diabo havia muito que deviam estar perturbadas.

E, contudo, ao examinar Hunt, parecia-me surpreender um certo vislumbre de verdade, que se escapava de seus olhos.

Dispus-me então a interrogar Hunt, fazendo-lhe perguntas precisas e apertadas, às quais tratou de responder com afirmações sucessivas, como se vai ver, e sem se contradizer nunca.

— Diga-me cá — perguntei eu: — depois de se ter refugiado em cima do casco do «Grampus» com Dirk Peters, Arthur Pym veio com efeito a bordo da «Jane» até à ilha Tsalal?

— Veio.

— Durante uma visita do capitão William Guy à povoação de Klock-Klock, Arthur Pym separou-se dos seus companheiros ao mesmo tempo que o mestiço e um dos marujos?

— Separou — respondeu Hunt — e o marujo Allen... que quase no mesmo instante ficou esmagado debaixo das pedras.

— Depois, assistiram ambos, do alto da colina, ao assalto e à destruição da escuna?

— Assistiram...

— Decorrido algum tempo, saíram ambos da ilha, logo que se apoderaram duma das embarcações que os indígenas não puderam evitar que eles levassem?

— Sim, senhor...

— E, vinte dias mais tarde, chegados diante da cortina de vapores, foram ambos arrebatados pela voragem da catarata?

Desta vez Hunt não respondeu de maneira afirmativa... pois hesitava... pronunciava palavras vagas... Parecia que procurava avivar o lume da memória, quase extinto... Por fim, fitando-me e abanando a cabeça, afirmou:

— Ambos... não. Percebem o que quero dizer... Dirk Peters... nunca me falou disso...

— Dirk Peters? — interrogou com vivacidade o capitão Len Guy. — Tu conhecestes Dirk Peters?

— Conheci...

— Onde?

— Em Vandalia, Estado de Illinois.

— E foi dele que obtiveste todas essas informações a respeito da viagem?

— Foi.

— E ele regressou só... só... de lá... depois de ter deixado Arthur Pym?

— Só.

— Mas, ó homem, fale... fale, por quem é! — exclamei eu.

Efetivamente, eu fervia de impaciência. Pois quê! Hunt conheceu Dirk Peters, e, por via dele, sabia coisas que eu julgava condenadas a nunca serem sabidas! Conhecia o desfecho destas extraordinárias aventuras!

E então em frases entrecortadas, mas inteligíveis, Hunt continuou: — Sim... ali... uma cortina de vapores..., disse o mestiço frequentes vezes. Percebem... Ambos, Arthur Pym e ele, estavam no bote de Tsalal... Depois... um bloco de gelo... um enorme bloco veio sobre eles... Com o embate, Dirk Peters caiu ao mar... Mas pôde agarrar-se ao bloco... subiu nele... e... percebem o que quero dizer... viu o bote descair com a corrente, longe... muito longe! Em vão tentou Pym juntar-se ao companheiro... não pôde... O bote ia-se afastando... afastando! E Pym... o pobre e caro Pym, lá foi levado... Ele é que não regressou... ele está ali... continua ali!

Realmente, se Hunt fosse Dirk Peters em pessoa não teria falado com mais comoção, nem com mais energia, nem com mais afeto, do «pobre e caro Pym».

Entretanto, tinha-se pois adquirido a certeza — e porque havíamos de duvidar? — de que fora diante da cortina de vapores que Arthur Pym e o mestiço se separaram um do outro!

Valha a verdade, se Arthur Pym tivesse continuado a subir para latitudes mais altas, como é que o seu companheiro Dirk Peters teria podido voltar para o norte... para além do banco de gelo... para lá do círculo polar... para a América, onde chegou com os apontamentos que foram

comunicados a Edgar Poe?

Fizeram-se estas diversas perguntas a Hunt, e respondeu a todas de conformidade — dizia ele — com o que numerosas vezes o mestiço lhe contara.

Segundo o que ele nos referiu, Dirk Peters tinha na algibeira a carteira de Arthur Pym, quando se agarrou ao bloco de gelo, e foi deste modo que se salvou o diário, que o mestiço pôs à disposição do romancista americano.

— Percebem o que quero dizer — repetia Hunt —, pois estou contando as coisas tal qual eu as soube por Dirk Peters,

Quando a corrente o arrastava, ele gritou com toda a sua força: «Pym!», mas o pobre Pym já tinha desaparecido no meio da cortina de vapores.

Quanto ao mestiço, alimentando-se de peixes crus que podia apanhar, foi arrastado por uma contracorrente para a ilha Tsalal, onde saltou em terra, semimorto de fome...

— Para a ilha Tsalal! — exclamou o capitão Len Guy. — E há quanto tempo tinha saído de lá?

— Havia três semanas... sim... três semanas se muito..., disse Dirk Peters...

— Nesse caso, devia ter encontrado o que restava da tripulação da «Jane» — perguntou o capitão Len Guy —, meu irmão William e os outros sobreviventes?

— Não — respondeu Hunt —, e Dirk Peters esteve sempre convencido de que pereceram todos... sim... todos! Já não existia ninguém na ilha...

— Ninguém! — repeti eu, muito surpreendido com semelhante afirmação.

— Ninguém! — assegurou Hunt.

— E a população de Tsalal?

— Ninguém... digo-lho eu... ninguém! Ilha deserta... sim! deserta!

Isto contradizia absolutamente certos fatos que nós tínhamos como verdadeiros. Contudo, era possível que, quando Dirk Peters voltou para a ilha Tsalal, a população, receosa fosse do que fosse, já tivesse procurado refúgio no grupo de sudoeste, e que William Guy e os companheiros estivessem ainda escondidos nos desfiladeiros de Klock-Klock. Isto explicava a razão por que o mestiço os não encontrara e também o motivo por que os sobreviventes da «Jane» já não tiveram nada que recear dos insulares durante os onze anos de permanência na ilha. Por outro lado, visto Patterson tê-los ali deixado há sete meses, se nós já os não encontrássemos era porque haviam sido obrigados a sair de Tsalal, onde careciam de meios de subsistência depois do terremoto.

— De modo que — continuou o capitão Len Guy —, quando Dirk Peters voltou, não havia nenhum habitante na ilha?

— Ninguém... — repetiu Hunt —, ninguém... O mestiço não encontrou lá um único indígena.

— E o que fez então Dirk Peters? — perguntou o bossman.

— Percebem o que quero dizer! — respondeu Hunt. — Estava ali uma embarcação abandonada... ao fundo daquela baía... e tinha dentro carne seca e muitos barris de água doce. O mestiço meteu-se nela... Uma viração do sul... sim... do sul... muito fresca, a mesma que, com a contracorrente, havia trazido o bloco para a ilha Tsalal, arrastou-o durante semanas e semanas... para a banda do banco de gelo... onde conseguiu atravessar um canaleta... Podem acreditar em mim... porquanto eu me limito a repetir o que Dirk Peters me contou centenas de vezes... Sim! um canaleta... e dobrou o círculo polar...

— E depois? — insisti eu.

— Depois... foi recolhido por um baleeiro americano, o «Sandy-Hook», e levado para a América.

Eis aqui, pois, aceitando a narrativa de Hunt como verídica, e era possível que o fosse, o modo como terminou, pelo menos no tocante a Dirk Peters, o terrível drama das regiões antárticas. De regresso aos Estados Unidos, o mestiço estabeleceu relações com Edgar Poe, então editor do «Southern Literary Messenger», e dos apontamentos de Arthur Pym saiu a prodigiosa narrativa, não imaginária como até então se supusera, e à qual faltava o desenlace final.

Quanto à parte da imaginação na obra do autor americano, eram sem dúvida as singularidades que se notavam nos últimos capítulos, a não ser que, no delírio dos derradeiros momentos, Arthur Pym julgasse ver esses prodigiosos e sobrenaturais fenômenos através da cortina de vapores...

Seja como for — este fato estava apurado —, Edgar Poe nunca conhecera Arthur Pym. E foi por isso que, querendo deixar nos leitores uma incerteza excitante, o fez morrer de morte «tão inesperada como lamentável», cuja natureza e causa não indicava.

Se, porém, Arthur Pym nunca mais voltou, poder-se-ia razoavelmente admitir que não tivesse sucumbido a breve trecho, depois de haver sido separado do companheiro... que estivesse ainda vivo, embora o seu desaparecimento houvesse ocorrido há onze anos?

— Sim... sim! — respondeu Hunt.

E afirmava-o com a convicção que Dirk Peters lhe insuflara na alma, quando os dois habitavam em Vandalia, no interior de Illinois.

Seria agora ocasião de perguntar se Hunt estava em seu perfeito juízo? Não teria sido ele que, durante uma crise mental — eu já não duvidava disso —, depois de se ter introduzido no meu camarote, murmurara estas palavras ao meu ouvido: «E Pym... o pobre Pym?»

Sim! E eu não tinha sonhado!

Em suma, se tudo quanto acabava de dizer Hunt era verdade, se ele não passava de fiel relator dos segredos que Dirk Peters lhe confiara, devê-lo-íamos acreditar quando repetia em voz simultaneamente imperiosa e suplicante:

— Pym não morreu! Pym está lá! É forçoso não abandonar o pobre Pym!

Logo que terminei o interrogatório feito a Hunt, o capitão Len Guy, profundamente perturbado, saiu por fim deste estado meditativo e, com voz rude, ordenou: — A toda para ré!

E, ao ter reunidos em torno de si os tripulantes da escuna, diz: — Escuta-me, Hunt, e pensa bem na gravidade das perguntas que vou fazer-te!

Hunt, erguendo a cabeça, passou a vista pela maruja da «Halbrane».

— Tu asseguras, Hunt, ser verdade tudo quanto acabas de dizer acerca de Arthur Pym?

— Asseguro — respondeu Hunt, acentuando a afirmação com um gesto rude.

— Conhecestes Dirk Peters?

— Conheci.

— Viveste com ele alguns anos no Illinois?

— Durante nove anos.

— E contava estas coisas?

— Contava.

— E, pela tua parte, não pões em dúvida que ele te tivesse dito a pura verdade?

— Não.

— Ora, pois, ele nunca pensou que alguns dos tripulantes da «Jane» pudessem ter ficado na ilha Tsalal?

— Não.

— Ele supunha que William Guy e os companheiros deviam ter morrido todos no desabamento das colinas de Klock-Klock?

— Sim... e... pelo que muitas vezes me disse... Pym também o supunha.

— E onde é que viste Dirk Peters pela última vez?

— Em Vandalia.

— Há muito tempo?

— Já lá vão dois anos.

— E, de vocês dois, foste tu... ou ele... quem primeiro saiu de Vandalia?

Pareceu-me surpreender uma breve hesitação em Hunt no momento de responder.

— Saímos juntos de lá...? — disse ele.

— Para ir...?

— Às Falklands.

— E ele?

— Ele? — repetiu Hunt.

E o seu olhar foi por fim fixar-se no mestre veleiro Martim Holt, aquele a quem havia salvado com risco da própria vida durante a tempestade.

— Vamos — continuou o capitão Len Guy —, percebes o que te pergunto?

— Percebo.

— Responde... então! Quando Dirk Peters saiu de Illinois, abandonou a América?

— Abandonou.

— Para ir? Fala!

— Às Falklands!

— E onde ele está agora?

— Aqui!

CAPÍTULO II

DELIBERAÇÃO TOMADA

DIRK PETERS! Hunt era o mestiço Dirk Peters... o dedicado companheiro de Arthur Pym, aquele que o capitão Len Guy por tanto tempo e em vão procurara nos Estados Unidos e cuja presença ia talvez fornecer-nos um novo argumento para continuar a viagem.

Que fossem suficientes ao leitor uns certos indícios para que, no decurso de muitas páginas da minha narrativa, tivesse reconhecido Dirk Peters na pessoa de Hunt, e que estivesse preparado para este lance teatral, é coisa de que me não admirarei, pois até asseguro que do contrário me surpreenderia.

Nada mais natural, efetivamente, nem mais indicado do que ter feito este raciocínio: como é que eu e o capitão Len Guy, tendo lido tão amiúde o livro de Edgar Poe, onde o retrato físico de Dirk Peters está traçado com toda a nitidez, como é que nós não suspeitamos que o homem que embarcara nas Falklands e o mestiço eram a mesmíssima pessoa? Não denotava isso, da nossa parte, uma certa falta de perspicácia?

Concordo, contudo, isso se explica até certo ponto.

Sim, tudo revelava em Hunt origem índia, a mesma de Dirk Peters, porquanto pertencia à

tribo dos Upsarocas do Far West, e isso devia talvez ter-nos conduzido para o caminho da verdade. No entanto, convém não esquecer as circunstâncias em que Hunt se apresentou ao capitão Len Guy, circunstâncias que não permitiam pôr em dúvida a sua identidade.

Hunt residia nas Falklands, muito longe de Illinois, entre marítimos de todas as nacionalidades, que aguardam o tempo da pesca para servirem nos baleeiros. Desde o embarque, mantivera-se para conosco o mais reservado possível. Era a primeira vez que o tínhamos ouvido falar e nada até então — pelo menos na sua atitude — levava a crer que ele ocultasse o seu verdadeiro nome. E, como se acabou de ver, o nome de Dirk Peters, só o declarou depois de muito instado pelo nosso capitão.

Verdade é que Hunt era um sujeito bastante extraordinário, um ser fora do comum, de molde a despertar a nossa atenção.

Sim... agora é que eu notava isso, os seus modos extravagantes desde que a escuna dobrara o círculo antártico, desde que navegava nas águas deste mar livre... o olhar incessantemente dirigido para o horizonte sul... e a mão que, por um movimento instintivo, se estendia na mesma direção. Além disso, parecia ter já visitado a ilhota Bennet, onde apanhara um fragmento do cintado da «Jane», e, por fim, a ilha Tsalal... Aí, tomara a dianteira, e nós seguimo-lo como a um guia pela planície revolvida, até o lugar da povoação de Klock--Klock, à entrada do barranco, cerca da colina onde se cruzavam os labirintos, de que já não restava nenhum vestígio... Sim... tudo isso devia pôr-nos de sobreaviso, despertar-nos — pelo menos em mim — a ideia de que Hunt podia estar ligado às aventuras de Arthur Pym!

Pois bem, não só o capitão Len Guy, mas também o seu passageiro Jeorling tínhamos cataratas nos olhos! Confesso, éramos dois cegos, visto que algumas páginas do livro de Edgar Poe deviam tornar-nos mais sagazes!

Em suma, não se podia pôr em dúvida que Hunt fosse realmente Dirk Peters. Conquanto onze anos mais velho, estava ainda como Arthur Pym o pintara. Verdade é que o aspecto feroz de que fala a narrativa já o não tinha, e, demais, segundo o próprio Arthur Pym, isso não passava de «uma ferocidade aparente».

No físico, porém, não havia mudança: a estatura pequena, a musculatura possante, os membros «fundidos num molde hercúleo», as mãos «tão grosseiras e tamanhas que apenas conservavam a forma humana», os braços e as pernas arqueadas, a cabeça dum tamanho prodigioso, a boca rasgada em toda a largura da face, e «os compridos dentes, que os lábios nunca ocultavam sequer parcialmente». Repito, estes sinais adaptavam-se ao nosso marujo das Falklands. Mas já se não encontrava no seu semblante a expressão que, sendo sintoma de alegria, só podia ser «a alegria dum demônio!»

Efetivamente, o mestiço mudara com a idade, com a experiência, com as contrariedades da vida, com as terríveis cenas em que tomara parte — incidentes, como diz Arthur Pym, «completamente fora do registro da experiência e que ultrapassam os limites da credulidade dos homens». Sim! A dura pedra de toque havia gasto muitíssimo o moral de Dirk Peters?

Embora! Era contudo o fiel companheiro a quem Arthur Pym por vezes deveu a salvação, o Dirk Peters que lhe queria como filho e que nunca perdera, não! nunca, a esperança de o encontrar algum dia nas medonhas solidões da Antártica!

Mas por que razão se ocultava agora Dirk Peters nas Falklands sob o nome de Hunt, por que, desde o seu embarque a bordo da «Halbrane», persistira em conservar-se incógnito, por que não disse quem era, visto conhecer as intenções do capitão Len Guy, cujos esforços eram

todos tendentes a salvar os seus compatriotas ao seguir o itinerário da «Jane»?

Por quê? Decerto por temer que o seu nome fosse objeto de horror! Efetivamente, não era o mesmo nome do homem que se envolvera nas estupendas cenas do «Grampus»... que derrubara o marinheiro Parker... que se alimentara com a sua carne e matara a sede com seu sangue!

Para que chegasse a revelar o nome foi mister nutrir a esperança de que, graças a esta revelação, a «Halbrane» tentaria encontrar Arthur Pym!

De modo que, depois de ter vivido alguns anos em Illinois, se o mestiço viera residir para as Falklands, foi com o intuito de aproveitar a primeira ocasião que se lhe oferecesse de voltar

aos mares antárticos. Ao embarcar na «Halbrane», contava decidir o capitão Len Guy, logo que se recolhesse os seus compatriotas na ilha Tsalal, a seguir para mais altas latitudes, a prolongar a expedição em proveito de Arthur Pym?

E, contudo, que este desventurado, depois de onze anos, fosse deste mundo, quem era o homem de bom senso que poderia admitir isso? Pelo menos, a existência do capitão William Guy e dos companheiros estava assegurada pelos recursos da ilha Tsalal, e, demais, os apontamentos de Patterson afirmavam que eles ainda estavam lá quando este a deixara. Quanto à existência de Arthur Pym...

Contudo, perante a afirmação de Dirk Peters, a qual, devo convir, não se baseava em nada de positivo, o meu espírito não se revoltava, como era natural que assim fizesse! Não! E quando o mestiço exclamou: «Pym não morreu... Pym está lá... É forçoso não abandonar o pobre Pym!», este brado deixou de causar-me profunda impressão.

Pensei então em Edgar Poe, e perguntei a mim mesmo qual seria a sua atitude, quicá o seu embaraço, se a «Halbrane» trouxesse consigo aquele de quem anunciara a morte «tão inesperada como lamentável!».

Decididamente, desde que eu resolvera tomar parte na viagem da «Halbrane», já não era o mesmo homem — o homem prático e razoável doutros tempos. Pois não sentia eu, a propósito de Arthur Pym, bater-me o coração como batia o de Dirk Peters?

Deixar a ilha Tsalal para voltar para o norte, para o Atlântico, fazia-me nascer a ideia de que isso seria o descargo dum dever de humanidade, do dever de ir em socorro dum infeliz, abandonado nos gelados desertos da Antártica!

Verdade é que, pedir ao capitão Len Guy para levar a escuna mais por estes mares fora, alcançar este novo esforço da tripulação, depois de tantos perigos afrontados sem proveito, seria isso expor-me a uma recusa e, no fim de tudo, não me competia intervir nesta ocasião... E, contudo, eu percebia-o, Dirk Peters contava comigo para defender a causa do seu pobre Pym!

Sucedeu-se demorado silêncio à declaração do mestiço. Ninguém, com certeza, pensou em duvidar da sua veracidade. Ele tinha dito: «Eu sou Dirk Peters», e era Dirk Peters.

No tocante a Arthur Pym, quer não tivesse regressado para a América, quer se separasse do seu companheiro e fosse depois arrastado com o bote tsalaliano para as regiões do polo, estes fatos eram naturalmente admissíveis e nada autorizava a supor que Dirk Peters não dissesse a verdade. Porém, que Arthur Pym fosse ainda vivo, como declarava o mestiço, e que o dever se impunha de ir em sua procura, como ele pedia, e expor-se a tantos perigos novos, era isso um caso diferente.

Resolvido, todavia, a auxiliar Dirk Peters, mas receando avançar num terreno onde me

arriscasse a ser batido desde o começo, voltei à argumentação, muito aceitável, em suma, sobre a causa do capitão William Guy e dos cinco marinheiros seus, dos quais já não encontramos vestígios na ilha Tsalal.

— Meus amigos — disse eu —, antes de tomar uma decisão definitiva, é prudente encarar a situação a sangue-frio. Acaso não criaríamos eternos desgostos, pungentes remorsos, abandonando a nossa expedição no momento talvez em que ela tinha algumas probabilidades de bom êxito? Pense bem nisto, capitão, e vós também, companheiros meus. Há menos de sete meses, compatriotas vossos foram deixados em plena vida pelo desventurado Patterson na ilha Tsalal! Se eles lá estavam nessa época, é porque no decurso de onze anos, graças aos recursos da ilha, haviam podido assegurar a sua existência, não tendo que temer os insulares, dos quais uma parte sucumbira em circunstâncias que não conhecemos e a outra se transportou provavelmente para alguma ilha vizinha. Isto é a própria evidência e não vejo o que se poderia objetar a semelhante raciocínio...

Ninguém respondeu ao que eu acabava de dizer: não havia que responder.

— Se já não encontramos o capitão da «Jane» e os seus — prossegui, tomando calor — é porque, depois da partida de Patterson, foram constrangidos a abandonar a ilha Tsalal. Por que motivo? Quanto a mim, foi porque o tremor de terra a convulsionou de tal modo que a tornou inabitável. Ora, bastaria uma embarcação indígena para chegar, com a corrente do norte, a qualquer outra ilha ou a qualquer ponto do continente antártico. Que as coisas se tenham passado assim, não julgo avançar demasiado afirmando-o... Em todo o caso, o que sei, o que repito, é que não teremos nada feito se não continuarmos as investigações, das quais depende a salvação dos vossos compatriotas!

Interroguei com o olhar o meu auditório... Não obtive resposta nenhuma.

O capitão Len Guy, atormentado por uma comoção intensa, curvava a cabeça, pois reconhecia que eu tinha razão, que eu indicava, ao invocar os deveres da humanidade, o único procedimento a seguir por gente valorosa!

— E de que se trata? — continuei eu, depois de breve silêncio.

— De transpor alguns graus em latitude, isto, porém, quando o mar é navegável, quando a estação nos assegura dois meses de bom tempo e não temos nada a temer do inverno austral, cujos rigores vos não peço que afronteis! E hesitaremos nós, agora que a «Halbrane» está aprovionada com abundância, a tripulação válida e sem faltar ninguém, sem que nenhuma doença se tenha manifestado a bordo! Amedrontar-nos-íamos com perigos imaginários!

Não teríamos coragem de ir mais avante... até lá! E eu apontava para o horizonte sul, enquanto Dirk Peters também para lá apontava, sem dizer palavra, com um gesto imperioso, que falava por ele!

Os olhares, contudo, conservavam-se fitos em nós, e, ainda desta vez, nada de resposta!

Seguramente, a escuna podia, sem demasiada temeridade, aventurar-se por estas paragens durante oito ou nove semanas.

Estávamos apenas a 26 de Dezembro, e em Janeiro, Fevereiro e até mesmo Março é que se empreenderam as anteriores expedições — as de Bellingshausen, Biscoe, Kendal e Weddell, as quais puderam virar de bordo para o norte, antes que o frio lhes fechasse toda e qualquer passagem. Além disso, se os navios deles não chegaram até semelhantes alturas das regiões austrais, como se desejava que a «Halbrane» o fizesse, também não foram favorecidos como nós o esperávamos ser em tais circunstâncias...

Encareci todos estes argumentos, com a mira numa aprovação cuja responsabilidade ninguém queria tomar... Silêncio absoluto, e todos os olhares pregados no chão...

E, contudo, eu não pronunciara uma só vez o nome de Arthur Pym, nem apoiei a proposta de Dirk Peters, Nesse caso, é que me responderiam encolhendo os ombros... ou talvez ameaçando-me!

Perguntava eu, pois, de mim para comigo, se teria ou não conseguido insuflar nos meus companheiros a fé que me enchia a alma, quando o capitão Len Guy começa a falar, e diz: — Dirk Peters, afirmas que Arthur Pym e mais tu, depois de terem partido de Tsalal, avistaram terra na direção do sul?

— Afirmo... terra... — respondeu o mestiço. — Ilhas ou continente... percebem o que quero dizer... e é lá... julgo eu... tenho a certeza... que Pym... o pobre Pym... aguarda que vão socorrê-lo.

— E onde talvez estejam também William Guy e os seus companheiros — acrescentei eu, a fim de conduzir a discussão para melhor terreno.

E, com efeito, a terra avistada era um fim, um fim que seria fácil atingir! A «Halbrane» não navegaria à aventura... Iria aonde quer que pudessem estar refugiados os sobreviventes da «Jane»!

O capitão Len Guy, que tornou a falar depois de ter refletido alguns instantes, inquiriu então:

— E, para além do grau oitenta e quatro, Dirk Peters, é verdade que o horizonte estava cerrado pela cortina de vapores de que fala a narrativa? Viste-a... com os teus próprios olhos... e às cataratas aéreas... e à voragem onde se perdeu a embarcação de Arthur Pym?

Depois de nos ter fitado a todos nós, o mestiço abanou a enorme cabeça.

— Não sei — disse ele. — Que é que me pergunta, capitão? Uma cortina de vapores? Sim... talvez e também aparências de terra para o sul...

Evidentemente, Dirk Peters nunca lera o livro de Edgar Poe, e é até provável que não soubesse ler. Depois de ter feito entrega do diário de Arthur Pym, nunca mais se importou com a sua publicação. Retirado primeiro em Illinois e depois nas Falklands, não podia conjeturar o barulho que a obra fizera nem o fantástico e inverossímil desfecho que o poeta deu a estas singulares aventuras!

E, demais, não podia dar-se o caso de que Arthur Pym, com a sua propensão para o sobrenatural, supusesse ver estas coisas prodigiosas, unicamente devidas à sua muito imaginativa cerebralidade?

Então, e pela vez primeira desde o começo desta discussão, fez-se ouvir a voz de Jem West. O piloto estava do meu lado, os meus argumentos haviam-no abalado, mas o que eu não poderia dizer é se ele se decidiria pela continuação da viagem.

Em todo o caso limitou-se a perguntar: — Capitão... as suas ordens?

O capitão Len Guy virou-se para a tripulação. Cercavam-no antigos e modernos, ao passo que o sealing-master Hearne se conservava um tudo-nada desviado, pronto a intervir se julgasse a sua intervenção necessária.

O capitão Len Guy interrogou com o olhar o bossman e os seus camaradas, de quem conquistara incondicional dedicação. Não sei bem se a sua atitude denotava uma espécie de aquiescência ao prosseguimento da viagem, pois ouvi os seus lábios murmurarem as seguintes palavras: — Ah! Se apenas dependesse de mim... se todos me ajudassem com a sua

cooperação!

Efetivamente, sem comum acordo, não se podia tratar de novas investigações.

Foi então que Hearne usou da palavra — com rudeza.

— Capitão — disse ele —, já lá vão dois meses que saímos das Falklands... Ora, os meus companheiros foram contratados para uma viagem que não os levaria, passado o banco de gelo, além da ilha Tsalal...

— Isso não é assim! — exclamou o capitão Len Guy, manifestamente sobre excitado por esta declaração de Hearne. — Não... isso não é assim! Eu contratei a todos para uma expedição, que tenho o direito de continuar até onde me der na vontade!

— Peço desculpa, capitão — volveu Hearne com modo brusco —, porém, nós já estamos onde nenhum navegador jamais chegou... onde jamais navio algum se aventurou, excetuando a «Jane»... Por isso, os meus camaradas e eu julgamos ser conveniente regressar às Falklands antes do Inverno. Depois de lá estar, pode o capitão vir outra vez à ilha Tsalal e até mesmo ir ao polo... se isso for do seu agrado!

Sentiu-se um murmúrio aprovativo. Não havia dúvida de que o sealing-master interpretava os sentimentos da maioria, que eram precisamente os novatos da maruja.

Ir de encontro à sua opinião, exigir obediência de gente mal disposta a obedecer, e, nestas condições, arriscar-se pelas longínquas paragens da Antártica, seria um ato de temeridade. Mais ainda: um ato de loucura, que acarretaria alguma catástrofe.

Entretanto Jem West interveio, crescendo para Hearne, a quem disse com voz ameaçadora: — Quem te deu licença para falar?

— O capitão interrogava-nos... — retorquiu Hearne. — Eu tinha o direito de responder.

E estas palavras foram pronunciadas com tal insolência que o piloto, em geral muito senhor de si, estava a ponto de dar livre curso à sua cólera, quando o capitão Len Guy, contendo-o com um gesto, se limitou a dizer: — Sossega, Jem! Não se faz nada, a não ser que estejamos todos de acordo!

Depois, dirigindo-se ao bossman: — O teu parecer, Hurliguerly?

— É muito simples, capitão — respondeu o bossman. — Obedecerei às suas ordens, sejam elas quais forem! É do nosso dever não abandonar William Guy e os outros enquanto houver alguma probabilidade de os salvar!

O bossman deteve-se um instante, ao tempo que vários marinheiros, Drap, Rogers, Graciano, Stern e Burry, davam mostras inequívocas de aprovação.

— Porém, quanto a Arthur Pym... — prosseguiu ele.

— Não se trata de Arthur Pym — replicou com presteza o capitão Len Guy —, mas sim de meu irmão William... dos seus companheiros.

E, como eu vi que Dirk Peters ia protestar, toquei seu braço, e, se bem que rugiu de raiva, calou-se.

Não! Não era este o momento de voltar ao caso de Arthur Pym. Confiar no futuro, estar preparado para aproveitar as eventualidades da viagem, deixar que a maruja procedesse de moto próprio, inconscientemente — ou até instintivamente —, era o expediente que eu pensava dever-se adotar. No entanto, entendi dever auxiliar Dirk Peters por meios mais diretos.

Continuara o capitão Len Guy interrogando a tripulação. Aqueles com quem poderia contar, queria conhecê-los nominalmente. Os antigos anuíram todos às propostas do capitão e comprometeram-se a não discutir nunca as ordens dele, seguindo-o tão longe quanto lhe

conviesse.

Estes bravos foram imitados por alguns novatos, apenas três, de nacionalidade inglesa. A maioria, contudo, pareceu-me inclinar-se para a opinião de Hearne. Para eles a viagem da «Halbrane» terminara na ilha Tsalal. Daqui a recusa de a continuar mais além, e pedido formal de se aproar ao norte, a fim de dobrar o banco de gelo na época mais favorável da estação.

Eram cerca de vinte os que falavam assim, e não havia dúvida de que o sealing-master interpretara os seus verdadeiros sentimentos. Portanto, constrangê-los a ajudar à faina da escuna, desde que esta se dirigisse para o sul, seria pelo menos provocá-los à sublevação.

A única coisa a tentar, para conseguir o reviramento destes marinheiros agitados por Hearne, era aguilhoar-Lhes a cobiça, fazer vibrar a corda do interesse.

Usei, pois, outra vez da palavra, e, com voz firme, que não autorizava ninguém a duvidar da seriedade da minha proposta, disse: — Marujos da «Halbrane», ouçam-me!... À semelhança do que diversos Estados têm feito com as viagens de descobrimento nas regiões polares, ofereço um prêmio à tripulação da escuna! Ser-lhe-ão dados dois mil dólares por grau, a contar do paralelo oitenta e quatro!

Cerca de setenta dólares a cada homem, não deixava de ser tentador.

Percebi que tinha acertado.

— Este compromisso — acrescentei — vou assiná-lo com o capitão Len Guy, que será o mandatário dos tripulantes, e as somas ganhas serão entregues na volta, quaisquer que sejam as condições em que ela se realizar.

Aguardei o efeito desta promessa e, devo dizê-lo, não tardou muito.

— Hurra! — exclamou o bossman, a fim de animar os camaradas, os quais, quase unanimemente, juntaram os seus hurras aos dele.

Hearne não fez a menor oposição. Ser-lhe-ia sempre lícito refletir, no momento em que se apresentassem melhores circunstâncias.

O pacto estava pois efetuado, e, para chegar aos meus fins, sacrificaria eu maior quantia.

Verdade é que nos encontrávamos apenas a sete graus do polo austral, e, se a «Halbrane» tivesse de ir até lá, isso não me custaria mais que catorze mil dólares.

CAPÍTULO III

O GRUPO DESAPARECIDO

Logo de manhã cedo, sexta-feira 27 de Dezembro, a «Halbrane» continuou na sua derrota, com proa de sudoeste.

O serviço de bordo corria como habitualmente, com a mesma obediência, a mesma regularidade, e então não envolvia nem perigos nem fadigas. O tempo continuava bom, o mar conservava-se calmo. Se estas condições não mudassem, os germes da insubordinação — eu pelo menos contava com isso — não encontrariam em que se desenvolver, e as dificuldades não proviriam desta causa. Além de que, no homem boçal, o cérebro trabalha pouco, as pessoas ignorantes e cúpidas não se entregam ao trato da imaginação. Limitadas ao presente, o futuro não é coisa que as preocupe. Apenas as conveniências grosseiras, que as trazem à realidade, podem arrancá-las da sua indiferença. Dar-se-ia este caso?

No tocante a Dirk Peters, reconhecida a sua identidade, não devia mudar nada do seu modo de ver, conservar-se-ia tão pouco comunicativo? Devo notar que, desde esta revelação, a marinagem não pareceu manifestar-lhe nenhuma repugnância a propósito das cenas do «Grampus», aliás muito perdoáveis, atendendo às circunstâncias... E, demais, poder-se-ia esquecer que o mestiço arriscara a sua própria vida para salvar a de Martim Holt? Ele, contudo, continuava a manter-se retirado, comendo a um canto, dormindo em outro, «navegando ao largo» da tripulação! Teria ele, pois, para assim proceder, algum outro motivo que nós não conhecíamos e que o futuro talvez nos diria?

Os ventos persistentes do lado norte, que levaram a «Jane» até à ilha Tsalal e o bote de Arthur Pym alguns graus mais além, favoreciam o andamento da nossa escuna. Amuras a bombordo e vento quase em popa, pôde Jem West cobri-la de pano, aproveitando esta viração regular. A roda da proa fendia rápida as águas transparentes, e não leitosas, que se rendilhavam a popa em comprida e branca esteira.

Depois da cena da véspera, o capitão Len Guy fora descansar algumas horas. E este repouso, que enfadonhos pensamentos o não perturbariam — por um lado, a esperança presa a novas investigações, por outro, a responsabilidade duma tal expedição pela Antártica!

Quando o encontrei, no dia seguinte, no convés, na ocasião em que o piloto passeava dum lado para o outro à ré, chamou-nos a ambos para junto dele e declarou-me: — Sr. Jeorling, era com a morte na alma que me resolvía a reconduzir a escuna para o norte! Eu percebia que não tinha feito tudo quanto devia fazer pelos nossos desventurados compatriotas! Mas bem compreendia que a maior parte da maruja seria contra mim se eu quisesse arrastá-la mais além da ilha Tsalal...

— Efetivamente, capitão, manifestou-se a bordo um começo de indisciplina, que podia talvez vir a acabar em sublevação.

— Sublevação da qual seria eu o causador — observou friamente Jem West —, quando mais não fosse partindo a cabeça a Hearne, que não cessa de excitar os desordeiros.

— E terias feito bem, Jem — afirmou o capitão Len Guy. — Contudo, sejamos justos: onde está o acordo de que necessitamos?

— Concordo, capitão — disse o piloto. — Melhor foi que as coisas se passassem sem violência! Mas, de futuro, que Hearne tenha cuidado consigo!

— Os companheiros — fez notar o capitão Len Guy — têm agora a boca doce com o prêmio que lhe foi prometido. A sede da ganância torná-los-á mais pacientes e mais dóceis. A generosidade do Sr. Jeorling conseguiu o que decerto não alcançariam os nossos rogos. Agradeço-lho.

— Capitão — volvi eu —, quando estávamos nas Falklands, manifestei-lhe a vontade de me associar pecuniariamente a esta empresa. Apresentou-se-me o ensejo e aproveitei-o; não mereço agradecimentos. Que nós sejamos bem sucedidos... que salvemos seu irmão William e os cinco marinheiros da «Jane»... É este o meu único desejo.

O capitão Len Guy estendeu-me a sua mão, que eu apertei cordialmente.

— Sr. Jeorling — acrescentou —, tem reparado que a «Halbrane» não vai aprovada ao sul, ainda que as terras avistadas por Dirk Peters, ou pelo menos aparências de terras, estejam situadas nesta direção?

— Tenho reparado, capitão.

— E a propósito disso — observou Jem West —, não esqueçamos que a narrativa de Arthur Pym não contém nada de concernente às tais aparências de terra ao sul, e que estamos reduzidos às simples declarações do mestiço.

— É verdade, piloto — respondi. — Mas há porventura razões para suspeitar de Dirk Peters? O seu procedimento, desde o embarque, não deve inspirar plena confiança?

— Não tenho nada a censurá-lo no ponto de vista do serviço — concordou Jem West.

— E nós não pomos em dúvida nem a sua coragem nem a sua honestidade — declarou o capitão Len Guy. — Não só o modo como tem procedido a bordo da «Halbrane», mas também o quanto ele fez, quando navegava a bordo do «Grampus» primeiramente, e depois a bordo da «Jane», tudo justifica o bom conceito...

— Que ele decerto merece! — acrescentei eu.

E, não sei por que, inclinava-me a tomar a defesa do mestiço. Seria porque ele — eu previa isso — tinha ainda um papel a desempenhar no decurso da expedição, porque se considerava seguro de encontrar Arthur Pym... por quem positivamente me interessava a ponto de eu mesmo me admirar?

Convenho nisso; todavia, era no que dizia respeito ao seu antigo companheiro que as ideias de Dirk Peters pareciam levadas ao absurdo. O capitão Len Guy não deixou de o sublinhar.

— Não devemos esquecer, Sr. Jeorling — disse ele —, que o mestiço tem conservado a esperança de que Arthur Pym, depois de ter sido arrastado mar Antártico adentro, pôde abicar a alguma terra mais meridional... onde ainda estará vivo!

— Vivo... depois de onze anos... nestas paragens polares! — redarguiu Jem West.

— Custa a admitir, confesso, capitão — retorqui. — E, contudo, pensando bem, não seria possível que Arthur Pym encontrasse, mais ao sul, uma ilha semelhante à Tsalal, onde William Guy e os companheiros pudessem viver durante esse tempo?

— Impossível não, Sr. Jeorling, mas não julgo provável!

— Além disso — repliquei —, visto estarmos no terreno das hipóteses, por que motivo os seus compatriotas, depois de abandonarem Tsalal e de haverem sido arrastados pela mesma corrente, não encontrariam Arthur Pym no lugar em que talvez...

Não acabei, por isso que esta suposição não teria sido aceita, diga eu o que disser, e não havia motivo para insistir, neste momento, no projeto de ir à procura de Arthur Pym, logo que os homens da «Jane» fossem encontrados, no caso de isto suceder.

O capitão Len Guy tornou ao assunto da conversação, e, como esta, nas suas digressões, «guinara menos mal», como diria o bossman, convinha reconduzi-la para caminho direito.

— Dizia eu, pois — prosseguiu o capitão Len Guy —, que, se não larguei no rumo do sul, foi porque é meu intuito reconhecer primeiro a situação das ilhas vizinhas de Tsalal, o grupo que fica situado a oeste...

— Bela ideia — aprovei eu —, e talvez adquiramos, ao visitar as aludidas ilhas, a certeza de que o terremoto ocorreu numa data recente...

— Recente... isso não oferece dúvida — afirmou o capitão Len Guy —, e posterior à partida de Patterson, porquanto o piloto da «Jane» deixara os compatriotas na ilha!

São sabidas as poderosas razões por que a nossa opinião nunca variara a este respeito.

— Na narrativa de Arthur Pym — pergunta Jem West —, acaso se não trata de um conjunto de oito ilhas?

— Oito, sim — respondi eu; pelo menos, é o que Dirk Peters ouviu dizer ao selvagem a quem a embarcação arrastava com o companheiro e ele. O tal Nu-Nu até pretendia que o arquipélago era governado por uma espécie de soberano, um rei único, de nome Tsalemon, que residia na mais pequena das ilhas, e, se for preciso, o mestiço confirmar-nos-á esta particularidade.

— Demais, — continuou o capitão Len Guy —, como pode muito bem ter acontecido que o terremoto não abrangesse na sua destruição o grupo referido e que este seja habitado, devemos nos acautelar ao nos aproximarmos do ponto respectivo...

— Que não deve ficar distante — acrescentei. — E, além disso, capitão, quem sabe se seu irmão e os marinheiros se não refugiaram em alguma dessas ilhas?

Eventualidade admissível, porém pouco tranquilizadora, em suma, porquanto aquela pobre gente teria caído de novo nas mãos dos selvagens, de quem se haviam livrado durante a sua estada em Tsalal. E depois, para os recolher, caso lhes tivessem poupado a vida, não se veria obrigada a «Halbrane» a proceder pela força, e seria bem sucedida na sua tentativa?

— Jem — prosseguiu o capitão Len Guy —, mantemos de oito a nove milhas e, dentro de algumas horas, decerto se avistará terra. Dá ordem de vigiar com cuidado.

— Já dei, capitão.

— Está algum homem no ninho-de-pegas?

— O próprio Dirk Peters, que se ofereceu.

— Bem, Jem, pode-se confiar na sua vigilância.

— E também nos seus olhos — acrescentei eu —, pois é dotado duma vista prodigiosa!

Continuou a escuna correndo para oeste até às dez horas, sem que a voz do mestiço se fizesse ouvir. De modo que eu perguntava de mim para mim se com estas ilhas sucederia o mesmo que sucedeu com as Auroras e as Glass, as quais em vão procuramos entre as Falklands e a New Georgia. Na superfície das águas não emergia nenhuma tumescência, não

se desenhava nenhum lineamento no horizonte. Acaso seriam de relevo pouco levantado e só a uma ou duas milhas se avistariam?

Além disso, a viração caiu por maneira apreciável durante a manhã. A escuna até descaiu mais do que nós queríamos, por efeito da corrente do sul. Por fortuna, o vento voltou pelas duas horas da tarde, e Jem West orientou-se de modo a recuperar o que o abatimento lhe fizera perder.

Durante duas horas a «Halbrane» conservou a proa nesta direção, com um andamento de sete a oito milhas, e não apareceu ao largo a menor eminência.

— Não é crível que estejamos fora da situação das ilhas — disse-me o capitão Len Guy —, por isso que, segundo Arthur Pym, Tsalal pertence a um grupo muito importante...

— Ele não diz tê-las visto nunca enquanto a «Jane» esteve fundeada — fiz eu notar.

— Tem razão, Sr. Jeorling. Porém, como eu não avalio em menos de cinquenta milhas o caminho que a «Halbrane» tem percorrido desde pela manhã, e como se trata de ilhas muito próximas umas das outras...

— Nesse caso, capitão, forçoso seria concluir — o que não é inverossímil — que o grupo a que pertencia Tsalal desapareceu por completo com o terremoto...

— Terra pela amurada de estibordo! — gritou Dirk Peters.

Todos os olhares se dirigiram para este lado, sem distinguir nada à superfície das águas. Verdade é que, postado no tope do mastro do traquete, o mestiço pôde enxergar o que não era ainda visível para nenhum de nós. Enfim, dado o poder da sua vista, o seu hábito de interrogar os horizontes largos, eu não admitia que se tivesse enganado.

Efetivamente, um quarto de hora depois, os nossos óculos de alcance permitiram-nos distinguir alguns ilhotes espalhados à superfície das águas, toda listrada pelos oblíquos raios do Sol, e a uma distância de duas ou três milhas para oeste.

O piloto mandou caçar os sobres e a «Halbrane» conservou-se com a brigantina, traquete e bujarrona.

Conviria, desde já, preparar-se para resistir, dispor as armas no convés, carregar os pedreiros, estender as redes de abordagem? Antes de adotar tais medidas de prudência, o capitão Len Guy julgou poder, sem grande risco, chegar-se mais à terra.

Como se operara a transformação? Ali, onde Arthur Pym dizia existirem ilhas espaçosas, apenas se divisava diminuta quantidade de ilhotas — meia dúzia, quando muito — que emergiam com oito a dez toesas.

Neste momento, o mestiço, que se deixara escorregar pelo brandal de estibordo abaixo, saltou para o convés.

— Dize lá, Dirk Peters, reconheceste o grupo? — perguntou-lhe o capitão Len Guy.

— O grupo? — respondeu o mestiço, abanando a cabeça. — Não... apenas vi cinco ou seis cabeças de ilhotas. Ali só há penedos... Ilhas, nem uma única!

Efetivamente, alguns píncaros, ou, antes, alguns pináculos arredondados, eis quanto restava do arquipélago — pelo menos da parte ocidental. Era possível, contudo, se o círculo abrangia muitos graus, que o terremoto só tivesse destruído as ilhas de oeste.

Fazíamos, pois, intenção de verificar isto, logo que tivéssemos visitado cada um dos ilhotes e determinado em que data remota ou recente se dera o abalo sísmico de que Tsalal apresentava vestígios indiscutíveis.

À medida que a escuna se ia aproximando, podiam-se reconhecer, sem custo, os restos do

grupo, quase destruído de todo na parte ocidental. A superfície dos ilhotes maiores não excedia cinquenta a sessenta toesas quadradas, e a dos mais pequenos apenas compreendia três ou quatro. Estes últimos formavam uma sementeira de cachopos, que franjava a branda ressaca do mar.

Percebe-se que a «Halbrane» não devia de nenhum modo aventurar-se por entre estes recifes, que lhe poriam em risco o costado e a quilha. Limitar-se-ia a tornejar o âmbito, a fim de verificar se a absorção do arquipélago fora completa.

Seria, no entanto, necessário desembarcar em alguns pontos, onde talvez houvesse quaisquer indícios a colher.

Chegado a uma dezena de amarras do ilhote principal, o capitão Len Guy mandou deitar a sonda. Encontrou-se fundo a vinte braças — fundo que devia ser o solo duma ilha imergida, cuja parte central se erguia acima do nível do mar cinco a seis toesas.

Aproximou-se ainda mais a escuna e, com cinco braças de água, largou ferro.

Pensava Jem West em pôr-se de capa durante o tempo que se gastasse na exploração do ilhote.

Porém, com a força da corrente, que impelia para o sul, a escuna entraria de descair. Mais valia, pois, fundear nas proximidades do grupo. O mar aí apenas marulhava, e o cariz do céu não deixava prever nenhuma mudança atmosférica.

Logo que a âncora agarrou, uma das embarcações recebeu o capitão Len Guy, o bossman, Dirk Peters, Martim Holt, dois homens e eu.

Separava-nos um quarto de milha do primeiro ilhote, distância que depressa se venceu por entre estreitos canaletes. Os cabeços da penedia cobriam-se e descobriam-se com a ampla oscilação das ondas. Varridos, lavados e tornados a lavar, não podiam ter conservado nenhum testemunho que permitisse determinar a data do terremoto. A este respeito, repito, sabe-se que não havia dúvidas em o nosso espírito.

O escaler meteu-se pela penedia. Dirk Peters, de pé, com a cana do leme entre os joelhos, procurava evitar as arestas dos recifes, que em vários pontos apareciam à superfície.

A água, transparente e calma, deixava ver, não um fundo de areia semeado de conchas, mas sim massas enegrecidas, tapetadas de vegetais terrestres, maciços de plantas, que não pertencem à flora marinha, e algumas das quais flutuavam à tona de água.

Isto era já uma prova de que o solo que lhes dera origem abatera recentemente.

Quando a embarcação chegou ao ilhote, um dos homens largou a fateixa, cujas unhas encontraram uma fenda. E, logo que se alou a amarra por mão, efetuou-se o desembarque sem dificuldade.

Jazia, pois, neste sítio uma das grandes ilhas do grupo, atualmente reduzida a um oval irregular, que media cento e cinquenta toesas de circunferência e cujo bojo se elevava a vinte e cinco ou trinta pés acima do nível do mar.

— Acaso as marés chegam a subir a esta altura? — perguntei eu ao capitão Len Guy.

— Nunca — respondeu-me ele — e talvez que descubramos, no centro deste ilhote, alguns vestígios do reino vegetal, restos de habitações ou de acampamento.

— O melhor que há a fazer — sugeriu o bossman — é seguir Dirk Peters, que já se distanciou de nós. O raio do mestiço é capaz de ver com os seus olhos de lince o que nós não distinguiríamos!

Num instante, estávamos todos no ponto culminante do ilhote.

Não faltavam ali despojos — provavelmente despojos dos animais domésticos a que se refere o diário de Arthur Pym—, aves de capoeira de diversas castas, patos cau-wass-back, porcos de espécie comum, cuja pele encarquilhada era cheia de sedas negras. No entanto — note-se a particularidade —, havia entre estas ossadas e as da ilha Tsalal a seguinte diferença de formação: aqui, o amontoamento datava apenas de alguns meses, quando muito. Isto, pois, concordava com a época recente do terremoto calculada por nós. Além disso, por toda a parte verdejavam pés de aipo e de cocleárias, ramalhetes de florinhas ainda frescas.

— E que são deste ano! — exclamei. — Não passou por elas nenhum inverno austral.

— Sou da mesma opinião, Sr. Jeorling — declarou Hurliguerly. — Mas não poderia dar-se o caso de elas abrirem ali depois do grande desmembramento do grupo?

— Isso parece-me inadmissível — respondi eu, como quem não quer desistir da sua ideia.

Também vegetavam em vários sítios alguns magros arbustos, espécie de aveléiras bravas, de que Dirk Peters arrancou um galho cheio de seiva.

Do mencionado galho pendiam avelãs, semelhantes àquelas que ele e o companheiro tinham comido por ocasião de ficarem entaipados entre as fendas da colina de Klock-Klock e no fundo dos antros hieroglíficos, de que já não encontramos vestígios na ilha Tsalal.

Dirk Peters tirou de dentro da respectiva polpa verde algumas daquelas avelãs, e fê-las estalar entre os rijos dentes, que triturariam balas de ferro.

Feitas estas verificações, não podia subsistir nenhuma dúvida acerca da data do cataclismo, posterior à partida de Patterson. Não era, portanto, ao mesmo cataclismo que se devia atribuir o aniquilamento desta parte da população tsalalesa, cujas ossadas juncavam as vizinhanças do povoado. Quanto ao capitão William Guy e aos cinco marinheiros da «Jane», parecia-nos demonstrado que puderam fugir a tempo, por isso que se não encontrou na ilha o corpo de nenhum deles.

Mas onde teriam tido possibilidade de se refugiar, depois de abandonarem Tsalal?

Era este o ponto de interrogação que se apresentava sem cessar perante o nosso espírito; mas que resposta obteria? Em minha opinião, contudo, não era o mais extraordinário de todos quantos surgiam a cada linha desta história!

Não temos de insistir mais a respeito da exploração do grupo, a qual demandou trinta e seis horas, por isso que a escuna teve de percorrê-lo em redor. À superfície destes diversos ilhotes notaram-se os mesmos indícios — plantas e despojos — que conduziram às mesmas conclusões. A propósito das perturbações de que estas paragens foram teatro, o capitão Len Guy, o piloto, o bossman e eu estávamos de perfeito acordo no tocante à completa destruição dos indígenas. A «Halbrane» já não tinha a temer nenhuma acometida, o que merecia ser tido em consideração.

Devíamos agora concluir que William Guy e os cinco marinheiros, depois de terem alcançado uma destas ilhas, houvessem perecido na submersão dos arquipélagos?

Eis aqui, a tal respeito, o raciocínio que o capitão Len Guy acabou por aceitar: — Em minha opinião — disse eu —, e para ser breve, o desabamento artificial da colina de Klock-Klock poupou alguns dos homens da «Jane» — pelo menos sete, incluindo Patterson — além do cão Tigre, cujos restos encontramos perto da povoação. Depois, passado algum tempo, quando ocorreu a destruição duma parte da população tsalalesa em consequência duma causa que eu ignoro, os indígenas que não sucumbiram deixaram Tsalal e refugiaram-se nas outras ilhas do grupo. Vendo-se sós, perfeitamente seguros, o capitão William Guy e os

companheiros puderam com facilidade viver ali, onde viviam antes deles muitos milhares de selvagens. Decorreram anos — dez a onze anos — sem que conseguissem sair da sua clausura, ainda que o tivessem tentado, não duvido, quer com uma das embarcações indígenas, quer com um bote construído por suas próprias mãos. Finalmente, há cerca de sete meses, depois do desaparecimento de Patterson, um tremor de terra convulsionou a ilha Tsalal e subverteu as ilhas vizinhas. Foi então, segundo a minha opinião, que

William Guy e os seus, não a julgando já habitável, tiveram de embarcar, com o fim de regressar ao círculo antártico. É muito possível que esta tentativa não fosse bem sucedida, e, demais a mais, sob a ação duma corrente que impelia para o sul, por que motivo não haviam de alcançar as terras avistadas por Dirk Peters e Arthur Pym, para além de oitenta e quatro graus de latitude? É, pois, nesta direção, capitão, que convém aproar a «Halbrane». Só transpondo mais dois ou três paralelos é que teremos alguma probabilidade de os encontrar. Este é o escopo, e qual de nós não sacrificará a própria vida para atingi-lo?

— Deus nos guie, Sr. Jeorling! — respondeu o capitão Len Guy.

E, mais tarde, quando a sós com o bossman, este entendeu dever dizer-me:

— Escutei-o com atenção, Sr. Jeorling, e, confesso, quase me convenceu...

— Há-de acabar por se convencer de todo, Hurliguerly.

— Quando?

— Mais cedo talvez do que pensa!

No dia seguinte, 29 de Dezembro, logo às seis horas da manhã, a escuna aparelhou e, desta vez, fez-se de vela diretamente para o sul, com vento fraco do nordeste.

CAPÍTULO IV

DE 29 DE DEZEMBRO A 9 DE JANEIRO

Durante a manhã, com o volume de Edgar Poe diante dos olhos, reli atentamente o capítulo vigésimo quinto. Refere-se aí que, quando os indígenas quiseram persegui-los, os dois fugitivos, acompanhados do selvagem Nu-Nu, estavam já a cinco ou seis milhas ao largo da baía. Das seis ou sete ilhas agrupadas a oeste, acabavam de reconhecer que apenas restavam alguns vestígios sob a forma de ilhotes.

O que principalmente nos interessava, no mencionado capítulo, são as linhas que temos o maior empenho em transcrever: «Vindos do norte, na «Jane» — para atingir a ilha Tsalal, havíamos deixado atrás de nós as regiões mais ásperas de gelo, e, ainda que isso possa parecer um desmentido absoluto às noções geralmente aceitas acerca do oceano Antártico, era contudo um fato que a experiência nos não permitia negar. De modo que, procurar — agora — volver para o norte seria loucura, mormente num período tão adiantado da estação. Um só caminho parecia estar aberto à esperança. Decidimo-nos a navegar resolutamente para o sul, onde havia para nós algumas probabilidades de descobrir outras ilhas, e onde era possível que encontrássemos um clima cada vez mais ameno...»

Assim discorrera Arthur Pym, assim o devíamos fazer a fortior. Pois bem, fora a 29 de Fevereiro — o ano de 1828 foi bissexto — que os fugitivos se encontraram no oceano «imenso e ermo» para além do paralelo de oitenta e quatro graus. Ora nós estávamos apenas em Dezembro. A «Halbrane» tinha um avanço de dois meses sobre a embarcação que fugiu da ilha Tsalal, já ameaçada pela aproximação do comprido inverno dos polos. Além disso, a nossa escuna, bem aprovisionada, bem dirigida, bem tripulada, inspirava mais confiança que a embarcação de Arthur Pym, um bote com cavername de vime, com cinquenta pés de

comprimento por quatro a seis de largura, e que levava apenas três tartarugas para sustento de três homens.

Eu tinha pois grande esperança no bom êxito desta segunda parte da nossa viagem.

Durante a manhã, os últimos ilhotes do arquipélago desapareceram no horizonte. O mar apresentava-se tal qual o observáramos desde o ilhote Bennet — sem um único bocado de gelo—, o que se explica porquanto a temperatura da água marcava quarenta e três graus (6,11 acima de zero). A corrente, muito acentuada, quatro a cinco milhas por hora, seguia do norte para o sul com regularidade constante.

Bandos de aves animavam o espaço, invariavelmente as mesmas espécies, maçaricos, pelicanos, procelárias e albatrozes. Devo todavia confessar que estes últimos não apresentavam as dimensões gigantescas referidas no diário de Arthur Pym, e nenhuma soltava o sempiterno téké-li-li, que, além disso, parecia ser o termo mais usado da linguagem tsalalesa.

Durante os dois dias que se seguiram não houve nenhum incidente a relatar. Não se avistou terra nem aparência dela.

A gente de bordo fez frutuosas pescas nestas águas, onde pululavam pargos, bacalhaus, raias, congros, toninhas de cor azulada e outras espécies de peixes. As aptidões combinadas de Hurliguerly e de Endicott variaram agradavelmente as refeições da camarinha e do posto da marinhagem, e penso que convinha conceder igual quinhão aos dois amigos nesta colaboração culinária.

No dia seguinte, 1 de Janeiro de 1840 — que também foi ano bissexto—, uma tênue neblina toldou o sol durante as primeiras horas, mas nós não concluimos que isso fosse prenúncio de mudança atmosférica.

Havia então quatro meses e dezessete dias que eu saíra das Kerguelen, e dois meses e cinco dias que a «Halbrane» largara das Falklands.

Quanto duraria esta viagem? Não era isto que me preocupava, porém sim, o saber até onde é que nos levaria pelas paragens antárticas.

Devo reconhecer que se manifestou uma certa modificação no modo de proceder do mestiço para comigo — senão para com o capitão Len Guy e gente da marinhagem. Tendo, sem dúvida, compreendido que eu me interessava pela sorte de Arthur Pym, ele procurava-me, e, para empregar uma expressão vulgar, «nós entendíamo-nos» sem que fosse necessário trocar uma só palavra. Algumas vezes, contudo, renunciava, junto de mim, ao seu habitual mutismo. Quando o serviço o não reclamava, vinha logo para o pé do banco em que eu costumava sentar-me, atrás do tombadilho. Por três ou quatro vezes fizeram-se entre nós algumas tentativas de conversação. Porém, assim que o capitão Len Guy, o piloto ou o bossman se aproximavam de nós, afastava-se.

Nesse dia, por volta das dez horas, estava Jem West de quarto e o capitão Len Guy encerrado no seu camarote, o mestiço seguiu pé ante pé pela coxia do tombadilho com intenção manifesta de conversar, e, a respeito de que assunto, adivinha-se sem custo.

Logo que chegou junto do banco, disse-lhe eu, a fim de entrar diretamente na matéria: — Dirk Peters, quer que falemos a respeito dele?

As pupilas do mestiço chamejaram como uma brasa à qual se acaba de soprar.

— Ele! — murmurou.

— Dirk Peters tem-se conservado fiel à sua memória!

— Esquecê-lo... senhor? Nunca!

— Ele está sempre ali... na sua presença...

— Sempre! Compreende o que quero dizer... Tantos perigos que ambos nós corremos! Isto faz de nós dois irmãos, não! Pai e filho! Sim! Eu o quero como meu filho! Temos estado tão longe... muito longe... ele... porque não voltou! Viram-me a mim na América, a mim... porém Pym... o pobre Pym... esse ainda lá está!

Os olhos do mestiço umedeceram-se de abundantes lágrimas. E como se não vaporizariam elas com a ardente chama que cintilava neles?

— Dirk Peters — perguntei-lhe eu —, não tem nenhuma ideia do caminho que seguiu com Arthur Pym, a bordo do bote, depois que saíram da ilha Tsalal?

— Nenhuma, senhor! O pobre Pym já não tinha instrumentos... Sabe... coisas de marinha... para ver o Sol... Não se podia saber... Assim, pois, durante oito dias, a corrente impeliu-nos para o sul... e o vento também. Viração branda e mar calmo... Dois remos colocados na amurada em guisa de mastro... e as nossas camisas fazendo de vela...

— Bem sei — respondi —, camisas de tecido branco, cuja cor muito amedrontou o prisioneiro Nu-Nu.

— Pode ser... Não dei por isso... Mas, se Pym o disse, é forçoso acreditar-lo!

Eu estava inteirado de que alguns dos fenômenos descritos no diário trazido para os Estados Unidos pelo mestiço não pareciam ter-lhe atraído a atenção. Por isso, apeguei-me à ideia de que esses fenômenos só deviam ter existido numa imaginação desmedidamente sobre excitada. No entanto, querendo apertar com mais insistência Dirk Peters a tal respeito, prossegui: — E, durante os oito dias, puderam alimentar-se?

— Sim, senhor... e nos dias que se seguiram... nós e o selvagem... Sabe... as três tartarugas que estavam a bordo... Estes animais contêm uma provisão de água doce... e a carne é boa... até mesmo crua... Oh! a carne crua... senhor!

Ao pronunciar estas últimas palavras, Dirk Peters, baixando a voz como se receasse ser ouvido, deitou um rápido olhar em redor de si.

De modo que esta alma estremecia sempre ao recordar-se das inolvidáveis cenas do «Grampus»! Não se pode fazer ideia da medonha expressão que se pintara no rosto do mestiço quando falou em carne crua! Não era a expressão dum canibal da Austrália ou das Novas Hébridas, mas sim a de um homem que sente invencível horror a si mesmo!

Decorrido um silêncio bastante longo, reconduzi a conversação para o seu fim.

— Não foi no 1º de Março, Dirk Peters — perguntei —, que, segundo a narrativa do seu companheiro, avistaram, pela primeira vez, um amplo véu de vapor cinzento, cortado de raios luminosos e vacilantes?

— Isso não sei... senhor! Mas, se Pym o disse, forçoso é acreditar no que disse Pym!

— Ele nunca lhe falou de raios de fogo que caíam do céu? — prossegui, não querendo servir-me do termo «aurora», que o mestiço talvez não compreendesse.

Voltava eu, pois, à hipótese de que estes fenômenos podiam ser devidos à intensidade das influências elétricas, tão poderosas nas altas latitudes, admitindo que realmente se tivessem dado.

— Nunca... senhor — disse Dirk Peters, não sem ter refletido antes de responder à minha pergunta.

— Não reparou, também, que a cor do mar mudava... que ele perdia a transparência... que

se tornava branco... que parecia de leite... que a superfície se turvava em redor da embarcação...

— Se assim foi... senhor... não sei... Compreende o que quero dizer... Eu já não tinha consciência das coisas...

O bote ia seguindo... seguindo... e a minha cabeça acompanhava-o...

— E também, Dirk Peters, uma poeira muito fina que caía... fina como cinza... como cinza branca...

— Não me lembro...

— Acaso não seria neve?

— Neve? Sim... não!... Estava calor... Que diz Pym? É forçoso acreditar no que disse Pym! Compreendi, portanto, que a respeito de tais fatos inverossímeis não obteria nenhuma explicação, se eu continuasse a interrogar o mestiço. Supondo que ele tivesse observado as coisas sobrenaturais, relatadas nos últimos capítulos da narrativa, já não as tinha de memória.

E depois, a meia voz: — Mas Pym contará tudo isso... senhor... Ele sabe... Eu não sei... Ele viu... e o senhor acreditará...

— Acredito, Dirk Peters, sim... hei de acreditar nele — respondi, para não desgostar o mestiço.

— E, demais, havemos de ir em sua procura, não é verdade?

— Assim o espero...

— Depois de encontrarmos William Guy e os marinheiros da «Jane»?

— Sim... Depois.

— E ainda mesmo que os não encontremos?

— Até nesse caso, Dirk Peters... Penso que decidirá o nosso capitão...

— Que não recusará auxílio a um homem... a um homem como ele...

— Não... não recusará! E, contudo — acrescentei —, se William Guy e os seus estão vivos, pode admitir-se que Arthur Pym...

— Vivo? Sim! Vivo! — exclamou o mestiço. — Pela alma de meus pais... está... e esperame... o meu pobre Pym! E que grande alegria terá quando se lançar nos braços do seu velho Dirk, e eu também... quando o vir...

E o amplo peito de Dirk Peters arfava como um mar encapelado. Depois retirou-se, deixando-me entregue a uma inexprimível comoção, tamanha era a ternura que eu sabia existir no coração deste semi-selvagem pelo seu desventurado companheiro... por aquele a quem ele chamava filho!

Não cessou a escuna de avançar para o sul durante os dias 2, 3 e 4 de Janeiro, sem marcar nenhuma terra. No horizonte, sempre a linha perimétrica que se desenhava ao fundo do mar e do céu.

O homem do ninho-de-pega não avistou continente nem ilhas nesta parte da Antártica. Dever-se-ia desconfiar da asserção de Dirk Peters relativamente às terras vislumbradas? As ilusões de óptica são tão frequentes nas regiões hiperaustrais!

— Verdade é que — fiz eu notar ao capitão Len Guy —, desde que saiu da ilha Tsalal, Arthur Pym já não tinha instrumentos para tomar a altura...

— Sei isso, Sr. Jeorling, e é muito possível que se encontrem as terras a este ou a oeste do nosso itinerário. O que é para lamentar é que Arthur Pym e Dirk Peters não houvessem ali desembarcado. Já não teríamos dúvidas acerca da sua existência, bastante problemática —

parece-me —, e acabaríamos por descobri-las.

— Descobriremos nós, capitão, seguindo mais alguns graus para o sul.

— Pois sim; porém, pergunto a mim mesmo, Sr. Jeorling, se não seria preferível explorar as paragens compreendidas entre os meridianos quadragésimo e quadragésimo quinto...

— Temos o tempo contado — respondi com vivacidade —, e seriam outros tantos dias perdidos, porquanto ainda não atingimos a latitude onde os dois fugitivos se separaram um do outro.

— E qual é essa latitude, Sr. Jeorling, faz favor de me dizer? Não a encontro indicada na narrativa, e, por isso, torna-se impossível calculá-la.

— Isso é certo, capitão, como também é certo que a embarcação devia ter sido arrastada para muito longe de Tsalal, se se der crédito à seguinte passagem do último capítulo. E, de fato, o mencionado capítulo continha estas linhas: «Continuamos a nossa derrota, sem nenhum incidente de importância, durante talvez sete ou oito dias; e neste espaço de tempo devíamos ter vencido uma distância enorme, por isso que o vento era sempre de feição, e porque a violência da corrente nos impelia sem cessar na direção que desejávamos seguir.»

O capitão Len Guy conhecia esta passagem, por a ter lido frequentes vezes.

— Está escrito «uma distância enorme» — acrescentei — e era apenas no 1º de Março. Ora, a viagem prolongou-se até 22 do dito mês, e, conforme refere em seguida Arthur Pym, «o bote corria sempre para o sul, sob a influência duma poderosa corrente e de medonha velocidade» — são estas as suas próprias expressões. Pode-se, pois, capitão, concluir daqui...

— Que ele foi até o polo, Sr. Jeorling?

— E por que não, visto que, a partir da ilha Tsalal, apenas estava distante de lá quatrocentas milhas?

— Afinal de contas, pouco importa! — respondeu o capitão Len Guy. — Não é à procura de Arthur Pym que levamos a «Halbrane», é à de meu irmão e dos seus companheiros. O que se trata, pois, de saber é se eles puderam abicar às terras vislumbradas.

Neste ponto especial, tinha razão o capitão Len Guy.

De sorte que eu estava sempre receando que ele desse ordem de aproar a este ou a oeste. Como, porém, o mestiço afirmava que a sua embarcação seguira para o sul, que as terras de que falava estavam situadas nesta direção, não se modificou o rumo da escuna. O que decerto me desesperaria é que se não mantivesse no itinerário de Arthur Pym. Demais, tinha eu a convicção de que, se as aludidas terras existiam, encontrar-se-iam em latitudes mais altas.

Não é indiferente referir que se não manifestou nenhum fenómeno extraordinário no decurso desta navegação, desde 5 a 6 de Janeiro. Nada vimos da barreira de vapores vacilantes, nem da alteração das camadas superiores do mar. Quanto ao excessivo calor da água, que era tal «que a mão não podia suportá-lo», tinha de se lhe dar um grande desconto. A temperatura não excedia cinquenta graus (10 C. acima de zero), elevação já de si anormal nesta parte da zona antártica. E, se bem que Dirk Peters não cessasse de repetir-me: «É forçoso acreditar no que disse Pym!», a minha razão impunha-se a si mesma uma extrema reserva acerca da realidade destes fatos sobrenaturais. De modo que nem se viu nenhum véu nevoento, nem aparência leitosa das águas, nem o calor de poeira branca.

Fora também nestas paragens que os dois fugitivos avistaram um dos tais enormes animais brancos, que tanto medo causaram aos insulares de Tsalal. Em que condições passaram esses monstros à vista da embarcação? É o que a narrativa se esqueceu de referir. Quanto ao mais,

mamíferos marinhos, aves gigantescas, temíveis carniceiros das regiões polares, não se encontrou um só na derrota da «Halbrane».

Devo acrescentar que ninguém a bordo experimentava a singular influência de que fala Arthur Pym: o entorpecimento do corpo e do espírito, indolência repentina, que tornavam incapaz do menor esforço físico.

E poder-se-á talvez explicar que fosse por este estado patológico e fisiológico que ele julgou ver tais fenômenos, devidos unicamente a alguma perturbação das faculdades mentais?

Finalmente, a 7 de Janeiro — segundo Dirk Peters, que só o podia calcular pelo tempo decorrido —, éramos chegados ao sítio em que o selvagem Nu-Nu, estendido no fundo do bote, exalara o último suspiro. Dois meses e meio mais tarde, em data de 22 de Março, termina o diário desta extraordinária viagem. Era então que flutuavam densas trevas, atenuadas pela claridade das águas, que refletiam o véu de vapores brancos estendido no céu...

Pois bem, a «Halbrane» não foi testemunha de nenhum desses estupendos prodígios, e o Sol, inclinando a sua espiral alongada, iluminava sempre o horizonte.

E bom foi que o espaço não mergulhasse na escuridão, pois seria impossível tomar a altura.

Nesse dia, 9 de Janeiro, uma rigorosa observação deu — porque a longitude continuava a ser a mesma, entre o quadragésimo segundo e o quadragésimo terceiro meridiano —, deu, dizia eu, 86 graus 33 de latitude.

Foi neste sítio, a dar crédito às recordações do mestiço, que se efetuou a separação dos dois fugitivos, depois do embate do bote e do bloco de gelo.

Ocorria, porém, uma pergunta. Visto que este bloco, arrastando Dirk Peters, descaíra para o norte, acaso estaria sujeito à ação de uma outra corrente?

Decerto assim devia ser, porquanto, havia dois dias, a nossa escuna já não sentia a influência daquela a que obedecera ao deixar a ilha Tsalal. E porque nos havemos de admirar disso se tudo é tão variável nestes mares austrais? Por fortuna, mantinha-se a viração de nordeste, e a «Halbrane», com todo o pano, continuava singrando para mais altas paragens, com um avanço de três graus sobre a «Jane». Quanto às terras — ilhas ou continente — que o capitão Len Guy procurava à superfície deste imenso mar, não aparecia nenhuma. Eu bem percebia que ele ia perdendo a pouco e pouco a confiança, já bastante abalada depois de tantas investigações infrutíferas.

Pela minha parte, estava obcecado pelo desejo de recolher Arthur Pym e também os sobreviventes da «Jane». E, contudo, como acreditar que ele conseguira sobreviver? Sim! Sei isso! Era ideia fixa do mestiço que o encontraria ainda vivo!

E se o nosso capitão tivesse dado ordem de voltar para trás, não sei a que excessos Dirk Peters chegaria! Era talvez mais fácil deitar-se ao mar do que regressar para o norte! E é por isso que, quando ele ouviu a maioria dos marujos protestar contra esta navegação insensata, falar em virar em roda, tive sempre receio de que se entregasse a alguma violência, sobretudo contra Hearne, que excitava pela calada os seus camaradas das Falklands a insubordinarem-se!

Convinha, todavia, não deixar introduzir a indisciplina e o desalento a bordo. Por conseguinte, naquele dia, desejando levantar os ânimos, o capitão Len Guy, a pedido meu, fez reunir a tripulação junto do mastro grande e falou-lhe nestes termos: — Marinheiros da

«Halbrane», desde que largamos da ilha Tsalal, a escuna avançou dois graus para o sul, e, por isso, participo-lhes que, conforme o compromisso firmado pelo Sr. Jeorling, já têm direito a quatro mil dólares, isto é, dois mil dólares por grau, quantia esta que será satisfeita no fim da viagem.

Houve, como era natural, alguns murmúrios de satisfação; mas não se ouviram hurras, a não ser os que soltaram, Sem encontrar eco, o bossman Hurliguerly e o cozinheiro Endicott.

CAPÍTULO V

UMA GUINADA

Ainda mesmo que os antigos da tripulação se juntassem ao bossman e ao mestre-cuco, ao capitão Len Guy, a Jem West e a mim para continuar a viagem, se os modernos se decidissem a regressar, não teríamos força para o impedir. Catorze homens, incluindo Dirk Peters, contra dezenove, era insuficiente. E, demais, seria acertado contar com todos os antigos de bordo? O pavor não os tolheria de navegar por estas regiões que parecem estar fora do domínio terrestre? Resistiriam às incessantes excitações de Hearne e dos camaradas? Não se uniriam a estes, a fim de exigir o regresso para o banco de gelo?

E, para dizer tudo quanto penso, o próprio capitão Len Guy não se aborreceria de prolongar uma viagem que não dava nenhum resultado? Não renunciaria depressa à derradeira esperança de salvar nestas longínquas paragens os marinheiros da «Jane»?

Ameaçado pela aproximação do inverno austral, pelos frios insuportáveis, pelas tempestades polares a que a escuna não resistiria, não daria por fim ordem de virar de bordo? E que peso poderiam ter os meus argumentos, as minhas adjurações, os meus rogos, quando fosse eu só a apresentá-los?

Eu só? Não! Dirk Peters ajudar-me-ia... Mas a ele e a mim, quem é que daria ouvidos?

Se o capitão Len Guy, com o coração dilacerado pela ideia de abandonar o irmão e os seus compatriotas, resistia ainda, eu percebia que ele devia estar no auge do desalento. A escuna, contudo, não se desviara da linha reta desde a ilha Tsalal. Parecia estar ligada por uma espécie de magnete submarino à longitude da «Jane», ou, melhor ainda, ao céu, donde não conseguiam afastá-la nem as correntes nem os ventos!

Contra estas forças da Natureza seria necessário ceder, ao passo que as inquietações nascidas do receio pode-se tentar lutar contra elas.

Devo ainda mencionar uma circunstância que favorecia o caminho para o sul. Depois de ter abrandado durante alguns dias, a corrente fez-se sentir de novo com uma velocidade de três a quatro milhas por hora. Evidentemente, como o capitão Len Guy me fez notar, ela dominava neste mar, embora fosse desviada ou refluída, de quando em quando, por contracorrentes muito difíceis de indicar com alguma exatidão nas cartas marítimas.

Por desgracia, o que não podíamos determinar, mas que seria deveras para desejar, era saber se a embarcação que levara William Guy e os seus para o largo de Tsalal experimentara a influência destas ou daquela. É preciso não esquecer que a sua ação devia ter sido superior à do vento sobre um bote sem velame como todos os dos insulares, que são movidos a remos.

Seja como for e na parte que nos toca, estas duas forças naturais combinavam-se para arrastar a «Halbrane» aos confins da zona polar.

Assim sucedeu a 10, 11 e 12 de Janeiro. Não houve nenhuma particularidade a registrar, a não ser um certo abaixamento produzido no estado termométrico. A temperatura do ar chegou a quarenta e oito graus (8,89 C. acima de zero) e a da água a trinta e três (0,56 C. acima de

zero).

Que desvio entre as cotas marcadas por Arthur Pym, então que o calor das águas era tal — a dar-lhe crédito — que a mão não podia suportá-lo!

Em suma, estávamos apenas na segunda semana de Janeiro.

Deviam ainda decorrer dois meses antes que o Inverno pusesse em movimento os icebergs, formasse os ice-fields e os drifts, consolidasse as enormes massas do banco de gelo, solidificasse as planícies líquidas da Antártica. Em todo o caso, o que se deve ter como certo é a existência de um mar livre durante a estação estival, num espaço compreendido entre os paralelos de setenta e dois e de oitenta e sete graus.

O mencionado mar foi percorrido, em latitudes diferentes, pelos navios de Weddell, pela «Jane» e pela «Halbrane». Por que razão pois, neste ponto de vista, devia ser menos privilegiado o domínio austral que o domínio boreal?

A 13 de Janeiro, o bossman e eu tivemos uma conversação de molde a justificar as minhas apreensões a respeito da importuna atitude da maruja.

Estavam almoçando à proa, exceto Drap e Stern, neste momento de quarto. A escuna fendia as águas com vento fresco e todo o pano. Francisco, ao leme, governava para su-sueste de maneira a seguir em cheio.

Eu passeava entre o traquete e o mastro grande, mirando os bandos de aves, que soltavam estríduos pios, e algumas das quais, as procelárias, vinham com frequência empoleirar-se no lais das vergas. Não se procurava apanhá-las nem matá-las.

Seria uma crueldade inútil, porquanto a sua carne, oleosa e dura, não é comestível.

Neste momento aproximou-se de mim Hurliguerly, que, depois de ter olhado para aquelas aves, me disse:

— Noto uma coisa, Sr. Jeorling...

— O que é, bossman?

— É que os voláteis já não voam para o sul tão diretamente como voavam até aqui. Alguns dispõem-se a seguir para o norte.

— Também reparei nisso, Hurliguerly.

— Digo mais, Sr. Jeorling: aqueles que estão lá para diante não tardarão a regressar.

— E que conclui daí?

— Concluo que sentem estar próxima a chegada do Inverno...

— Do Inverno?

— Certamente.

— Isso é um erro, bossman, pois a elevação da temperatura é tal que essas aves não podem cuidar no regresso tão prematuro para regiões menos frias.

— Oh! prematuro, Sr. Jeorling...

— Venha cá, bossman. Acaso não sabemos que os navegadores têm podido sempre frequentar as paragens antárticas até ao mês de Março?

— Mas não nesta latitude — respondeu Hurliguerly —, mas não nesta latitude! E, além disso, há invernos temporãos, do mesmo modo que há estios temporãos. O Verão, este ano, adiantou-se dois meses bem puxados, e é de reear que o Inverno chegue mais cedo que de costume.

— Pode muito bem ser — admiti. — Mas, no fim de contas, pouco importa, por isso que a nossa viagem decerto tocará o seu termo antes de três semanas...

— Se primeiro não surgir algum obstáculo, Sr. Jeorling.

— Qual?

— Por exemplo, um continente que se erguesse ao sul e nos vedasse o caminho.

— Um continente, Hurliguerly?

— Creia que me não admiraria disso, Sr. Jeorling.

— E, com efeito, não era coisa para admirar — repliquei.

— Quanto às terras avistadas por Dirk Peters — prosseguiu Hurliguerly — e nas quais os homens da «Jane» teriam podido refugiar-se, nisso é que eu não creio.

— Por quê?

— Porque William Guy, que apenas disporia duma embarcação de diminutas dimensões, não podia engolfar-se tão longe nestes mares.

— Eu não me pronuncio de modo tão afirmativo, bossman.

— Contudo, Sr. Jeorling...

— E que haveria de surpreendente — exclamei — em ter William Guy aportado a qualquer parte sob a ação das correntes? A bordo do bote é que não teria estado por oito meses, suponho eu! Os companheiros e ele podiam desembarcar numa ilha ou num continente, o que é motivo sobejo para não abandonarmos as nossas investigações.

— Sem dúvida... mas, na tripulação, nem todos são desse parecer — declarou Hurliguerly, abanando a cabeça.

— Sei isso, bossman, e é o que mais me preocupa. Acaso tem aumentado a má disposição da maruja?

— Receio que sim, Sr. Jeorling. A satisfação de ter ganho algumas dezenas de dólares é já menor, e a perspectiva de ganhar algumas centenas mais não impede as recriminações. O prêmio, todavia, é sedutor! Desde a ilha Tsalal até ao polo, admitindo que se pode chegar lá, temos seis graus... Ora, seis graus a dois mil dólares cada um, faz uma dúzia de mil dólares para trinta homens, isto é, quatrocentos dólares por cabeça! Uma bonita quantia a meter na algibeira quando a «Halbrane» regressar! Mas, não obstante, o maldito Hearne desinquieta de tal forma os camaradas, que os vejo prestes a largar barcos e redes, como se costuma dizer!

— Por parte dos novatos, de acordo, bossman... Porém, os antigos...

— Ui! Também os há, uns três ou quatro, que começam a refletir... e que estão inquietos por verem que a viagem se prolonga.

— Penso que o capitão Len Guy e o piloto saberão fazer-se obedecer.

— Vê-lo-emos, Sr. Jeorling! E não pode acontecer que o próprio capitão desanime... que o sentimento da sua responsabilidade prevaleça... e que renuncie ao prosseguimento desta expedição?

Sim! Era exatamente o que eu temia, e para isso não havia remédio nenhum.

— Quanto ao meu amigo Endicott, Sr. Jeorling, respondo por ele como por mim. Iríamos ao fim do mundo, admitindo que o mundo tem fim, se o capitão lá quisesse ir. Verdade é que nós dois, Dirk Peters e o senhor, é pouco para impor a lei aos outros!

— E que se diz do mestiço? — perguntei.

— Palavra de honra, é a ele sobretudo que a nossa gente parece acusar do prolongamento da viagem! Se é certo que o Sr. Jeorling tem uma quota-parte nisso, o cabeçudo do Dirk Peters, entretanto, teima em sustentar que o seu pobre Pym vive ainda... quando ele está afogado, ou esmagado... enfim, morto de qualquer maneira há onze anos!

A minha opinião também me não deixava discutir com o mestiço a tal respeito.

— Ora olhe, Sr. Jeorling — prosseguiu o bossman —, no começo da travessia Dirk Peters despertou alguma curiosidade. Depois inspirou interesse quando salvou Martim Holt... Mas nem por isso se mostrou mais familiar nem mais falador do que antes. O urso não saiu da toca! Agora, porém, sabe-se quem ele é... e, palavra, isso não o tornou mais simpático! Em todo o caso, foi por falar numas terras situadas ao sul da ilha Tsalal que decidi o nosso capitão a impelir a escuna nesta direção, e se ela já transpôs o octogésimo sexto grau de latitude é a ele que se deve...

— Estou de acordo, bossman.

— De modo que, Sr. Jeorling, ando sempre receoso de que tentem maltratá-lo!

— Dirk Peters defender-se-ia, e eu teria muita pena de quem ousasse tocar-lhe com a ponta de um dedo.

— De acordo, Sr. Jeorling, de acordo. Não seria das melhores coisas o ser agarrado por aquelas mãos, que vergariam varões de ferro! Contudo, sendo todos contra ele, acabar-se-ia por segurá-lo, suponho eu, e metê-lo no fundo do porão...

— Nós, enfim, não chegaremos a esse ponto, assim o espero, e conto com Hurliguerly para prevenir qualquer tentativa contra Dirk Peters... Converse com a sua gente... Faça-lhes compreender que têm tempo de voltar para as Falklands antes de findar o Verão... Não convém que as recriminações deles forneçam pretexto ao capitão para virar de bordo antes de se ter chegado ao fim.

— Conte comigo, Sr. Jeorling! Hei-de servi-lo... com vento e alheta...

— E não se há-de arrepender, Hurliguerly! Nada mais fácil do que acrescentar uma cifra aos quatrocentos dólares que serão dados a cada homem por grau, se esse homem for mais que um simples marinheiro... embora desempenhe as funções de bossman a bordo da «Halbrane»!

Era isto tocar no fraco deste original, e eu estava seguro do seu apoio. Sim! Ele faria tudo para frustrar as maquinações de uns, estimular o ânimo dos outros e vingar Dirk Peters.

Conseguiria ele impedir que a revolta rebentasse a bordo?

Não ocorreu nada de notável durante os dias 13 e 14. Apenas houve um novo abaixamento de temperatura. Foi o que me fez ver o capitão Len Guy, mostrando-me os numerosos bandos de aves, que não cessavam de elevar-se na direção do norte.

Enquanto ele me falava, eu percebia que as suas derradeiras esperanças não tardariam a extinguir-se. E porque nos havemos de admirar disso? Da terra indicada pelo mestiço não se via nada, e nós já estávamos a mais de cento e oitenta milhas da ilha Tsalal. Em todos os rumos da agulha, só havia mar — apenas o mar imenso com o horizonte deserto, para onde se aproximava o disco solar desde 21 de Dezembro, e pelo qual passaria em 21 de Março, para desaparecer durante os seis meses da noite austral! Em boa fé, poder-se-ia admitir que

William Guy e os seus cinco companheiros tivessem transposto uma tal distância numa frágil embarcação e que houvesse uma probabilidade contra cem de chegar a recolhê-los?

A 15 de Janeiro, uma observação, rigorosamente feita, deu 43 graus 13 de longitude e 88 graus 17 de latitude. A «Halbrane» estava apenas a menos de três graus do polo — menos cento e vinte milhas marítimas.

Não procurou o capitão Len Guy ocultar o resultado desta observação, e os marinheiros estavam bastante familiarizados com os cálculos da navegação para não a compreenderem. Demais, se se tratasse de explicar-lhes as consequências, acaso não tinham os mestres Martim

Holt e Hardie? E também lá não estava Hearne para as exagerar até ao absurdo?

Durante a tarde, pois, não pude pôr em dúvida que o sealing-master manobrou de modo a sobre excitar os ânimos. Os marujos, agrupados junto do mastro de traquete, falavam em voz baixa, olhando-nos com maus olhos. Formavam-se conciliábulos.

Dois ou três marinheiros, voltados para a proa, não disfarçavam os gestos de ameaça. Numa palavra, a algazarra chegou a ponto que Jem West nem sequer podia fazer-se ouvir. E gritou:

— Silêncio!

E, avançando para a frente: — O primeiro que abrir a boca — disse com rudeza — terá de entender-se comigo!

Quanto ao capitão Len Guy, estava no seu camarote. Mas a cada instante eu esperava que ele saísse de lá, e, depois de deitar a última vista de olhos pelo largo, não duvidava de que desse ordem de virar de bordo.

Contudo, no dia seguinte, a escuna seguia ainda a mesma direção. O homem do leme conservava sempre a proa ao sul. Por desgraça — circunstância um tanto grave —, começava a levantar-se alguma neblina ao largo.

Eu já não podia, confesso, iludir-me. Aumentavam as minhas apreensões.

Era manifesto que o piloto apenas aguardava ordem de desandar o leme. Embora o capitão Len Guy tivesse com isso desgosto de morte — eu percebia-o de sobejo —, não tardaria a dar essa ordem...

Havia alguns dias que eu não via o mestiço, ou, pelo menos, não tinha trocado uma palavra comigo. Evidentemente de quarentena, logo que aparecia no convés, afastavam-se dele. Se se encostava a bombordo, a tripulação ia para estibordo.

O bossman era o único que, fingindo que se não retirava, lhe dirigia a palavra. Verdade é que as suas perguntas ficavam quase sempre sem resposta.

Devo, todavia, dizer que Dirk Peters não se inquietava com semelhante estado de coisas. Absorvido em seus obsedantes pensamentos, talvez que não desse por isso. Repito, se ele ouvisse Jem West gritar: «Proa ao norte!», não sei a que atos de violência se entregaria!

E, visto que parecia evitar-me, perguntei de mim para mim se isso não proviria dum certo sentimento de reserva, e «para me não comprometer mais».

Contudo, a 17, pela tarde, o mestiço manifestou vontade de me falar, e nunca... não! nunca eu poderia imaginar o que ia ficar sabendo.

Eram quase duas horas e meia.

Um tanto fatigado, mal disposto, acabava eu de entrar no meu camarote, cuja vidraça lateral estava aberta, enquanto a de ré se conservava fechada, quando bateram levemente à porta, que dava para o xadrez do tombadilho.

— Quem está aí? — disse eu.

— Dirk Peters.

— Deseja falar-me?

— Desejo.

— Eu saio já...

— Se fizesse favor... eu preferia... Posso entrar para o camarote?

— Entre.

O mestiço empurrou a porta e fechou-a.

Sem me levantar do beliche onde estava estendido, fiz-lhe sinal para que se sentasse na cadeira.

Dirk Peters ficou de pé. Como se não apressasse a usar a palavra, acanhado conforme o seu costume, perguntei-lhe: — Que quer, Dirk Peters?

— Quero dizer-lhe uma coisa... Não sei se me faço entender... senhor... pois parece-me conveniente que o saiba... e será o único a sabê-lo! Entre a tripulação... que nunca possam suspeitar de tal...

— Se é coisa grave e se receia qualquer indiscrição, Dirk Peters, por que motivo me vem falar?

— Sim... é preciso... sim!... É preciso! Não posso guardar isto! Pesa-me... aqui... aqui... como um rochedo!

E Dirk Peters batia com força no peito. Depois, prosseguindo: — Sim... estou sempre com medo de que isto me escape durante o sono... e que ouçam... pois sonho com isto... e em sonhando...

— Sonha — perguntei eu — e com quê?

— Com ele... com ele... E é por isso... que durmo pelos cantos... sozinho... com medo que saibam o seu verdadeiro nome...

Tive então o pressentimento de que o mestiço ia talvez responder a uma pergunta que eu ainda lhe não tinha feito — pergunta relativa ao ponto que ficara obscuro no meu espírito: por que razão é que, depois de ter saído de Illinois, viera viver nas Falklands sob o nome de Hunt?

Logo que lhe fiz esta pergunta, replicou-me: — Não é isso... não... não é isso que eu quero...

— Insisto, Dirk Peters, e desejo saber primeiro o motivo por que se não deixou ficar na América, a razão por que escolheu as Falklands...

— Por que razão... senhor? Porque eu queria aproximar-me de Pym... do meu pobre Pym... porque esperava encontrar nas Falklands ensejo de embarcar num baleeiro com destino ao mar austral...

— Mas esse nome de Hunt?

— Eu já não queria o meu... não!... já o não queria... por causa do caso do «Grampus»!

O mestiço acabava de aludir à cena do sorteio, a bordo do brigue americano, quando se resolveu entre Augustus Barnard, Arthur Pym, Dirk Peters e o marinheiro Parker, que um dos quatro seria sacrificado... que serviria de alimento aos três restantes. Lembrei-me da resistência pertinaz de Arthur Pym, e de como foi obrigado a não recusar «a sua anuência à tragédia que se ia desempenhar com ardor — é esta a sua própria frase —, ato horrível cuja lembrança cruel devia envenenar a existência de todos os sobreviventes...»

Sim! O sorteio, lascazinhas de madeira de diferentes tamanhos, que Arthur Pym tinha na mão... A mais pequena indicava o que havia de ser imolado... E fala da espécie de involuntária ferocidade que teve de enganar os companheiros, de «batotear» — é o termo de que se serve... Porém não o fez, e pede perdão de ter tido semelhante ideia! Coloque-se qualquer numa situação igual à dele!

Depois, decide-se, e põe a mão sobre os quatro bocadinhos de madeira. Dirk Peters foi o primeiro que tirou... A sorte favoreceu-o. Já não tem nada a temer.

Calcula Arthur Pym existir agora mais uma probabilidade contra si.

Chega a vez de Augustus Barnard tirar... Este também fica salvo!

As probabilidades tornam-se pois iguais para Arthur Pym e Parker.

Neste momento, toda a ferocidade do tigre se apoderara de sua alma... Sente contra o pobre camarada, seu semelhante, o mais intenso e diabólico ódio...

Decorreram cinco minutos primeiro que Parker se atrevesse a tirar... Finalmente, Arthur Pym, com os olhos fechados, saber se a sorte fora ou não a seu favor, sente outra mão agarrar a sua...

Era a mão de Dirk Peters... Arthur Pym acabava de escapar à morte!

Chegados a este ponto, o mestiço precipita-se sobre Parker e derruba-o com uma pancada nas costas. Segue-se depois a medonha refeição — imediatamente — e «as palavras não têm a virtude suficiente para ferir o espírito com o perfeito horror da realidade!»

Sim! Conheço esta medonha história, que não é imaginária, como por muito tempo supus. Eis aqui, pois, o que se passou a bordo do «Grampus», a 16 de Julho de 1827, e era por isso que em vão eu procurava compreender a razão por que Dirk Peters acabava de me lembrar tal história.

Não tardaria que o soubesse.

— Ora, pois, Dirk Peters — disse eu —, sempre lhe perguntarei, visto que tratava de ocultar o nome, o motivo por que o revelou, quando a «Halbrane» estava fundeada na ilha Tsalal... a razão por que não conservou o de Hunt?

— Senhor... não sei se me faço entender... Hesitava-se em ir mais longe... queria-se regressar... Estava decidido... e então pensei... sim!... que dizendo quem eu era... Dirk Peters... mestre cordoeiro do «Grampus»... companheiro do pobre Pym... me escutariam... acreditariam, como eu, que ele ainda está vivo... iriam à sua procura... E, contudo... era grave... confessar que eu era Dirk Peters... aquele que matou Parker... Mas a fome... a fome devoradora...

— Ora vejamos, Dirk Peters — prossegui —, está exagerando. Se a sorte o escolhesse, era a você que sucederia o que sucedeu a Parker! Não se pode considerar como crime...

— Senhor... não sei se me faço entender! Porventura a família de Parker falará como o senhor está falando?

— A família? Tinha parentes?

— Tinha... e é por isso que... na narrativa... Pym trocou o nome... Parker não se chamava Parker... Chamava-se...

— Pym teve razão — respondi —, e, pela minha parte, não quero saber o verdadeiro nome de Parker! Guarde esse segredo...

— Não... direi ao senhor... Faz-me grande peso... e talvez que isso me alivie... logo que eu lhe disser... Sr. Jeorling...

— Não... Dirk Peters... Não!

— Ele chamava-se Holt... Ned Holt...

— Holt! — exclamei. — Holt... o mesmo sobrenome do mestre veleiro...

— Que é seu irmão direto, senhor...

— Martim Holt... irmão de Ned?

— Sim! Não sei se me faço entender... seu irmão...

— Mas ele acha que Ned Holt morreu como os demais no naufrágio do «Grampus»...

— Pois não é assim... e se ele soubesse que eu...

Exatamente neste instante, uma violenta sacudidela atirou-me abaixo do beliche.

A escuna acabava de dar a borda de estibordo por modo tal que esteve a ponto de soçobrar.

E ouvi uma voz irritada gritando: — Quem é o cão que está ao leme?

Era a voz de Jem West, e aquele a quem ele assim interrogava era Hearne. Saí do camarote.

— Então tu largaste o leme? — repetia Jem West, que segurava Hearne pela gola da camisola.

— Piloto... não sei...

— Sim... digo-te eu! Por força que o largaste, e por pouco a escuna não foi a pique!

Era evidente que Hearne — por um motivo qualquer — abandonara o leme por um momento.

— Graciano — gritou Jem West, chamando um dos marinheiros —, toma conta do leme, e tu, Hearne, para o fundo do porão!

De repente ressoou o grito de «Terra!», e todos os olhares se dirigiram para o sul.

CAPÍTULO VI

TERRA?

Tal é a única palavra que se encontra na cabeça do capítulo XVII no livro de Edgar Poe. Julguei conveniente — pospondo-lhe um ponto de interrogação — colocá-la na cabeça deste capítulo vi da minha narrativa.

A referida palavra, caída do topo do mastro de traquete, designaria uma ilha ou um continente? E, continente ou ilha, não seria, porventura, uma decepção que nos esperava? Acaso estariam ali aqueles que vínhamos procurar em semelhantes latitudes? E Arthur Pym — morto, inquestionavelmente morto, não obstante as afirmações de Dirk Peters — haveria quiçá desembarcado nesta terra?

Quando aquele grito ecoou a bordo da «Jane», a 17 de Janeiro de 1828 —, dia cheio de incidentes, diz o diário de Arthur Pym —, foi nos seguintes termos:

«Terra pela serviola de estibordo!»

E o mesmo se podia ter dado a bordo da «Halbrane».

Efetivamente, desenhavam-se da mesma banda alguns contornos, ao de leve marcados acima da linha do céu e do mar.

Verdade é que a tal terra, assim anunciada à maruja da «Jane», era o ilhote Bennet, árido, deserto, que apareceu a menos de um grau ao sul da ilha Tsalal, então fértil, habitável, habitada, e na qual o capitão Len Guy esperava encontrar os seus compatriotas. Mas o que seria, para a nossa escuna, essa terra desconhecida, cinco graus mais afastada nas profundezas do mar austral? Seria o limite tão ardentemente desejado, tão obstinadamente procurado? Acaso aí cairiam os dois irmãos William e Len Guy nos braços um do outro?

Chegaria, porventura, a «Halbrane» ao termo duma viagem cujo bom êxito seria definitivamente assegurado pela repatriação dos sobreviventes da «Jane»?

Repito, dava-se comigo o mesmo que com o mestiço. O nosso fim não era somente esse fim — nem esse bom êxito, o nosso êxito.

No entanto, já que se apresentava uma terra a nossos olhos, forçoso era abicá-la primeiro... Depois veríamos.

O que antes de tudo devo mencionar é que o mesmo grito ocasionou uma diversão

imediatamente. Eu já não pensava na confiança que Dirk Peters acabara de fazer-me — e de que talvez o mestiço se esquecesse, pois correu para a proa e não despregou a vista do horizonte.

Quanto a Jem West, a quem nada distraía do serviço, reiterou as suas ordens. Graciano acabava de ir para o leme e Hearne foi metido no porão. Justo castigo, em suma, contra o qual ninguém deveria protestar, por isso que a falta de cuidado ou a imperícia de Hearne comprometera a escuna um instante. Cinco ou seis marujos das Falklands, todavia, deixaram escapar alguns murmúrios.

Fê-los calar um gesto de Jem West, e voltaram logo a seus postos.

Escusado é dizer que, ao grito da vigia, o capitão Len Guy saíra do camarote, e, com os olhos chamejantes, observava a aludida terra, então distante dez a doze milhas.

Não pensei mais, dizia eu, no segredo que Dirk Peters acabava de confiar-me. Além disso, enquanto esse segredo ficasse entre nós dois — e nem ele nem eu o trairíamos — nada havia a recear. Mas se, por um infeliz acaso, Martim Holt viesse a saber que o nome do seu irmão fora trocado pelo de Parker... que o desventurado não morreu no naufrágio do «Grampus»... que, escolhido pela sorte, havia sido sacrificado para impedir que os companheiros sucumbissem à fome... que Dirk Peters, a quem o mesmo Martim Holt devia a vida, o derrubara por suas próprias mãos! E eis aqui está, pois, a razão por que o mestiço se esquivara obstinadamente aos agradecimentos de Martim Holt... porque fugia de Martim Holt... irmão do homem com quem se repimpara...

O bossman acabava de tanger três horas. A escuna seguia com a prudência exigida pela navegação nestas paragens desconhecidas. Talvez que houvesse baixios, recifes ao lume de águas, onde se corria o risco de bater ou despedaçar-se. Um encalhe, nas condições em que se encontrava a «Halbrane», dando de barato que pudesse ser posta a nado, tornaria impossível o seu regresso antes de vir o Inverno. Era forçoso ter todas as probabilidades a favor e nenhuma contra.

Fora dada ordem por Jem West para diminuir o pano. E o bossman mandou ferrar o joanete, gávea e sobres, ficando a «Halbrane» com a vela grande, traquete latino e velas de estai — pano suficiente para transpor em algumas horas a distância que a separava da terra.

O capitão Len Guy mandou logo deitar a sonda, que acusou cento e vinte braças de profundidade. Várias outras sondagens indicaram que a costa, muito aprumada, devia prolongar-se sob as águas por uma muralha a pique. Como, porém, podia dar-se o caso de o fundo se erguer bruscamente, em vez de se nivelar com o litoral numa rampa prolongada, não se caminhou para a frente sem o prumo na mão.

Continuava o bom tempo, ainda que o céu se apresentasse levemente nublado de sueste para sudoeste. Havia, pois, certa dificuldade em reconhecer os vagos traços que se desenhavam no céu como um vapor flutuante, desaparecendo e reaparecendo entre os rasgões da neblina. Estávamos, contudo, de acordo atribuindo à aludida terra uma altura de vinte e cinco a trinta toesas, pelo menos, no ponto mais elevado.

Não! Não se podia admitir que fôssemos vítimas duma ilusão, e, todavia, o nosso espírito arreceava-se disso. E, demais, não é natural que o coração seja assaltado de mil apreensões à aproximação do fim supremo? Tantas esperanças depositadas nesse litoral apenas entrevisto resultariam outros tantos desalentos, se não fosse mais que um fantasma, que uma sombra impalpável! Ao pensar nisto, turbava-se-me o cérebro, tinha alucinações. Parecia-me que a «Halbrane» se amesquinhasse, que se reduzia às dimensões dum bote perdido nesta imensidade

— o contrário do mar indefinido de que fala Edgar Poe, onde o navio se avolumava... se avolumava como um corpo vivo...

Quando os mapas marítimos, até mesmo simples roteiros, informam acerca da hidrografia das costas, natureza dos ancoradouros, baías ou calhetas, pode-se navegar com certa afoiteza. Noutra região qualquer, sem que se considerasse temeridade, um capitão não deixaria para o dia seguinte a ordem para fundear perto da praia. Aqui, porém, a prudência impunha-se! E contudo, em nossa frente, não havia nenhum obstáculo. Além disso, a atmosfera não devia perder nada da sua limpidez durante as ensolhadas horas da noite. Nesta época, o astro radioso ainda se não ocultava sob o horizonte de oeste, e os seus raios banhavam de incessante luz o vasto domínio da Antártica.

O livro de bordo consignava, a partir desta data, que a temperatura não cessara de experimentar um abaixamento contínuo. O termômetro, exposto ao ar e à sombra, apenas marcava trinta e dois graus (0 C.). Mergulhado na água, indicava só vinte e seis (3,33 C. abaixo de zero). Donde provinha este abaixamento, visto estarmos em pleno verão antártico?

Seja como for, a maruja teve de envergar vestuário de lã, que já não usava depois que transpusera o banco de gelo, havia um mês. Verdade é que a escuna seguia no sentido da viração, toda a um largo, o que não deixava sentir tanto estas ameaças de frio. Compreende-se, todavia, o ser necessário dar-se pressa em atingir o fim. O demorar-se nesta região, expor-se aos perigos da invernia, seria provocar a cólera divina.

Frequentes vezes fez o capitão Len Guy verificar a direção da corrente, largando pesados prumos, e reconheceu que começava a haver desvio.

— Que seja um continente que se estende diante de nós, ou uma ilha — disse ele —, nada por enquanto nos permite afirmar. Se for um continente, devemos concluir daí que a corrente encontra saída para o sul...

— E, com efeito, é possível — respondi eu — que esta parte sólida da Antártica esteja reduzida a uma simples calota polar, cujos bordos poderemos contornar. Em todo o caso, convém registrar as observações idênticas a estas, pois terão uma certa exatidão.

— É o que eu faço, Sr. Jeorling, e recolheremos assim grande cópia de informações acerca desta porção do mar austral, as quais poderão ser úteis aos futuros navegadores.

— Se alguém houver que se aventure até aqui, capitão! Para o conseguir, foi mister que nos ajudassem circunstâncias singulares, a precocidade da estação estival, temperatura superior à normal e desagregação rápida dos gelos. Em vinte anos... em cinquenta anos... acaso se oferecem tais circunstâncias uma só vez?

— É por isso que, Sr. Jeorling, graças à Providência, me voltou uma leve esperança. Visto que o tempo tem estado constantemente belo, por que motivo meus compatriotas não haviam de desembarcar nesta costa, para onde os trariam ventos e correntes? O que a nossa escuna fez podia tê-lo feito a sua embarcação. Eles não deviam ter partido sem se munirem de mantimentos para uma viagem que podia prolongar-se indefinidamente. Por que razão não haviam, pois, de encontrar ali os recursos que a ilha Tsalal lhes proporcionou durante dilatados anos? Tinham munições e armas... O peixe abunda nestas paragens e a caça aquática também... Sim! O meu coração está cheio de esperança e oxalá que eu viva algumas horas mais!

Sem participar de toda a confiança do capitão Len Guy, sentia-me ditoso por ele ter recobrado o ânimo. Podia ser que, se as suas investigações fossem bem sucedidas, eu

conseguisse continuá-las, no interesse de Arthur Pym, até no interior da aludida terra, da qual já não estávamos distantes.

A «Halbrane» seguia lentamente pela superfície destas límpidas águas, em que abundavam peixes pertencentes às espécies já encontradas. Apresentavam-se em maior número as aves marinhas, que não pareciam muito amedrontadas, voando em redor da mastreação ou empoleirando-se nas vergas. Vários cordões esbranquiçados, de cinco a seis pés de comprido, foram apanhados a bordo. Eram verdadeiros rosários de milhões de contas, formados por uma aglomeração de moluscozinhos de cores brilhantes.

As baleias, emplumadas com as espadanas que jorravam das aberturas, apareciam ao largo, e notei que todas elas seguiam o caminho do sul. Havia, pois, razão para admitir que o mar se estendia nesta direção.

A escuna venceu duas a três milhas, sem procurar aumentar o andamento. A referida costa, que se via pela vez primeira, desenvolvia-se de nordeste para sueste? Não havia dúvidas a este respeito. Os óculos, contudo, não puderam descobrir nenhuma particularidade — ainda mesmo depois de três horas de navegação.

A marujada, reunida no castelo de proa, mirava sem deixar perceber as suas impressões. Jem West, depois de ter trepado aos vaus do traquete, onde se conservara em observação durante dez minutos, nada pôde apurar de preciso.

Postado a bombordo, à ré do tombadilho, encostado à amurada, eu seguia com a vista a linha do céu e do mar, cujo circuito apenas se interrompia do lado de este.

Neste momento, o bossman abeirou-se de mim, e, sem mais preliminares, disse: — Dá-me licença que lhe dê o meu parecer, Sr. Jeorling?

— Pode dizer, bossman, com a condição, porém, de que o não adotarei, se me não parecer justo — respondi eu.

— Mas é, e, quanto mais nos aproximamos, mais necessário se nos torna conformarmo-nos com ele, a não ser que se seja cego.

— E qual é esse parecer?

— É que não é terra que temos diante de nós, Sr. Jeorling.

— Que está dizendo... bossman?

— Repare bem... pondo um dedo diante dos olhos... veja... pela serviola de estibordo...

Fiz o que Hurliguerly pedia.

— Vê? — prosseguiu ele. — Assim eu perca a gana de beber o meu penacho de uísque em como aqueles vultos se movem, não em relação à escuna, mas em relação a si mesmos...

— E que conclui daí?

— Que são icebergs em movimento.

— Icebergs?...

— Seguramente, Sr. Jeorling.

Não se enganaria o bossman? Acaso seria uma surpresa que nos aguardava? Em vez de costa, não haveria porventura ao largo apenas montanhas de gelo descaindo?

Depressa deixou de haver qualquer hesitação a este respeito, e, passados alguns instantes, a tripulação já não acreditava na existência de terra nesta direção.

Dez minutos depois, o homem do ninho-de-pega anunciava que vários icebergs desciam do noroeste, obliquamente ao rumo da «Halbrane».

Que deplorável efeito esta nova produziu a bordo!

Acabava de desfazer-se subitamente a nossa derradeira esperança! E que golpe para o capitão Len Guy! A terra da zona austral era forçoso procurá-la em mais altas latitudes, sem sequer ter a certeza de chegar a encontrá-la! Foi então que um atroador grito, quase unânime, ecoou a bordo da «Halbrane»: — Virar! Virar!

Sim, os contratados nas Falklands manifestaram a sua vontade, exigindo o regresso, ainda que Hearne não estivesse ali para atizar a indisciplina, e, devo confessar, a maioria dos antigos da tripulação parecia estar de acordo com eles.

Jem West, não se atrevendo a impor-lhes silêncio, aguardou as ordens do seu chefe.

Graciano, ao leme, estava pronto a dar uma volta com a roda, ao passo que os camaradas, postados às obras, se dispunham a largar as escotas.

Dirk Peters, encostado ao mastro de traquete, cabisbaixo, encolhido, a boca contraída, estava imóvel, e os seus lábios não proferiam uma única palavra.

Mas eis que se volta para mim, e me deita um olhar — um olhar em que transparecia um misto de súplica e cólera!

Não sei que irresistível poder me levou a intervir pessoalmente, a protestar mais uma vez! Acabava de apresentar-se ao meu espírito um argumento supremo — argumento cujo valor não podia ser contestado. Usei, pois, da palavra, resolvido a sustentá-la perante todos e contra todos, e fi-lo com um tal acento de convicção que ninguém tentou interromper-me.

Em substância, eu disse isto: — Não! Não se pode perder toda a esperança! A terra não deve estar longe! Em nossa frente não pode haver bancos, que só se formam em pleno oceano pela acumulação dos gelos. Aquilo são icebergs, e esses icebergs desprenderam-se necessariamente duma base sólida, dum continente ou duma ilha. Ora, visto que é nesta época do ano que começa a desagregação, há muito pouco tempo que flutuam. Atrás deles devemos encontrar a costa em que se formaram. Mais vinte e quatro horas, quarenta e oito no máximo, e, se se não descobrir terra, o capitão Len Guy aproará para o norte!

Teria eu convencido a marujada, ou deveria procurar consegui-lo com o engodo duma gratificação, aproveitando a ausência de Hearne, que não podia comunicar com os camaradas, nem excitá-los, nem dizer-lhes que mais uma vez eram enganados, nem repetir-lhes que isto seria arrastar a escuna à sua perda?

Foi o bossman quem veio em meu auxílio, e, com ar de satisfação, disse: — Isso é que é discorrer, e, pela minha parte, submeto-me à opinião do Sr. Jeorling. Com certeza que a terra está próxima. Procurando-a para além daqueles icebergs, descobri-la-emos sem grandes fadigas nem grandes perigos. Um grau para o sul, que é isso, quando se trata de meter na algibeira mais uma centena de dólares? E não esqueçamos que tão agradáveis são quando entram como quando saem!

O cozinheiro Endicott também ajudou o seu amigo bossman.

— Sim... são bons... os dólares! — exclamou, mostrando duas fiadas de dentes duma brancura resplandecente.

Render-se-ia a marujada aos argumentos de Hurliguerly, ou tentaria resistir se a «Halbrane» metesse em direção aos icebergs?

O capitão Len Guy tornou a pegar no óculo, assestou-o para os vultos móveis, observou-os com grande atenção, e, em voz forte, gritou:

— Proa a su-sudeste!

Jem West deu ordem de executar a manobra. A marujada hesitou um instante. Depois,

reduzidos à obediência, começaram a bracear as vergas, a retesar as escotas, e a escuna, com o pano mais cheio, retomou andamento.

Quando terminou a operação, aproximei-me de Hurliguerly, e, chamando-o de parte, disse-lhe:

— Obrigado, bossman.

— Eh! Sr. Jeorling, desta vez ainda passou — respondeu abanando a cabeça. — Mas é preciso não continuar a esticar tanto a adriça! Eles se virariam todos contra mim... até o próprio Endicott.

— Eu não avancei nada que pelo menos não seja provável — repliquei com vivacidade.

— Estou por isso, e a coisa pode sustentar-se com alguma verossimilhança.

— Sim... Hurliguerly, sim... eu disse o que penso, e não ponho em dúvida que acabaremos por ver terra para além dos icebergs...

— É possível, Sr. Jeorling, é possível! Contanto que apareça antes de dois dias, pois, palavra de bossman, ninguém nos impedirá de virar de bordo!

Durante as vinte e quatro horas que se seguiram, a «Halbrane» navegava para su-sueste. Verdade é que a sua direção devia ser modificada com frequência e o andamento reduzido por entre os gelos. A navegação tornou-se muito difícil logo que a escuna se meteu pela linha dos icebergs, que era forçoso cortar obliquamente. Quanto ao mais, não havia nenhum dos packs, nem drifts, que pejam as imediações do banco de gelo no paralelo sessenta e dois, nem tão-pouco a confusão que se nota nas paragens do círculo polar, açoitadas pelas tempestades antárticas. As enormes massas descaíam com majestosa lentidão. Os blocos pareciam «novos em folha», para empregar uma expressão muito rigorosa, e quem sabe se a sua formação não dataria de alguns dias? No entanto, como tinham de cem a cento e cinquenta pés de altura, o seu volume podia calcular-se em milhares de toneladas. Evitar as colisões era o que Jem West procurava com cuidado, e não abandonou o convés um só instante.

Por meio dos canaletes que os icebergs formavam entre si, em vão procurei distinguir indícios de terra, cuja orientação obrigava a escuna a aproar mais diretamente ao sul... mas não enxerguei nada que me prendesse a atenção.

Até agora, porém, o capitão Len Guy pôde sempre considerar exatas as indicações da bússola. O polo magnético, distante ainda muitos centos de milhas, porquanto a sua longitude é oriental, não exercia nenhuma influência na agulha. O ponteiro, em vez das variações de seis a sete rumos, que o entontecem nas vizinhanças do referido polo, conservava a sua estabilidade e podia-se confiar nele.

Portanto, e a despeito da minha convicção, que se baseava contudo em argumentos muito poderosos, não havia a menor aparência de terras, e eu perguntava de mim para mim se não seria conveniente aproar mais a oeste, para afastar livremente a «Halbrane» do ponto extremo em que se cruzam os meridianos do Globo.

À medida, pois, que decorriam as horas, de que me concederam quarenta e oito, os ânimos recaíam a pouco e pouco no desalento — era manifesto — e tendiam para a indisciplina. Dia e meio mais, e já me não seria possível combater este desfalecimento geral... A escuna retrocederia definitivamente para o norte.

Manobrava silenciosa a maruja, quando Jem West, em poucas palavras, deu ordem de evolucionar por entre os canaletes, ora orçando com rapidez, para evitar qualquer colisão, ora arribando quase a beijar com vento em popa. Não obstante, todavia, uma vigilância contínua,

apesar da destreza da maruja e pronta execução das manobras, davam-se, de vez em vez, perigosas roçadelas contra o casco, que deixava, após a sua passagem, longos traços de alcatrão nas arestas dos icebergs. E, em verdade, o mais afoito não podia furtar-se a um sentimento de terror ao pensar que o cintado podia despregar-se e fazer água...

É preciso notar que a base destas montanhas flutuantes era muito a prumo. Seria impraticável um desembarque. De modo que não divisávamos focas, em geral tão numerosas nas paragens onde abundam os ice-fields, nem sequer nenhum desses pinguins gritadores, que a «Halbrane» outrora fazia mergulhar às miríades no seu caminho. As próprias aves pareciam ser mais raras e mais fugitivas. Destas regiões desoladas e desertas resumava uma impressão de angústia e de horror a que nenhum de nós conseguira subtrair-se. Como se havia, pois, de conservar a esperança de que os sobreviventes da «Jane», se tivessem sido arrastados para o meio destas medonhas solidões, encontrariam aí abrigo e modo de assegurar a sua existência?

E, se a «Halbrane» viesse a soçobrar, restaria porventura uma única testemunha do seu naufrágio?

Pôde-se observar que, desde a véspera, a partir do momento em que a direção do sul fora abandonada para cortar a linha dos icebergs, se operara uma mudança na atitude habitual do mestiço. O mais das vezes acorçado, levantava-se somente para ajudar a alguma manobra, sem dedicar ao trabalho nem o zelo nem o cuidado de outrora. Era, falando verdade, um descoroçoado. Não que ele tivesse renunciado à crença de que o seu companheiro da «Jane» estava ainda vivo... Tal pensamento não podia gerar-se em seu cérebro. Mas, por instinto, percebia que não era seguindo esta direção que encontraria vestígios do pobre Pym!

— Senhor — teria dito —, não sei se me faço entender... não é por aí... não... não é por aí! E que haveria eu de responder-lhe?

Pelas sete horas da tarde, levantou-se uma neblina bastante densa, que ia tornar difícil e perigosa a navegação da escuna enquanto durasse.

Este dia de comoções, de ansiedades, de alternativas, que reapareciam incessantemente, prostrara-me... Voltei, pois, para o camarote e deitei-me todo vestido no beliche.

O sono não me chegava, sob a importunidade dos perturbadores pensamentos da minha imaginação, outrora tão tranquila e tão excitada agora. Quero crer que a leitura constante das obras de Edgar Poe, e neste meio extraordinário onde os seus heróis viveram, exercera em mim uma influência que me passara despercebida.

Era no dia seguinte que terminavam as quarenta e oito horas, derradeira esmola concedida pela tripulação a instâncias minhas. — Isto não corre como se deseja! — disse o bossman quando entrava para o tombadilho.

Não, decerto, porquanto a terra não se mostrara por detrás da flotilha dos icebergs. E como se não avistava nenhum indício de costa por entre as massas móveis, o capitão Len Guy aproaria amanhã ao norte...

Ah! E não ser eu o dono da escuna! Se eu pudesse comprá-la, embora me custasse toda a minha fortuna, se estes homens fossem meus escravos, que eu levasse a chicote, nunca a «Halbrane» renunciaria a esta expedição... embora tivesse de a arrastar até o ponto axial da Antártica, acima do qual a Cruz do Sul fulge resplendente!

Fervilhavam no meu cérebro transtornado mil pensamentos, mil pesares, mil desejos! Eu queria levantar-me, e parecia que uma pesada e irresistível mão me pregava ao beliche! E tinha vontade de sair desse mesmo beliche, onde me debatia contra os pesadelos,

dormitando... deitar ao mar uma das embarcações da «Halbrane»... meter-me nela com Dirk Peters, que não hesitaria em seguir-me... e entregarmo-nos à mercê da corrente, que se dirigia para o sul...

E eu estava fazendo isso... sim! Estava a fazê-lo em sonho!

Tinha decorrido um dia... O capitão Len Guy, depois de um derradeiro olhar pelo horizonte, dera ordem de virar de bordo... Um dos escaleres vai a reboque... Previno o mestiço... Descemos sem ser percebidos... Cortamos o chicote... Enquanto a escuna segue para vante, ficamos nós pela popa, e somos levados pela corrente... E assim vamos pelo mar sempre livre... O escaler para por fim... para junto de terra... Parece-me distinguir uma espécie de esfinge, que domina a calota austral... a esfinge dos gelos. Dirijo-me para ela... Interrogo-a... Ela conta-me os segredos destas misteriosas regiões... Aparecem então em redor do mitológico monstro os fenômenos cuja realidade Arthur Pym afirmava...

Rasga-se a cortina de vapores vacilantes, zebrada de raios luminosos... E não é a figura de grandeza sobre-humana que se ergue ante meus olhos surpresos... é Arthur Pym... guarda indômito do Pólo Sul, que desfralda ao vento das altas latitudes a bandeira dos Estados Unidos da América!

Não sei se este sonho foi bruscamente interrompido, ou se se modificou ao capricho duma imaginação estonteada, tive, porém, o sentimento de que acabava de ser acordado de repente.

Parecia-me que se operava qualquer mudança no balanço da escuna, a qual, suavemente inclinada para estibordo, deslizava pela superfície deste mar tão tranquilo. E, contudo, não era balanço de bombordo a estibordo... nem de popa à proa.

Sim... positivamente, eu sentia-me arrebatado, como se o beliche fosse a barquinha dum aeróstato... como se os efeitos da gravidade se tivessem anulado em mim...

E não me enganara, pois passara do sonho à realidade.

Sobre a minha cabeça sentia o ruído de embates, cuja causa ainda desconhecia. No interior do camarote, as divisórias desviavam-se da vertical, dando a perceber que a «Halbrane» se deitava sobre o costado. Quase de repente fui atirado pelo beliche fora, e por um triz que a esquina da mesa me fendia o crânio.

Por fim levantei-me e consegui agarrar-me ao bordo da vidraça lateral, escorando-me contra a porta, que abria para o xadrez e cedeu sob os meus pés.

Neste instante, sentiram-se estalidos nos fileretes, o desconjuntar do costado de bombordo...

Houve, pois, colisão entre a escuna e uma das colossais massas flutuantes que Jem West não pudera evitar no meio da neblina?

De repente, violentas vociferações ressoaram sobre o tombadilho, à ré, depois gritos de pavor, aos quais se misturavam todas as vozes estonteadas da maruja.

Sentiu-se por fim um derradeiro abalo e a «Halbrane» ficou imóvel.

CAPÍTULO VII

O ICEBERG VIRADO

Tive de arrastar-me pelo soalho do tombadilho até chegar à porta e ir parar ao convés.

O capitão Len Guy, que já tinha saído do camarote, caminhava de joelhos, tamanha era a inclinação, e agarrou-se o melhor que pôde à mesa das escoteiras dos paveses.

Para vante, entre o castelo e o mastro do traquete, saíam algumas cabeças das dobras da vela estai do traquete, caída como uma tenda cuja adriça houvesse largado.

Aos ovéns de estibordo estavam agarrados Dirk Peters, Hardie, Martim Holt e Endicott, com a negra face embrutecida.

Era de crer que neste momento o bossman e ele cedessem de bom grado, por cinquenta por cento, as gratificações que lhes eram devidas desde o paralelo oitenta e quatro!

Chegou-se até mim um homem trepando, porquanto a inclinação do convés impedia que se estivesse de pé, pelo menos cinquenta graus.

Era Hurliguerly, que se empoleirava como um gajeiro numa verga.

Estendido ao comprido, os pés apoiados no alizar da porta, eu não receava deslizar até à extremidade da coxia.

A mão que estendi ao bossman ajudou-o a içar-se, não sem custo, até junto de mim. — Que há? — perguntei-lhe.

— Encalhamos, Sr. Jeorling!

— Estamos na costa? — exclamei.

— Uma costa faz supor que haja terra — respondeu ironicamente o bossman — e, quanto a esta, nunca existiu, a não ser na imaginação desse demo de Dirk Peters!

— Mas, enfim... que sucedeu?

— Sucedeu que um iceberg no meio da neblina, um iceberg de que se não pôde fugir...

— Um iceberg, bossman?

— Sim, senhor!... Um iceberg, que escolheu este momento para dar uma cambalhota! Ao virar-se, apanhou a «Halbrane» e atirou com ela como se fosse uma bola, e eis-nos agora aqui encalhados a uma boa centena de pés acima do nível do mar Antártico.

Poder-se-ia imaginar mais terrível desfecho à aventureira viagem da «Halbrane»! No meio destas longínquas paragens, o nosso único meio de transporte acabava de ser arrebatado do seu elemento natural por um iceberg, que o levava para uma altura de mais de cem pés! Sim! repito, que desfecho! Ser submergido na fúria duma tormenta, destruído numa acometida de selvagens, esmagado entre os gelos, tais são os perigos a que se expõe qualquer navio que se aventure pelos mares polares!

Mas que a «Halbrane» fosse erguida por uma montanha flutuante no próprio momento em que esta montanha se voltava, e que estivesse agora encalhada em cima dela, não! Isso ultrapassava os limites do verossímil!

E eu ignorava se, com os meios de que dispúnhamos, conseguiríamos fazer descer a

escuna de tal altura. E, contudo, sabia que o capitão Len Guy, o piloto e os antigos da tripulação, logo que voltassem a si, não eram gente que desanimasse, por medonha que fosse a situação. Eu não duvidava disso. Sim! Todos se empenhariam na salvação comum.

Quanto às medidas que se deviam adotar, ninguém sabia ainda quais fossem.

Com efeito, um nevoento véu, uma espécie de crepe pardacento, continuava envolvendo o iceberg. Não se via nada da sua enorme massa, a não ser a estreita anfractuosidade em que a escuna estava encravada, nem que lugar ocupava entre a flotilha, que ia descaindo para sueste.

A mais elementar prudência mandava evacuar a «Halbrane», cujo deslize podia ser determinado por qualquer abalo brusco do iceberg. E tínhamos nós a certeza de que ele retomaria definitivamente a sua posição à superfície do mar? Estava assegurada a sua estabilidade? Não se deveria contar com alguma nova reviravolta? E se por acaso a escuna resvalasse pelo espaço, qual de nós sairia são e salvo de semelhante queda, depois de mergulhar nas profundezas do abismo?

Em alguns minutos, a «Halbrane» foi abandonada pela tripulação. Cada qual procurou refúgio nos taludes, aguardando que o iceberg se libertasse do seu capuz de vapores. Os oblíquos raios solares não conseguiam rompê-lo, e apenas se percebia o disco avermelhado através deste montão de vesículas opacas que lhe empanavam o brilho. À distância de dez passos, todavia, víamo-nos uns aos outros.

Quanto à «Halbrane», apenas apresentava um vulto confuso, cuja cor escura sobressaía por modo apreciável entre a brancura dos gelos.

Ocorria então perguntar se, de todos quantos estavam no convés da escuna no momento da catástrofe, nenhum havia sido cuspidado pela borda fora, escorregado pelos pendores, atirado ao mar?

Por ordem do capitão Len Guy, os marinheiros presentes vieram aumentar o grupo onde eu estava com o piloto, o bossman e os mestres Hardie e Martin Holt.

Jem West procedeu à chamada... Cinco dos nossos homens não responderam: o marinheiro Drap, um dos antigos da tripulação, e quatro dos modernos, a saber, dois ingleses, um americano e um terra-foguense, que embarcaram nas Falklands.

De modo que esta catástrofe custava a vida a cinco dos nossos — as primeiras vítimas da expedição desde que partira de Kerguelen, e seriam porventura as últimas?

E, com efeito, não havia dúvida de que aqueles infelizes tivessem perecido, por isso que os chamavam em vão, em vão os procuravam sobre os flancos do iceberg, onde quer que eles se pudessem ter agarrado a qualquer saliência.

As tentativas, que foram feitas depois de se dissipar o nevoeiro, não produziram resultado. No momento em que a «Halbrane» fora apanhada por baixo, experimentou um abalo tão violento, tão repentino, que a sua gente não teria forças para se segurar à amurada, e era provável que nunca mais se encontrassem os seus corpos, que a corrente decerto arrastaria para o mar alto.

Logo que se verificou o desaparecimento de cinco homens, o desânimo invadiu todos os corações. Apresentou-se então mais viva a medonha perspectiva dos perigos que ameaçam uma expedição através da zona antártica!

— E Hearne? — perguntou uma voz.

Martim Holt acabava de atirar com este nome para o meio do silêncio geral.

O sealing-master, de quem nós nos esquecêramos, não teria sido esmagado no estreito

reduto do porão, onde estava encarcerado?

Correu Jem West para a escuna, trepou por um cabo que pendia da proa e chegou ao lugar por onde se entrava para esta parte do porão...

Esperávamos, imóveis e silenciosos, ser informados da sorte de Hearne, se bem que este gênio mau da tripulação fosse pouco digno de piedade.

Contudo, quantos de nós pensávamos nesse momento que, se se tivesse dado ouvidos aos seus conselhos, se a escuna houvesse voltado no rumo do norte, não se veria a tripulação inteira sem outro refúgio senão uma montanha de gelo à mercê das águas! E, nesta conjuntura, a parte que me cabia nas responsabilidades, por isso que eu tanto concorrera para o prolongamento da viagem, nem sequer me atrevia a investigá-la!

O piloto apareceu por fim no convés, e Hearne atrás dele. Por milagre, nem as balizas, nem o costado, nem o forro foram na direção em que se encontrava o sealing-master.

Hearne saiu, juntou-se aos camaradas sem dizer palavra, e não se pensou mais nele.

Por volta das seis horas da manhã, dissipou-se o nevoeiro, graças a um abaixamento da temperatura muito acentuado. Não eram vapores, cuja congelação é completa, mas sim o fenômeno chamado frost-rime, ou fumo gelado, que às vezes se produz nas altas latitudes. O capitão Len Guy reconheceu-o pela quantidade de fibras, prismáticas, com a ponta dirigida no sentido do vento,, que ouriçavam a leve crosta depositada nas pontas do iceberg. Os navegadores não confundem o frost-rime com a branca geada das zonas temperadas, cuja congelação só se opera depois de se depositar à superfície do solo.

Pôde-se então avaliar o volume do maciço, no qual nos achávamos como moscas num pão de açúcar, e sem dúvida, vista de baixo, a escuna não devia parecer maior que o bote dum navio mercante.

O aludido iceberg, cuja circunferência pareceu ser de quatrocentas toesas, media de cento e trinta a cento e quarenta pés de altura. Devia, portanto, segundo estes cálculos, imergir a uma profundidade quatro ou cinco vezes maior, e, por conseguinte, pesar milhões de toneladas.

Vejamos o que sucedera: Depois de ter sido minado na base pelo contato de águas mais quentes, erguera-se a pouco e pouco o iceberg.

Deslocado o seu centro de gravidade, o equilíbrio só podia restabelecer-se por uma reviravolta brusca, que fez passar para cima do nível do mar o que estava por baixo. Apanhada neste balanço, a «Halbrane» foi erguida como por um enorme braço de alavanca. Viram-se deste modo numerosos icebergs à superfície nos mares polares, e é isto que constitui um dos maiores perigos a que andam expostos os navios que se aproximam deles.

Era num chanfro da face oeste do iceberg que a escuna estava encaixada. Pendia para estibordo, a popa levantada e a proa afocinhando. Ocorreu-nos que, ao menor abalo, escorregaria pelo pendor do iceberg abaixo até ao mar. Do lado a que ela dava a borda, o embate devia ter sido bastante violento para romper o forro do casco e dos paveses numa extensão de duas toesas. Logo ao primeiro embate, o fogão, peado por vante do mastro de traquete, rebentara as trincas e corraera até à entrada do tombadilho, cuja porta, entre as duas câmaras do capitão Len Guy e do piloto, saltara dos gonzos. O mastaréu do velacho e o mastaréu da gávea vieram abaixo, quando rebentaram as enxárcias, e estava ainda de fresco o sítio por onde partiram, na altura dos curvatões. Destroços de toda a espécie, vergas, antenas, uma parte do velame, barris, caixas, gaiolas de galinhas, deviam flutuar junto da base do maciço e descair com ele.

O que havia de mais inquietante na nossa situação era que, das duas embarcações da «Halbrane», tendo a de estibordo ficado despedaçada no momento da abordagem, só restava a outra, a maior, verdade é, ainda suspensa dos turcos. Antes de mais nada, tornava-se necessário pô-la em lugar seguro, pois talvez fosse o único meio de salvamento que nos restava.

Resultava, deste primeiro exame, que os mastros-reais da escuna se conservavam nos seus lugares e poderiam servir, se se conseguisse safá-la. Mas como é que se havia de arrancá-la deste fosso de gelo, e restituí-la ao seu elemento natural, numa palavra «lançá-la», como se lança um navio ao mar?

Logo que o capitão Len Guy, o piloto, o bossman e eu nos achamos sós, interroguei-os a tal respeito.

— Que a operação é muito arriscada, de acordo — respondeu Jem West —, mas, como se torna indispensável, havemos de fazê-la. Julgo que será necessário abrir uma espécie de berço até à base do iceberg...

— E sem demora de um só dia — acrescentou o capitão Len Guy.

— Você ouviu, bossman — prosseguiu Jem West. — A faina começa já hoje.

— Ouvi, e todos se entregarão a ela — afirmou Hurliguerly. — No entanto, se o capitão dá licença, uma observação...

— Que é?

— Antes de começar o trabalho, inspecionemos o casco, verifiquemos as avarias que tem e se se poderá reparar. De que serviria lançar ao mar um navio desconjuntado, que irá logo para o fundo?

Todos se conformaram com esta judiciosa observação do bossman.

Dissipada a neblina, um claro sol iluminava então a parte oriental do iceberg, donde a vista abrangia um amplo sector de mar. Deste lado, em vez de superfícies lisas, sobre as quais o pé não encontraria ponto de apoio, os flancos apresentavam anfractuosidades, rebordos, muralhas e até planaltos onde seria fácil estabelecer um acampamento provisório. Era contudo indispensável estar prevenido contra a queda de enormes blocos, mal equilibrados, que qualquer abalo podia deslocar. E, com efeito, durante a manhã, vários desses blocos rolaram até ao mar com medonho ruído de avalanche.

Em suma, parecia que o iceberg estava bastante sólido na sua nova base. Demais, se tivesse o centro de gravidade abaixo do nível da linha de flutuação, não havia a recear uma nova reviravolta.

Eu ainda não tinha tido ocasião de falar a Dirk Peters depois da catástrofe. Como ele respondera à chamada do seu nome, eu sabia que se não achava entre as vítimas. Neste momento, vi-o imóvel, de pé sobre uma estreita saliência, e adivinha-se para que lado os seus olhares se dirigiam...

O capitão Len Guy, o piloto, o bossman, os mestres Hardie e Martim Holt, que eu acompanhei, foram então à escuna, a fim de proceder a um minucioso exame do casco. Por bombordo, seria fácil a operação, porquanto a «Halbrane» estava inclinada sobre o lado oposto. Da outra banda, tornar-se-ia necessário, fosse como fosse, deixar-se escorregar até à quilha, abrindo o gelo, se se quisesse que nenhuma parte do costado ficasse sem ser vista.

Eis aqui o que se verificou, depois de um exame que durou duas horas: as avarias eram pouco importantes, e, em suma, de fácil reparação. Duas ou três tábuas do forro partidas, com

a violência do embate, deixavam ver as respectivas cavilhas torcidas e as costuras abertas. Interiormente, o cavername estava intato, pois que as cavernas não cederam. O nosso navio, feito para navegar pelos mares polares, havia resistido, quando quaisquer outros, construídos com menos solidez, se desconjuntariam por completo. Verdade é que o leme saltou fora da ferragem, mas não custaria tornar a colocá-lo no seu lugar.

Terminada a inspeção por fora e por dentro, reconheceu-se que os prejuízos eram menos consideráveis do que se poderia supor, e por isso ficamos mais sossegados...

Sossegados... sim... se conseguíssemos pôr a nado a escuna!

Após a refeição da manhã, decidiu-se que os homens comessem a cavar um berço oblíquo, que permitisse-à «Halbrane» escorregar até à base do iceberg. Prouvera ao Céu que a operação fosse bem sucedida, porquanto afrontar os rigores do inverno austral nestas condições, passar seis meses em cima desta massa flutuante, arrastada não se sabia para onde, quem é que podia pensar nisso sem pavor? Chegado o Inverno, nenhum de nós escaparia à mais terrível das mortes — a morte causada pelo frio.

Neste momento, Dirk Peters, que, a uns cem passos, observava o horizonte de sul a este, exclamou com voz rude: — Parou!

Paroo? O que o mestiço entenderia por isto, a não ser que o iceberg cessara subitamente de descair?

Quanto à causa da sua paragem, não era este o momento de a investigar, nem tão-pouco de perguntar quais seriam as consequências.

— E é verdade! — exclamou o bossman. — O iceberg não anda, e talvez que até nunca andasse depois que se virou!

— Como assim — obtemperei eu —, já se não desloca?

— Não, senhor — respondeu-me o piloto —, e a prova é que vai ficando à retaguarda dos outros.

Com efeito, ao passo que cinco ou seis montanhas de gelo desciam para o sul, a nossa imobilizara-se como se tivesse batido num baixio.

A explicação mais simples era que a sua nova base encontrara o solo submarino, ao qual agora aderira, e esta aderência só cessaria se a parte imergida se erguesse, com risco de provocar uma nova reviravolta.

Enfim, era uma grave complicação, por isso que os perigos duma imobilização definitiva nestas paragens seriam tais que mais valia estar exposto aos acasos do movimento à mercê das águas.

Pelo menos, havia a esperança de encontrar um continente, uma ilha, ou, até, se as correntes se não modificassem, se o mar se conservasse livre, de vencer os limites da região austral!

Ora aqui está onde nos achamos três meses depois desta extraordinária viagem! Poder-se-ia cuidar ainda de William

Guy, dos seus companheiros da «Jane» e de Arthur Pym?

Não seria para nos salvarmos que devíamos empregar todos os meios de que pudéssemos dispor? E causaria estranheza se, enfim, a maruja da «Halbrane» se revoltasse, se obedecesse às sugestões de Hearne, se tornasse os chefes — a mim sobretudo — responsáveis pelos desastres de semelhante expedição?

E o que aconteceria nesse caso, visto que, não obstante a perda de quatro dos seus homens,

os camaradas do sealing-master tinham ainda a superioridade numérica?

Era nisto — percebi-o claramente — que pensavam o capitão Len Guy e Jem West.

Com efeito, se os recrutados nas Falklands apenas formavam uma totalidade de quinze homens contra nós treze, compreendendo o mestiço, não era para rezear que alguns destes estivessem prontos a passar-se para o lado de Hearne? Impelidos pelo desespero, quem sabe se estes camaradas não procurariam apoderar-se da única embarcação que tínhamos de ora avante, e seguir o rumo do norte, deixando-nos no iceberg? Convinha, pois, que o escaler fosse posto em lugar seguro e vigiado a cada momento.

Além disso, ia produzir-se uma notável mudança no capitão Len Guy depois destes últimos incidentes. Parecia ter-se transformado em presença dos perigos futuros. Até aqui, absorvido pelo pensamento de encontrar os seus compatriotas, entregara ao piloto o comando da escuna, e não podia ter encontrado um imediato mais competente nem mais delicado. Mas, de hoje em diante, reassumiria as funções de chefe, exercendo-as com a energia exigida pelas circunstâncias e tornando-se a bordo, depois de Deus, o senhor absoluto.

Por ordem sua, os homens formaram-se em redor dele, num plano que ficava um tudo-nada à direita da «Halbrane». Estavam ali reunidos, do lado dos antigos, os mestres Martim Holt e Hardie, os marinheiros Rogers, Francisco, Graciano, Burry, Stern, o cozinheiro Endicott, e incluo também Dirk Peters; do lado dos modernos, Hearne e os outros catorze marinheiros das Falklands.

Estes últimos constituíam um grupo separado, cujo representante era o sealing-master, que tinha sobre eles uma influência nefasta.

O capitão Len Guy relanceou um olhar firme por toda a sua maruja e, com voz vibrante, disse:

— Marinheiros da «Halbrane», tenho primeiro de falar-vos dos que desapareceram. Cinco dos nossos companheiros acabam de perecer nesta catástrofe...

— Aguardando que nos chegue também a vez de perecermos nestes mares, onde nos arrastam, não obstante...

— Cala-te, Hearne! — exclamou Jem West, pálido de cólera. — Cala-te, senão...

— Hearne disse o que tinha a dizer — prosseguiu friamente o capitão Len Guy —, e como isso já passou, convido-o a que me não interrompa segunda vez!

Talvez que o sealing-master replicasse, por se considerar escudado pela maioria da tripulação. Martim Holt, porém, dirigiu-se logo para ele e conteve-o.

Descobriu-se então o capitão Len Guy, e, com uma comoção que nos chegou até ao fundo da alma, pronunciou as seguintes palavras:

— Rezemos por aqueles que sucumbiram nesta perigosa viagem, empreendida em nome da humanidade. Que Deus se digne aceitar em conta das suas faltas o muito que se dedicaram pelos seus semelhantes e que não seja insensível à nossa voz! De joelhos, marinheiros da «Halbrane»!

Ajoelharam-se todos sobre o gelo, e um murmúrio de oração subiu até ao Céu.

E esperamos que o capitão Len Guy se levantasse, para também nos levantarmos.

— Agora — prosseguiu ele —, depois dos que morreram, os sobreviventes. A estes digo que, ainda mesmo nas circunstâncias em que nos encontramos, terão de obedecer-me, seja qual for a ordem que eu lhes dê. Não admitirei nenhuma resistência nem nenhuma hesitação.

A responsabilidade do salvamento comum pertence-me e dela não cederei nada a ninguém.

Tanto mando aqui como a bordo...

— Como a bordo... quando já não existe navio? — atreveu-se a observar o sealing-master.

— Estás enganado, Hearne. O barco está lá e havemos de o repor no mar. Além disso, ainda que só tivéssemos o escaler, continuo sendo o capitão. E ai daquele que me não obedecer.

Neste dia, depois de ter tomado altura com o sextante e estabelecido a hora com o cronômetro, os quais se não partiram na colisão, o capitão Len Guy obteve o ponto seguinte pelos seus cálculos: Latitude sul: 88 graus 55. Longitude oeste: 39 graus 12.

A «Halbrane» estava só a um grau e cinco minutos, isto é, sessenta e cinco milhas, do polo austral.

CAPÍTULO VIII

A CONSUMAÇÃO DO NAUFRÁGIO

«Mãos à obra!», havia dito o capitão Len Guy, e logo na tarde desse dia todos se entregaram a ela com vontade.

Não havia uma hora a perder, e ninguém deixava de compreender que a questão de tempo sobrelevava a todas as outras. No tocante a víveres, tinha-os a escuna para dezoito meses ainda, a ração inteira. De modo que a fome não ameaçava, nem também a sede, ainda que os tanques de água, fendidos com o embate, deixassem sair, pelas costuras do costado, o líquido que continham.

Por fortuna, os barris de aguardente, uísque, cerveja e vinho, colocados na parte do porão que menos sofrera, estavam quase todos intatos. Não nos proviria daqui nenhum dano, e o próprio iceberg fornecer-nos-ia água doce.

Como todos sabem, o gelo, quer seja formado de água doce ou de água do mar, não é salgado. Pela transformação do estado líquido em estado sólido, o cloreto de sódio elimina-se por completo. Pouco importa pois, ao que parece, que a água potável provenha duma ou doutra formação. Deve-se, todavia, dar preferência à que provém de certos blocos, os quais se reconhecem bem pela cor esverdeada e sua perfeita transparência. É chuva solidificada, muitíssimo mais conveniente para servir de bebida.

Habitado aos mares polares, decerto que o nosso capitão reconheceria sem custo os blocos desta espécie, mas não podia havê-los em o nosso iceberg, por isso que a parte imergida antes de se virar é que estava agora fora de água.

O capitão Len Guy e Jem West decidiram em primeiro lugar, a fim de aliviar a escuna, desembarcar tudo que estava a bordo.

Teve-se, pois, de tirar a mastreação e o massame, e transportá-los para a planura. Convinha deixar apenas o menor peso possível e tirar até o próprio lastro, em vista da difícil e perigosa operação do lançamento. Mais valia que se demorasse alguns dias a partida, se esta operação tivesse de ser feita em melhores condições. Tornar-se-ia a carregar em seguida sem grande dificuldade.

Depois desta razão determinante, apresentava-se uma outra não menos séria. Com efeito, seria proceder com imperdoável imprudência o deixar os mantimentos nos paióis da «Halbrane», atendendo à sua situação pouco segura sobre o flanco do iceberg. Não bastaria um simples abalo para a desprender?

Não lhe faltaria o ponto de apoio, se se deslocassem os blocos do seu leito? E, então, desapareceriam com ela os preciosos mantimentos, que deviam assegurar-nos a existência!

Ocuparam-se, nesse dia, em descarregar as caixas de carne salgada, legumes secos, farinha, biscoitos, chá, café, barris de aguardente, uísque, vinho e cerveja, que foram retirados do porão e da despensa e em seguida colocados em segurança nos recantos próximos da «Halbrane».

Houve também que premunir a embarcação contra qualquer acidente, direi até contra os intuitos que Hearne e alguns do seu partido tinham, talvez, de apoderar-se dela, a fim de regressarem em direção ao banco de gelo.

O escaler, com os competentes remos, leme, bossa, croque, mastro e velas, foi levado para cerca de trinta pés à esquerda da escuna, no fundo duma cavidade que seria fácil vigiar.

Durante o dia, nada havia a temer. Durante a noite, ou, melhor, durante as horas de dormir, o bossman ou um dos outros mestres formariam a guarda perto da mesma cavidade, e — pode-se ter a certeza disso — a embarcação estaria ao abrigo de um lance perigoso.

Os dias 19, 20 e 21 de Janeiro foram empregados no duplo trabalho do transporte da carga e do desmastreamento da «Halbrane». Talingaram-se os mastros-reais por meio de vergas, que formavam cábreas. Mais tarde, Jem West substituiria os mastaréis do velacho e de gávea, e, em todo o caso, não eram de todo indispensáveis para voltar para as Falklands ou para qualquer outro lugar de invernagem.

Escusado é dizer que se estabeleceu um acampamento no plano de que já falei, não longe da «Halbrane». Vários toldos, feitos com velas colocadas sobre antenas e seguras com espigas, que cobriam os leitos dos camarotes e do alojamento da maruja, ofereciam abrigo suficiente contra as inclemências atmosféricas, já frequentes nesta época do ano. O tempo, todavia, conservava-se bom, favorecido por uma viração constante de nordeste, tendo subido a temperatura a quarenta graus (7,78 C. acima de zero). Quanto à cozinha de Endicott, estabeleceu-se ao fundo da planura, perto duma encosta, cujo pendor muito suave permitia atingir a crista do iceberg.

Devo reconhecer que, durante estes três dias do mais fatigante dos trabalhos, não houve nada que censurar em Hearne. O sealing-master sabia que era objeto de especial vigilância, bem como não seria poupado pelo capitão Len Guy se procurasse provocar os camaradas à insubordinação. Era para lamentar que os seus maus instintos o levassem a desempenhar semelhante papel, por isso que o seu vigor, a sua agilidade e a sua inteligência o tornavam deveras apreciável, e nunca se mostrara tão útil como nas atuais circunstâncias. Acaso teriam melhorado os seus sentimentos? Compreenderia que da união de todos dependia a salvação comum?

Eu não podia perscrutá-lo, mas não me inspirava confiança — e Hurliguerly também a não tinha. Não necessito insistir no ardor que o mestiço desenvolvia nestes rudes trabalhos, sempre o primeiro e o último na faina, valendo por quatro, dormindo apenas algumas horas, e descansando somente no momento das refeições, que ele tomava afastado dos outros. Uma única vez me dirigira a palavra depois que a escuna fora vítima deste terrível acidente. E que poderia dizer-me? Não pensava eu, assim como ele, que era forçoso renunciar a toda a esperança de prosseguir nesta infeliz viagem?

Aconteceu-me, às vezes, ver Martim Holt e o mestiço junto um do outro, ocupados em alguma operação difícil. O mestre veleiro não perdia nenhuma ocasião de aproximar-se de Dirk Peters, o qual fugia dele pelas razões sabidas. E sempre que eu pensava na confiança que ele me fizera a respeito do suposto Parker, o irmão de Martim Holt em pessoa, na

medonha cena do «Grampus», sentia-me dominado por profundo terror. Não há que duvidar: se esse segredo fosse revelado, o mestiço tornar-se-ia objeto de repulsão. Esquecer-se-ia nele o salvador do mestre veleiro, e logo que este soubesse que seu irmão... Por felicidade, esse segredo, Dirk Peters e eu éramos os únicos que estávamos na posse dele.

Enquanto se efetuava a descarga da «Halbrane», o capitão Len Guy e o piloto estudavam a questão do lançamento — questão preñhe de dificuldades, com toda a certeza. Tratava-se de anular a altura de uns cem pés, compreendida entre o fosso em que jazia a escuna e o nível do mar, por meio dum berço aberto, segundo um traçado oblíquo sobre o flanco oeste do iceberg, berço que deveria medir pelo menos duzentas a trezentas toesas de comprimento. De modo que, enquanto um piquete, dirigido pelo bossman, se ocupava em descarregar a escuna, um outro, sob as ordens de Jem West, começou o traçado — entre os blocos que ouriçavam este lado da montanha flutuante.

Flutuante? Não sei por que razão me sirvo deste termo, pois ela já não flutuava. Imóvel como um ilhote, nada me autorizava a crer que ela tornasse mais a seguir ao som de água. Outros icebergs, agora mais numerosos, passavam ao largo, dirigindo-se para sueste, ao passo que o nosso se conservava «em paio», conforme a expressão de Dirk Peters. Minar-se-ia a sua base o suficiente para se desprender do fundo submarino?

Acaso não viria alguma pesada massa de gelo de encontro a ele, e poderia resistir ao seu embate? Ninguém o podia prever e era forçoso contar só com a «Halbrane» para abandonar estas paragens.

Estes diversos trabalhos levaram-nos até 24 de Janeiro. A atmosfera estava calma, a temperatura não baixava, a coluna termométrica tinha até ganho dois a três graus acima do gelo.

De maneira que o número dos icebergs, vindos de noroeste, aumentava, e tínhamos à vista um cento deles, cuja colisão podia ter as mais graves consequências.

O mestre calafate Hardie havia-se entregado desde o princípio à reparação do casco, mudança de cavilhas, substituição de tábuas de forro e calafeto de costuras. Nada lhe faltava para satisfazer as exigências de um tal trabalho, e nós tínhamos a certeza de que seria executado em boas condições. No meio do silêncio destas solidões, retiniam agora as marteladas, batendo os pregos do costado, e as marretadas apertando a estopa entre as costuras. A este ruído juntavam-se os pios ensurdecadores das gaivotas, cerceias, albatrozes e procelárias, que voavam em redor da crista do iceberg.

Logo que me encontrei a sós com o capitão Len Guy e Jem West, foi a situação atual, os meios de sair dela, as probabilidades de nos tirarmos dum tal embaraço, que constituíram, bem se pode imaginar, o principal assunto das nossas conversações. O piloto tinha as melhores esperanças, e, a não ser que sobreviesse algum acidente de aqui até lá, julgava-se certo de conseguir realizar a operação do lançamento. O capitão Len Guyi esse, mostrou-se mais reservado. Além disso, ao lembrar-se de que ia definitivamente renunciar a toda a esperança de encontrar os sobreviventes da «Jane», sentia despedaçar-se-lhe o coração.

E, com efeito, logo que a «Halbrane» estivesse pronta para se fazer ao mar, logo que Jem West lhe perguntasse qual era o rumo, atrever-se-ia a responder: «Proa ao sul?» Não, e, desta vez, nem seria seguido pelos novos nem pela maior parte dos antigos da tripulação. Continuar as indagações nesta direção, subir até além do polo, sem estar seguro de atingir o oceano Índico à falta do oceano Atlântico, seria uma audácia que nenhum navegador se permitiria. Se

algun continente fechava o mar deste lado, expor-se-ia a escuna a ser ali encurralada pela massa dos icebergs, na impossibilidade de se livrar deles antes do inverno austral.

Nestas condições, tentar obter do capitão Len Guy o prosseguimento da viagem seria correr ao encontro duma recusa.

Não era isso proponível, no momento em que se impunha a necessidade de voltar para o norte, de se não retardar um só dia nesta parte do mar Antártico.

Se, todavia, eu resolvera não falar mais nisso ao capitão Len Guy, não deixei de pressentir, na ocasião, que o bossman voltaria à carga.

O mais das vezes, logo que terminava a sua tarefa, Hurliguerly vinha ter comigo e conversávamos, avivávamos as nossas recordações de viagem.

Um dia, estando nós assentados no cimo do iceberg, com o olhar fixo neste falaz horizonte, exclamou: — Quem haveria de pensar, Sr. Jeorling, quando a «Halbrane» saía das Falklands, que seis meses e meio depois, nesta latitude, estaria agora enganchada numa montanha de gelo!

— Isso é tanto mais para lamentar — respondi eu — quanto é certo que, sem este acidente, teríamos atingido o nosso fim e já podíamos estar de regresso.

— Não vou contra isso — replicou o bossman —, mas o senhor diz que teríamos atingido o nosso fim. Quer dizer na sua que se teriam encontrado os nossos compatriotas?

— Talvez, bossman.

— E eu não acredito, Sr. Jeorling, ainda que fosse o principal e até o único objetivo da nossa navegação pelo oceano polar.

— O único... sim... a princípio. — insinuei. — Mas, depois das revelações do mestiço a respeito de Arthur Pym...

— Ah! Isso ainda o preocupa, Sr. Jeorling... como a esse bravo Dirk Peters?

— Ainda, Hurliguerly, e foi preciso que um lamentável acidente, o qual não era de esperar, nos fizesse naufragar no porto.

— Fique-se com as suas ilusões, Sr. Jeorling, visto supor ter naufragado no porto.

— Porque não?

— Seja o que o senhor quiser, mas, em todo o caso, é um famoso naufrágio! — declarou o bossman. — Em vez de bater num modesto baixio, dar à costa no ar!

— É por isso mesmo que tenho o direito de dizer que foi uma circunstância desgraçada, Hurliguerly.

— Desgraçada, sem dúvida, e, a meu ver, devia-se tomar como uma espécie de advertência...

— De quê?

— De que não é lícito a ninguém aventurar-se até tão longe nestas regiões, e para mim significa que o Criador interdiz às criaturas o irem ao fim dos polos da Terra!

— Contudo, esse fim, presentemente, já não deita a mais de sessenta milhas...

— De acordo, Sr. Jeorling. Verdade é que essas sessenta milhas é como se fossem um milheiro, quando se não tem nenhum meio de as transpor... E, se o lançamento da escuna for mal sucedido, ver-nos-emos condenados a uma invernagem que os próprios ursos polares não desejariam!

Respondi com um movimento de cabeça, cuja significação Hurliguerly bem percebeu.

— Sabe o Sr. Jeorling no que penso o mais das vezes? — perguntou-me ele.

— Em que é, bossman?

— Nas Kerguelen, cujo caminho não seguimos! Não há dúvida de que durante o Inverno se apanha lá um belo frio... É pequena a diferença entre este arquipélago e as ilhas situadas nos limites do mar Antártico. Mas, enfim, está-se perto do Cabo e, se nos apraz ir até lá aquecer as pernas, não há banco de gelo que estorve a passagem! Ao passo que aqui, no meio dos gelos, é o diabo para levantar ferro, e nunca a gente sabe se encontrará a porta aberta.

— Repito, bossman: se não fosse o último acidente, estaria já tudo terminado por qualquer maneira. Teríamos ainda mais de seis semanas para sair dos mares austrais. Em suma, é raro que um navio seja assim apanhado como foi a nossa escuna, O que é uma verdadeira infelicidade, depois de ter aproveitado circunstâncias tão auspiciosas.

— Circunstâncias que terminaram, Sr. Jeorling — exclamou o bossman —, e receio muito...

— O quê?... também o bossman... que eu conheci tão cheio de confiança!

— A confiança, Sr. Jeorling, gasta-se como se gastam os fundilhos duns calções! Que quer? Quando me comparo com o meu compadre Atkins, estabelecido na sua bela hospedaria, quando me lembro do Corvo Verde, da grande sala de entrada, das mesinhas em que se saboreia o uísque e a genebra com um amigo, e o fogão crepita com mais força que o ruído do cata-vento no telhado... a comparação não é a nosso favor, e, quanto a mim, mestre Atkins compreendeu talvez melhor a existência.

— Ora! Há-de tornar a vê-lo, a esse digno Atkins, ao Corvo Verde e às Kerguelen! Por Deus! Não se deixe desanimar! E se o bossman, homem de bom senso e resoluto, já desespera...

— Oh! Se fosse somente eu, Sr. Jeorling, o mal não seria grande!

— Acaso a tripulação?

— Sim... e não... — replicou Hurliguerly —, pois conheço alguns que não estão nada satisfeitos.

— Hearne renovou as suas recriminações e incita os camaradas?

— Não o faz abertamente pelo menos, Sr. Jeorling, e, desde que o vigio, não tenho visto nem ouvido nada. Demais a mais, ele sabe o que o espera, se deitar as unhas de fora. Além de que quer-me parecer que me não engano — o finório cambou as amuras. E, se me não admiro do procedimento dele, outro tanto não direi do mestre veleiro Martim Holt...

— Que quer dizer com isso, bossman?

— Que os dois parecem estar apalavrados! Observe-os: Hearne procura Martim Holt. Conversa amiúde com ele, e Martim Holt não lhe mostra má cara.

— Martim Holt, suponho eu, não é homem para dar ouvidos aos conselhos de Hearne — respondi —, nem a segui-lo, se ele tentasse arrastar a tripulação à revolta...

— Não, decerto, Sr. Jeorling. Contudo, não gosto nada de os ver juntos. Hearne é um homem perigoso e sem consciência, contra o qual Martim Holt talvez não esteja suficientemente precavido!

— Ele não tem razão, bossman.

— E... quer ouvir? Sabe do que eles falavam, outro dia, numa conversa de que me chegaram uns restos ao ouvido?

— Eu nunca sei as coisas senão depois de Hurliguerly ter contado.

— Pois bem, quando eles estavam tagarelando no convés da «Halbrane», ouvi-lhes falar de Dirk Peters, e Hearne dizia: «Não se pode querer bem ao mestiço, mestre Holt, desde que

ele não correspondeu nunca aos nossos agradecimentos e manifestações de amizade... Embora seja uma espécie de bruto, possui grande coragem, e provou-a quando o tirou dum grande aperto, com risco da própria vida. No entanto, não esqueça que ele fazia parte da tripulação do «Grampus», da qual seu irmão Ned, se me não engano...»

— Ele disse isso, bossman? — exclamei eu. — Ele falou no «Grampus»?

— Sim, senhor... no «Grampus».

— E em Ned Holt?

— Exatamente, Sr. Jeorling!

— E que disse Martim Holt?

— Disse: «Meu desventurado irmão, não sei sequer em que condições morreu! Acaso seria durante a revolta a bordo? Honrado como era, decerto que não traiu o capitão, e por isso quem sabe se foi esquartejado?»

— E porventura Hearne insistiu, bossman?

— Insistiu... acrescentando: «É uma coisa que deve causar tristeza a mestre Holt! O capitão do «Grampus», segundo me contaram, foi abandonado num escaler com dois ou três dos seus homens... e quem sabe se seu irmão não estaria com ele?»

— E depois?

— Depois, Sr. Jeorling, ele ajuntou: «Acaso nunca se lembrou de pedir a Dirk Peters que o informasse?» «— Sim, uma vez, replicou Martim Holt, interroguei o mestiço a esse respeito e nunca vi ninguém num tal estado de perturbação, respondendo: "Não sei... não sei...", com uma voz tão sumida que a custo o entendia, e afastou-se de mim ocultando a cabeça entre as mãos...»

— Foi tudo quanto o bossman ouviu dessa conversação?

— Tudo, Sr. Jeorling, e pareceu-me tão singular que quis pô-lo ao corrente do que se passou.

— E que concluiu daí?

— Nada, a não ser que considero o sealing-master como um malandro da pior espécie, de todo capaz de ruminar em segredo algum mau projeto, a que queira associar Martim Holt!

Com efeito, que significava esta nova atitude de Hearne? Por que motivo procurava ele ligar-se a Martim Holt, um dos melhores da tripulação? Porque é que lhe lembrava também as cenas do «Grampus»? Acaso Hearne sabia a este respeito algo mais do que os outros sabiam de Dirk Peters e de Ned Holt, isto é, o segredo de que o mestiço e eu nos julgávamos os únicos depositários?

Este caso não deixava de produzir em mim uma séria inquietação. Mas abster-me, todavia, de referi-lo a Dirk Peters, pois se ele suspeitasse de que Hearne conversava acerca do que se passara a bordo do «Grampus», se lhe constasse que este malandrim — como lhe chamava Hurliguerly e com razão — não cessava de falar de seu irmão Ned a Martim Holt, não sei bem o que aconteceria!

Em suma, quaisquer que fossem as intenções de Hearne, era para lamentar que o nosso mestre veleiro, com quem o capitão Len Guy supunha poder contar, estivesse ligado a ele. O sealing-master tinha decerto suas razões para proceder assim... Quais elas fossem, não o podia eu adivinhar. De modo que, embora a tripulação parecesse ter abandonado, por completo, a ideia da revolta, impunha-se a mais rigorosa vigilância, sobretudo junto de Hearne.

A situação, porém, ia terminar, pelo menos no tocante à escuna.

Dois dias depois, estavam concluídos os trabalhos. Tinham acabado de reparar o casco e de abrir o berço para o lançamento até à base da montanha flutuante.

Nesta época, o gelo, que estava um tanto amolecido na camada superior, facilitava este último trabalho, evitando o pesado emprego da picareta e do alvião.

O berço contornava obliquamente o flanco oeste do iceberg, de maneira que não oferecesse rampa muito íngreme. Dispondo-se as espias por modo conveniente, o deslize, parece, efetuar-se-ia sem que ocasionasse danos. Eu receava ainda mais que a subida da temperatura tornasse menos fácil o deslize no fundo do berço.

Compreende-se que a carga, a mastreação, as âncoras, as amarras, nada fora mandado para bordo. Como o casco era de si muito pesado, difícil de manejar, tornava-se necessário aliviá-lo o mais possível. Logo que a escuna tornasse a encontrar o seu elemento, o armá-la de novo seria trabalho de alguns dias.

Na tarde do dia 28 tomaram-se as últimas disposições. Fora indispensável especar o berço em alguns sítios em que a fusão do gelo se acentuava. Depois, concedeu-se folga a toda a gente, das quatro horas da tarde em diante. O capitão Len Guy fez então distribuir ração dobrada aos marujos, que bem mereciam o aumento de uísque e de aguardente, pois haviam trabalhado a valer durante a semana.

Mais uma vez direi ter desaparecido todo o fermento de indisciplina, desde que Hearne deixara de excitar os camaradas. A tripulação — pode dizer-se que toda ela — apenas se preocupava com a magna questão do lançamento. A «Halbrane» no mar, era partir... era regressar! Verdade é que, tanto para Dirk Peters como para mim, era o definitivo abandono de Arthur Pym!

A temperatura desta noite foi uma das mais elevadas que tínhamos tido até então. O termómetro marcou cinquenta e três graus (11,67 C. acima de zero). De maneira que, embora o Sol começasse a aproximar-se do horizonte, o gelo derretia-se e milhares de ribeiros serpenteavam por toda a parte.

Os mais madrugadores levantaram-se às quatro horas, e eu fui um deles. Não sei até se dormi, e suponho que Dirk Peters, pela sua parte, não pôde conciliar o sono com a ideia de voltar para trás!

A operação do lançamento devia começar às dez horas. Contando com todas as demoras possíveis, por causa das minuciosas precauções que convinha tomar, esperava o capitão Len Guy terminá-la antes do fim do dia. Ninguém duvidava de que, ao cair da tarde, a escuna tivesse descido pelo menos até à base do iceberg.

Percebe-se que todos nós devíamos ajudar a esta difícil manobra. Tinha-se determinado o lugar que cada um devia ocupar, a uns para facilitar o deslize com rolos de madeira, se assim fosse necessário, e a outros, pelo contrário, para o moderar, no caso de a descida ameaçar ser mais rápida e que se tornasse mister reter o casco por meio de cabos e espias dispostos para tal efeito.

O almoço terminou às nove horas, debaixo dos toldos. A maruja, cheia de confiança, não podia furtar-se a beber um último gole ao bom êxito da operação, e nós juntamos aos seus os nossos vivas um tanto prematuros. Demais, todas as medidas haviam sido concebidas com tanta sagacidade pelo capitão Len Guy e pelo piloto que o lançamento apresentava grandes probabilidades de bom êxito. íamos, enfim, deixar o acampamento e ocupar o nosso posto — alguns marinheiros já lá estavam — quando ressoaram gritos de estupefação e de pânico...

Que medonho espetáculo, e, embora tivesse tido fantástica rapidez, que indelével impressão deixou no espírito de todos nós!

Um dos enormes blocos que formavam o talude do fosso onde jazia a «Halbrane», desequilibrado pela fusão da base, acabava de vir abaixo e rolava, dando enormes saltos por cima dos outros blocos.

Um instante depois, a escuna, achando-se desamparada, oscilava sobre a rampa...

Havia a bordo, no convés, à ré, dois homens, Rogers e Graciano...

Em vão tentaram estes infelizes saltar por cima dos paveses, não tiveram tempo para isso e foram arrastados na medonha queda.

Sim! Eu vi isto! Vi a escuna virar-se, deslizar primeiro sobre um bombordo, esmagar um dos novos, que demorou muito a desviar-se para o lado, saltar em seguida de bloco para bloco, e por fim despenhar-se no espaço...

Um segundo depois, o fundo arrombado, desconjuntada, o costado aberto, o cavername partido, a «Halbrane» afundava, fazendo repuxar enormes jorros de água junto do iceberg!...

CAPÍTULO IX

E AGORA?

Estupefatos! sim! Era estupefação, desde que a escuna, arrebatada como o penhasco duma avalanche, desaparecera no abismo! Já não restava nada da nossa «Halbrane» — nem sequer destroços! A cem pés de altura, havia apenas um instante, e nesse momento a quinhentos, nas profundezas do mar! Sim! A estupefação, que nem até nos permitia pensar nos perigos futuros... a estupefação de gente que não pode acreditar em seus próprios olhos, como se costuma dizer!

E o que lhe sucedeu foi a prostração, que era a sua natural consequência. Não houve um grito, um gesto. Estávamos imóveis, os pés pregados ao solo de gelo. Nenhuma expressão podia dar ideia do horror desta situação!

Quanto ao piloto Jem West, logo que a escuna se afundou nas águas, vi uma grande lágrima brotar de seus olhos. A «Halbrane», que ele tanto amava, agora aniquilada! Sim! Este homem, duma tão rija têmpera, chorava...

Acabavam de perecer três dos nossos... e de que horrível maneira! Rogers e Graciano, dois dos nossos mais fiéis marinheiros, vi-os eu estender os braços loucamente, projetados depois pelo salto da escuna, e em seguida afundarem-se com ela... E estoutro das Falklands, um americano, esmagado na passagem, e do qual restava apenas uma informe massa, que jazia num lago de sangue...

Eram três novas vítimas, em dez dias, a inscrever no necrológio desta funesta viagem! Ah! A fortuna, que nos favorecera até à hora em que a «Halbrane» foi arrancada do seu elemento, feria-nos agora com a maior crueldade! E, de todos os golpes, não era este último o que vibrara com maior rudeza, e não seria o golpe de morte?

Interrompeu então o silêncio um tumultuoso ruído de vozes, gritos de desespero, que esta irremediável desgraça justificava!... E mais de um dizia, de si para si, que mais valera estar a bordo da «Halbrane», enquanto ela saltava pelos flancos do iceberg! Tudo teria acabado, como para Rogers e Graciano! Esta insensata expedição teve o único desfecho que mereciam tantas temeridades e tantas imprudências!

Mas, enfim, o instinto da conservação predominou e, afora Hearne, que, afastado, parecia não dizer nada, pelo menos os camaradas exclamaram: — Ao escaler! Ao escaler!

Estes desgraçados já não eram senhores de si. O medo desnor-teava-os. Acabavam de correr para a anfractuosidade onde a nossa única embarcação, insuficiente para todos, havia sido posta em segurança depois da descarga da escuna.

O capitão Len Guy e Jem West saíram pelo acampamento fora.

Acerquei-me logo deles, seguido do bossman. Estávamos armados e resolvidos a fazer uso das nossas armas. Forçoso era impedir que estes desvairados se apoderassem do escaler! Não constituía propriedade de alguns... mas de todos!

— Aqui, marinheiros! — gritou o capitão Len Guy.

— Aqui — repetiu Jem West —, ou faço fogo sobre o primeiro que der um passo!

Ambos, de pistolas em punho, os ameaçavam. O bossman apontava a espingarda para eles... E eu estava de carabina, pronto a metê-la à cara...

Tudo em vão! Os amotinados nada ouviam, não queriam ouvir nada, e um deles, no momento em que transpunha o último bloco, caiu ferido pela bala do piloto. As suas mãos não puderam agarrar-se ao talude, e ele, deslizando sobre o gelo, desapareceu no abismo.

Seria isto porventura o começo duma carnificina? Baqueariam outros neste mesmo lugar? Acaso os antigos da tripulação tomariam o partido dos novos?

Pude notar, neste momento, que Hardie, Martim Holt, Francisco, Burry e Stern hesitavam em colocar-se do nosso lado, ao passo que Hearne, imóvel a poucos passos dali, se furtava a dar mostras de animação aos revoltosos.

Não podíamos, contudo, deixá-los senhores do escaler, senhores de o arriarem, senhores de embarcarem nele dez ou doze, senhores, enfim, de nos abandonarem neste iceberg, na impossibilidade de nos fazermos ao mar...

E como que no último grau do terror, sem consciência dos perigos, surdos às ameaças, iam apoderar-se da embarcação, mas um segundo tiro, disparado pelo bossman, apanhou um dos marinheiros, que caiu redondamente morto, com o coração atravessado.

Era um americano e um fogueense de menos entre os mais acérrimos partidários do sealing-master!

Nesse momento, em frente do escaler, surgiu um homem.

Era Dirk Peters, que trepara pela rampa oposta.

O mestiço colocou uma das suas enormes mãos sobre a roda de proa, e com a outra fez sinal a estes desvairados para que se afastassem.

Estando ali Dirk Peters, já não tínhamos de fazer uso das nossas armas, pois bastava ele só para defender a embarcação.

E, com efeito, como avançassem cinco ou seis marinheiros, correu para eles, agarrou o mais próximo pela cintura, levantou-o no ar, atirou-o a uma distância de dez passos e, não tendo a que se agarrar, este desgraçado iria parar ao mar se Hearne não conseguisse deitar-lhe a mão.

Era mais outro, além dos dois que caíram varados pelas balas!

Perante a intervenção do mestiço, a revolta apaziguou-se de repente. Demais, chegávamos junto do escaler, e, conosco, aqueles dos nossos homens cuja hesitação não durara.

Que importava! Os outros eram ainda superiores em número.

O capitão Len Guy, com ira nos olhos, aproximou-se, seguido de Jem West, sempre impassível. Conservou-se mudo durante alguns instantes, mas o seu olhar dizia tudo o que a boca não podia proferir. E por fim, com voz terrível, exclamou: — Eu devia tratá-los como

malfeitores, e, contudo, apenas os considerarei como desvairados! Este escaler não pertence a ninguém, é de nós todos! É agora o nosso único meio de salvação, e quiseram roubá-lo... roubá-lo covardemente! Ouçam bem o que lhes digo pela derradeira vez: o escaler da «Halbrane» é a própria «Halbrane»! Eu sou o seu capitão, e desgraçado de qualquer de vocês que me não obedecer!

Soltando estas últimas palavras, o capitão Len Guy fitou Hearne, visado diretamente nesta frase. Demais, o sealing-master não figurava nesta última cena, pelo menos abertamente. No entanto, que tivesse arrastado os camaradas a apoderarem-se do escaler e que ainda pensasse em excitá-los a isso, era coisa que não oferecia dúvida a ninguém.

— Para o acampamento — ordenou o capitão Len Guy —, e tu, Dirk Peters, fica aí.

Por única resposta, o mestiço abanou a enorme cabeça e colocou-se no seu posto.

Voltou a tripulação para o acampamento, sem oferecer a menor resistência. Uns estenderam-se em cima das suas enxergas, outros dispersaram pelos arredores.

Hearne não procurou juntar-se a eles nem aproximar-se de Martim Holt.

Agora, que os marinheiros estavam reduzidos à ociosidade, bastava apenas examinar esta situação bastante empírica e estudar os meios de sair dela.

O capitão Len Guy, o piloto e o bossman reuniram-se em conselho e eu juntei-me a eles.

O capitão Len Guy começou dizendo: — Nós defendemos o nosso escaler, e continuaremos a defendê-lo...

— Até à morte! — acrescentou Jem West.

— Quem sabe — disse eu —, se não seremos depressa obrigados a embarcar nele?

— Nesse caso — prosseguiu o capitão Len Guy —, como nem todos poderiam ter lugar, tornar-se-ia necessário fazer uma escolha. A sorte designaria, portanto, aqueles que deveriam partir, e eu não pediria para ser tratado por modo diferente dos outros!

— Ainda não chegamos a esse ponto, que diabo! — observou o bossman. — O iceberg é sólido, e não há perigo de que derreta com o Inverno...

— Não — afirmou Jem West —, isso não é para temer... O que é preciso é que, velando pelo escaler, se vele também pelos mantimentos...

— Bom foi — ajuntou Hurliguerly — que tivéssemos posto a carga em segurança! Pobre e querida «Halbrane»! Ficarás nestes mares como a «Jane»... tua irmã mais velha!

Sim, decerto, e por diferentes causas, pensei eu: uma destruída pelos selvagens de Tsalal, a outra por uma dessas catástrofes que nenhum poder humano pode evitar.

— Tens razão, Jem — prosseguiu o capitão Len Guy —, e nós saberemos impedir que a nossa gente se entregue à pilhagem.

Temos mantimentos para mais de um ano, sem contar com o que nos fornecerá a pesca...

— E muito necessário se torna velar, capitão — acrescentou o bossman —, pois já vi andarem rondando os barris de uísque e da aguardente...

— E de que não seriam capazes esses desgraçados na loucura e furor da embriaguez! — exclamei eu.

— Adotarei medidas a tal respeito — assegurou o piloto.

— Mas — perguntei então — não se deve prever que sejamos obrigados a invernar neste iceberg?

— Deus nos defenda de tão terrível eventualidade! — objetou o capitão Len Guy.

— Em último caso, se fosse necessário — disse o bossman —, sair-se-ia de apertos, Sr.

Jeorling. Abriríamos abrigos no gelo, de maneira a suportar os rigores do frio polar, e enquanto tivéssemos com que matar a fome...

Neste momento representaram-se-me ao espírito as abomináveis cenas de que o «Grampus» foi teatro e nas quais Dirk Peters feriu de morte Ned Holt, irmão do nosso mestre veleiro...

Chegaríamos nós alguma vez a semelhantes extremos?

Todavia, antes de proceder aos preparativos para uma invernada de sete ou oito meses, acaso não seria melhor deixar o iceberg, se isso fosse possível?

Foi para este assunto que chamei a atenção do capitão Len Guy e de Jem West.

Era difícil a resposta àquela pergunta, e por isso foi precedida dum longo silêncio.

Por fim o capitão Len Guy disse: — Sim! Seria o melhor, e se a nossa embarcação nos comportasse a todos e aos mantimentos necessários para uma viagem que duraria, pelo menos, de três a quatro semanas, eu não hesitaria em fazer-me ao mar desde já, a fim de regressar ao norte...

— Mas — fiz eu notar —, seríamos obrigados a navegar contra o vento e contra a corrente, o que a própria escuna talvez não conseguisse... ao passo que continuar para o sul...

— Para o sul? — repetiu o capitão Len Guy, que me fitou como se quisesse perscrutar o íntimo do meu pensamento.

— Por que não? — volvi. — Se o iceberg não houvesse sido detido no seu andamento, talvez tivesse descaído até alguma terra nesta direção, e o que ele fazia não poderia fazer o escaler?

O capitão Len Guy abanou a cabeça, enquanto Jem West se conservava silencioso, sem responder.

— Eh! O nosso iceberg acabará de certo por levantar ferro! — replicou Hurliguerly. — Não está agarrado ao fundo como as Falklands ou as Kerguelen! Portanto, o mais seguro é esperar, porquanto o escaler não nos pode transportar a todos, que somos vinte e três.

— Não é necessário embarcar os vinte e três — insisti. — Bastaria que cinco ou seis de nós fossem ao largo fazer um reconhecimento... andar doze ou quinze milhas... dirigindo-se para o sul.

— Para o sul! — repetiu o capitão Len Guy.

— Decerto, capitão — acrescentei. — Não ignora que os geógrafos admitem sem relutância que as regiões antárticas são constituídas por uma calota continental...

— Os geógrafos não sabem nem podem saber nada a este respeito — retorquiu friamente o piloto.

— Demais — tornei eu —, é para lamentar que não tentemos resolver este assunto do continente polar, visto estarmos tão perto.

Entendi não dever insistir mais, pelo menos neste momento.

Além disso, o mandar a nossa única embarcação em demanda do desconhecido oferecia perigos, quer porque a corrente a arrastasse para muito longe, quer porque nos não tornasse a encontrar neste ponto. Efetivamente, se o iceberg viesse a desprender-se do fundo, retomando o seu andamento interrompido, que seria da gente embarcada no escaler?

O mal era que a embarcação fosse tão pequena para nos conter a todos com os mantimentos suficientes. Ora dos antigos de bordo, restavam dez homens, incluindo Dirk Peters, e dos novos havia treze — isto é, vinte e três ao todo. Pois bem, onze a doze pessoas

era o máximo que o escaler podia levar. Portanto, onze de nós teriam de ser abandonados nesta ilha de gelo... aqueles que a sorte designasse. E os outros, o que seria deles?

A propósito disto, contudo, Hurliguerly fez uma reflexão, que valia a pena ser meditada.

— No fim de contas — disse ele —, não sei se eram mais favorecidos os que embarcassem ou os que não embarcassem... Tenho tais dúvidas a este respeito que, pela minha parte, cedo de bom grado o meu lugar a quem o quiser!

O bossman teria porventura razão? Mas a minha ideia, quando eu disse que se aproveitasse o escaler, era apenas para se efetuar um reconhecimento ao largo do iceberg. Enfim, para concluir, resolveu-se adotar disposições para o caso duma invernação, ainda mesmo que a nossa montanha de gelo viesse a retomar o primitivo andamento.

— Eis aí está o que há-de custar a conseguir que a nossa gente aceite! — declarou Hurliguerly.

— O que é forçoso fazer-se, faça-se — replicou o piloto —, e, a começar de hoje, mãos à obra!

Que triste foi este dia, durante o qual se começaram os preparativos!

A falar verdade, vi apenas o cozinheiro Endicott resignar-se sem recriminações. Como negro que se não preocupava com o futuro, de carácter volúvel, frívolo como todos os da sua raça, conformava-se sem custo com a sua sorte, o que é talvez a verdadeira filosofia. Demais, desde que se tratava de cozinhar, ou fosse aqui ou acolá, pouco lhe importava, com a condição de que o fogão estivesse em alguma parte.

E ele disse ao seu amigo bossman, com o seu franco sorriso: — Por fortuna, a minha cozinha não foi para o fundo com a escuna, e há-de ver, Hurliguerly, se lhe não faço pratos tão bons como a bordo da «Halbrane» — enquanto houver mantimentos, já se vê!

— Eh! Não hão-de faltar tão depressa, mestre Endicott! — respondeu o bossman. — Não é a fome que temos a recear, é o frio, que nos reduz a bloco de gelo desde que se deixa um instante de bater o pé... um frio que nos faz estalar a pele e rachar o crânio! Se nós ainda tivéssemos algumas centenas de toneladas de carvão... Mas, feitas bem as contas, apenas há o preciso para fazer ferver o caldeirão...

— E esse é sagrado! — exclamou Endicott. — É proibido tocar-lhe! A cozinha primeiro que tudo!

— Ora aí está, endiabrado moleque, porque não pensas em carpir-te! Pois não tens tu a certeza de aquecer sempre as patas ao lume do teu fogão?

— Mas que quer, bossman, ou bem que se é mestre-cuco ou bem que se não é... Quando se é, tira-se-lhe o proveito, e terei o cuidado de lhe reservar um lugarzinho na grelha...

— Está bem... está bem... Endicott! Irá cada um por sua vez.

Nada de privilégios, ainda que seja para um bossman... Só os há para ti, a pretexto de que és o superintendente da manipulação do rancho. No fim de tudo, vale mais não ter nada do que temer a fome. O frio, esse pode-se combater e suportar... Abrir-se-ão buracos no iceberg... empilha-se a gente lá... E por que motivo não havemos de ocupar uma habitação comum... uma gruta que se construiria à força de picareta? Chego a dizer que o gelo conserva o calor. Pois bem, que ele conserve o nosso, não lhe peço mais nada!

Era chegada a hora de voltarmos para o acampamento e de nos deitarmos nas enxergas.

Dirk Peters, que se recusara a ser rendido, ficou de guarda ao escaler, e ninguém tratou de lhe disputar esse posto.

O capitão Len Guy e Jem West não entraram nas barracas sem primeiro se certificarem de que Hearne e os seus camaradas ocupavam o lugar do costume.

Vim por minha vez, e deitei-me.

Quanto tempo dormira, não poderia dizê-lo, nem que horas eram, quando rebolei pelo chão em consequência duma violenta sacudidela.

Que tinha, pois, acontecido? Acaso o iceberg teria dado nova reviravolta?

Pusemo-nos todos a pé, num segundo, e saímos para fora das barracas à plena claridade da noite polar.

Uma outra massa flutuante, de enormes dimensões, acabava de bater de encontro ao nosso iceberg, que «levantara ferro», como dizem os marítimos, e descaía para o sul.

CAPÍTULO X

ALUCINAÇÕES

Produziu-se uma inesperada mudança na situação! Quais seriam as consequências de não termos encajado neste lugar?

Depois de havermos estado imobilizados quase no ponto da intersecção do meridiano trinta e nove e do paralelo de oitenta e nove graus, eis que a corrente nos arrastava em direção ao polo... De modo que, ao primeiro sentimento de alegria, sucediam-se todos os receios do desconhecido — e que desconhecido!

Só Dirk Peters, talvez, jubilasse de todo, pensando ter retomado o caminho pelo qual se obstinava em encontrar os vestígios do seu pobre Pym! E que ideias passariam pela cabeça dos companheiros!

O capitão Len Guy, com efeito, já não tinha nenhuma esperança de recolher os seus compatriotas. Não havia a menor dúvida de que William Guy e os cinco marinheiros tinham abandonado a ilha Tsalal há mais de oito meses... Mas onde se refugiaram eles? Nós vencêramos em trinta e cinco dias uma distância de cerca de quatrocentas milhas, sem termos descoberto nada.

Ainda que tivessem chegado ao continente polar, ao qual o meu compatriota Maury, nas suas engenhosas hipóteses, atribui a largura de mil léguas, que ponto do continente escolheríamos nós para teatro das nossas pesquisas? E, demais, se é um mar que banha esta extremidade do eixo terrestre, não estariam agora submergidos os sobreviventes da «Jane» nestes abismos, que uma crosta gelada iria depressa cobrir?

Perdida, pois, toda a esperança, impunha-se ao capitão Len Guy o dever de conduzir a tripulação para o norte, a fim de transpor o círculo antártico enquanto a estação o permitia, e nós íamos levados para o sul...

E repare-se bem nisto: se não tivéssemos encajado, forçoso era resignarmo-nos com uma longa internada, renunciar às probabilidades de encontrar qualquer baleeiro dos que pescam entre as Orkneys, a New Georgia e as Sandwich.

Por efeito da colisão que pusera o nosso iceberg a nado, numerosos objetos foram precipitados ao mar, os pedreiros da «Halbrane», as âncoras, as correntes, uma parte da mastreação e das antenas. No que, porém, dizia respeito à carga, graças às precauções tomadas no dia precedente, armazenando-a, as perdas, segundo o inventário, foram consideradas insignificantes. E o que havia de ser de nós se todas essas reservas tivessem desaparecido nesta abordagem?

Pelas observações feitas essa manhã, o capitão Len Guy concluiu que a nossa montanha de

gelo descaía para sudeste.

Nenhuma mudança, pois, se operara relativamente à direção da corrente. As outras massas flutuantes, com efeito, não haviam cessado de seguir aquela direção e uma delas é que abalroara com a nossa do lado de este. Agora, os dois icebergs formavam um só, que se movia com a velocidade de duas milhas por hora.

O que merecia reparo era a persistência desta corrente, a qual, desde o banco de gelo, arrastava as águas deste mar livre para o polo austral. Se, conforme a opinião de Maury, existia um vasto continente antártico, contornava-o a mencionada corrente, ou esse continente, separado em dois por um grande estreito, oferecia saída a essas massas líquidas e também às massas flutuantes que acarretava pela sua superfície?

A meu ver, não tardaríamos a ficar inteirados sobre este ponto. Caminhando com uma velocidade de duas milhas, bastariam trinta horas para chegar ao ponto axial onde se juntam os meridianos terrestres.

Quanto à dita corrente, se passava pelo próprio polo, ou se havia ali a terra a que pudéssemos abicar, isso era diferente.

E como eu falasse com o bossman a este respeito, respondeu-me:

— Mas que quer, Sr. Jeorling: se a corrente passa pelo polo, também por lá passaremos, e, se não passa, tão-pouco passaremos nós! Já não somos senhores de ir onde nos aprouver.

Um bloco de gelo não é um navio, e, como não tem nem velame nem leme, vai para onde o leva o descaimento!

— De acordo, Hurliguerly, e é por isso que tenho pensado que, embarcando dois ou três... no escaler...

— Sempre a mesma ideia! Não pensa em mais nada senão no escaler!

— Decerto, porque, enfim, se há terra em alguma parte, não é possível que a gente da «Jane»...

— Desembarcasse lá, Sr. Jeorling... a quatrocentas milhas da ilha Tsalal?

— Quem sabe, bossman?

— Pois sim, mas permita-me que lhe diga que esses raciocínios terão lugar quando aparecer terra, se acaso a avistarmos. O nosso capitão verá o que convém fazer, devendo, porém, lembrar-se de que o tempo urge. Não nos podemos demorar nestas paragens e, em suma, quer o iceberg nos não transporte nem para o lado das Falklands nem para o lado das Kerguelen, isso pouco importa, se conseguirmos sair por qualquer outra banda. O essencial é transpor o círculo polar antes de o Inverno o tornar impraticável!

Era o próprio bom senso que ditava estas palavras a Hurliguerly, devo convir.

Enquanto se faziam os preparativos, conforme as ordens do capitão Len Guy, sob a vigilância do piloto, aconteceu-me várias vezes subir ao cimo do iceberg.

Aí, sentado no ponto mais alto, de óculo assestado, não cessava de percorrer o horizonte. De tempos a tempos, a sua linha circular interrompia-se ao passar duma montanha flutuante, ou ocultava-se detrás de qualquer farrapo de névoa.

Do lugar onde eu estava, a uma altura de cento e cinquenta pés do nível do mar, computei em mais de doze milhas o alcance da minha vista. Até então, nenhum contorno longínquo se desenhava no fundo do céu.

Por duas vezes trepou o capitão Len Guy até este ponto, a fim de tomar a altura.

O resultado da observação, nesse dia, 30 de Janeiro, foi registrado assim: Longitude: 67

graus 19 oeste. Latitude: 89 graus 21 sul.

Havia uma dupla conclusão a tirar dos dados desta observação.

A primeira era que, desde a última marcação da nossa posição em longitude, a corrente empurrara-nos cerca de vinte e quatro graus para sueste.

A segunda era que o iceberg já se não encontrava a mais dumas quarenta milhas do polo austral.

Durante este dia, a maior parte da carga foi transportada para o interior duma espaçosa anfractuosidade, que o bossman descobrira no flanco este, onde, até mesmo no caso duma nova colisão, as caixas e os barris estariam em segurança. Quanto ao fogão da cozinha, a nossa gente ajudou Endicott a colocá-lo entre dois blocos, de maneira que ficasse bem seguro, e amontoou algumas toneladas de carvão perto dele.

Estes diversos trabalhos executaram-se sem provocar nenhuma recriminação, nenhum murmúrio. O silêncio que a tripulação guardava era manifestamente por vontade dela. Se obedecia ao capitão Len Guy e ao piloto, era porque nada lhe pediam que se não devesse fazer e sem demora.

Ora, com o tempo, não acabaria o desânimo por empolgar a nossa gente? Embora a autoridade dos seus chefes não fosse ainda contestada, não o viria a ser dentro de alguns dias?

Escusado é dizer que se podia contar com o bossman, com o mestre Hardie, até mesmo com Martim Holt, e talvez com dois ou três dos antigos. Quanto aos outros, sobretudo os assoldados nas Falklands, que não viam nunca o termo desta desastrosa viagem, acaso resistiriam ao desejo de se apoderarem do escaler e fugirem?

A meu ver, contudo, não havia a recear uma tal eventualidade enquanto o nosso iceberg continuasse ao sabor da corrente, por isso que a embarcação não podia ganhar-lhe em velocidade.

Mas se ele encalhasse outra vez, se fosse bater de encontro ao litoral dum continente ou duma ilha, o que não fariam estes desgraçados para evitar os horrores da invernada?

Tal foi o assunto da nossa conversação durante a refeição do meio-dia. O capitão Len Guy e Jem West participaram da opinião de que o sealing-master e os seus companheiros não fariam nenhuma tentativa enquanto a massa flutuante continuasse a deslocar-se. Era, porém, conveniente que a vigilância não afrouxasse. Hearne inspirava muito justa desconfiança para que o não tivessem debaixo de olho a cada momento.

Depois do meio-dia, durante a hora de descanso concedido à maruja, tive uma nova palestra com Dirk Peters.

Havia eu voltado para o meu lugar habitual no cabeço, enquanto o capitão Len Guy e o piloto tinham descido à base do iceberg, a fim de marcar os pontos de referência na linha de flutuação. Duas vezes, durante vinte e quatro horas, deviam-se examinar esses pontos para ver se o calado crescia ou decrescia, isto é, se uma elevação do centro de gravidade não ameaçava provocar outra reviravolta.

Havia meia hora que eu estava sentado, eis que vejo o mestiço descendo a passo rápido pelas rampas.

Viria também observar o horizonte até ao mais recôndito, na esperança de avistar terra? Ou, o que me parecia mais provável, acaso desejava comunicar-me algum projeto respeitante a Arthur Pym?

Depois que o iceberg recomeçou o seu andamento, apenas havíamos trocado três ou quatro

palavras.

Quando o mestiço chegou perto de mim, parou, passou a vista pelo mar circundante, e procurou descobrir o que eu próprio procurava, e o que eu não descobria ainda, também ele o não descobriu...

Decorreram dois ou três minutos primeiro que me dirigisse a palavra, e era tal a sua preocupação que perguntei de mim para mim se ele me teria visto.

Por fim, apoiou-se a um bloco e julguei que me ia falar do que sempre costumava falar, mas não era nada disso.

— Sr. Jeorling — disseme ele —, recorda-se... no seu camarote da «Halbrane»... do caso que lhe contei... aquele caso do «Grampus»...

Se eu me recordava! Nada do que ele me contara acerca da terrível cena, de que fora o principal ator, havia saído da minha memória.

— Disse eu — continuou —, que Parker não se chamava Parker... Chamava-se Ned Holt... Era irmão de Martim Holt...

— Bem o sei, Dirk Peters — respondi. — Mas por que motivo é que volta a esse triste caso?

— Porque, Sr. Jeorling? É verdade que... o senhor nunca disse nada a ninguém?

— A ninguém! — garanti eu. — Por que razão havia eu de ser tão indiscreto, tão imprudente, que revelasse o seu segredo... um segredo que não deverá nunca sair de nossa boca... um segredo que morreu entre nós?

— Morreu... sim... morreu! — murmurou o mestiço. — E... contudo... percebe o que quero dizer... parece-me... que entre a tripulação... se sabe... deve saber-se alguma coisa...

E, de repente, ocorreu-me o que o bossman me contara duma conversação surpreendida por ele e na qual Hearne excitava Martim Holt a perguntar ao mestiço em que condições sucumbira seu irmão a bordo do «Grampus». Transpirara, porventura, uma parte desse segredo, ou uma tal apreensão apenas existia na imaginação de Dirk Peters?

— Explique-se — disse eu.

— Percebe o que quero dizer, Sr. Jeorling... não me sei exprimir bem... Sim... ontem... desde então que não deixei de pensar nisso... Ontem, Martim Holt chamou-me de parte... distante dos outros... e disseme que desejava falar-me...

— Do «Grampus»?

— Do «Grampus»... sim... e de seu irmão Ned Holt! Foi a primeira vez... que pronunciou tal nome diante de mim... o nome daquele que... e... contudo... já lá vão três meses que navegamos juntos.

A voz do mestiço estava de tal modo alterada que mal se ouvia.

— Percebe — prosseguiu ele —, pareceu-me que, no espírito de Martim Holt... não, eu não me enganei... havia como que uma suspeita...

— Diga, pois, Dirk Peters! — exclamei. — O que Martim Holt lhe perguntou?

Eu percebia bem que esta pergunta de Martim Holt fora Hearne quem inspirara. Entendendo, porém, que o mestiço nada devia saber da intervenção do sealing-master, tão inquietante quanto inexplicável, resolvi-me a não lha revelar.

— O que ele me perguntou, Sr. Jeorling? Perguntou-me... se eu me não recordava de Ned Holt, do «Grampus»... se ele morrera na luta contra os revoltosos ou no naufrágio... se fora um dos que haviam sido abandonados no mar com o capitão Barnard... finalmente, se eu podia

dizer-lhe em que condições morrera seu irmão... Ah! em que condições...

E com que modo o mestiço pronunciava estas palavras, que atestavam um tão profundo horror de si próprio!

— E que respondeu a Martim Holt, Dirk Peters?

— Nada... nada!

— Era necessário afirmar que Ned Holt sucumbira no naufrágio do brigue.

— Não pude... percebe... não pude... Os dois irmãos parecem-se tanto! Em Martim Holt... julguei ver Ned Holt! Tive medo... e fugi...

Levantara-se o mestiço num movimento brusco, e eu, com a cabeça entre as mãos, pus-me a refletir... Estas intempestivas perguntas de Martim Holt a respeito do irmão, não duvidava que houvessem sido feitas por instigação de Hearne... Seria, pois, nas Falklands que o sealing-master surpreendera o segredo de Dirk Peters, do qual eu não havia dito palavra a ninguém?

No fim de tudo, compelindo Martim Holt a interrogar o mestiço, que pretendia Hearne? Que fito era o seu? Queria unicamente satisfazer o seu ódio contra Dirk Peters, que era o único marinheiro falklandês que se conservava leal ao partido do capitão Len Guy e que o impedira, a ele e aos camaradas, de se apoderarem do escaler? Excitando Martim Holt, esperava porventura atrair o mestre veleiro, levá-lo a juntar-se aos seus cúmplices? E, com efeito, logo que se tratasse de governar a embarcação por estas paragens, acaso não necessitava de Martim Holt, um dos melhores marinheiros da «Halbrane», que seria capaz de alcançar o que Hearne e os seus não conseguiriam, se eles tivessem de contar consigo próprios?

Vê-se qual era o encadeamento de hipóteses a que se entregava o meu espírito e as complicações que se juntavam a uma situação já de si complicada.

Quando ergui os olhos, já Dirk Peters não estava ao pé de mim.

Havia desaparecido sem que eu tivesse dado por isso, depois de dizer o que queria dizer-me, e, ao mesmo tempo, convencido de que eu não trairia o seu segredo.

E, como as horas iam correndo, relanceei um derradeiro olhar pelo horizonte, e descí, deveras perturbado e, como sempre, roído de impaciência por chegar ao dia seguinte.

Ao aproximar-se a noite, tomaram-se as precauções do costume e não foi permitido a ninguém ficar fora do acampamento — a ninguém, a não ser o mestiço, que continuou de guarda ao escaler.

Eu estava de tal modo fatigado, quer moral, quer fisicamente, que, apoderando-se de mim o sono, me deitei junto do capitão Len Guy, enquanto o piloto vigiava do lado de fora, e depois junto do piloto, quando este foi rendido pelo capitão.

No dia seguinte, 31 de Janeiro, de madrugada, corri o pano da nossa tenda...

Que decepção! Estava tudo coberto de névoa, mas não da que os primeiros raios do Sol dissolvem e que desaparecem sob a influência das correntes atmosféricas... Não! Era um nevoeiro amarelo, que cheirava a bafio, como se este Janeiro antártico fosse o brumário do hemisfério setentrional. Além disso, observamos um notável abaixamento na temperatura, talvez sintoma precursor do inverno austral. O céu caliginoso resumava espessas vesículas de vapores, em que se perdia o cabeço da montanha de gelo. Era um nevoeiro que não resolvia em chuva, uma espécie de algodão em rama colocado no horizonte...

— Arreliador contratempo — resmungou o bossman —, pois, se passarmos à vista de terra, não poderemos enxergá-la!

— E o nosso andamento? — perguntei.

— É maior que ontem, Sr. Jeorling. O capitão mandou deitar a sonda, e não calcula a velocidade em menos de três ou quatro milhas.

— Ora, e que conclui daí, Hurliguerly?

— Concluo que devemos estar num mar bastante apertado, porquanto a corrente tem aqui muita força. Não me admiraria se encontrássemos terra por bombordo e por estibordo, a umas dez ou quinze milhas.

— Nesse caso seria um amplo estreito que dividiria o continente antártico?

— Decerto... pelo menos o capitão é desse parecer.

— E, pensando ele assim, Hurliguerly, acaso não tenta abicar a uma das margens do estreito?

— Mas de que modo?

— Com o escaler...

— Arriscar o escaler entre esta cerração! — exclamou o bossman, cruzando os braços. — Pois pensa em semelhante coisa, Sr. Jeorling? Podemos porventura fundear à espera que ele volte? Não, não pode ser, e teríamos todas as probabilidades de nunca mais o tornar a ver! Ah! Se nós tivéssemos a «Halbrane»! Ai! Nós já não tínhamos a «Halbrane»!

A despeito das dificuldades que oferecia a ascensão entre estes vapores meio condensados, subi ao cabeça do iceberg.

Quem sabe se uma aberta me não deixaria avistar terra a este ou a oeste? Quando, porém, estava em pé no cimo, em vão procurei devassar com a vista o impenetrável véu cinzento que encobria estas paragens.

Eu estava ali, sacudido pelo vento de nordeste, que tendia a refrescar e dissiparia talvez o nevoeiro...

Acumulavam-se, todavia, novos vapores, impelidos pela brisa do mar livre. Sob a dupla ação das correntes atmosféricas e marinhas, descaíramos com velocidade cada vez maior, e eu sentia como um tremor do iceberg.

Foi então que me achei sob o império de uma espécie de alucinação — uma dessas singulares alucinações que deviam ter turbado o espírito de Arthur Pym... Parecia que me fundia na sua extraordinária personalidade!

Julgava ver enfim o que ele tinha visto! Esta névoa que se não dissipava era a cortina de vapores estendida no horizonte ante seus olhos de louco!

Procurei ver ali os penachos de raios luminosos que pintalgavam o céu do nascente ao poente! Procurei o sobrenatural flamejar que os coroava! Procurei as palpitações fotogênicas do espaço ao mesmo tempo que as das águas iluminadas pelo fulgor do fundo oceânico! Procurei a catarata sem limites, despenhando-se silenciosa do cimo de algum enorme parapeito perdido nas profundezas do zênite! Procurei as vastas fendas, atrás das quais se agitava um caos de imagens flutuantes, indistintas, sob as poderosas lufadas do ar!

Procurei o gigante branco, o gigante do polo!

Por fim dominou a razão. Uma tal turbacão de visionário, um tal estado de alheamento que tocava a extravagância dissipou-se a pouco e pouco, e voltei para o acampamento.

O dia decorreu todo nestas condições. Nem uma só vez se abriu a cortina ante nossos olhos, e se o iceberg, que andara umas quarenta milhas desde a véspera, havia passado no extremo do eixo da Terra, nunca o saberíamos!*

**Vinte e oito anos mais tarde, o que o Sr. Jeorling nem sequer podia prever, houve quem*

o visse, e houve quem chegasse a este ponto do Globo, a 21 de Março de 1868. Estava a estação adiantada sete semanas, e já se acentuavam os sinais de Inverno nestas regiões tristes, que seis meses de trevas iriam em breve sepultar. Isso, porém, pouco importava ao extraordinário navegador de quem invocamos a memória. Com o seu maravilhoso aparelho submarino, podia afrontar todas as tempestades. Depois de haver transposto o banco e seguido a encosta gelada do oceano Antártico, pôde subir até noventa graus. Neste ponto, o escaler depô-lo em terra vulcânica, juncada de fragmentos de basalto, escórias, cinzas, lavas e pedras denegridas. Na superfície do litoral pululavam os anfíbios, as focas e morsas. Ao de cima voavam inúmeros bandos de pernaltas, chionis, maçaricos, procelárias gigantescas, ao passo que os pinguins formavam em linha imóveis. Depois, atravessando os montões de fragmentos de rochas e de pedra-pomes, a misteriosa personagem trepou a íngreme ladeira dum píncaro, metade pórfiro, metade basalto, no extremo do polo austral. E, precisamente no ponto em que o horizonte, do lado norte, cortava em duas partes iguais o disco solar, tomava ele posse do dito continente em seu próprio nome e desfraldava a bandeira de filete com um N bordado a ouro. Ao largo flutuava um barco submarino, que se chamava «Nautilus» e cujo comandante era o capitão Nemo. (J. V.)

CAPÍTULO XI

DEBAIXO DE CERRAÇÃO

— O há para ver, Sr. Jeorling? — disse o bossman quando, no dia seguinte, nos encontramos em frente um ao outro. — É forçoso resignarmo-nos!

— Resignarmo-nos, Hurliguerly, por quê?

— Por não acharmos o Pólo Sul, do qual nem sequer avistamos a extremidade!

— É certo... mas que, no entanto, já deve ficar para trás umas vinte milhas...

— Que quer o senhor, o vento soprou à lâmpada austral, e ela apagou-se na ocasião de nós passarmos... — Ocasão, aliás, que suponho não tornaremos a encontrar.

— É como diz, Sr. Jeorling, e podemos renunciar a ver a ponta do espeto terrestre girar entre os nossos dedos!

— O bossman tem comparações felizes.

— E acrescentarei mais que o nosso veículo de gelo nos arrasta para a casa do diabo, e não precisamente na direção do Corvo Verde! Vai-te... vai-te... viagem inútil, viagem gorada... e que se não recomeçará tão depressa. Em todo o caso, viagem que deve terminar e sem distrações, porquanto o Inverno não tardará a mostrar o nariz vermelho, os lábios gretados e as mãos cobertas de frieiras! Viagem durante a qual o capitão Len Guy não encontrou o irmão, nem nós os nossos compatriotas, nem Dirk Peters o seu pobre Pym!

Tudo isto, além de ser verdade, era o resumo das nossas amarguras, dos nossos infortúnios, das nossas decepções! Sem falar da «Halbrane» aniquilada, a expedição contava já nove vítimas. De trinta e dois que tinham embarcado na escuna, estávamos reduzidos a vinte e três, e até que número desceríamos?

Efetivamente, do polo austral ao círculo antártico há uns vinte graus, isto é, mil e duzentas milhas marítimas, as quais é necessário transpor em um mês ou, quando muito, seis semanas, de contrário encontrar-se-á o banco reconstruído e fechado! Quanto à invernada nesta parte da Antártica, nenhum de nós poderia ali resistir. Demais, havíamos perdido toda a esperança de recolher os sobreviventes da «Jane», e a tripulação só fazia votos para que se atravessasse quanto antes esta medonha solidão. Nós, que até ao polo descaímos do sul, passamos a descair

do norte, e, no caso de continuarmos assim, talvez fôssemos favorecidos por algum feliz acaso que compensasse tantas contrariedades sofridas! No entanto, e empregando uma locução familiar, «o melhor de tudo era deixar correr».

Que importava que os mares para onde se dirigia o nosso iceberg já não fossem os do Atlântico meridional, mas sim os do oceano Pacífico, ou se as terras mais próximas, em vez das South-Orkneys, das Sanduíche, das Falklands, do cabo Horn, das Kerguelen, eram a Austrália ou a Nova Zelândia! Foi por isso que Hurliguerly teve razão em dizer — e com muito pesar seu — que não era em casa do compadre Atkins e na sala de entrada do Corvo Verde que iria beber o gole do regresso!

— No entanto, Sr. Jeorling — dizia-me ele —, ainda há excelentes hospedarias em Melburne, em Hobart-Tow, em Dunedin... O caso é chegarmos a porto de salvamento!

Não tendo levantado a cerração durante os dias 2, 3 e 4 de Fevereiro, era difícil calcular o percurso do nosso iceberg, desde a passagem do polo. O capitão Len Guy e Jem West, todavia, julgavam poder computá-lo em duzentas e cinquenta milhas.

A corrente, com efeito, não parecia ter diminuído de velocidade nem mudado de direção. Que fôssemos metidos num braço de mar entre as duas metades dum continente, uma a este e outra a oeste, as quais formavam o vasto domínio da Antártica, isso não parecia oferecer dúvida. Lamentava eu, pois, que não pudéssemos abicar a uma ou outra margem deste amplo estreito, cuja superfície o Inverno não tardaria a solidificar.

Quando falei disto ao capitão Len Guy, deu-me a resposta plausível:

— Mas que quer, Sr. Jeorling, nada podemos fazer, e, no respeitante ao azar que nos persegue de há tempos a esta parte, é precisamente na persistência da cerração. Já não sei onde estamos... É impossível tomar altura, isto no momento em que o Sol vai desaparecer por longos meses!

— Insisto ainda no escaler — disse eu mais uma vez. — Não se poderia, com o auxílio do escaler...?

— Ir fazer uma exploração? Julga isso possível? Seria uma imprudência que eu não cometeria... e que a tripulação me não deixaria cometer!

E estive vai não vai para observar:

— Mas se seu irmão William Guy, se os seus compatriotas porventura se refugiaram num ponto qualquer desta terra...

Porém contive-me. Para que servia avivar as dores do nosso capitão? Ele devia ter pensado numa tal eventualidade, e, se renunciava ao prosseguimento das pesquisas, era porque reconhecera a inutilidade delas, bem como a inanidade duma derradeira tentativa.

— E, no fim de tudo — o que lhe daria ainda uma vaga esperança —, talvez que ele fizesse o seguinte raciocínio que merecia alguma atenção: Quando William Guy e a sua gente saíram da ilha Tsalal, começava o Verão. Abria-se diante deles o mar livre, atravessado por estas mesmas correntes de sueste, cuja ação experimentamos, primeiro com a «Halbrane» e em seguida com o iceberg. Além das correntes, deviam ter sido favorecidos, como nós o fomos, pelas brisas dominantes do nordeste. Donde se conclui que o seu escaler, a não ser que se perdesse num acidente marítimo, devia ter seguido uma direção análoga à nossa e chegado, pelo amplo estreito, até estas paragens. Era, pois, ilógico supor-se, tendo sobre nós um avanço de alguns meses, que depois de haver seguido para o norte, transposto o mar livre, e dobrado o banco de gelo, a embarcação conseguisse sair do círculo antártico, enfim, que William Guy

e os companheiros encontrassem algum navio que já os tivesse repatriado?

Admitindo que o nosso capitão estivesse aferrado a esta hipótese, a qual, confesso, exigia tantas probabilidades a favor — muitas até! — não me tinha, porém, dito uma única palavra a tal respeito. Talvez — pois a gente gosta de conservar as ilusões que tem —, talvez temesse que lhe demonstrassem os pontos fracos deste raciocínio...

Um dia, falei neste sentido a Jem West. O piloto, pouco acessível aos arrebatamentos da imaginação, não se conformou com o meu parecer. Pretender-se que, se não encontramos a gente da «Jane», fora porque tinham saído destas paragens antes da nossa chegada, e que já estavam nas águas do Pacífico, era coisa que não podia caber num espírito tão positivo como o seu.

Quanto ao bossman, quando chamei a sua atenção para esta eventualidade, replicou: — O Sr. Jeorling sabe bem que tudo pode acontecer... ou, pelo menos, é costume dizer-se assim! E, contudo, supor que o capitão William Guy e a sua gente estejam, a estas horas, em véspera de beber um golázio de aguardente, genebra ou uísque, numa das lojas de bebidas do Antigo ou do Novo Continente... não! não!... Isso é tão impossível como nós estarmos amanhã sentados ambos à mesa do Corvo Verde!

Durante estes três dias de cerração não pus a vista em Dirk Peters, ou, melhor, ele não procurou acercar-se de mim, obstinado como estava em manter-se no seu posto junto da embarcação. As perguntas de Martim Holt relativas a seu irmão Ned pareciam indicar que o segredo de Dirk Peters era conhecido, pelo menos em parte. De modo que ele afastava-se agora mais do que nunca, dormindo durante as horas de vigília, velando durante as horas de repouso. Eu até perguntava a mim próprio se acaso ele não estaria arrependido de ter confiado na minha pessoa, se não suporia ter-me causado repugnância...

Isto, porém, não se dava, e eu sentia pelo pobre mestiço profunda compaixão!

Não sei dizer o quanto nos pareceram tristes, monótonas, intermináveis, as horas que decorreram debaixo desta cerração, cuja cortina o vento não podia romper. Por mais atenção que se prestasse, não se conseguia reconhecer, fosse a que hora fosse, o lugar que o Sol ocupava acima do horizonte, para onde descia num movimento de espiral. A posição do iceberg em longitude e em latitude não podia, pois, ser marcada. Era provável que continuasse a descair para sueste, ou, antes, para noroeste, depois que transpusera o polo, mas não era certo. Animado da mesma velocidade que a corrente, como é que o capitão Len Guy havia de determinar-lhe o movimento, se a névoa impedia de fixar um ponto de referência? Ainda mesmo que estivesse imóvel, não haveria para nós nenhuma diferença apreciável, por isso que o vento acalmara — pelo menos era o que supúnhamos — e não se sentia a menor aragem. A chama dum farol, exposta ao ar, não oscilaria. O piar das aves, espécie de grasnido que se perdia nesta atmosfera guarnecida de névoas, era somente o que interrompia o silêncio do espaço.

Procelárias e albatrozes esvoaçavam sobre o cabeço onde eu estava em observação. Em que direção fugiam estes rápidos voláteis, aos quais a aproximação do Inverno já enxotava talvez para os confins da Antártica?

Um dia, o bossman, que, no intuito de ver se descobria essa direção, subira ao topo, com risco até de partir a cabeça, apanhou no peito tal pancada de uma vigorosa águia pescadora, espécie gigantesca com doze pés de envergadura, que foi de costas ao chão.

— Raio de animal! — disse ele, quando voltou para o acampamento. — Escapei de boa!

De repente, zás! de pernas ao ar, como um cavalo que se deita sobre o espinhaço! Agarrei-me ao que pude... mas por um triz que não tive de largar tudo! As arestas do gelo, sabe, escorregam como água entre os dedos! De modo que lhe gritei, ao pássaro: «Não podes reparar em quem está na tua frente?» Mas ele nem sequer pediu desculpa, o grande malcriado!

O caso é que o bossman correu risco de ser atirado de bloco em bloco até o mar.

Pela tarde desse dia, os nossos ouvidos foram atrozmente atordoados por uns zurros que vinham de baixo. Conforme Hurliguerly fizera notar, desde que não eram burros que zurravam, deviam ser pinguins. Até agora, estes inumeráveis hóspedes das regiões polares não tinham julgado oportuno acompanhar-nos na ilha flutuante, se bem que, quando a vista podia ainda estender-se pelo mar fora, não tivéssemos descoberto um só ao pé do iceberg nem em cima dos blocos que flutuavam. Presentemente, não havia dúvida de que estavam ali aos centos ou aos milhares, por isso que o concerto se fazia ouvir com uma intensidade que atestava o número dos executantes.

Ora, os referidos voláteis habitam de preferência quer as margens litorais dos continentes e das ilhas destas altas latitudes, quer os ice-fields das vizinhanças. Não indica, pois, a sua presença a proximidade de terra?

Eu sei que estamos na disposição de espírito em que nos agarramos ao menor vislumbre de esperança, como o náufrago em perigo de morrer afogado se agarra a uma tábua — a tábua de salvação! E quantas vezes ela se afunda ou se despedaça no momento em que o desventurado vai a deitar-lhe a mão! Não era esta a sorte que nos esperava nestas medonhas paragens?

Perguntei ao capitão Len Guy que consequências tirava ele da presença dessas aves.

— As mesmas que o Sr. Jeorling supõe — respondeu-me ele. — Desde que estamos flutuando, nenhuma delas procurou refúgio no iceberg, e agora ei-las aí em bandos, a julgar pela grasnada ensurdecadora. E donde vieram? Pelo que é lícito presumir, dum terra de que estamos talvez muito próximos...

— O piloto é também dessa opinião? — perguntei eu.

— Sim, Sr. Jeorling, e bem sabe que ele não é homem para admitir quimeras!

— Decerto que não!

— Além disso, há uma outra coisa que o impressionou como a mim e que, parece, não feriu a atenção do Sr. Jeorling...

— Qual é ela?

— São os mugidos que se misturam com os zurros dos pinguins. Apure o ouvido e não tardará a percebê-los.

Escutei, e, evidentemente, a orquestra era mais completa do que eu supunha.

— Com efeito — disse eu —, distingo os tais mugidos lamentosos. Há portanto ali focas ou morsas...

— É um fato indubitável, Sr. Jeorling, e concluo disso que os referidos animais, aves e mamíferos, mais raros depois que partimos da ilha Tsalal, frequentam estas paragens onde as correntes nos trouxeram. Parece-me que esta afirmação não tem nada de gratuita.

— Nada, capitão, nem até em admitir a existência de terra nestas proximidades. Sim! Que fatalidade estarmos envolvidos neste impenetrável nevoeiro, que nos não deixa ver um quarto de milha ao largo!

— E que até nos impede de descer à base do iceberg! — acrescentou o capitão Len Guy.

— Aí, sem dúvida, poderíamos reconhecer se as águas acarretam peixelim, laminarias ou algas, o que nos forneceria um novo indício. O senhor tem razão... é uma fatalidade!

— E por que não há-de experimentar, capitão?

— Não, Sr. Jeorling, isso seria expor a gente a cair, e eu não consentirei que ninguém saia do acampamento. Além de que, se há terra pela proa, o nosso iceberg não tardará a aportá-la...

— Se ele a não aporta, como é que nós havemos de aportá-la? E o escaler, pensava eu, tornar-se-á, porém, necessário utilizá-lo... Mas o capitão Len Guy preferia esperar, e quem sabe se, nas circunstâncias em que nos achávamos, não era o mais prudente de tudo?

Quanto à base do iceberg, a verdade é que não havia nada mais perigoso do que meter-se alguém às cegas por estas rampas escorregadias. O mais destro da tripulação, o mais vigoroso, o próprio Dirk Peters, não o conseguiria sem grande risco. Esta funesta viagem contava já muitas vítimas, cujo número nós não queríamos aumentar.

Não posso dar ideia da acumulação de vapores, que se tornaram ainda mais densos durante a tarde. A partir das cinco horas tornou-se impossível distinguir qualquer coisa a poucos passos do planalto onde se erguiam as barracas. Era preciso tatear com a mão para sabermos que estávamos perto um do outro. Não era bastante o falar, por isso que a voz não alcançava mais que a vista neste meio ensurdecido.

Um farol aceso deixava apenas perceber uma espécie de morrão amarelado, sem força iluminante. Um grito que chegasse ao ouvido tornava-se muito tênue, e só os pinguins eram bastante grulhas para se fazerem ouvir.

Devo notar que não havia razão para confundir este nevoeiro com o frost-rime, o fumo gelado, que observáramos anteriormente. Demais, o frost-rime, que exige uma temperatura mais alta, conserva-se de ordinário rente ao mar, e somente sob a ação de viração fresca é que se eleva a uns cem pés.

Ora, o nevoeiro excedia muito esta altitude, e suponho que seria possível safar-se dele no caso de dominar o iceberg umas cinquenta toesas.

Pelas oito horas da noite, a cerração, quase condensada, era tão compacta que se sentia resistência ao caminhar. Parecia que a composição do ar havia sido modificada, como se fosse passar ao estado sólido. E, involuntariamente, pensei nas singularidades da ilha Tsalal, na sua água extraordinária, cujas moléculas obedeciam a uma coesão particular...

Quanto a reconhecer se o nevoeiro tinha uma ação qualquer sobre a bússola, isso era impossível. Demais a mais, eu sabia que o fato havia sido estudado pelos meteorologistas e que eles se julgavam com o direito de afirmar que esta ação não tem nenhuma influência na agulha magnética.

Acrescentarei que, depois de passarmos o Pólo Sul, não se podia depositar confiança nas indicações da bússola, que desnorteava ao aproximar-se do polo magnético, para o qual sem dúvida caminhávamos. Nada, pois, permitia determinar a direção do iceberg.

Às nove horas da noite, estas paragens foram mergulhadas em profunda escuridão, visto que o Sol, nesta época, não descia ainda abaixo do horizonte.

O capitão Len Guy fez a chamada, a fim de se certificar de que a gente estava toda no acampamento e prevenir também qualquer imprudência da parte dela.

Cada qual, depois de ter respondido ao seu nome, veio ocupar o seu lugar debaixo das barracas, onde os farolins enevoados davam pouca ou quase nenhuma luz.

Ao pronunciar-se o seu nome, e depois de repetido várias vezes pela voz vibrante do

bossman, o mestiço foi o único que não respondeu à chamada.

Hurliguerly esperou alguns minutos...

Dirk Peters não aparecia.

Havia pois ficado junto do escaler, como era provável, mas inútil, por isso que a embarcação não corria perigo de ser levada com este tempo de nevoeiro.

— Acaso ninguém tornou a ver Dirk Peters desde pela manhã? — perguntou o capitão Len Guy.

— Ninguém — respondeu o bossman.

— Nem sequer à refeição do meio-dia?

— Não, capitão, e, contudo, deviam faltar-lhe mantimentos.

— Acontecer-lhe-ia alguma desgraça?

— Não tenha receio! — exclamou o bossman. — Aqui, Dirk Peters está no seu elemento, e não deve achar-se mais embaraçado no meio da cerração do que um urso polar! Ele já uma vez se tirou de apertos... tirar-se-á mais outra!

Deixei falar Hurliguerly, pois eu bem sabia o motivo por que o mestiço se afastava.

Em todo o caso, desde o momento em que Dirk Peters se obstinava em não responder, e os gritos do bossman deviam chegar-lhe aos ouvidos, era de todo desnecessário ir em sua procura.

Na referida noite, tenho a certeza disso, ninguém — exceto talvez Endicott — pôde dormir. Abafava-se debaixo do toldo das barracas, onde faltava o oxigênio. E, além disso, todos nós, mais ou menos, experimentávamos uma impressão muito particular, como que presos dum pressentimento extraordinário, como se a nossa situação estivesse para se tornar melhor ou pior, admitindo que ela pudesse piorar.

Decorreu a noite, sem incidente, e, às seis horas da manhã, saíram todos a respirar uma atmosfera mais saudável. O estado meteorológico era o mesmo da véspera, com cerração muitíssimo densa. Verificou-se que o barômetro tinha subido, muito rápido, é certo, para que a subida fosse séria. A coluna de mercúrio marcava trinta polegadas e dois décimos (767 milímetros), o máximo que havia atingido depois da passagem da «Halbrane» pelo círculo antártico.

Também se revelaram outros indícios, que não devíamos deixar passar despercebidos.

O vento, que ia refrescando, vento sul, após a nossa passagem pelo polo austral, não tardou a soprar mais rijo, vento de dois rizes, como dizem os marítimos. Os ruídos exteriores ouviam-se com mais nitidez pelo espaço varrido pelas correntes atmosféricas.

Por volta das nove horas, o iceberg destoucou-se de súbito do seu gorro de vapores.

Indescritível mudança na decoração, que uma varinha mágica não conseguiria em menos tempo e com maior sucesso!

Em poucos instantes, descobriu-se o céu até aos últimos limites do horizonte, e o mar reapareceu, iluminado pelos oblíquos raios do Sol, que apenas o dominavam de alguns graus.

Uma ressaca tumultuosa banhava de branca espuma a base do nosso iceberg, o qual seguia ao sabor das ondas, com uma multidão de montanhas flutuantes sob a dupla ação do vento e da corrente obliquando para nordeste.

— Terra!

Este foi o grito soltado do cimo da ilhota movediça, e, a nossos olhos mostrou-se Dirk Peters, de pé no bloco mais alto, com a mão apontando para o norte.

Não se enganava o mestiço. A terra, desta vez... sim! Era terra, erguendo a três ou quatro milhas os seus cumes longínquos de cor pardacenta.

E logo que se tomou o ponto, obtido por uma dupla observação às dez horas e ao meio-dia, deu-nos: Latitude: 86 graus 12 sul. Longitude: 114 graus 17 este.

Estava o iceberg a cerca de quatro graus para além do polo antártico, e das longitudes ocidentais, que a nossa escuna seguira pelo itinerário da «Jane», passávamos às longitudes orientais.

CAPÍTULO XII

ACAMPAMENTO

Pouco depois do meio-dia, a terra ficava-nos apenas a uma milha de distância. O caso era saber se a corrente nos não levaria para além.

Devo confessar que, se tivéssemos tido de escolher entre o atracar ao litoral e a continuação da derrota não sei bem o que seria preferível.

Falava eu com o capitão Len Guy e com o piloto a este respeito, eis que Jem West me interrompe, dizendo: — Perguntarei ao Sr. Jeorling para que serve discutir semelhante eventualidade?

— Sim, decerto, se nós nada podemos fazer — acrescentou o capitão Len Guy. — É possível que o iceberg vá parar naquela costa, como também é possível que a contorne, se se conservar na corrente.

— Exato — admiti eu —, mas nem por isso deixa de subsistir o meu caso. Temos vantagem em desembarcar ou em ficar?

— Em ficar — respondeu Jem West.

Efetivamente, se o escaler nos pudesse levar a todos, com mantimentos para uma navegação de cinco ou seis semanas, não hesitaríamos em embarcar nele, a fim de aproar, graças ao vento sul, pelo mar livre dentro. Mas visto o escaler não chegar para mais de onze homens o muito, seria necessário tirá-los à sorte. E aqueles que ele não levasse não seriam condenados a perecer pelo frio ou até pela fome, nesta terra que o Inverno não tardaria a cobrir com os seus frios e com os seus gelos?

Ora, se o iceberg continuasse a seguir nesta direção, uma grande parte da nossa derrota seria feita, no fim de tudo, em condições aceitáveis. O novo veículo de gelo, verdade é, podia faltar-nos, tornar a encalhar, ou até voltar-se, ou cair numa contracorrente que o desviasse do rumo, ao passo que o escaler, obliquando contra o vento, logo que este fosse contrário, podia conduzir-nos ao nosso destino, se o não surpreendessem as tempestades e o banco lhe abrisse passagem...

Mas, conforme acabara de dizer Jem West, havia lugar de discutir semelhante eventualidade?

Depois de jantar, a tripulação dirigiu-se para o bloco mais alto, onde estava postado Dirk Peters. Ao aproximarmo-nos, o mestiço desceu pelo talude oposto e, quando cheguei ao cimo, já o não pude ver.

Estávamos, pois, todos neste sítio, todos, menos Endicott, que gostava pouco de abandonar o seu fogão.

A terra, que se via ao norte, num décimo de horizonte, desenhava o seu litoral franjado de

areais, cortado de dunas, dentado de cabeços, e os últimos planos limitados pelo perfil assaz acidentado de altas colinas não muito distantes. Era, pois, um continente ou pelo menos uma ilha, cuja extensão devia ser considerável.

Na direção de este, a referida terra prolongava-se até se perder de vista, e não parecia que o seu extremo limite fosse deste lado.

Para oeste, um promontório bastante esguio, dominado por um morro, cujo contorno figurava a cabeça duma foca, servia-lhe de extremidade. Depois, para além, parecia estender-se amplamente o mar.

Não havia entre nós um só que não conhecesse a situação.

Atracar àquela terra dependia unicamente da corrente: ou esta levava o iceberg para um remoinho que o fizesse dar à costa, ou continuá-lo-ia a arrastar para o norte.

Qual seria a hipótese mais admissível?

O capitão Len Guy, o piloto, o bossman e eu tornávamos a falar a este respeito, enquanto a tripulação, em grupos, permutava as suas ideias acerca do mesmo assunto. Em suma, a corrente tendia mais a arrastar-nos para nordeste da referida terra.

— No fim de tudo — disse-nos o capitão Len Guy —, se ela é habitável durante os meses da estação estival, nem por isso parece ter habitantes, pois não vemos nenhum ser humano no litoral.

— Note-se, capitão — respondi eu —, que o iceberg não é de molde a provocar a atenção de ninguém como seria a nossa escuna!

— Assim é, Sr. Jeorling, e a «Halbrane» já teria atraído os indígenas... se os houvesse!

— Porque os não vemos, capitão, nem por isso se deve concluir...

— Decerto, Sr. Jeorling — repetiu o capitão Len Guy. — Contudo, há de convir que o aspecto daquela terra não é o mesmo da ilha Tsalal na época em que a «Jane» aportou lá. Então distinguam-se ilhas verdejantes, espessas florestas, árvores em plena florescência, vastos prados... e ali, à primeira vista, apenas se encontra tristeza e esterilidade!

— É isso mesmo: esterilidade e tristeza é o que ela mostra ser! Mas nem por isso deixarei de perguntar ao capitão: não tenciona ir a terra?

— No escaler?

— Sim, no escaler, se porventura a corrente desviar dali o nosso iceberg.

— Não temos uma hora a perder, Sr. Jeorling, e alguns dias de demora podiam condenar-nos a uma invernada cruel se chegássemos tarde de mais para transpor os canaletes do flanco de gelo...

— E, atendendo à sua distância, não íamos adiantados — fez notar Jem West.

— Estou de acordo — respondi eu, insistindo neste ponto.

— Mas afastarmo-nos daquela terra sem lá ter posto o pé, sem nos certificarmos se conserva vestígios de um acampamento, se seu irmão, capitão... e os seus companheiros...

Ao ouvir-me, o capitão Len Guy abanava a cabeça. Não era o aparecimento desta terra árida que podia fazer-lhe renascer tal esperança, estas vastas charnecas, as colinas descarnadas, o litoral guarnecido por um cordão de rochas denegridas...

Como é que os naufragos podiam ter ali encontrado com que viver durante meses?

Demais, havíamos arvorado a bandeira britânica, que a brisa desfraldava no topo do iceberg. William Guy tê-la-ia visto, e decerto se dirigiria logo para a praia.

Ninguém... ninguém!

Neste momento, Jem West, que acabava de marcar certos pontos de referência, diz: — Tenhamos paciência antes de tomar uma decisão. Em menos de uma hora, estaremos inteirados a este respeito. Parece-me que o andamento tem diminuído, e é possível que um estoque de água nos atire sobre a costa...

— É essa a minha opinião — declarou o bossman —, e, se a nossa máquina flutuante não está estacionária, pouco lhe falta! Dir-se-á que gira sobre si mesma.

Jem West e Hurliguerly não se enganavam. O iceberg, por qualquer razão, tendia a sair da corrente, que constantemente seguira. Em vez de continuar ao som de água, executava agora um movimento giratório, graças à ação de um redemoinho que o arrastava para o litoral.

Além disso, algumas montanhas de gelo, pela nossa proa, acabavam de bater nos baixos da costa.

Era, pois, inútil discutir a oportunidade ou inoportunidade de arriar o escaler ao mar.

À medida que nos aproximávamos, mais se acentuava a desolação da terra que tínhamos à vista, e a perspectiva de aí passar seis meses de invernada encheria de pavor os corações mais resolutos.

Numa palavra, pelas cinco horas da tarde, penetrou o iceberg num profundo chanfro da costa, que terminava do lado direito por extensa ponta, junto da qual não tardou a ficar imobilizado.

— Para terra! Para terra!

Este grito saiu de todas as bocas. Estava já a tripulação descendo os taludes do iceberg, eis que Jem West grita: — Aguardem ordens!

Manifestou-se alguma hesitação, sobretudo da parte de Hearne e de vários camaradas seus. Mas, por fim, predominou o instinto da disciplina, e vieram todos enfileirar-se diante do capitão Len Guy.

Não foi necessário arriar o escaler ao mar, pois o iceberg estava em contato com a ponta.

O capitão Len Guy, o bossman e eu, precedendo os restantes, fomos os primeiros a deixar o acampamento, e nossos pés pisaram esta nova terra, virgem decerto de pegadas humanas...

O solo vulcânico estava juncado de destroços pedregosos, de fragmentos de lavas, de obsidianas, de pedra-pomes, de escórias, Para além da faixa arenosa da praia, ia subindo para a base de altas e ásperas colinas, que formavam o último plano, cerca de meia milha do litoral.

Pareceu-nos indicado o tomar por uma dessas colinas, cuja altitude era aproximadamente de mil e duzentos pés. Do cimo dela, podia a vista abranger um vasto espaço, quer de terra, quer de mar, em todas as direções.

Tornou-se forçoso caminhar durante vinte minutos sobre um solo escabroso e acidentado, despido de vegetação. Não havia nada que lembrasse os férteis prados da ilha Tsalal, antes de o terremoto a ter subvertido, nem as espessas florestas de que fala Arthur Pym, nem os rios de estranhas águas, nem as escarpas da terra saponácea, nem os maciços de esteatite por onde cruzava o hieroglífico labirinto. Por toda a parte rochas de origem ígnea, endurecidas lavas, pulverulentas escórias, cinzas grisalhas, e nem sequer o húmus necessário às plantas bravas menos exigentes.

Não foi sem dificuldade nem sem risco que o capitão Len Guy, o bossman e eu conseguimos fazer a ascensão da colina, o que nos tomou uma hora bem puxada. E, muito embora tivesse chegado a noite, nem por isso se lhe seguiu nenhuma escuridão, porquanto o

Sol ainda não desaparecia por detrás deste horizonte da Antártica.

Do cimo da colina estendia-se a vista até trinta ou trinta e cinco milhas, e eis aqui o que se deparou a nossos olhos.

Por trás de nós estendia-se o mar livre, que arrastava numerosas montanhas flutuantes, algumas das quais tinham acabado de amontoar-se junto do litoral, tornando-o quase inacessível. Do lado oeste, seguia uma terra muito acidentada, cuja extremidade não víamos e que o mar sem limites banhava do lado de este.

Se estávamos numa grande ilha ou continente antártico, era caso difícil de resolver.

Verdade é que, assestando a luneta com mais atenção para o leste, o capitão Len Guy julgou avistar alguns vagos contornos, que se esfumavam entre a tênue neblina do largo.

— Ora vejam — disse ele.

O bossman e eu pegamos a luneta, cada um por sua vez, e observamos com cuidado.

— A mim parece — disse Hurliguerly — que há ali como que aparência de costa.

— Também a mim — declarei eu.

— É pois decerto um estreito, pelo qual nos trouxe a corrente — concluiu o capitão Len Guy.

— Um estreito — acrescentou o bossman — que a corrente percorre de norte a sul, e depois de sul a norte...

— Nesse caso — perguntei eu —, não deverá dividir em dois o continente polar?

— Não há dúvida a tal respeito — asseverou o capitão Len Guy.

— Ah! Se tivéssemos a nossa «Halbrane»! — exclamou Hurliguerly.

Decerto... a bordo da escuna e até mesmo no iceberg, agora dado à costa como um navio abandonado, teríamos podido subir ainda algumas centenas de milhas... talvez até ao banco de gelo... talvez até ao círculo antártico... talvez até às terras circunvizinhas! Nós, porém, apenas tínhamos um frágil escaler, que não comportava mais de doze pessoas, quando éramos vinte e três!

O que havia a fazer era voltar para a praia, ir ao acampamento e transportar as barracas para o litoral, e adotar todas as medidas na expectativa duma invernada que as circunstâncias iam impor-nos.

Percebe-se que o solo não apresentava sinais de pegadas humanas, nem nenhum vestígio de habitat. Que os sobreviventes da «Jane» não tivessem nunca posto pé nesta terra, neste «domínio inesperado», como o qualificam os mapas mais modernos, podemos de ora avante afirmá-lo. Direi mais: nem eles, nem ninguém, e não seria ainda nesta costa que Dirk Peters encontraria os rastos de Arthur Pym.

Isto resultava também do sossego que patenteavam os únicos seres vivos desta região, os quais se não amedrontavam com a nossa presença. Nem as focas nem as morsas mergulhavam nas águas, as procelárias e os alcatrazes não fugiam a vôo rápido, os pinguins conservavam-se em fileiras imóveis, vendo decerto em nós voláteis duma espécie particular. Sim! Era sem dúvida a vez primeira que o homem aparecia à sua vista, prova de que nunca abandonavam esta terra para se aventurarem sob latitudes baixas.

Ao voltar para a praia, o bossman descobriu — não sem uma certa satisfação — várias cavernas espaçosas e vazias nos rochedos graníticos, suficientemente amplas, umas para nos alojar a todos nós, outras para abrigar o carregamento da «Halbrane». Qualquer que fosse a decisão queouvéssemos de tomar mais tarde, o melhor que tínhamos a fazer era armazenar o

nosso material e proceder a uma primeira instalação.

Depois de subir as rampas do iceberg até ao acampamento, o capitão Len Guy ordenou à sua gente que se reunisse. Não faltou nenhum, exceto Dirk Peters, que sem dúvida rompera todas as relações com a tripulação. Na parte que lhe dizia respeito, não havia, demais a mais, a menor coisa a rezear, quer no tocante ao seu estado de espírito, quer acerca da sua atitude em caso de rebelião. Estaria com os fiéis contra os revoltosos, e podíamos contar com ele, fosse em que circunstância fosse.

Logo que se formou o círculo, o capitão Len Guy manifestou-se, sem deixar transparecer a menor sombra de desânimo. Falando aos seus companheiros, ponderou-lhes a situação até aos ínfimos pormenores. A necessidade imperiosa, primordial, de transportar a carga para terra e preparar uma das cavernas do litoral. Quanto a alimentação, afirmou que os mantimentos, farinha, carne de conserva, legumes secos, chegariam para todo o Inverno, por muito duradouro que fosse e embora dos mais rigorosos. No tocante a combustível, declarou que o carvão não faltaria, desde que o não desperdiçassem, além de que era possível poupá-lo, porquanto, num tapete de neve e sob um teto de gelo, os hibernadores conseguem afrontar os grandes frios da zona polar.

Acerca destes dois assuntos, o capitão Len Guy deu, pois, respostas tendentes a desvanecer qualquer inquietação.

E de que ele estava disso convencido, não havia a menor dúvida, nem doutro modo Jem West aprovaria as suas declarações.

Restava, todavia, um terceiro assunto, aliás magno, de molde a provocar, quer a favor, quer contra, as invejas e a cólera da maruja toda, e que o sealing-master trouxe à balha.

Tratava-se, com efeito, de resolver o modo como se deveria aproveitar a única embarcação de que dispúnhamos. Conviria reservá-la para as necessidades da internada, ou utilizá-la para regressar ao banco de gelo?

O capitão Len Guy não queria de maneira nenhuma pronunciar-se. Limitou-se a pedir que a resolução fosse adiada por vinte e quatro ou quarenta e oito horas. Não se devia esquecer que o escaler, com os mantimentos necessários para uma longa travessia, apenas podia transportar onze ou doze homens.

Havia, pois, motivo para proceder à acomodação daqueles que tinham de ficar na costa, se se efetuasse a saída do escaler, e, nesse caso, tirar-se-iam os passageiros à sorte.

Foi então que o capitão Len Guy declarou que nem Jem West, nem o bossman, nem eu, nem ele, reclamaríamos qualquer privilégio, e nos sujeitaríamos à lei comum. Tanto um como o outro, os dois mestres da «Halbrane», Martim Holt e Hardie, eram muito capazes de conduzir o escaler até aos lugares de pesca, que os baleeiros talvez não tivessem ainda abandonado.

Demais, os que partissem não esqueceriam os que deixavam em internada no paralelo de oitenta e seis graus, e, na volta da estação estival, mandariam um navio, a fim de recolher os companheiros...

Tudo isto foi dito — repito — num tom calmo e firme. Devo fazer-lhe justiça: o capitão Len Guy tornava-se maior com a gravidade das circunstâncias.

Quando acabou de falar, no que não foi interrompido, nem sequer por Hearne, ninguém fez a mais leve observação. E por que motivo haviam de fazê-la, se, em tal caso, todos se submetteriam à sorte em condições de perfeita igualdade?

Chegada a hora de repouso, cada qual voltou para o acampamento, recebeu a sua ceia

preparada por Endicott, e deitou-se pela última noite nas barracas.

Dirk Peters não tornara a aparecer, e foi em vão que procuraram encontrá-lo.

No dia seguinte — 7 de Fevereiro — todos se entregaram à faina com vontade.

O tempo estava bom, a viração branda, o céu levemente enevoadado, a temperatura suportável, quarenta e seis graus (7,78 C. acima de zero).

Em primeiro lugar, arrastou-se o escaler até à base do iceberg, com todas as precauções que o caso exigia. Dali, os homens vararam-no na praia, ao abrigo da ressaca. E como se encontrava em bom estado, podia-se contar que se prestaria ao serviço conveniente.

(Ocupou-se logo o bossman da carga e bem assim do material proveniente da Halbrane: mobiliário, leitos, velame, vestuário, instrumentos e utensílios”. No fundo de uma caverna, estes objetos não ficariam sujeitos à demolição do iceberg ou a que ele virasse. As caixas de conserva, os sacos de farinha e de legumes, os barris de uísque, de genebra e de cerveja arriados por meio de talhas do lado da ponta, que se projetava a leste da calheta, foram transportados para o litoral. Tanto eu como o capitão Len Guy e o piloto metemos mãos à obra, para que este serviço não tivesse a menor demora.

Devo dizer que, nesse dia, Dirk Peters veio dar uma ajuda, mas não dirigiu a palavra a ninguém. Se tinha ou não renunciado a encontrar Arthur Pym... isso é que eu não sabia.

Os dias 8, 9 e 10 de Fevereiro empregaram-se em pôr tudo no seu lugar, trabalho que terminou na tarde deste último dia. A carga acomodou-se no interior duma grande gruta, por onde se entrava por uma estreita abertura.

Ficava próxima da que nós tínhamos de habitar e na qual, por conselho do bossman, Endicott estabeleceu a cozinha. Deste modo aproveitaríamos o calor do fogão, que serviria para fazer a comida e aquecer a caverna durante os longos dias, ou, melhor, a longa noite do inverno austral.

Já estávamos de posse, desde a tarde do dia 8, da referida caverna, de paredes secas, tapetada de areia fina e suficientemente alumiada pelo respectivo orifício. Situada junto de uma nascente de água, que havia na junção da ponta com o litoral, a sua orientação devia abrigá-la das grandes ventanias e das tempestades de neve da estação invernososa. De capacidade superior àquela que ofereciam os vastos aposentos da escuna, pôde receber, além de leitos, diversos móveis, armários e bancos: mobília suficiente para alguns meses de internada.

Enquanto durou a colocação destas coisas, nada surpreendi de suspeito na atitude de Hearne e dos falklandeses. Todos deram mostras de submissão à disciplina e desenvolveram louvável atividade. O mestiço, todavia, foi posto de guarda ao escaler, do qual seria fácil apoderarem-se na praia. Hurliguerly, que vigiava especialmente o sealing-master e os seus camaradas, parecia mais tranquilo a respeito das disposições em que estavam agora.

Em todo o caso, não se podia fazer esperar uma resolução acerca da partida, se esta houvesse de efetuar-se, daqueles que a sorte escolhesse. Com efeito, estávamos a 10 de

Fevereiro. Um mês ou seis semanas mais, e a faina da pesca teria terminado nas vizinhanças do círculo antártico. Ora, se já ali não encontrasse baleeiros, admitindo que tivesse a felicidade de transpor o banco e o círculo polar, o nosso escaler não poderia afrontar o Pacífico até às costas da Austrália ou da Nova Zelândia.

Essa noite, depois de ter reunido toda a sua gente, declarou o capitão Len Guy que o assunto seria discutido no dia seguinte e acrescentou que, se se resolvesse dum modo

afirmativo, recorrer-se-ia logo à sorte.

Esta proposta não motivou nenhuma resposta, e, a meu ver, a discussão só se tornaria séria para decidir se se devia ou não efetuar a partida.

Era tarde. Havia uma espécie de lusco-fusco da banda de fora, por isso que, nessa data, o Sol já rastejava pelo horizonte, sob o qual não tardaria a desaparecer.

Tinha-me eu deitado vestido sobre o meu catre e havia algumas horas que dormia, eis que acordo com os gritos que soltavam a pouca distância. Levanto-me de um pulo e salto para fora da caverna ao mesmo tempo que o piloto e o capitão Len Guy, despertados do sono como eu.

— O escaler! O escaler! — exclamou de repente Jem West.

O escaler já não estava no seu lugar, na direção em que o guardava Dirk Peters.

Depois de o terem deitado ao mar, haviam embarcado nele três homens com barris e caixas, ao passo que uns dez tentavam dominar o mestiço.

Hearne estava lá, bem como Martim Holt, que, pelo que me parecia, não tratava de intervir.

Assim, pois, estes miseráveis queriam apoderar-se da embarcação e partir antes de a sorte se ter pronunciado!

Queriam nos abandonar!

Com efeito, haviam conseguido surpreender Dirk Peters, e tê-lo-iam matado se ele não conseguisse defender a própria vida numa luta terrível.

Em presença desta revolta, reconhecendo a nossa inferioridade numérica e não sabendo se podia contar com todos os marujos antigos, o capitão Len Guy e o piloto foram à caverna buscar armas, a fim de reduzir à impotência Hearne e seus cúmplices, os quais estavam armados.

Ia eu fazer o mesmo que eles, e eis que ouço palavras que me deixaram de repente pregado ao chão.

Vencido pelo número, o mestiço acabava de ser jogado por terra. Mas no mesmo instante, como Martim Holt, reconhecido para com o homem que lhe salvara a vida, corresse em seu auxílio, Hearne gritou-lhe:

— Deixa-o lá... e vem conosco!

O mestre veleiro pareceu hesitar.

— Sim... deixa-o — continuou Hearne —, não te importes com ele... que é o assassino de teu irmão Ned!

— O assassino de meu irmão!? — exclamou Martim Holt.

— De teu irmão morto a bordo do «Grampus»...

— Morto... por Dirk Peters!

— Sim! Que ele matou... e devorou... devorou! — repetiu Hearne, que mais parecia bramir que pronunciar estas horríveis palavras.

E, a um sinal, dois dos seus camaradas agarraram Martim Holt e levaram-no para a embarcação, pronta para largar.

Hearne seguiu logo atrás dele com todos quantos associara a este ato abominável.

No mesmo instante, levanta-se de um salto Dirk Peters, cai sobre um dos falklandeses no próprio momento em que o homem ia entrar no escaler, ergue-o nos braços, e, fazendo-o girar por cima da cabeça, esmigalha-lhe o crânio contra um penedo.

Ouviu-se um tiro de pistola... O mestiço, ferido num ombro pela bala de Hearne, caiu na

areia, ao passo que a embarcação era vigorosamente impelida para o largo.

Saíam então da caverna o capitão Len Guy e Jem West — toda esta cena havia durado apenas quarenta segundos — e correram para a ponta ao mesmo tempo que o bossman, mestre Hardie e os marinheiros Francisco e Stern.

O escaler, que a corrente arrastava, estava já a cerca de uma amarra e a maré descia com rapidez.

Jem West mete a espingarda à cara, faz fogo, e atira com um dos marujos ao fundo da embarcação.

Outro tiro, dado pelo capitão Len Guy, passou de raspão pelo peito do sealing-master, e a bala foi perder-se entre os blocos, no momento em que o escaler desaparecia por trás do iceberg.

O que havia a fazer era passar para o outro lado da ponta, da qual a corrente aproximaria decerto estes miseráveis antes de os arrastar na direção do norte... Se passassem ao alcance de tiro, se uma segunda bala atingisse o sealing-master... morto ele ou ferido, acaso os companheiros se decidiriam a voltar?

Decorreu um quarto de hora.

Quando a embarcação apareceu por detrás da ponta, estava a uma distância tal que as nossas armas não a alcançariam.

Hearne tinha já mandado içar a vela, e, impelido ao mesmo tempo pela corrente e pela viração, o escaler depressa se tornou num ponto branco, que não tardou a desaparecer.

CAPÍTULO XIII

DIRK PETERS AO MAR

Estava resolvida a questão da invernada. Dos trinta e três homens que embarcaram na «Halbrane» quando esta saiu das Falklands, vinte e três haviam chegado a esta terra, e, desses, treze acabavam de fugir, a fim de alcançarem as regiões de pesca para além do banco de gelo... E não fora a sorte que os escolhera! Não! Para escaparem às inclemências duma invernada, haviam desertado covardemente!

Por desgracia, Hearne não arrastara apenas os camaradas, mas também dois dos nossos, o marinheiro Burry e o mestre veleiro Martim Holt, que talvez não desse acordo de si sob o medonho golpe da revelação que o sealing-master acabava de fazer-lhe!

Em suma, a situação não mudara para aqueles que a sorte não havia escolhido para partirem. Nós éramos apenas nove, o capitão Len Guy, o piloto Jem West, o bossman Hurliguerly, o mestre calafate Hardie, o cozinheiro Endicott, os dois marinheiros Francisco e Stern, Dirk Peters e eu. A que provas nos não sujeitaria a invernada, agora que se aproximava o horroroso inverno dos polos! Que terríveis frios não teríamos de passar, mais rigorosos que em nenhum outro ponto do globo terrestre, envolvidos numa noite que duraria seis meses! Não se podia, sem pavor, calcular a força de energia, moral e física, que seria necessário ter para resistir nestas condições, que excediam as humanas posses!

E, contudo, ponderando bem, aqueles que nos abandonaram eram porventura mais favorecidos? Acaso encontrariam o mar livre até ao banco de gelo? Conseguiriam chegar ao círculo antártico? E, para além, encontrariam os últimos navios da estação? Não lhes faltariam os mantimentos no decurso duma travessia de um milhar de milhas? Quem poderia conduzir o escaler, já de sobejo carregado com treze pessoas? Sim! Quem estava mais ameaçado, eles ou nós? Mas, a isto, só o futuro podia responder!

Quando desapareceu a embarcação, o capitão Len Guy e os seus companheiros, dobrando a ponta, voltaram para a caverna. Envolvidos na interminável noite, era ali que nós íamos passar todo esse tempo, durante o qual nos seria interdito sair para fora.

Ocupei-me primeiro de Dirk Peters, que ficara para trás, depois do tiro disparado por Hearne, enquanto nos apressamos a chegar ao outro lado da ponta.

De regresso à caverna, não vi o mestiço. Acaso haveria sido ferido gravemente? Teríamos de lamentar a morte deste homem, que era tão fiel a nós como ao seu pobre Pym?

Eu tinha esperança — todos nós a tínhamos — de que o ferimento não seria de gravidade, mas era necessário fazer-lhe o curativo, e Dirk Peters desaparecera.

— Vamos à procura dele, Sr. Jeorling — diz o bossman.

— Vamos lá — respondi.

— Iremos nós ambos — diz o capitão Len Guy —, Dirk Peters era dos nossos... Nunca nos abandonou e nós também o não abandonaremos!

— Quererá o desgraçado vir — observei eu —, agora que se sabe o que eu supunha que só ele e eu sabíamos?

Contei aos meus companheiros o motivo por que, na narrativa de Arthur Pym, o nome de Ned Holt havia sido substituído pelo de Parker e as circunstâncias em que o mestiço me informara disso. Além de que, fiz valer tudo quanto podia servir-lhe de atenuante.

— Hearne — declarei eu — disse que Dirk Peters deu cabo de Ned Holt! Sim! É verdade! Ned Holt havia embarcado no «Grampus», e seu irmão, Martim Holt, julgava que ele tivesse morrido na revolta ou no naufrágio. Pois não foi assim! Ned Holt sobrevivera como Augustus Barnard, Arthur Pym e o mestiço, mas não tardou que todos quatro se vissem a braços com a fome... Tornava-se forçoso sacrificar um deles... aquele que a sorte escolhesse. Tirou-se pois à sorte... E tocou a Ned Holt. A faca de Dirk Peters vitimou-o. Porém, se o mestiço tivesse sido preferido pela sorte, era ele quem serviria de pasto aos outros!

O capitão Len Guy fez então esta observação: — Dirk Peters não tinha confiado esse segredo a mais ninguém, só ao Sr. Jeorling?

— Só a mim, capitão.

— E o senhor guardou-o?

— Absolutamente.

— Nesse caso não entendo como é que chegou ao conhecimento de Hearne...

— Supus a princípio — respondi — que Dirk Peters teria dito algo quando estivesse dormindo e que o sealing-master o soubera por mero acaso. Mas, depois de refletir, lembrei-me da seguinte circunstância: quando o mestiço me contou esta cena do «Grampus», quando me disse que Parker era o próprio Ned Holt, achava-se no meu camarote, cuja vidraça lateral estava levantada... Ora, tenho as minhas razões para crer que a nossa conversa foi surpreendida pelo homem que então ia ao leme... E esse homem era justamente Hearne, que, para ouvir melhor, sem dúvida, largou a roda, e, por sinal, que a «Halbrane» deu uma guinada...

— Recordo-me disso — disse Jem West —, e até, depois de o obrigar a confessar, o meti no porão...

— Pois bem, capitão, desde esse dia em diante é que Hearne se ligou mais a Martim Holt. Hurliguerly fez-me notar isso.

— É exato — respondeu o bossman —, porque Hearne não era capaz de governar o escaler de que procurava apoderar-se. Necessitava de um patrão como Martim Holt...

— Demais — prossegui —, não cessava nunca de espicaçar Martim Holt para que perguntasse ao mestiço o fim que seu irmão havia tido, e o capitão conhece as condições em que ele lhe contou este segredo. Martim Holt ficou como louco ao ouvir semelhantes revelações. Os outros atraíram-no a si... e agora está com eles!

Todos eram de opinião que as coisas deviam ter-se passado assim. Em suma, visto saber-se a verdade, não havia motivo para recearmos que Dirk Peters, na disposição de espírito em que se encontrava, quisesse furtar-se às nossas vistas?

Consentiria em retomar o seu posto entre nós?

Sáimos todos imediatamente da caverna, e, daí a uma hora, encontramos o mestiço. Logo que nos viu, o seu primeiro impulso foi fugir. Hurliguerly e Francisco, porém, conseguiram aproximar-se dele e não ofereceu a menor resistência. Falei-lhe... os outros imitaram-me... o capitão Len Guy estendeu-lhe a mão. A princípio hesitou, mas depois pegou nela, e, sem dizer

palavra, voltou para a praia.

Desde esse dia, nunca mais se tornou a falar do que se passara a bordo do «Grampus».

Quanto ao ferimento de Dirk Peters, não era coisa de cuidado. A bala penetrou apenas na parte superior do braço esquerdo, e, com a simples pressão da mão, conseguira extraí-la.

Atou-se na ferida uma tira de lona, enfiou a camisa, e, logo no dia seguinte, sem parecer que tivesse o mais leve incômodo, entregou-se às suas ocupações habituais.

A colocação de todos os objetos foi feita consoante as exigências duma longa internada. Estava o Inverno à porta, e o Sol, havia alguns dias já, quase que se não deixava ver através da cerração. A temperatura desceu a trinta e seis graus (2,22 C. acima de zero) e já não devia tornar a subir. Os raios solares, prolongando desmedidamente as sombras sobre o solo, não davam, por assim dizer, nenhum calor. O capitão Len Guy fez-nos envergar grosso vestuário de lã, sem esperar que o frio se tornasse mais rigoroso.

Entretanto, os icebergs, os packs, os streams, os drifts, vinham do sul em maior quantidade. Se alguns ainda iam de encontro ao litoral, já atulhado de gelos, uma grande parte desaparecia na direção de nordeste.

— Tudo aquilo — disseme o bossman —, são materiais para a consolidação do banco. Embora o escaler do tratante do Hearne lhes leve grande dianteira, calculo que tanto ele como a sua gente encontrarão a porta fechada, e como não têm chave com que possam abri-la...

— O Hurliguerly pensa, pois — perguntei eu —, que corremos menos perigos internando nesta costa do que correríamos se tivéssemos tomado lugar na embarcação?

— Penso e pensei sempre, Sr. Jeorling! — declarou o bossman. — E, demais, sabe uma coisa? — acrescentou ele, empregando a sua fórmula habitual.

— Diga lá, Hurliguerly.

— É que aqueles que tripulam o escaler ver-se-ão em maiores dificuldades do que nós, e, repito, se a sorte me tivesse escolhido, eu cederia a minha vez a qualquer outro! Note bem: já não é pouco o sentir-se terra firme debaixo dos pés! Além de que, embora fôssemos covardemente abandonados, não desejo a morte a ninguém... Mas se Hearne e os outros não conseguirem transpor o banco, se forem condenados a passar o Inverno no meio dos gelos, reduzidos aos mantimentos que apenas têm para algumas semanas, sabe a sorte que os espera?

— Sim, sei... bem pior do que a nossa!

— E devo acrescentar — continuou o bossman —, que não basta atingir o círculo antártico, se os baleeiros já saíram dos lugares de pesca, não será uma embarcação carregada a trasbordar que poderá aguentar-se até à vista das terras australianas!

Era essa a minha opinião, como também do capitão Len Guy e de Jem West. Ajudado por uma navegação favorável, deitando o mais que podia deitar, munido de mantimentos para muitos meses, enfim, com todas as probabilidades de ser bem sucedido, talvez que o escaler estivesse em condições de efetuar a viagem...

Dava-se, porém, esse caso? Decerto que não.

Durante os dias seguintes, 14, 15, 16 e 17 de Fevereiro, terminou-se a acomodação do pessoal e do material. Realizaram-se algumas excursões ao interior da região. O solo apresentava por toda a parte a mesma aridez, produzindo apenas cardos, que brotavam da areia e dos quais havia abundância em toda a praia.

Se o capitão Len Guy conservasse uma derradeira esperança a respeito de seu irmão e dos marinheiros da «Jane», se tivesse imaginado que, depois de largarem da ilha Tsalal

numa embarcação, as correntes os haviam trazido para esta costa, devia reconhecer que não existia nenhum indício de desembarque.

Uma das excursões levou-nos até uma montanha, que distava quatro milhas e cujo acesso não era difícil, em virtude da grande obliquidade das suas encostas, e que tinha de seiscentas a setecentas toesas de altura. Desta excursão, que foi feita pelo capitão Len Guy, o piloto, o marinheiro Francisco e eu, não resultou nenhuma descoberta. Desdobrava-se para o norte e para oeste a mesma sucessão de colinas descarnadas, de cumeadas recortadas a capricho, e, logo que desaparecessem sob o imenso lençol de neve, seria difícil distingui-las dos icebergs imobilizados pelo frio à superfície do mar. Contudo, a propósito do que nós tomamos por aparências de terra do lado de este, pudemos verificar que nesta direção se estendia uma costa, cujas elevações, alumeadas pelo sol da tarde, apareceram muito nítidas na objetiva do óculo de ver ao longe.

Seria um continente que orlava a referida costa do estreito, ou seria uma ilha? Em todo o caso, quer um quer outra deviam padecer da mesma esterilidade da terra de oeste e ser, como esta, desabitados, inabitáveis.

E quando eu me lembrava da ilha Tsalal, cujo solo possuía tão extraordinária riqueza de vegetação, quando me ocorriam as descrições de Arthur Pym, não sabia o que devia imaginar.

Evidentemente esta desolação, que tanto afligia nossos olhares, reproduzia melhor a ideia que se faz das regiões austrais. Contudo, o arquipélago tsalalês, situado quase na mesma latitude, era fértil e populoso, antes de o terremoto o destruir, pode dizer-se, por completo.

O capitão Len Guy, nesse dia, propôs que se denominasse geograficamente esta região para onde nos atirara o iceberg. E chamou-se-lhe Halbrane-Land, em memória da nossa escuna. Ao mesmo tempo, a fim de associá-la na mesma recordação, deu-se o nome de Jane-Sund ao estreito que separava as duas partes do continente polar.

Passou-se depois à caça dos pinguins, que pululavam nos rochedos, e também à apreensão de alguns dos anfíbios que folgavam pela praia adiante. Fazia-se sentir a necessidade de carne fresca. Arranjada por Endicott, a carne de foca e morsa pareceu-nos menos má. Além disso, a gordura destes animais, no pior dos casos, podia servir para aquecimento da caverna e cozedura dos alimentos. Convém não esquecer que o nosso inimigo mais temível seria o frio, e portanto deviam aproveitar-se todos os meios próprios para combatê-los.

Restava, porém, saber se, ao aproximar-se o Inverno, os referidos anfíbios não iriam em demanda de um clima menos rigoroso sob latitudes mais baixas. Por um acaso feliz, havia centenas doutros animais, que preservariam da fome a nossa gente, e até, se necessário fosse, da própria sede.

Rastejavam pela praia numerosas tartarugas das Galápagos (1), as quais deram o nome a um arquipélago do oceano equinocial. Tais eram aquelas de que fala Arthur Pym e que serviam de alimento aos insulares, e também aquelas que Dirk Peters e ele encontraram no fundo do barco indígena, quando saíram da ilha Tsalal.

Os referidos quelônios eram enormes, de andadura pausada, grave, lenta, o pescoço delgado, de dois pés de comprimento, cabeça triangular de serpente, e que podem passar anos sem comer. Aqui, porém, à falta de aipo, salsa e beldroega brava, alimentavam-se dos cardos, que vegetavam entre as pedras do litoral.

Se Arthur Pym tomou a liberdade de comparar aos dromedários as tartarugas antárticas foi porque elas têm, como estes ruminantes, na nascente do pescoço, um saco cheio de água fresca

e doce, da capacidade de dois a três galões. Segundo a sua narrativa, antes da cena das sortes, era a uma destas tartarugas que os náufragos do «Grampus» deviam o não terem morrido à sede nem à fome. A dar-lhe crédito, há destas tartarugas, de terra ou de mar, que pesam de mil e duzentos a mil e quinhentos arráteis. Contudo, se as da Halbrane-Land não tinham mais de setecentos a oitocentos, a carne não era menos nutritiva nem também menos saborosa.

A situação, pois, embora estivéssemos em vésperas de invernar a menos de cinco graus do polo, não era de natureza a fazer descoroçar ânimos fortes, por muito rigoroso que fosse o frio. O caso importante — cuja gravidade não nego — era o regresso, logo que passasse a estação má. E para que o dito caso se resolvesse era necessário: 1. que os nossos companheiros, idos no escaler, houvessem conseguido repatriar-se. 2. que o seu primeiro cuidado tivesse sido mandar um navio à nossa procura. Quanto a este ponto, podíamos contar que Martim Holt nos não esqueceria. Ele, porém, e os camaradas conseguiriam chegar às terras do Pacífico a bordo de uma baleeira? E, demais, a próxima estação do Estio seria propícia para uma viagem tão longa pelos mares da Antártica?

Falávamos amiúde a respeito de tais probabilidades. De todos nós era o bossman quem se mostrava mais esperançado, graças ao seu temperamento, que lhe permitia conformar-se com tudo. O cozinheiro Endicott participava da sua confiança, ou, pelo menos, não se inquietava com as eventualidades que podiam sobrevir, e cozinhava como se estivesse ao fogão do Corvo Verde. Os marinheiros Stern e Francisco escutavam silenciosos, e quem sabe se não lamentariam o não terem seguido Hearne e seus companheiros! Quanto ao mestre calafate Hardie, aguardava os acontecimentos, sem procurar adivinhar a direção que tomariam durante cinco ou seis meses. O capitão Len Guy e o piloto, como de costume, estavam unidos pelos mesmos pensamentos, pelas mesmas resoluções. Empregariam todos os meios possíveis para a salvação comum. Pouco tranquilos a respeito da sorte que esperava o escaler, talvez pensassem em tentar uma viagem para o norte, atravessando a pé os ice-fields, e nenhum de nós hesitaria em segui-los. Em suma, ainda não tinha chegado a hora de uma tal tentativa, e havia tempo para isso, quando o mar estivesse solidificado até ao círculo antártico.

Era esta, pois, a situação, e nada parecia dever modificá-la, quando, em data de 19 de Fevereiro, se produziu um incidente — incidente providencial, direi eu, para aqueles que admitem a intervenção da Providência no curso das coisas humanas.

Eram oito horas da manhã. O tempo estava calmo, o termómetro a trinta e dois graus Fahrenheit (zero C.). Reunidos na caverna, menos o bossman, à espera do almoço, que Endicott acabava de arranjar, íamo-nos sentar à mesa quando uma voz começa a chamar de fora. Esta voz só podia ser a de Hurliguerly, e, como se se renovassem as chamadas, saímos a toda a pressa. Logo que nos viu, gritou: — Venham... venham!

De pé sobre um penedo, junto do cabeço em que terminava Halbrane-Land para além da ponta, mostrava-nos o mar.

— O que há? — perguntou o capitão Len Guy.

— Um escaler.

— Um escaler! — exclamei eu.

— Será porventura o da «Halbrane» que regressa? — perguntou o capitão Len Guy.

— Não... não é ele! — informou Jem West.

Efetivamente, uma embarcação, cuja forma e dimensões não permitiam confundir-se com as da embarcação da nossa escuna, deslizava sem remos nem pás.

Parecia fora de dúvida que seguia ao capricho da corrente...

Todos nós tivemos a mesma ideia — apoderarmo-nos, custasse o que custasse, daquela embarcação, que talvez nos assegurasse o nosso salvamento. Mas como havíamos de deitar-lhe a mão, como trazê-la para esta ponta de Halbrane-Land?

Estava ainda a embarcação a uma milha de distância, e, em menos de vinte minutos, chegaria por través do cabeço, depois passá-lo-ia, por isso que não havia revessa que se estendesse pelo mar fora, e em vinte minutos ter-se-ia perdido de vista...

Estávamos ali mirando a embarcação, que continuava a deslizar sem se aproximar do litoral. Pelo contrário, a corrente tendia a afastá-la dele.

De repente, vê-se esguichar um jorro de água, como se tivesse caído um corpo ao mar. Era Dirk Peters que, livre do vestuário, acabava de atirar-se de cima dum penedo, e, quando o divisamos, já a umas dez braças, nadava na direção do escaler. De nossos peitos saiu um hurra. O mestiço voltou um instante a cabeça, e, em uma braçada vigorosa, galgou — é o termo — por entre as crespas ondas, como se fosse uma doninha, cuja força e velocidade possuía.

Nunca vi nada assim, embora houvesse tudo a esperar do vigor de um homem como ele!

Conseguiria Dirk Peters apanhar a embarcação antes de ela ser arrastada para o nordeste pela corrente?

E, se a apanhasse, conseguiria, sem remos, conduzi-la para a costa, da qual se afastava, como a maior parte dos icebergs que por ali passavam?

Após os nossos hurras, para animar o mestiço — ficamos imóveis, com os corações batendo que pareciam rebentar. Apenas o bossman gritava de quando em quando: — Anda, Dirk... anda!

Em poucos minutos, havia vencido o mestiço algumas amarras, em sentido oblíquo, na direção do escaler. Agora via-se-lhe apenas a cabeça, como um ponto negro, à superfície das largas vagas. Nada denunciava que a fadiga começasse a vencê-lo. Os dois braços e as duas pernas afastavam a água metodicamente, e conservava o andamento sob a ação regular daqueles quatro potentes propulsores.

Sim! Não havia que duvidar: Dirk Peters alcançaria a embarcação... Mas, depois, não seria arrastado juntamente com ela, salvo se — tão prodigiosa era a sua força — pudesse, nadando, rebocá-la até à costa?

— No fim de contas, por que não haveria um remo num escaler? — observou o bossman.

Saberíamos, quando Dirk Peters estivesse a bordo, e era forçoso que isso se desse em alguns minutos, pois não tardaria que o escaler lhe passasse além.

— Em todo o caso — disse então Jem West —, sigamos para jusante... Se a embarcação atracar, só muito para baixo do cabeço o conseguirá.

— Lá está ele! Lá está ele! Hurra... Dirk... Hurra! — exclamou o bossman, que não podia conter-se e ao qual Endicott juntava o seu estrondoso eco.

Efetivamente, o mestiço, que tinha acostado, acabava de elevar-se até meio do corpo pelo escaler acima. Agarrava-o com as enormes mãos, e, com risco de o fazer virar, içou-se pela borda e saltou para dentro, sentando-se em seguida para tomar fôlego. Quase ao mesmo instante, um grito retumbante, que Dirk Peters soltara, chegou até nós... Que encontrara ele, pois, no fundo da referida embarcação?

Eram pás, porquanto vimo-lo sentar-se à proa e, dirigindo-se para a praia, remar com

grande vigor, a fim de sair da corrente.

— Venham daí! — disse o capitão Len Guy.

E, logo que contornamos a base do cabeço, metemos de corrida para a beira da praia, por entre os penedos denegridos de que estava semeada.

À distância de quatrocentas toesas, o piloto fez-nos parar. Efetivamente, o escaler havia encontrado o abrigo de uma pontazinha, que se projetava nesta direção, e era evidente que iria ali atracar de per si. Quando já não estava a mais de cinco ou seis amarras e a revessa o aproximava, eis que Dirk Peters, largando as pás, se abaixou para a banda da ré, erguendo-se depois, agarrado a um corpo inerte.

Que lancinante grito nos feriu os ouvidos!

— Meu irmão! Meu irmão!

Len Guy acabava de reconhecer William Guy no corpo que o mestiço erguia.

— Vivo! Está vivo! — exclamou Dirk Peters.

Passado um instante, tinha o escaler atracado, e o capitão Len Guy cingia o irmão em seus braços... Três dos companheiros dele jaziam, inanimados no fundo da embarcação... E estes quatro homens era tudo quanto restava da tripulação da «Jane»!

(1) O texto em francês diz: *tortues galápagos*. Galápagos é castelhano e tem a mesma significação de tartaruga. As ilhas a que o autor se refere foram descobertas pelos *espanhóis*, no século XVI, os quais lhes puseram o nome de *Galápagos* ou *Tartarugas*, por serem estas muito abundantes neste arquipélago do oceano Pacífico. Não se trata, pois, de determinada variedade de tartaruga, como pode parecer à primeira vista. (N. do T.)

CAPÍTULO XIV

ONZE ANOS EM ALGUMAS PÁGINAS

O título dado a este capítulo indica que as aventuras de William Guy e dos seus companheiros depois da destruição da escuna inglesa, os pormenores da sua existência na ilha Tsalal após a partida de Arthur Pym e Dirk Peters, vão ter relato muito sucinto.

Transportados para a caverna, William Guy e os três outros marinheiros, Trinkle, Roberts e Covin, conseguiu-se chamá-los à vida. Na realidade fora a fome — apenas a fome — que reduzira estes desventurados a um estado de fraqueza próximo da morte.

Algum alimento tomado com moderação e umas xcaras de chá a ferver, misturado com uísque, restituíram-lhes as forças quase no mesmo instante.

Não repisarei a cena de ternura, que nos comoveu até ao íntimo da alma, quando William reconheceu o irmão Len. Brotavam-nos as lágrimas dos olhos ao mesmo tempo que dos lábios se desprendiam graças à Providência. O que o futuro nos reservava não era coisa que nos preocupasse, tamanha era agora a nossa alegria, e quem sabe até se a situação não mudaria por causa da chegada da embarcação às praias de Halbrane-Land? Devo dizer que William Guy, antes de encetar a sua história, foi posto ao corrente das nossas próprias aventuras. Em poucas palavras, ficou sabendo o que tinha pressa de saber: o encontro do cadáver de Patterson, a viagem da nossa escuna até à ilha Tsalal, a sua partida para mais altas latitudes, o naufrágio dela junto do iceberg, enfim, a traição duma parte da maruja, que nos abandonara nesta terra.

Também ficou ciente do que Dirk Peters sabia a respeito de Arthur Pym e quais eram as hipóteses em que se baseava a esperança que o mestiço tinha de encontrar o companheiro, cuja morte era tão fora de dúvida para William Guy como a dos outros mareantes da «Jane», esmagados debaixo das colinas de Klock-Klock.

William Guy respondeu a esta narrativa fazendo o resumo dos onze anos que passara na ilha Tsalal.

Decerto estão lembrados de que, a 8 de Fevereiro de 1828, a tripulação da «Jane», não podendo de nenhum modo desconfiar da gente tsalalesa e do seu chefe, Too--Wit, desembarcou, a fim de ir para a aldeia de Klock--Klock, não sem ter posto a escuna em estado de defesa, deixando a bordo seis homens. A tripulação, incluindo o capitão William, o imediato Patterson, Arthur Pym e Dirk Peters, formava um grupo de trinta e dois homens armados de espingardas, pistolas e facas. E era acompanhada pelo cão Tigre. Chegado à estreita garganta, que conduzia para a aldeia, precedido e seguido de numerosos guerreiros de Too-Wit, o grupo dividiu-se. Arthur Pym, Dirk Peters e o marinheiro Allen meteram-se por uma fenda da colina dentro. A partir deste momento, os companheiros não deviam mais tornar a vê-los. Efetivamente, passado pouco tempo, sentiu-se um grande abalo. A colina oposta abatia por completo, soterrando William Guy e os vinte e oito companheiros.

Destes desventurados, vinte e dois ficaram logo esmagados e os seus cadáveres nunca foram encontrados debaixo desta mole de terra. Sete, que ficaram no fundo duma larga fenda da colina, escaparam por milagre. Eram William Guy, Patterson, Roberts, Covin, Trinkle, e também Forbes e Lexton, que depois faleceram. Quanto ao Tigre, ignoravam se tinha morrido no desabamento ou se havia escapado. William Guy, todavia, e os companheiros, não podiam conservar-se neste sítio escuro e estreito, onde não tardaria a faltar o ar respirável. Tal qual o supusera desde logo Arthur Pym, julgaram-se vítimas dum terremoto. Mas, do mesmo modo que ele, reconheceram que, se a garganta estava atulhada pelos escombros caóticos de mais de

um milhão de toneladas de terra e de pedra, era porque o aludido terremoto havia sido artificialmente preparado por Too-Wit e pela gente da ilha Tsalal. Do mesmo modo que Arthur Pym, foi-lhes necessário fugir, o mais depressa possível, à escuridão das trevas, à falta de ar, às exalações asfíxiantes da terra úmida, desde o momento em que, para empregar as expressões da narrativa, «se encontravam exilados para além dos mais longínquos confins da esperança, e que estavam nas condições próprias dos mortos.» Tal qual como na colina da esquerda, havia labirintos na colina da direita, e foi trepando por esses escuros corredores acima que William Guy, Patterson e os demais chegaram a uma cavidade onde a luz e o ar entravam com abundância.

Foi dali que eles também viram o ataque da «Jane» por uma centena de pirogas, a defesa dos seis homens que ficaram a bordo, os pedreiros vomitando balas encadeadas e metralha, a invasão da escuna pelos selvagens, em suma a explosão final, que causou a morte de um milhar de indígenas ao mesmo tempo que a destruição completa do navio. Too-Wit e os tsalaleses ficaram primeiro abismados com os efeitos da explosão, mas talvez que ainda mais contrariados. Não puderam satisfazer os instintos de pilhagem, porquanto do casco, aparelho e carga apenas restavam destroços sem valor. Como deviam supor que a tripulação perecera também no desabamento da colina, não lhes ocorreu que houvesse algum sobrevivente. E foi por isso que Arthur Pym e Dirk Peters, por uma parte, William Guy e a sua gente, por outra, puderam, sem serem incomodados, permanecer no fundo dos labirintos de Klock-Klock, onde se alimentaram da carne das gazelas, que lhes era fácil apanharem-nas à mão, e do fruto de numerosas aveleiras, que cresciam nas encostas da colina. Quanto a lume, arranjaram-no friccionando um bocado de pau mole com outro duro, de que havia quantidade ao pé deles.

Em suma, após sete dias de sequestro, se Arthur Pym e o mestiço conseguiram — como é sabido — sair do seu esconderijo, descer à margem, apoderar-se duma embarcação, abandonar a ilha Tsalal, William Guy e os seus companheiros não haviam encontrado até então oportunidade de fugir.

Passados vinte e um dias, o capitão da «Jane» e a sua gente, sempre encurralados no labirinto, viram chegado o momento em que as aves de que se alimentavam lhes haviam de faltar. Para escapar à fome, pois que para mitigar a sede existia uma fonte interior, que lhes proporcionava água límpida, havia apenas um meio: era chegar ao litoral, e depois aventurarem-se pelo mar fora numa embarcação indígena... Verdade é que, aonde chegariam e que havia de ser deles sem mantimentos? Mas nem por isso hesitariam em tentar semelhante aventura se pudessem aproveitar algumas horas de noite. Ora, nesta época, o Sol ainda se não ocultava por detrás do horizonte no paralelo de oitenta e quatro graus.

Era, pois, provável que a morte viesse pôr termo a tantas desgraças se porventura a situação não mudasse nas circunstâncias seguintes.

Uma manhã — foi a 22 de Fevereiro —, William Guy e Patterson, mordidos pela inquietação, conversavam à entrada da cavidade que dava para o campo. Não sabiam como ocorrer às necessidades de sete pessoas, reduzidas, então, a alimentar-se unicamente de avelãs, o que lhes produzia violentas dores de cabeça e de intestinos. E viram grandes tartarugas arrastarem-se pela praia. Mas como haviam de arriscar-se a apanhá-las se centenas de tsalaleses enchiam os areais, indo, vindo, tratando das suas ocupações, soltando o eterno grito de téké-li-li?

Súbito, toda aquela gente pareceu dominada por extraordinária agitação. Homens,

mulheres, crianças, dispersavam para todos os lados. Alguns selvagens até se atiravam para dentro das embarcações como se os ameaçasse perigo terrível...

O que era?

William Guy e os companheiros depressa tiveram a explicação do burburinho que se manifestou nesta parte do litoral da ilha. Um animal, um quadrúpede, acabava de aparecer, e, precipitando-se furioso entre os insulares, procurava mordê-los, saltava-lhes ao pescoço, ao passo que a boca espumante vomitava roucos rugidos. E, todavia, o quadrúpede estava só, e podiam-no cobrir de pedradas ou de setas... Por que motivo, pois, centenas de selvagens manifestavam semelhante pavor, porque é que deitavam a fugir, por que razão pareciam não ousar defender-se contra o animal que se lançava em cima deles?

O animal era branco de pelo e a sua vista produziu o fenômeno já observado, o inexplicável horror pela cor branca, horror comum a todos os indígenas da ilha Tsa-lal... Não! Ninguém pode imaginar o susto com que eles soltavam, juntamente com o seu téké-li-li, os gritos de anamoo-moo e de lama-lama!

E qual não foi a surpresa de William Guy e dos companheiros ao reconhecerem o cão Tigre!

Sim! Tigre, que, tendo escapado da derrocada da colina, se salvara no interior da ilha... E, depois de ter andado pelos arredores de Klock-Klock durante alguns dias, ei-lo que volta, espalhando o pavor entre os selvagens...

Estão lembrados de que o pobre animal havia já manifestado sintomas de hidrofobia no porão do «Grampus»? Pois bem, desta vez, estava raivoso... sim! raivoso e ameaçando morder toda esta população estonteada...

E aqui está a razão por que a maior parte dos tsalaleses deitaram a fugir, assim como o chefe Too-Wit e os próprios Wampos, que eram as principais personagens de Klock-Klock! Foi nestas extraordinárias circunstâncias que eles abandonaram não só a aldeia, mas a ilha, onde nenhuma força poderia retê-los, onde jamais deviam voltar!

Se, porém, as embarcações bastaram para transportar a maior parte para as ilhas vizinhas, muitas centenas de indígenas tiveram de ficar em Tsalal, por falta de meios para fugir. E, como alguns foram mordidos pelo Tigre, declararam-se casos de raiva, após muito curto período de incubação. Então — espetáculo cujo horror é impossível narrar! — precipitaram-se uns sobre os outros e esfacelaram-se à dentada. E pertenciam a esses selvagens as ossadas que encontramos nos arredores de Klock--Klock, as quais, onze anos depois, branquejavam nesse mesmo lugar!

Quanto ao desgraçado cão, foi morrer a um canto do litoral, onde Dirk Peters encontrou o seu esqueleto, com o qual estava ainda a coleira, que tinha gravado o nome de Arthur Pym...

De modo que, foi à mencionada catástrofe — e a genial pujança de um Edgar Poe era decerto capaz de o imaginar — que se deveu o abandono definitivo de Tsalal. Refugiados no arquipélago de sudoeste, haviam deixado para sempre esta ilha, aonde «o animal branco» acabava de trazer o pavor e a morte... Depois, assim que sucumbiram nesta epidemia de raiva todos quantos não puderam escapar-se, William Guy, Patterson, Trinkle, Forbes, Roberts, Covin e Lexton aventuraram-se a sair do labirinto, onde estavam em vésperas de morrer de fome.

Durante os anos que se seguiram, que existência tiveram os sete sobreviventes desta expedição?

Havia sido, em suma, menos penível do que se poderia supor. A vida estava-lhes assegurada pelos produtos naturais de um solo em extremo fértil e pela presença de uma certa quantidade de animais domésticos. Faltavam-lhes apenas os meios para abandonar Tsalal, para regressar ao banco e transpor o círculo antártico, cuja passagem a «Jane» forçara a custo de mil perigos, ameaçada pela fúria das tormentas, pelo embate dos gelos, pelos vendavais de granizo e de neve.

Quanto a construir um escaler capaz de afrontar tão longa e tão perigosa viagem, como é que William Guy e os companheiros poderiam fazê-lo, faltando-lhes a ferramenta necessária e achando-se reduzidos apenas às suas armas, espingardas, pistolas e facas?

A única preocupação, pois, era acomodarem-se o melhor possível, aguardando oportunidade de sair da ilha. E quem a depararia, a não ser um desses acasos de que só a Providência dispõe?

E, em primeiro lugar, por conselho do capitão e do imediato, resolveu-se estabelecer um acampamento na costa de noroeste.

Da aldeia de Klock-Klock não se descobria o alto mar. Ora, convinha estar sempre com o mar à vista, para o caso — aliás tão pouco provável — de aparecer alguma embarcação nas paragens de Tsalal.

O capitão William Guy, Patterson e os cinco companheiros desceram, pois, pelo barranco meio atulhado de escombros da colina, entre escórias friáveis, blocos de granito negro e de marga granulada, em que cintilavam pontos metálicos. Tal era, ante os olhos de Arthur Pym, o aspecto destas lúgubres regiões, “que, diz ele, assinalavam o lugar da Babilônia em ruínas!...”

Antes de sair da garganta, lembrou-se William Guy de explorar a fenda da direita, onde Arthur Pym, Dirk Peters e Allen tinham desaparecido. Mas como a mesma fenda estava obstruída, foi-lhe impossível penetrar no interior do maciço. De maneira que nunca chegou a ter conhecimento da existência do aludido labirinto, natural ou artificial, parecido com o outro que acabava de abandonar, e que talvez comunicassem entre si sob o seco leito da torrente.

Depois de haver transposto esta barreira caótica, que interceptava o caminho do norte, o grupo dirigiu-se para noroeste.

Ali, no litoral, a cerca de três milhas de Klock-Klock, procedeu-se ao estabelecimento definitivo, no fundo de uma gruta muito semelhante àquela que ocupávamos atualmente na costa da Halbrane-Land.

E foi neste sítio que, durante longos anos de desespero, os sete sobreviventes da "Jane" viveram, e nós íamos fazer o mesmo — verdade é que em piores condições, porquanto a fertilidade do solo de Tsalal oferecia recursos que escasseavam ao da Halbrane-Land. Na realidade, se estávamos condenados a perecer, logo que tivéssemos esgotado os mantimentos, não o estavam eles. Podiam esperar indefinidamente... e esperaram...

O que lhes não causava nenhuma dúvida no espírito era que Arthur Pym, Dirk Peters e Allen tinham morrido no desabamento — o que era certíssimo com respeito a este último.

Efetivamente, podiam ter alguma vez imaginado que Arthur Pym e o mestiço, depois de se terem apoderado duma embarcação, haviam conseguido fazer-se ao mar?

Consoante no-lo diz William Guy, nenhum incidente veio quebrar a monotonia desta existência de onze anos, nenhum — nem sequer o aparecimento de insulares, cujo pavor os inibia de se aproximarem da ilha Tsalal. Nenhum perigo os ameaçara durante este período. Além de que, à medida que o tempo decorria, assim iam perdendo cada vez mais a esperança

de ser recolhidos.

A princípio, com a chegada da estação primaveril, quando o mar tornava a ficar livre, diziam eles que seria mandado um navio à procura da «Jane». Mas, logo que decorreram quatro ou cinco anos, perderam todas as esperanças.

Juntamente com os produtos do solo, entre eles preciosas plantas antiescorbúlicas, como a cocleária e o aipo bravo, das quais havia abundância nas proximidades da caverna, William Guy levava da aldeia certa quantidade de voláteis, galinhas, patos de excelente casta, e também numerosos porcos, de que a ilha estava cheia. Além de que, sem terem de recorrer às armas de fogo, era fácil matar gazelas, de plumagem cor de azeviche.

A estes diversos recursos alimentares podiam-se juntar centenas de ovos de albatroz e de tartaruga, ocultos sob a areia da praia, visto bastarem estes répteis de enormes dimensões, cuja carne é saudável e nutritiva, para manter os hibernadores da Antártica.

Restavam ainda as inesgotáveis reservas do mar, do referido Jane-Sund, onde abundavam todas as castas de peixe até ao fundo das calhetas: salmão, bacalhau, raia, linguado, ruivo, muge, patruça, e também, sem falar nos moluscos, os saborosos escombros ou bichos-domar, dos quais a escuna inglesa tencionava fazer um carregamento, a fim de o vender nos mercados do Celeste Império.

Não há lugar para detença acerca do período que medeia entre 1828 e 1839. Os invernos decerto que foram muito ásperos. Com efeito, se o Estio fazia sentir generosamente a sua benéfica influência nas ilhas do grupo Tsalal, o Inverno, com o seu cortejo de neves, chuvas, vendavais e tempestades, não as poupava aos seus rigores. O terrível frio estava senhor de todos os domínios das terras antárticas. O mar, acumulado de gelos flutuantes, solidificava-se para seis ou sete meses. Era forçoso esperar a reaparição do Sol, primeiro que as águas estivessem livres, como as vira Arthur Pym, como nós as encontramos passado o banco.

Em suma, a existência havia sido relativamente fácil na ilha Tsalal. Sê-lo-ia também no árido litoral da Halbrane-Land onde estávamos? Por abundantes que fossem, os nossos mantimentos acabariam por ficar esgotados e, chegado o Inverno, não voltariam as tartarugas para mais baixas latitudes?

O que é certo é que, sete meses antes, o capitão William Guy ainda não tinha perdido um só dos homens que escaparam sãos e salvos da cilada de Klock-Klock, o que foi devido à sua constituição robusta, ânimo muito sofredor e grande força de vontade... Mas, ai! a desventura depressa cairia sobre eles.

Chegado o mês de Maio, que corresponde nestas regiões ao mês de Novembro do hemisfério setentrional, já começavam a descair, ao largo de Tsalal, os gelos que a corrente arrastava para o norte.

Um dia, um dos sete homens não voltou para a caverna.

Chamaram-no, puseram-se à espera dele, começaram a procurá-lo. Tudo em vão... Vítima de algum acidente, sem dúvida afogado, não apareceu... não tornou a aparecer.

Era Patterson, o imediato da «Jane», o fiel companheiro de William Guy.

Oh! Quão doloroso foi para toda esta boa gente o desaparecimento de um dos seus, e dos melhores! E não seria isto prenúncio de catástrofes próximas?

Ora o que William Guy ignorava, e que então lhe dissemos, era que Patterson — em que circunstâncias, nunca se saberia — fora levado sobre um bloco de gelo, onde morreu de fome. E foi nesse bloco, chegado às alturas da ilha do Prince Edward, roído pelas águas mais

quentes, e prestes a dissolver-se, que o bossman descobriu o cadáver do imediato da «Jane».

Quando o capitão Len Guy contou como a «Halbrane» se dirigira para os mares antárticos, graças aos apontamentos encontrados na algibeira do desventurado companheiro, o irmão não pôde conter as lágrimas...

Após esta primeira desgraça, sobrevieram outras.

Os sete sobreviventes da «Jane» eram agora só seis, e não tardou que fossem quatro, desde que se viram obrigados a fugir, para se salvarem.

Efetivamente, o desaparecimento de Patterson datava apenas de cinco meses, quando, em meados de Outubro, um tremor de terra veio subverter por completo a ilha Tsalal, ao mesmo tempo que aniquilava quase todo o grupo de sudoeste. Não se pode fazer ideia da violência com que se onerou o desabamento. Nós pudemos avaliá-la quando o escaler da nossa escuna atracou à penedia do litoral indicada por Arthur Pym.

Com certeza que William Guy e os cinco companheiros não tardariam a sucumbir, se não tivessem tido meio de fugir desta ilha, que se recusava agora a alimentá-los.

Passados dois dias, a poucas centenas de toesas da caverna, a corrente levou uma embarcação que havia sido arrastada para o largo do arquipélago de sudoeste.

Carregar esta embarcação com tantos mantimentos quantos pudesse receber, ir para bordo dela e abandonar a ilha, que se tornara inabitável, foi o que William Guy, Roberts, Covin, Trinkle, Forbes e Lexton trataram de fazer, sem sequer esperar vinte e quatro horas.

Por desgraça, soprava então uma viração em extremo rija, devida aos fenômenos sísmicos que haviam perturbado as profundezas do solo e bem assim as profundezas do céu. Não foi possível resistir a esta viração, que impelia o barco para o sul, abandonado à corrente a que obedecia o nosso iceberg, quando descaiu até ao litoral de Halbrane-Land.

Durante dois meses e meio, os desventurados foram assim através do mar livre, sem conseguir modificar o rumo.

Só a 2 de Janeiro do corrente ano de 1840 é que avistaram terra — a mesma que Jane-Sund banhava a este. Ora, o que já havíamos reconhecido, a aludida terra não ficava distante cinquenta milhas de Halbrane-Land.

Sim! Era esta a distância, relativamente pequena, que nos separava daqueles que procuramos tão longe pelas regiões antárticas e que não esperávamos tornar a ver! Era muito mais para sueste em relação a nós que a embarcação de William Guy abicara. Aí, porém, que diferença da ilha Tsalal, ou, para melhor dizer, que semelhança com Halbrane-Land! Solo impróprio para cultura, apenas areia e rochedo, nem árvores, nem arbustos, nem plantas de nenhuma casta!

De modo que, quase esgotados os mantimentos, William Guy e os companheiros depressa se encontravam reduzidos à extrema miséria, sucumbindo dois deles, Forbes e Lexton.

Os outros quatro, William Guy, Roberts, Covin e Trinkle, não quiseram permanecer nem mais um dia nesta costa, onde estavam condenados a morrer de fome. Com os poucos mantimentos que lhes restavam, embarcaram no bote, e entregaram-se pela segunda vez à corrente, sem sequer poderem, por falta de instrumentos, marcar o ponto.

Ora, como navegassem vinte e quatro dias nestas condições, acabaram-se-lhes os recursos e estavam a ponto de sucumbir, pois não comiam havia vinte e quatro horas, quando a embarcação, no fundo da qual jaziam inanimados, passou à vista de Halbrane-Land.

Foi neste instante que o bossman a avistou e Dirk Peters se atirou ao mar, para apanhá-la,

manobrando de modo a trazê-la para a praia.

No momento em que punha pé no bote, o mestiço reconheceu o capitão da «Jane» e os marinheiros Roberts, Trinkle e Covin.

Depois de se assegurar que ainda respiravam, pegou nas pás, remou para terra, e, quando estava apenas a uma amarra, levantou a cabeça de William Guy: — Vivo! Está vivo! — gritara com voz tão possante que chegou aos nossos ouvidos.

E, agora, os dois irmãos achavam-se, enfim, juntos nestes remotos confins de Halbrane-Land.

CAPÍTULO XV

A ESFINGE DOS GELOS

A dois dias dali, na ponta do litoral antártico, já não existia um só dos sobreviventes das duas escunas.

Foi a 21 de Fevereiro, às seis horas da manhã, que a embarcação, na qual estávamos em número de treze, largou da enseada e dobrou a ponta de Halbrane-Land.

Desde a antevéspera que discutíamos a questão da saída. Se se devia resolver afirmativamente, era preciso não demorar um dia em fazer-se ao largo. Durante um mês, ainda, um mês o muito, era possível navegar-se nesta porção de mar compreendida entre os paralelos de oitenta e seis e de setenta graus, isto é, até às latitudes em geral obstruídas pelo banco de gelo. Depois, para além, se conseguíssemos passar, acaso teríamos a fortuna de encontrar algum baleeiro que terminasse a estação de pesca, ou — quem sabe? — um navio inglês, francês ou americano, que viesse duma viagem de descobrimentos nos limites do oceano austral? Passados meados de Março, estas paragens estariam desertas de navegadores e de pescadores e devia perder-se a esperança de se ser recolhido.

Perguntara-se primeiro se não haveria vantagem em invernar onde éramos constrangidos a fazê-lo antes da chegada de William Guy, dispondo tudo para os sete ou oito meses de Inverno desta região, que as longas trevas e os excessivos frios não tardariam a invadir. No começo do próximo Estio, quando o mar tornasse a ficar livre, a embarcação singraria para o oceano Pacífico e teríamos mais tempo para vencer o milheiro de milhas que nos separavam dele. Não seria, porventura, um ato de prudência e de juízo?

Contudo, por mais resignados que estivéssemos, como é que nos não havíamos de amedrontar pensando numa invernada nesta costa, ainda que a caverna nos oferecesse abrigo suficiente, e não obstante as condições de vida estarem ali asseguradas, pelo menos no tocante a alimentação? Sim! Resignados... todos o podem estar enquanto a resignação é imposta pelas circunstâncias... Mas, agora que se oferecia ocasião de partir, por que motivo se não havia de fazer um derradeiro esforço na perspectiva de um próximo repatriamento, porque se não havia de tentar o mesmo que tentara Hearne com os seus companheiros e nós em condições infinitamente mais favoráveis?

Os prós e os contras da questão foram examinados mais de perto. Depois de se ter pedido a opinião de cada um, ponderou-se que, em rigor, se a navegação fosse detida por algum obstáculo, o barco poderia voltar de novo a esta parte da costa, cuja situação exata conhecíamos. O capitão da «Jane» mostrou-se grande partidário da saída imediata, cujas consequências Len Guy e Jem West não receavam. Abracei de bom grado a sua opinião, a que os nossos companheiros aderiram.

Apenas Hurliguerly opôs alguma resistência. Parecia-lhe imprudente deixar o certo pelo duvidoso... Seriam bastantes só três ou quatro semanas para transpor a distância compreendida entre Halbrane-Land e o círculo antártico? E como é que, se fosse necessário,

se poderia voltar contra a corrente que seguia para o norte? O bossman fez, enfim, valer certos argumentos que mereciam ser ponderados. Devo, todavia, dizer que só Endicott se pôs do lado dele, pelo costume em que estava de encarar as coisas pelo mesmo prisma.

Não obstante, depois de tudo discutido e bem discutido, Hurliguerly declarou-se pronto a partir, por isso que todos nós éramos deste parecer.

Terminaram-se os preparativos sem demora, e, portanto, a 21, logo às sete horas da manhã, mercê da dupla ação da corrente e do vento, a ponta de Halbrane-Land ficava-nos a cinco milhas pela popa. Depois do meio-dia apagaram-se gradualmente as eminências que dominavam esta parte do litoral, das quais a mais elevada nos permitira avistar terra na margem oeste do Jane-Sund.

O nosso escaler era uma dessas embarcações que se empregam no arquipélago de Tsalal para a comunicação entre as ilhas.

Sabíamos, pela narrativa de Arthur Pym, que alguns dos referidos barcos se parecem com jangadas ou embarcações de fundo chato, outros com pirogas de espadela, a maior parte de grande solidez. Pertencia à última categoria aquele em que estávamos, e que tinha uns quarenta pés de comprimento e seis de boca, a popa e a proa alteadas de igual forma, o que evitava ser preciso virá-lo, e manobrava-se com muitos pares de remos.

O que em especial devo fazer notar é que, na construção do barco mencionado, não entrava um único bocado de ferro, nem pregos, nem cavilhas, nem curvas, quer no cadaste, quer na roda de proa, por isso que este metal era de todo desconhecido dos tsalaleses. Ligaduras feitas duma espécie de cipó e que têm a resistência do arame de cobre, asseguravam a aderência do forro com tanta solidez como se fossem pregos bem rebatidos. A estopa era substituída por musgo, em cima do qual se deitava resina derretida, que adquiria uma resistência metálica em contato com a água.

Tal era a referida embarcação, a que demos o nome de «Paracuta», nome de um peixe destas paragens, o qual estava muito toscamente esculpido no painel.

O «Paracuta» havia sido carregado com todos os objetos que podia conter, sem grande incômodo para os passageiros destinados a tomar ali lugar — vestuário, mantas, camisas, camisolas, ceroulas, calças de lã grossa e casacos embreados, algumas velas, antenas, croques, reinos, fâteixas, e também instrumentos para marcar o ponto, armas e munições, de que talvez tivéssemos ocasião de nos servirmos, espingardas, pistolas, carabinas, pólvora, chumbo e balas. A carga compunha-se de bastantes barris de água doce, de uísque e de genebra, caixas de farinha, carne salgada, legumes secos e duma boa provisão de café e de chá. Havia-se-lhe juntado um fogãozinho e alguns sacos de carvão para acender o mencionado fogão durante umas poucas de semanas. Verdade é que se não conseguíssemos dobrar o banco, se fosse necessário invernar entre os ice-fields, como tais recursos não tardariam a esgotar-se, todos os nossos esforços deviam tender a regressar para Halbrane--Land, onde a carga da escuna nos asseguraria a existência durante ainda largos meses.

Contudo — se não fôssemos bem sucedidos — era caso para se perder a esperança? Não, e está em a natureza humana o agarrarmo-nos ao menor vislumbre que ela nos apresente.

Recordo-me do que Edgar Poe diz do Anjo do fantástico, «o gênio que preside aos contratemplos da vida e cuja função consiste em preparar os acidentes que possam provocar admiração, e que todavia são produzidos pela lógica dos fatos...» Por que motivo, pois, nos não havia de aparecer este anjo na hora suprema?

Percebe-se que a maior parte da carga da «Halbrane» tivesse ficado na caverna, ao abrigo das intempéries do Inverno, à disposição de náufragos, se porventura viessem parar a esta costa. Uma antena que o bossman deixou em cima do morro decerto atrairia a sua atenção. Contudo, depois das nossas duas escunas, qual seria o navio que ousaria chegar a tais latitudes?

Eis as pessoas embarcadas no «Paracuta»: o capitão Len Guy, o imediato Jem West, o bossman Hurliguerly, o mestre calafate Hardie, os marinheiros Francisco e Stern, o cozinheiro Endicott, o mestiço Dirk Peters e eu, todos da «Halbrane» — e, além destas, o capitão William Guy e os marinheiros Roberts, Covin e Trinkle, da «Jane». Ao todo, treze, número fatídico.

Antes de partir, Jem West e o bossman tiveram o cuidado de implantar um mastro um pouco a vante da nossa embarcação. Esse mastro, sustentado por um estai e ovéns, podia aguentar um grande traquete, que foi talhado da gávea da escuna. E como o «Paracuta» media seis pés de largura no vau mestre, pôde-se dar algum cruzamento a este latino de escaler.

Este aparelho decerto não permitiria navegar de bolina cerrada. Mas, desde o vento da alheta até ao vento em cheio, a referida vela dar-nos-ia suficiente andamento para vencer em cinco semanas, com uma média de trinta milhas em vinte e quatro horas, o milhar de milhas que nos separava do banco. E não era nada excessivo contar com este andamento, se a corrente e a brisa continuassem a impedir o «Paracuta» para nordeste. Demais, logo que o vento escasseasse, servir-nos-íamos dos pangaicos, ou remos, e quatro pares, manejados por oito homens, assegurariam também um certo andamento à embarcação.

Nada tenho a referir de particular durante a semana que se seguiu à partida. A brisa não deixou de soprar do sul. Não se manifestou nenhuma contracorrente desfavorável entre as margens do Jane-Sund.

Enquanto fosse possível e a costa de Halbrane-Land se não afastasse muito para oeste, os dois capitães tencionavam segui-la a uma ou duas amarras. Oferecer-nos-ia refúgio caso algum acidente nos inutilizasse o escaler. É verdade que, nesta terra árida, no começo do Inverno, o que havia de ser de nós? Mais valia, entendo eu, não pensar nisso.

Durante as primeiras oito horas, remando-se logo que a brisa começou de cair, o «Paracuta» não perdera nada do andamento médio indispensável para chegar ao oceano Pacífico num curto lapso de tempo.

Não mudava o aspecto da terra — sempre o mesmo solo estéril, penedos denegridos, praias arenosas semeadas de raros cardos, e, em segundo plano, eminências abruptas e escalvadas. Quanto ao estreito, já acarretava alguns gelos, drifts flutuantes, packs — de cento e cinquenta a duzentos pés de comprimento, uns de forma alongada, outros circulares — e também icebergs, aos quais a nossa embarcação passava adiante sem custo. O que havia de pouco animador era que as referidas massas se dirigiam para o banco, e não tapariam os canaletes, que deviam ainda estar livres por este tempo?

Inútil é notar que o acordo era perfeito entre os treze passageiros do «Paracuta». Não tínhamos de recear a rebelião de nenhum Hearne. E, a propósito disto, perguntava-se se a sorte haveria favorecido os desventurados que o sealing-master arrastara A bordo do seu muito carregado escaler, que o menor golpe de mar poria em perigo, como se realizaria uma navegação tão arriscada? E quem sabe, contudo, se Hearne não seria bem sucedido, ao passo que nós nos sairíamos mal da ação, por termos partido dez dias depois dele?

Mencionarei, de passagem, que Dirk Peters, à medida que se distanciava destes lugares, onde não encontrara nenhum indício do seu pobre Pym, se tornava mais taciturno que nunca, o que eu não julgaria possível, e até não me respondia quando eu lhe dirigia a palavra.

Como fosse bissexto este ano de 1840, tive de escrever nos meus apontamentos a data de 29 de Fevereiro. Ora, sendo este dia precisamente o aniversário do nascimento de Hurliguerly, o bossman pediu que se festejasse esse aniversário com algum aparato, a bordo do escaler.

— É impossível ser menos exigente — disse ele, rindo —, porquanto só posso festejar de quatro em quatro anos!

E bebeu-se à saúde deste excelente homem, um tudo-nada tagarela, porém o mais confiante e o mais sofrido de todos, e que nos animava com o seu inalterável bom humor.

Nesse dia, a observação deu 79 graus 17 de latitude e 118 graus 37 de longitude.

Como se vê, as duas margens do Jane-Sund seguiam entre os meridianos de cento e dezoito e o de cento e dezenove graus, e o «Paracuta» tinha apenas de vencer uns doze graus até ao círculo polar.

Feita esta marcação, muito difícil de obter por causa da pouca elevação do Sol acima do horizonte, os dois irmãos desenrolaram sobre uma das bancadas o mapa das regiões antárticas, então muito incompleto. Estudei-o com eles, procurando determinar aproximadamente as terras já conhecidas que ficavam situadas nesta direção.

Depois que o nosso iceberg dobrara o Pólo Sul, é forçoso não esquecer que entráramos na zona das longitudes orientais, contadas do zero de Greenwich até cento e oitenta graus. Toda a esperança, pois, devia perder-se, quer fosse de regressar às Falklands, quer de encontrar baleeiras nas paragens das Sanduíche, South-Orkneys ou da Jórquia do Sul.

Em suma, eis o que era permitido deduzir, tendo em vista a posição atual.

Percebe-se que o capitão William Guy nada soubesse das viagens antárticas empreendidas após a partida da «Jane». Ele apenas conhecia as de Cook, Krusenstern, Weddell, Bellingshausen e Morrell, não podendo estar ao corrente das expedições ulteriores, a segunda de Morrell e a de Kemp, as quais haviam dilatado um quase nada o domínio geográfico nestas longínquas paragens. Pelo que o irmão lhe disse, ficou sabendo que, depois dos nossos próprios descobrimentos, devia ter-se como certo que um largo braço de mar — o Jane-Sund — dividia em dois vastos continentes a região austral.

O que o capitão Len Guy notou, nesse dia, foi que, se o estreito se prolongava entre os meridianos de cento e dezoito e cento e dezenove graus, o «Paracuta» passaria junto da posição atribuída ao polo magnético. É neste ponto — ninguém ignora — que se reúnem todos os meridianos magnéticos, ponto situado perto dos antípodas das paragens árticas e no qual a agulha magnética toma uma direção vertical. Devo dizer que, nesta época, a marcação do referido polo não havia sido feita com a precisão a que mais tarde se chegou (1).

(1) *Os cálculos, segundo Hansiteen, colocam o polo magnético austral a 128 graus 30' de longitude e 69 graus 17 de latitude. Sentindo os trabalhos de Vincendon Dumoulin e Coupvent Desbois, por ocasião da viagem de Dumont D'Urville a bordo do «Astrolábio» e da «Zelosa», Duperrey achou 136 graus 15 de longitude e 76 graus 30 de latitude. Verdade é que, muito recentemente, novos cálculos estabeleceram que o dito ponto devia achar-se a 106 graus 16 de longitude este e 72 graus 20 de latitude sul. Vê-se que, a tal respeito, ainda não há acordo entre os hidrográficos, como aconteceu com o polo magnético boreal. (J. V.)*

Isto, porém, não tinha importância, e a tal verificação geográfica não nos oferecia o menor interesse. O que mais nos devia preocupar era que o Jane-Sund cada vez estreitava mais, a ponto de estar agora reduzido a dez ou doze milhas de largura. Graças a esta configuração do estreito, via-se perfeitamente a terra dos dois lados.

— Oh! — fez o bossman. — É de esperar que haverá largura suficiente para a nossa embarcação passar! Se é que o estreito não termina em fundo de saco...

— Isso não é de supor — respondeu o capitão Len Guy. — Visto a corrente caminhar nesta direção, é porque encontra saída para o norte, e, na minha opinião, o que temos a fazer é segui-la.

Isto era evidente. O «Paracuta» não podia ter melhor guia que a corrente. Se, por desgraça, a tivéssemos contra nós, haveria sido impossível vencê-la sem ser ajudado por vento fresco.

Alguns graus mais além, não obliquaria a corrente para este ou para oeste, atendendo à conformação da costa? Ao norte do banco, todavia, tudo levava a afirmar que esta parte do Pacífico banhava terras da Austrália, da Tasmânia ou da Nova Zelândia. Pouco importava, não-de convir, tratando-se de ser repatriados, que a repatriação se efetuasse aqui ou acolá.

Prolongou-se a nossa navegação em tais condições uma dezena de dias. A embarcação ia de vento em popa. Os dois capitães e Jem West já não tratavam de apreciar a solidez dela, conquanto, repito, nenhum bocado de ferro houvesse sido empregado na sua construção. Não foi necessário calafetar uma só vez as costuras, que vedavam completamente. Verdade é que o mar estava bom, apenas enrugado por uma leve mareta à superfície das amplas ondas.

A 10 de Março, com a mesma longitude, a observação deu 76 graus 13 de latitude.

Ora, como o «Paracuta» havia vencido cerca de seiscentas milhas desde que saiu de Halbrane-Land, e esse percurso se efetuara em vinte dias, tinha, portanto, deitado um andamento de trinta milhas por dia.

Não diminuindo, pois, esta média durante três semanas, todas as probabilidades seriam a favor de que os canaletes não estavam ainda fechados ou de que poderia costear o banco, e também que os navios não tivessem largado dos lugares de pesca.

O Sol agora arrastava-se quase rente com o horizonte, e aproximava-se a época em que todo o domínio da Antártica seria envolvido pelas trevas da noite polar. Por fortuna, subindo para o norte, alcançávamos paragens donde a luz não estava banida.

Fomos então testemunhas de um fenômeno tão extraordinário como aqueles de que está repleta a narrativa de Arthur Pym. Durante três a quatro horas, dos nossos dedos, do nosso cabelo, dos pêlos da nossa barba, saíam curtas faíscas, acompanhadas de um ruído estrídulo. Era uma tempestade de neve elétrica, de grandes flocos, pouco compactos, cujo contato produzia penachos luminosos. O «Paracuta» esteve por vezes a afundar-se, tão revoltado e enfurecido era o mar, mas pôde desenrascar-se do perigo.

O espaço, todavia, só se iluminava agora duma maneira imperfeita. Frequentes neblinas reduziam a poucas amarras o máximo alcance da vista. De modo que teve de estabelecer-se uma certa vigilância, a fim de evitar qualquer colisão com os gelos flutuantes, cuja velocidade de deslocamento era inferior à do «Paracuta». Há também a notar que, do lado do sul, o céu se iluminava amiúde de grandes clarões, devidos à irradiação das auroras polares.

Baixava a temperatura por modo bastante notável e já não excedia vinte e três graus (5 graus C. abaixo de zero). Não deixava de causar sérias inquietações semelhante abaixamento. Se não podia exercer influência nas correntes, cuja direção nos era favorável, tendia a

modificar o estado atmosférico. Por desgraça, embora o vento caísse um pouco com a acentuação do frio, o andamento do escaler diminuiria a metade. Ora, um atraso de duas semanas bastaria para comprometer a nossa salvação, obrigando-nos a invernar junto ao banco. Neste caso, como já disse, mais valia regressar para o acampamento de Halbraneland. Estaria então livre o Jane-Sund, que nós acabávamos de passar com tanta felicidade?

Mais favorecidos que nós, Hearne e os companheiros, que nos levaram um avanço de dez dias, acaso não teriam já transposto a barreira dos gelos?

Quarenta e oito horas depois, o capitão Len Guy e seu irmão quiseram fixar a nossa posição por uma observação que o céu, desanuviado, tornava agora possível. Verdade é que só era viável uma boa anotação se o Sol estivesse acima do horizonte meridional, e mesmo assim a operação oferecia dificuldades reais. Conseguiu-se, todavia, tomar altura com uma certa aproximação, e os cálculos deram os resultados seguintes: Latitude: 75 graus 17 sul. Longitude: 118 graus 3 este.

Na referida data de 12 de Março, o «Paracuta» só estava, pois, separado das paragens do círculo antártico pela distância de quatrocentas milhas.

O que então se notou foi que o estreito, mais apertado na altura do paralelo de setenta e sete graus, ia alargando à medida que se desenvolvia para o norte. Até mesmo com os óculos de alcance já se não via nada das terras de este. E uma tal circunstância era deplorável, porquanto a corrente, menos comprimida entre duas costas, não tardaria a diminuir de velocidade, e acabaria por ser de todo imperceptível. Durante a noite de 12 para 13 de Março levantou-se enorme cerração logo que a viração acalmou. Era caso para lamentar, porque isso aumentava o perigo de embate com os gelos flutuantes.

Verdade é que o aparecimento de nevoeiros não nos causava admiração em tais paragens. O que, no entanto, surpreendia era que, longe de diminuir, a velocidade do escaler aumentava gradualmente, se bem que a viração houvesse acalmado. Decerto que esta aceleração não era devida à corrente, porquanto o sussurro das águas na roda de proa mostrava que andávamos mais velozes do que ela.

Durou este estado de coisas até de manhã, sem que pudéssemos perceber o que se passava, mas, por volta das dez horas, a cerração começou a desfazer-se nas zonas inferiores.

Reapareceu o litoral de oeste — litoral de rochedos, sem montanhas, no plano do fundo, que o «Paracuta» costeou.

Desenrolou-se então, a um quarto de milha, uma massa que dominava uma planície de cinquenta léguas numa circunferência de duzentas a trezentas. Na sua forma singular, parecia-se com uma enorme esfinge, o dorso erguido, as patas estendidas, acorçada na atitude do monstro alado que a mitologia grega pôs no caminho de Tebas.

Era porventura um animal vivo, um monstro gigantesco, um mastodonte de dimensões mil vezes superiores às dos enormes elefantes das regiões polares, de que ainda se encontram restos? Na disposição de espírito em que nós estávamos, podia-se ter suposto isso, e bem assim que o mastodonte ia precipitar-se sobre a nossa embarcação e escavacá-la entre as garras...

Após o primeiro momento de inquietação, pouco lógica e pouco racional, reconhecemos que apenas havia ali um maciço de conformação singular, cuja cabeça acabava de desembaraçar-se da névoa.

Ah! A esfinge! Traz-me à lembrança que, na noite em que se deu a reviravolta do iceberg e

o arrebatamento da «Halbrane», eu sonhara com um animal fabuloso desta espécie, sentado no polo do mundo, e do qual só um Edgar Poe, com a sua genialidade intuitiva, poderia arrancar os segredos!

Fenômenos mais estranhos, porém, iam atrair a nossa atenção, provocar-nos surpresa e até o nosso pasmo!

Eu disse que, decorridas algumas horas, a velocidade do «Paracuta» aumentou gradualmente. Agora, porém, era excessiva, muito superior à da corrente. Mas vai senão quando a fateixa, que tinha pertencido à «Halbrane» e posta a vante do escaler, escapa-se pela proa fora, como se houvesse sido atraída por uma força irresistível, e o cabo que a segurava retesa a ponto de rebentar... Parece que é a fateixa que nos leva a reboque, rasa com a superfície das águas, para a margem.

— Que é isto? — grita William Guy.

— Corta, bossman, corta — ordenou Jem West —, senão despedaçamo-nos de encontro ao rochedo!

Avança Hurliguerly para vante do «Paracuta», a fim de cortar o cabo. De repente é-lhe arrancada a faca da mão, o cabo rebenta, e a fateixa, como um projétil, corre na direção do maciço.

E, ao mesmo tempo, eis que todos os objetos de ferro que estavam na embarcação, os utensílios de cozinha, as armas, o fogão de Endicott, as nossas facas, arrancadas das próprias algibeiras, seguem o mesmo caminho, enquanto o escaler, com o seguimento que levava, vai varar-se na praia!

Que tinha pois havido, e, para explicar estas coisas inexplicáveis, seria forçoso admitir que estávamos na região de singularidades, que eu atribuía às alucinações de Arthur Pym?

Não! Eram fatos físicos, dos quais acabávamos de ser testemunhas, não fenômenos imaginários!

Demais, faltou-nos tempo para refletir, e, logo que saltamos em terra, a nossa atenção foi desviada pela presença de uma embarcação encalhada na praia.

— O escaler da «Halbrane»! — exclamou Hurliguerly.

Era o próprio escaler roubado por Hearne. Jazia neste lugar, as tábuas despregadas, as cavernas fora da quilha, tudo completamente deslocado... Restavam apenas destroços informes, numa palavra, o que fica de uma embarcação depois de um golpe de mar que a desfaz de encontro aos rochedos!

O que se notou logo foi que as ferragens do escaler haviam desaparecido... sim, todas... os pregos do forro, as escoras da quilha, as guarnições da roda de proa e do painel da popa, as machas-fêmeas do leme...

Que significava tudo isto?

E, como Jem West nos chamasse, fomos para uma praiazinha, à direita da embarcação.

Estavam três cadáveres deitados no chão — o de Hearne, o do mestre veleiro Martim Holt e o de um falklandês... Dos treze que acompanharam o sealing-master, apenas restavam aqueles três, cuja morte devia datar de alguns dias!

Que fora feito dos dez que faltavam? Haveriam sido arrastados para o mar alto?

Procedeu-se a investigações pelo litoral adiante, nas calhetas, entre os cachopos... Não se encontrou nada, nem indícios dum acampamento, nem sequer vestígios de um desembarque.

— É claro — disse William Guy — que o escaler abalroou, no mar, algum iceberg

flutuante. A maior parte dos companheiros de Hearne pereceram afogados e estes três corpos deram à costa, já sem vida.

— Mas — perguntou o bossman — como explicar que a embarcação esteja em tal estado?

— E, sobretudo — acrescentou Jem West —, que lhe falte toda a ferragem?

— Efetivamente — disse eu —, parece que foi arrancada com violência.

Deixando o «Paracuta» sob a guarda de dois homens, fomos para o interior, a fim de alargar as nossas investigações por um raio mais amplo.

Aproximamo-nos do maciço, agora livre da cerração, e cuja forma se acentuava com maior nitidez. Era, já o disse, muito semelhante a uma esfinge, mas a uma esfinge de cor fuliginosa, como se a matéria de que era feita houvesse sido oxidada pelas longas intempéries do clima polar.

Surgiu então uma hipótese no meu espírito — uma hipótese que explicava estes pasmosos fenômenos.

— Ah! — disse eu. — Um imã... Há ali... um imã... dotado de prodigiosa força de atração!

Compreenderam-me, e, num instante, a última catástrofe de que Hearne e seus cúmplices deviam ter sido vítimas iluminou-se com terrível clareza.

O aludido maciço não passava de um imã colossal. Sob a sua influência é que as ligações de ferro do escaler da «Halbrane» foram arrancadas e expelidas, como se houvesse sido arremessadas por uma catapulta!

Era ele que acabava de atrair com uma força irresistível todos os objetos de ferro do «Paracuta»! E a nossa embarcação teria tido a sorte da outra se na sua construção houvesse sido empregada uma única peça daquele metal!

Era, pois, a proximidade do polo magnético que produzia tais efeitos?

Ocorreu-nos logo essa ideia, porém, depois, refletindo, teve de ser rejeitada tal explicação.

Demais, na direção em que se cruzam os meridianos magnéticos, o único fenômeno que aí se produz é a posição vertical tomada pela agulha magnética em dois pontos similares do globo terrestre. O aludido fenômeno, já experimentado nas regiões árticas por observações feitas no local, devia ser idêntico nas regiões da Antártica.

De modo que existia um imã de intensidade prodigiosa, em cuja zona de atração havíamos entrado. Produzira-se ante nossos olhos um desses surpreendentes efeitos que até então eram tidos como fábulas. Quem é que havia alguma vez de acreditar que os navios pudessem ser irresistivelmente atraídos por uma força magnética, desprenderem-se as suas ligações de ferro, desconjuntar-se o casco, e que se submergissem nas profundezas? E, contudo, assim era!

Em suma, eis a explicação que me parece poder dar-se do fenômeno: Os ventos alisados levam de modo constante, para as extremidades do eixo terrestre, nuvens de névoas em que estão armazenadas imensas quantidades de eletricidade, que as tempestades não esgotaram completamente. Daí uma espantosa acumulação desse fluido nos polos, que corre para a terra duma maneira permanente.

Tal é a causa das auroras boreais e austrais, cujos luminosos deslumbramentos irradiam acima do horizonte, sobretudo durante a longa noite polar, e que até são visíveis nas zonas temperadas, quando atingem a máxima culminância. Até está admitido, embora eu saiba que não seja um fato averiguado, que, no momento em que se dá uma violenta descarga de eletricidade positiva nas regiões árticas, as regiões antárticas sofrem descargas de

eletricidade de nome contrário.

Pois bem, essas correntes contínuas para os polos, que desnor-teiam as bússolas, devem ter uma extraordinária influência, e bastaria que uma massa de ferro fosse submetida à sua ação para que se transformasse num imã de força proporcional à intensidade da corrente, ao número de voltas da hélice elétrica e à raiz quadrada do diâmetro do maciço de ferro magnetizado.

Precisamente, podia-se representar por milhares de metros cúbicos o volume da aludida esfinge, que se erguia neste ponto das terras austrais.

Ora, que era preciso para que a corrente circulasse em redor dela e a tornasse um imã por indução? Apenas um filão metálico, cujas inúmeras espiras, emaranhando-se pelas entranhas do solo, estivessem subterraneamente ligadas à base do referido maciço.

Suponho também que o mesmo maciço devia estar situado no eixo magnético, como uma espécie de calamita gigantesca, donde se desprendia o fluido imponderável e do qual as correntes faziam um inesgotável acumulador ligado aos confins do mundo. Quanto a determinar se se encontrava precisamente no polo magnético das regiões austrais, a nossa bússola não o podia fazer, porque não fora construída para esse fim. Tudo o que tenho a dizer é que a respectiva agulha, desnor-teada, instável, já não marcava nenhum rumo. Pouco importava, porém, no tocante à constituição do aludido imã artificial e à maneira como as nuvens e o filão alimentavam a sua força atrativa.

Foi deste modo muito plausível que pude explicar o fenómeno, por instinto. Não se pode duvidar de que estivéssemos nas proximidades dum imã cuja força produzia estes efeitos tão terríveis quão naturais.

Comuniquei o meu modo de ver aos companheiros e pareceu-lhes que esta explicação se impunha, em vista dos fatos físicos de que acabávamos de ser testemunhas.

— Não há nenhum perigo irmos até o maciço? — perguntou o capitão Len Guy.

— Nenhum — repliquei.

— Vamos... sim... vamos!

Não posso descrever a impressão que nos produziram estas três palavras, que foram soltadas como três gritos que saíssem das profundas do ultramundo, diria Edgar Poe.

Fora Dirk Peters quem falara, e o corpo do mestiço estendera-se na direção da esfinge, como se, transformado em ferro, também houvesse sido atraído pelo imã...

Ei-lo depois correndo naquela direção, seguido pelos companheiros, sobre um solo onde se amontoavam pedras denegridas, fragmentos de rochas, lavras e outras matérias de origem vulcânica.

Crescia o monstro à medida que nos aproximávamos dele, sem perder nada das suas formas mitológicas. Não posso pintar o efeito que produzia, isolado na imensa 'planície. Há impressões tais que nem a pena nem a palavra podem reproduzir... E — o que decerto era ilusão dos nossos sentidos — parecia que corríamos para ele em virtude da própria atração magnética.

Quando chegamos à base, encontramos os diversos objetos de ferro sobre os quais se exercera o seu poder. Armas, utensílios, a fátexa do «Paracuta», aderiam a ela. Também ali se viam os que pertenciam ao escaler da «Halbrane», assim como pregos, cavilhas, os toletes, as escoras da quilha e a ferragem do leme.

Já não havia, pois, dúvida possível acerca da causa da destruição do escaler que conduzia Hearne e os companheiros.

Brutalmente desarmado, viera desfazer-se de encontro aos rochedos, e igual sorte teria tido o «Paracuta» se, em virtude da própria construção, não houvesse escapado a esta irresistível atração magnética...

Quanto a retomar posse dos objetos que aderiam às paredes do maciço, espingardas, pistolas, utensílios, a sua aderência era tal que foi forçoso renunciar a isso. E Hurliguerly, furioso por não poder apoderar-se da sua fâca, colada a uma altura de cerca de cinquenta pés, vociferava, mostrando o punho cerrado ao impassível monstro:

— Ladra de esfinge!

Ninguém se admirará de que não houvesse neste lugar outros objetos mais que aqueles que pertenciam ao «Paracuta» e ao escaler da «Halbrane». Com certeza que nenhum navio chegara a esta latitude do mar Antártico. Hearne e seus cúmplices, primeiramente, e depois o capitão Len Guy e seus companheiros, éramos os primeiros que tinham pisado este ponto do continente austral. Para concluir, toda a embarcação que se aproximasse deste imã colossal caminharia para a sua completa destruição, e a nossa escuna teria tido a mesma sorte que o próprio escaler, do qual apenas restavam fragmentos informes.

Jem West, todavia, lembrou-nos que era imprudente demorar a nossa estada nesta Terra da Esfinge — nome que devia conservar. Urgia o tempo, e um atraso de alguns dias obrigar-nos-ia a invernar junto do banco.

Acabava, pois, de ser dada ordem de regressar para a margem, quando a voz do mestiço tornou a retumbar, e estas três palavras, ou, melhor, estes três gritos, foram proferidos por Dirk Peters:

— Lá! Lá! Lá!

Depois de ter contornado o reverso da pata direita do monstro, vimos Dirk Peters ajoelhado, de mãos estendidas diante de um corpo ou, antes, de um esqueleto revestido de pele, que o frio destas regiões havia conservado intato, e que continuava a manter a rigidez cadavérica. Tinha a cabeça inclinada, barba branca que lhe chegava à cintura, mãos e pés com unhas tão compridas como garras...

Por que razão estava este corpo unido ao maciço, a duas toesas acima do solo?

Em volta do dorso, seguro por uma correia, vimos o cano de uma espingarda, torcido, carcomido pela ferrugem.

— Pym... meu pobre Pym!— repetia Dirk Peters com voz lancinante.

Tentou então erguer-se para se aproximar... para beijar os restos ossificados do seu pobre Pym... Mas os joelhos vergaram-se-lhe... um soluço estrangulou-lhe a voz... um espasmo fez-lhe rebentar o coração... e caiu para trás... morto!

De modo que, depois da sua separação, o escaler havia arrastado Arthur Pym por estas regiões da Antártica! Tal como nós, depois de ter dobrado o polo austral, caíra na zona de atração do monstro! E aí, enquanto a embarcação ia levada pela corrente do norte, atraído pelo fluido magnético antes de ter podido desembaraçar-se da arma que levava a tiracolo, foi arremessado de encontro ao maciço...

Agora, o fiel mestiço repousa na Terra da Esfinge, ao lado de Arthur Pym, o herói cujas singulares aventuras encontraram no grande poeta americano um narrador não menos singular!

CAPÍTULO XVI

SETENTA REDUZIDOS A DOZE

Na tarde deste mesmo dia, o «Paracuta» deixou o litoral da Terra da Esfinge, que sempre tivemos pelo oeste desde 21 de Fevereiro.

Havia cerca de quatrocentas milhas a percorrer até ao litoral do círculo antártico. Chegados a estas paragens do oceano Pacífico, teríamos porventura a felicidade de ser recolhidos por um baleeiro que se demorasse até aos últimos dias da estação de pesca, ou por qualquer navio duma expedição polar?

A segunda hipótese tinha sua razão de ser. Efetivamente, quando a escuna estava fundeada nas Falklands, acaso se não tratava da expedição do primeiro-tenente Wilkes, da marinha americana? A respectiva divisão, composta de quatro navios, o «Vincennes», o «Peacock», o «Porpoise» e o «Flying-Fish», não havia porventura saído da Terra de Fogo em Fevereiro de 1839, acompanhada de vários barcos de apoio, a fim de empreender uma viagem pelos mares austrais?

O que se passara depois dessa época, ignorávamos. Mas, após a tentativa de transpor as longitudes ocidentais, por que razão é que Wilkes não havia de ter a ideia de procurar passagem, transpondo as longitudes ocidentais? (1). Nesse caso, era possível que o «Paracuta» se encontrasse com algum daqueles navios.

(1) Foi exatamente o que sucedeu: o primeiro-tenente James Wilkes, depois de ter sido obrigado a retroceder treze vezes, conseguiu levar o «Vincennes» até 56 graus 57' de latitude por 105 graus 20 de longitude. (J. V.)

Em suma, o que devia ser mais difícil era preceder o Inverno destas regiões, aproveitar o mar livre, onde a navegação não tardaria que se tornasse de todo impraticável.

A morte de Dirk Peters reduzira a doze o número de passageiros do «Paracuta». Eis o que restava da dupla tripulação das duas escunas, a primeira de trinta e oito homens, e a segunda de trinta e dois, ao todo, setenta! Mas, lembrem-se bem, a expedição da «Halbrane» fora empreendida para satisfazer a um dever de humanidade, e quatro dos sobreviventes da «Jane» deviam-lhe a sua salvação.

E agora prossigamos o mais breve possível. A respeito da viagem de regresso, que foi favorecida pela constância das correntes e da viração, não há margem para nos alargarmos.

Demais, os apontamentos que serviram para redigir a minha narrativa não foram metidos em garrafa atirada ao mar, encontrada por acaso nos mares da Antártica. Trouxe-os eu comigo mesmo, e, ainda que a última parte da viagem se não efetuasse sem grandes fadigas, grandes infortúnios, grandes perigos, sobretudo terríveis inquietações, esta expedição teve por desfecho a nossa salvação.

Em primeiro lugar, alguns dias depois de partirmos da Terra da Esfinge, escondia-se enfim o Sol no horizonte oeste, e não devia tornar a aparecer durante todo o Inverno.

Foi, pois, entre a meia escuridão da noite austral que o «Paracuta» prosseguiu na sua

monótona derrota. Verdade é que apareciam com frequência as auroras polares, os admiráveis meteoros que Cook e Forester viram pela primeira vez em 1773.

Que magnificência no desenvolvimento do seu arco luminoso, nos raios que se prolongavam ou encurtavam caprichosamente, no brilho dessas opulentas roupagens, que aumenta ou diminui com rapidez maravilhosa, convergindo para o ponto do céu indicado pela verticalidade da agulha das bússolas!

E que prestigiosa variedade de formas nos contornos desses feixes de luz, que tomam a cor vermelho-clara até ao verde-esmeralda!

Sim! Mas já não era o Sol, não era este astro insubstituível que, durante os meses do estio antártico, iluminara sem cessar os nossos horizontes. Desta longa noite dos polos dimana uma influência moral e física de que ninguém pode isolar-se, uma impressão funesta e acabrunhadora a que é muito difícil fugir.

Entre os passageiros do «Paracuta», apenas o bossman e Endicott conservavam o seu habitual bom humor, insensíveis ao enfado e aos perigos duma tal navegação. Exceto também o impassível Jem West, pronto a afrontar todas as eventualidades, como homem que está sempre na defensiva.

Quanto aos dois irmãos Guy, a felicidade de se terem encontrado fazia-lhes esquecer o mais das vezes as preocupações do futuro.

Não posso decerto tecer convenientemente o elogio do excelente Hurliguerly, pois era bastante para nos consolarmos o ouvi-lo dizer com a sua voz animadora: — Havemos de chegar a porto de salvamento, meus amigos, havemos de chegar! E, se fizerem bem as contas, hão-de ver que, durante a nossa viagem, o número de casos felizes excede os de infelicidade! Sim, bem sei... temos a perda da escuna! Pobre «Halbrane», arrebatada pelos ares fora como um balão, e depois precipitada no abismo como uma avalanche! Mas, em compensação, há o iceberg que nos conduziu à costa e o escaler tsalalês que nos juntou ao capitão William Guy e aos seus três companheiros! E estejam certos de que esta corrente e esta viração, que nos impeliram até aqui, nos impelirão mais longe ainda! Parece-me bem que a balança está a nosso favor! Com tantos trunfos no jogo, não é possível perder a partida. A única coisa a lamentar é que vamos ser repatriados para a Austrália ou para a Nova Zelândia, em vez de fundear nas Kerguelen, junto do cais de Christmas-Harbour, defronte do Corvo Verde!

Grande contrariedade, com efeito, para o amigo do mestre Atkins, eventualidade muito para lamentar, da qual todavia tiraríamos facilmente partido.

Durante oito dias manteve-se a mesma derrota sem nenhum desvio, nem para oeste nem para este, e só a 21 de Março é que o «Paracuta» perdeu de vista Halbrane-Land por bombordo.

Dou sempre este nome à referida terra, porque o litoral se prolongava sem descontinuidade até esta latitude, e não nos oferecia dúvida de que constituía um dos vastos continentes da Antártica.

Escusado é dizer que, se o «Paracuta» deixou de segui-la, foi porque a corrente se dirigia para o norte, ao passo que ela se desviava, arredondando para nordeste. Se bem que as águas desta porção de mar ainda estivessem livres, acarretavam no entanto uma verdadeira flotilha de icebergs ou de ice-fields, estes semelhando pedaços dum grande vidro partido, aqueles duma superfície ou duma altitude já consideráveis. Disto resultavam sérias dificuldades e também perigos incessantes, sempre que se tratava de manobrar a tempo entre estas massas

movediças, ou para encontrar canaletes ou evitar que o escaler fosse esmagado como o grão sob a mó.

Além disso, atualmente o capitão Len Guy já não podia marcar a sua posição, quer em latitude, quer em longitude. O Sol estava ausente, os cálculos pela posição das estrelas eram muito complicados, pelo que se tornava impossível tomar a altura. De modo que o «Paracuta» deixava-se levar pela ação da corrente, que o conduzia invariavelmente para o norte, segundo as indicações da bússola. No entanto, podia-se estimar que, a 27 de Março, o escaler estava entre os paralelos de sessenta e oito a sessenta e nove graus, isto é, salvo erro, a umas setenta milhas apenas do círculo antártico.

Ah! Se no decurso desta perigosa navegação não aparecesse nenhum obstáculo, se estivesse assegurada a passagem entre este mar interior da zona austral e as paragens do oceano Pacífico, o «Paracuta» poderia atingir em poucos dias o extremo limite dos mares austrais. Mais umas cem milhas, pois, e o banco apresentaria o seu imóvel parapeito de gelos, e, a não ser que houvesse um canaleta desimpedido, forçoso seria costeá-lo por este ou oeste. Verdade é que, uma vez transposto...

Pois bem, uma vez transposto, encontrar-nos-íamos, a bordo duma frágil embarcação, no terrível oceano Pacífico, na época do ano em que os vendavais ali aumentam e em que os navios não suportam impunemente os embates do mar! Nem queríamos pensar em tal. Viria o Céu em nosso auxílio... Seríamos recolhidos...

Sim! Seríamos recolhidos por algum navio. Assim o afirmava o bossman, e só ao bossman se devia dar ouvidos!

A superfície do mar começava, todavia, a prender, e várias vezes foi mister partir ice-fields, a fim de abrir passagem. O termómetro marcava apenas quatro graus (15 graus, 56 C. Abaixo de zero). Teríamos de apanhar muito frio e ventanias a bordo desta embarcação sem coberta, embora estivéssemos munidos de grossos cobertores.

Por fortuna, havia, em quantidade suficiente e para algumas semanas, conservas de carne, três sacos de bolacha e dois barris de aguardente intatos. Quanto a água doce, obtinha-se com gelo derretido.

Numa palavra, durante seis dias, até 2 de Abril, o «Paracuta» teve de internar-se pelas alturas do banco, cuja crista se erguia a uma altitude compreendida entre setecentos a oitocentos pés acima do nível do mar. Não se descobria a extremidade poente nem a nascente, e, se o escaler não encontrasse um canaleta desimpedido, não transporíamos o banco.

Graças ao mais feliz dos acasos, encontrou um nesta data, e enfiou por ele, entre mil perigos. Sim! Foi necessário o maior zelo, a maior coragem, a máxima perícia da nossa gente e dos respectivos chefes para se sair de apuros.

Aos dois capitães Len e William Guy, ao piloto Jem West e ao bossman somos devedores de eterno reconhecimento.

Estávamos, enfim, nas águas do mar do Sul. Mas, durante esta longa e penosa travessia, a embarcação havia sofrido grandemente. O calafeto gasto, o forro ameaçando desconjuntar-se, fazia água por mais de uma costura. Estava-se constantemente a estancá-la, e era bastante, era já muito o mar que embarcava pela borda dentro.

Verdade é que a viração era fraca, o mar mais calmo do que se podia esperar, e o verdadeiro perigo não resultava dos riscos da navegação.

Não! Provinha de não haver nenhum navio à vista nestas paragens, nenhum baleeiro que

passasse pelos lugares de pesca.

Nos primeiros dias de Abril esses lugares já estão desertos, e nós chegaríamos algumas semanas mais tarde...

Ora, como devíamos saber, bastaria chegar lá dois meses mais cedo para encontrar os navios da expedição americana. Efetivamente, a 21 de Fevereiro, a 95 graus 50 de longitude e 64 graus 17 de latitude, o primeiro-tenente Wilkes explorava estes mares com um dos seus navios, o «Vincennes», depois de haver reconhecido uma extensão de costa que se prolongava setenta graus de este a oeste. Por fim, como se aproximasse o Inverno, virou de bordo e voltou para Hobart-Town, na Tasmânia.

No mesmo ano, a expedição do comandante francês Dumont d'Urville, que partiu em 1838, numa segunda tentativa para chegar até ao polo, reconheceu, a 21 de Janeiro, a terra de Adélia, a 66 graus 30 de latitude e 38 graus 21 de longitude oriental, e, em seguida, a 29 de Janeiro, a costa Clarie, a 64 graus 30 e 129 graus 54. Chegada a expedição a seu termo, após tão importantes descobrimentos, o «Astrolábio» e a «Zelosa» deixaram o oceano Antártico e seguiram no rumo de Hobart-Town. Nenhum dos referidos navios se encontrava, pois, nestas paragens. De modo que, quando o «Paracuta», que era uma casca de noz, se visse só para além do banco, num mar deserto, devíamos ter como impossível a nossa salvação.

Mil e quinhentas milhas nos separavam das terras mais próximas, e o Inverno já começara havia um mês.

O próprio Hurliguerly teve de reconhecer que a derradeira probabilidade feliz, com que ele contava, acabava de falhar.

A 6 de Abril, estávamos exaustos de recursos, o vento começava a refrescar, e o escaler, violentamente sacudido, corria o risco de ser tragado pelas ondas.

— Navio!

Foi o bossman quem soltou esta palavra, e, no mesmo instante, avistamos uma embarcação, quatro milhas a nordeste, sob a neblina, que acabava de dissipar-se.

Sem demora, sinais feitos, sinais entendidos. Depois o navio começou pairando e arriou a lancha, a fim de nos recolher.

Era o «Tasman», barco americano de Charleston, onde fomos recebidos com solicitude e desvelo. O capitão tratou meus companheiros como se fossem seus compatriotas, O «Tasman» vinha das ilhas Falklands, onde soube que, sete meses antes, a escuna inglesa «Halbrane» seguira no rumo dos mares austrais em busca dos naufragos da «Jane». Mas, como a estação estivesse adiantada e a escuna não chegasse, supunha-se que se tivesse perdido com bens e vidas nas regiões antárticas.

Esta última travessia foi feliz e rápida. Quinze dias depois, o «Tasman» desembarcou em Melburne, província de Vitória, da Nova Holanda, o que sobrevivera da tripulação das duas escunas, e foi ali que se pagaram as gratificações, aliás muito bem ganhas pelos nossos homens!

Soubemos então que o «Paracuta» arribara ao Pacífico, entre a terra Clarie, de Dumont d'Urville, e a terra Fabrícia, reconhecida por Balleny em 1838.

E assim terminou esta ousada e extraordinária expedição, que tantas vidas custou! E, para dizer tudo, se os acasos, se as necessidades desta viagem nos arrastaram para o polo austral, mais além que os nossos antecessores, se até mesmo transpusemos o ponto axial do globo terrestre, quantas descobertas não há ainda a fazer em tais paragens!

Arthur Pym, o herói tão magnificamente celebrado por Edgar Poe, indicou o caminho. Cabe a outros segui-lo, compete-lhes ir arrancar à Esfinge dos Gelos os últimos segredos da misteriosa Antártica!

FIM